



Universidade de Brasília – Unb
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português E Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UM GRUPO SOCIAL URBANO DE CULTURA
ORAL: uma abordagem etnográfica

Maria Avelina de Carvalho

Brasília, DF

2011



Universidade de Brasília – Unb
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português E Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UM GRUPO SOCIAL URBANO DE CULTURA
ORAL: uma abordagem etnográfica

Maria Avelina de Carvalho

Brasília, DF

2011

Universidade de Brasília – Unb
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português E Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

Maria Avelina de Carvalho

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UM GRUPO SOCIAL URBANO DE CULTURA
ORAL: uma abordagem etnográfica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília/Unb como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientadora:

Profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo

Brasília – DF

2011

MARIA AVELINA DE CARVALHO

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UM GRUPO SOCIAL URBANO DE CULTURA
ORAL: uma abordagem etnográfica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília/Unb como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Aprovada em _____ de _____ de 2011

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo - UnB (Orientadora) - Presidente

Prof^a. Dra. Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira - UFG - Membro

Prof^a. Dra. Denize Elena Garcia da Siva - PPGL/LIP/UNB - Membro

Prof^a. Dra. Iveuta de Abreu Lopes - UESPI- Membro

Prof^a. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes- UFG - Membro

Prf. Dr. Kleber Aparecido Silva - PPGL/LIP/UNB - Membro suplente

A black and white photograph of a man in a white shirt and cap pushing a metal cage cart filled with trash. The cart is on wheels and has a handle. The man is smiling and looking towards the camera. The background shows a building with a sign that says "NEWLINE" and a fence.

O Bicho

Manuel Bandeira

***Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.***

***Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.***

***O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.***

O bicho, meu Deus, era o homem.

Aos Catadores de Materiais Recicláveis, os meus
Catadores de sonhos, meus agradecimentos pela acolhida,
pela crença no meu trabalho, pela ternura, apesar da
dureza da vida e pelas lições transmitidas durante a nossa
convivência.

Uma homenagem especial a Raisya, flor desabrochada na
ádua rotina dos pais Catadores que, junto a tudo que
catam, catam para a filha princesa, o sonho de um mundo
melhor.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus pela luz, pela sabedoria, pela vida.

Agradeço aos meus pais, Maria da Piedade de Carvalho (*in memóriam*) e Rigozino de Carvalho (*in memóriam*), meus primeiros agentes de letramento, minha gratidão e saudades eternas. Agradeço pelo exemplo de luta, de exatidão e de prioridade pela educação.

Ao meu único irmão que é único, o meu amor, o meu respeito e gratidão eternos.

Ao Juarez, companheiro sempre presente e me apoiando, me animando e acreditando em mim, meu amor e agradecimentos.

A Lysia, minha sempre menina, sempre atenta e pronta a me apoiar nos momentos difíceis, meus respeitos, meu amor e gratidão.

A Clarice, pela longa e grande amizade, pelas orações, meus agradecimentos.

A Maria das Graças Simão e a Divina Paiva, amigas guerreiras de longa data, meus agradecimentos e carinho.

À Mercedes Budallés, minha gratidão pela torcida e apoio constantes.

A Maria da Guia, minha estrela guia e amiga de sempre, que chegou a mudar meu rumo e a mostrar caminhos, meus agradecimentos eternos pela acolhida, pela amizade e presença constante na minha jornada.

Ao Virgílio, amigo presente de todas as horas, sempre pronto a acolher, a se solidarizar, meus respeitos, agradecimentos e minha admiração.

A professora Dra. Heloisa Sales, nossa coordenadora do curso, sempre pronta para nos atender, agradeço pela competência, pela firmeza e ternura com que nos acolhe e orienta.

A professora Dra. Márcia Bortone, que foi meus olhos e me acolheu e encorajou nos momentos mais difíceis, meu carinho e gratidão.

A professora Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo, que me aceitou como orientanda e, com carinho e respeito, lidou comigo no fazer e refazer da escrita e da pesquisa de campo, no tira daqui e põe ali, no vai para este lado e deixa o outro. Com paciência e competência me levou a fazer e a refazer o tecer do texto tecido. Agradeço ainda por me permitir compartilhar com a família linda que tem. Agradeço pelo carinho, pela seriedade e ternura no trato com as pessoas humanas em especial com seus orientandos.

A Fatinha, prima querida, pela acolhida e apoio.

A Renata e Ângela, pela presteza e competência

Aos meus primos João Rosa, Alda, José Cassiano, Vilma, Bené, Silvia, Sebastião, Célia Aures, Cristina, Maria Lúcia, Maria Auxiliadora, Maria Helena, Marlene, Susana, pelo apoio e confiança.

A Secretaria Municipal da Educação, lugar de onde vim e para onde volto renovada. Agradeço pela licença e pela proposta pedagógica de investir na qualificação de seus professores. Quero na oportunidade, agradecer de modo especial a duas pessoas para representar todos os meus colegas de trabalho no Centro de Formação: professora Abigail Rodrigues Linhares Rezende e professora Antônia Eterna Leme.

A Universidade de Brasília – UnB, pelo alto nível de ensino, pela proposta democrática e séria pela formação de profissionais. Incluo aqui meus agradecimentos aos professores da UnB, pela competência e paciência no trato com cada um de nós.

A CAPES pela bolsa.

A Universidade Federal de Goiás – UFG – responsável pela minha formação na Graduação e no Mestrado, preparando-me para a vida.

Agradeço a banca da defesa, que se debruçou sobre a tese com olhar atento, o que resulta, com certeza, em importantes contribuições para o trabalho. Assim, agradeço a Profa. Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo presidente da banca, e aos demais membros Profa. Dra. Raquel Alessandri Teixeira, Profa. Dra. Eliane Márquez da Fonseca, profa. Dra. Iveuta de Abreu Lopes, Profa. Dra. Denize Elena, Prof. Dr. Kleber Aparecido Silva.

RESUMO

Esta pesquisa pretende investigar as práticas sociais de letramento em comunidades de Catadores de Materiais Recicláveis e observar como essas práticas interferem ou não na rotina desses Catadores e na vida deles, por meio de observação-participante. Os sujeitos pesquisados pertencem a uma das camadas mais pobres da sociedade e chegam a ser invisíveis. São homens e mulheres com idade de 18 a 70 anos. As análises foram desenvolvidas através do método qualitativo a partir da proposta de Malinowski (1922) e Hammersley (2007). Desta forma, inspirada em Duranti (1977) apresento algumas considerações em tópicos que nortearam o olhar da pesquisadora para completar questões feitas anteriormente. A coleta de dados foi realizada em uma Cooperativa de Materiais Recicláveis, uma Associação e um Depósito. Em cada ambiente foram observados o contato dos sujeitos com o texto escrito, as suas rotinas, as redes sociais e os eventos de letramento. Esta pesquisa embasou-se na teoria do Letramento - Letramento Social - segundo Street (1995), Soares (2002), Kleiman (1995), Bortoni-Ricardo (2005), entre outros estudiosos que tomaram o letramento social como foco de seu estudo. O estudo justifica-se pela necessidade de se compreender o significado do texto escrito para os Catadores que, na grande maioria, nunca foram à escola. E se nunca foram à escola, como se realiza o letramento no grupo? Através da análise constatou-se que a escrita é importante para o grupo e são ricos os eventos de letramento onde os sujeitos aprendem uns com os outros na rotina de fazer/refazer. A escrita representa obstáculos para o grupo, mas os sujeitos almejam o domínio da escrita para serem menos discriminados. É também significativa a quantidade de escrita que circula no grupo, tais como atas, ofícios, bilhetes, entre outros. As redes sociais são fechadas e em processo de abertura, o que demonstra a fragilidade dos laços entre os sujeitos. Assim, o uso da escrita não pode ser visto como um recurso individual de cada pessoa, pois ao fazer uso desse recurso comunicativo, os Catadores assumem comportamentos e atitudes que, depende do domínio da leitura e da escrita. Esse domínio pouco interfere na rotina do trabalho de catar, pois a escrita é uma forma de opressão, mas, sobretudo, a realização de sonhos e uma forma de romper obstáculos e serem aceitos na sociedade letrada.

Palavras-chaves: Letramento, etnografia, redes sociais, eventos, escrita.

ABSTRACT

This research investigates social practices of literacy in communities of Gatherers of Recycled Materials and observes whether such practices interfere in the routine of the community of the community and in the lives of Gatherers, by means of a participatory observation. The subjects belong to one of the poorest social strata and have become virtually invisible. They are men and women ranging from 18 to 70 years old. The analyses were carried out through a qualitative method from Malinowski (1922) and Hammersley (2007) proposal. Thus, inspired in Duranti (1977), I present some considerations in themes which guide the researcher's observations to complete some questions presented beforehand. The data collection was conducted in a Cooperative of Recycled Materials, in an Association and in a warehouse. In each of these environments I have observed and analysed the subjects the subjects approach to the written text, their routines, the social networks and events which led to literacy practices. This research based on the theory of Literacy - Social Literacy - according to Street (1995), Soares (2002), Kleiman (1995), Bortoni-Ricardo (2005), among other scholars who focus their research on social literacy. The study justifies due to the need to understand the meaning of the written text for the Gatherers, most of whom have never attended school. Since they have never been to school, how does literacy take place? The analysis demonstrated that writing is quite important for the group, and there are fruitful literacy events when subjects learn from each other in the routine of doing/redoing. Writing represents obstacles for the group, but the subjects long for mastering writing so as to be less discriminated against. It is also noteworthy the amount of writing that circulates in the group, such as minutes, documents, notes, among others. Social networks are closed and undergoing an opening process, which demonstrates the fragility of the links between subjects. Thus, the use of writing can not be seen as an individual resource of each person, once they make use of this communicative resource, the Gatherers take on behaviors and attitudes which require the mastering of reading and writing. Such domain has little interference in the routine of gathering, since writing is a form of oppression, but, above all, the achievement of dreams and a way to break through obstacles and be accepted into the literate society.

Keywords: literacy, ethnography, social networks, events, writing.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 CARTILHA DO MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES P.52.	72
FIGURA 2.2 CARTILHA DO MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES, P.17	73
FIGURA 2.3 PRENSA	75
FIGURA 2.4 BALANÇA.....	75
FIGURA 2.5 MATERIAL SEPARADO	76
FIGURA 2.6 MATERIAL PRENSADO	76
FIGURA 2.7 PROJETO COOPERAR MORADIA E CIDADANIA.....	77
FIGURA 3.1 CARTILHA 2 MOVIMENTO NACIONAL P.47	93
FIGURA 3.2 LISTA DE PREÇOS DO DEPÓSITO	96
FIGURA 3.3 REGIMENTO DA COOPERATIVA	101
FIGURA 3.4 RECORTE DE UMA ATA	105
FIGURA 3.5 RECORTE DE UM OFÍCIO.....	106
FIGURA 3.6 BILHETE DO CATADOR	107
FIGURA 3.7 BILHETE REESCRITO DO CATADOR.....	107
FIGURA 3.8 LISTA DE COMPRA.....	108
FIGURA 4.1 REUNIÃO NA ASSOCIAÇÃO	115
FIGURA 4.2 ASSINATURA DO PONTO	118
FIGURA 4.3 CATAÇÃO DE VENENO.....	120
FIGURA 4.4 ESCRITA DA ATA	123
FIGURA 4.5 AULA NA ASSOCIAÇÃO.....	125
FIGURA 4.6 ASSEMBLEIA NA COOPERATIVA	127
FIGURA 4.7 CATADORES EM ORAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO.....	134
FIGURA 4.8 CATADORES LENDO JORNAL NO DEPÓSITO	138

FIGURA 5.1 (MAPOTECA SEPLAM) – REGIÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA.....	161
FIGURA 5.2 REDE DA ASSOCIAÇÃO.....	162
FIGURA 5.3 REDE DO DEPÓSITO.....	164
FIGURA 5.4. REDE DA COOPERATIVA.....	182

SIGLAS

COMURG	Companhia de Urbanização de Goiânia
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
FEBEM	Fundação do bem estar do Menor
IBGE	Instituto Brasileiro de Pesquisa
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
MOBRAL	Movimento Brasileiro de alfabetização
ONU	Organização das Nações Unidas
SME	Secretaria Municipal da Educação
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

As normas de transcrições usadas neste trabalho basearam-se nas orientações de Marcuschi (1986, p.10) com algumas adaptações feitas por mim.

1. Sujeito: S
2. Sujeito 1, Sujeito 2: S.1, S.2 (de acordo com as transcrições ao longo do texto)
3. Pesquisadora: P
4. Falas simultâneas: [[
5. Pausas: (...)
6. Dúvidas e suposições: ()
7. Truncamentos bruscos: /
8. Ênfase ou voz alta: MAIÚSCULA
9. Alongamento de vogal: :::
10. Comentários do analista: (())
11. Silabação: ----
12. Sinais de entonação , (vírgula)
Sinal de interrogação: ?
13. Repetição: reduplicação da letra ou sílaba. Para repetições, reduplicam-se a parte repetida.
14. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: eh, ah, ih::: mhm, ahã, etc.
15. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou /.../
16. O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho.

Reticências entre duas barras indicam um corte na produção de alguém

SUMÁRIO

QUANTO ÀS QUESTÕES PROPOSTAS	19
JUSTIFICATIVA	20
OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA	24
OBJETIVO GERAL	24
Asserção relacionada ao objetivo geral	24
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
Subasserções relacionadas aos objetivos específicos	25
1.1 A ESCRITA	30
1.2 CRENÇAS SOBRE O PODER DA ESCRITA	31
1.3 O LETRAMENTO	33
1.3.1 Alfabetização	34
1.3.2 Letramento: as perspectivas	36
1.3.3 Letramento: novos estudos	41
1.3.4 Os modelos ideológico e autônomo de letramento	44
1.4 REDES SOCIAIS	49
2.1 PONDERAÇÕES ACERCA DO MÉTODO ETNOGRÁFICO	56
2.2 MÉTODO E TÉCNICA	59
2.2.1 Os Métodos empregados para a coleta de dados	60
2.3 O CAMPO DA PESQUISA: ORGANIZAÇÃO	61
2.3.1 As organizações	66
2.3.2 Mais algumas questões	68
2.4 O CONTEXTO MAIOR: GOIÂNIA	69
2.5 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA CATAÇÃO	71
2.6 AS COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES: ASPECTO FÍSICO E FUNCIONAMENTO	74
2.7 DEPÓSITOS: ASPECTO FÍSICO E FUNCIONAMENTO	78
2.8 O LIXÃO: ASPECTO FÍSICO E O FUNCIONAMENTO	79
2.9 OS SUJEITOS DA PESQUISA	82
2.10 SUJEITOS COLABORADORES EVENTUAIS	85
2.11 SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS	85

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS ASPECTOS ETNOGRÁFICOS E DE LETRAMENTO: A DINÂMICA DOS CATADORES COM O PAPEL ESCRITO ...	88
3.2 QUE ESCRITA CIRCULA NO GRUPO DE CATADORES	91
3.3 E OS GÊNEROS NÃO BUROCRÁTICOS?	94
4.1 A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO NO GRUPO DE CATADORES E SUA HISTÓRIA.....	112
4.2. DIFERENTES PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO CONTEXTO DOS CATADORES.	128
4.2.1 Catadores ligados a Associações.....	128
4.2.2 Catadores ligados aos Depósitos.....	131
5.1 A PROVENIÊNCIA.....	151
5.2 NOVOS LAÇOS	157
5.3 REDES FECHADAS E EM PROCESSO DE ABERTURA.....	158
5.4 COMO SE ORGANIZAM NOS LOCAIS DE TRABALHO.....	179
5.5 A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTO E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DOS CATADORES.	185
5.6 UMA FOTOGRAFIA (AINDA PRELIMINAR) DAS ESTRUTURAS DAS REDES SOCIAIS DOS CATADORES.....	187

INTRODUÇÃO

não/ a maioria não, porque, partinu de mim, assim, eu não tenho estudo comple:::to, o tisorêru não tem, istu:::do, a maioria aqui não são alfabetizado, lê já, 'ssim, por causa que a genti pega um livro aqui e vai isforçano pra lê/ (S. 14)

O tema proposto nesta pesquisa sempre me inquietou/inquieta e sensibiliza, talvez devido à minha infância pobre ou, quem sabe, pela minha própria natureza de cidadã consciente. O que me espanta nos grupos sociais de cultura oral pode ocorrer por ser filha de pais que sempre priorizaram a educação, mesmo sendo possuidores apenas de noções básicas de leitura e escrita. O certo é que convivi com pessoas e com situações ligadas à pobreza sem me acomodar e sem concordar com as desigualdades sociais e econômicas. Constantemente, porém, tento compreender politicamente essas diferenças para encontrar destinos mais justos.

Compreendo que um dos caminhos para amenizar e/ou sanar a pobreza no Brasil é a ciência, é a educação. Foi na escolha da ciência que meu primeiro grito foi dado no Mestrado com o estudo do discurso dos *Meninos em Situação de Rua em Goiânia* (1989). Na ocasião, a pesquisa foi realizada com duzentos e oitenta sujeitos com idades entre sete e dezessete anos. No correr do tempo, essas crianças foram, na grande maioria, assassinadas por alguns policiais ou por integrantes do próprio grupo. Poucos são os que restam e se salvaram da violência das ruas.

Pensando ainda nessas crianças, quero investigar o ciclo de vida de sujeitos, também excluídos. Proponho-me discutir/estudar o letramento junto aos Catadores de Materiais Recicláveis, os conhecidos Catadores de Papel - os Catadores -, pois um número significativo de Catadores desta pesquisa foram meninos em situação de rua, e, agora, são homens e mulheres pobres, trabalhadores e sonhadores e ainda à margem da sociedade.

Empurrando seus carrinhos pelas ruas, esses homens e mulheres buscam trabalho e dignidade, espalham-se pelas ruas das grandes cidades do Brasil. Sujeitos fortes que participam ativamente da limpeza por onde passam as pessoas que sujam as cidades e demonstram, assim, falta de consciência sócio-ecológica. Esses Catadores arrastam seus carrinhos cheios de tudo, inclusive de sonhos.

Homens e mulheres invisíveis que andam cabisbaixos e mudos junto à multidão disforme e se mistura à modernidade e solta grunhidos confusos. O povo da cidade se acha no

direito de ignorar aqueles que limpam os caminhos por onde passam, mas, quando os vê, dirige-lhes um olhar mais pesado do que seus carrinhos cheios de restos e de ilusões.

Homens e mulheres catadores de sonhos. Acordam antes do sol e saem despertados pelo cansaço das noites frias e mal dormidas. Saem de suas moradias e a primeira parada, ainda com o carrinho vazio, é em busca de um pouco de comida em um lugar qualquer, que pode ser até junto ao lixo e/ou do que vão catar nas ruas. Catar, vender. Catar, reaproveitar. Catar e transformar o meio ambiente. Cuidar do mundo, da vida e de si no silêncio e no abandono da cidade que ainda dorme.

Andam empurrando seus carrinhos durante todo o dia, sob o sol e sob a chuva, muitas vezes, sem comer nada do que têm direito. Andam até que as forças quase se exaurem. Quando a cidade volta a dormir, chegam ao seu local de descanso com o carrinho cheio e dormem quase sempre junto ao resto que a cidade descartou.

Esses homens e mulheres com suas histórias sofridas também têm família, filhos e muita dignidade. Nada querem de esmola. Acreditam no trabalho que fazem e se autodenominam agentes ambientais e lutam por um mundo melhor e mais justo. Homens e mulheres aparentemente sem esperança, mas conscientes, organizados em grupos nos Depósitos, nas Cooperativas e no lixão, conforme veremos mais adiante, no decorrer do trabalho.

Esses Catadores, como uma das partes mais frágeis do contexto social desigual, estão expostos às diversas cobranças do mercado de trabalho nos meios urbanos letrados, expostos às diversas práticas sociais que acontecem por meio da palavra escrita não importando se têm ou não o domínio da leitura e da escrita.

QUANTO ÀS QUESTÕES PROPOSTAS

Algumas questões são propostas como perguntas de pesquisa para que o objetivo do trabalho seja alcançado. As questões são respondidas a partir de procedimentos de descrição qualitativa e etnográfica das várias rotinas no contexto em que diferentes tarefas foram desenvolvidas para se ter uma visão mais abrangente e contextualizada das situações interacionais às quais os sujeitos são expostos em sua rotina diária.

O material analisado centra-se nas anotações das observações feitas, nas gravações de conversa em interação de trabalhos e em interações sociais do dia a dia dos sujeitos

investigados. Isso ocorre a partir daqueles mais informais como na família, na comunidade, nos momentos de lazer, até os menos formais como os que ocorrem na Igreja, nos momentos de negociação do valor do papel catado, na Associação e organização de Catadores, e nas ruas onde se realiza o ato de recolhimento do lixo.

Espera-se que essa investigação etnográfica possa descrever atitudes particulares dos sujeitos pesquisados bem como verificar o papel da escrita encontrada no lixo. Dentro da própria comunidade, observam-se as interações sociais nas negociações de valor do papel, de objetos de consumo, enfim, as mais diversas práticas realizadas com o texto escrito. Observa-se, sobretudo, como se constrói o letramento no grupo de Catadores por meio de trocas de experiência no seu dia a dia.

JUSTIFICATIVA

A idéia de pesquisar/estudar a importância do letramento em uma comunidade de Catadores surgiu quando eu fazia um levantamento a partir de denúncias da Pastoral do Menor da Igreja Católica. A investigação queria detectar quantas crianças estavam fora da sala de aula, para cumprir uma determinação formal do meu trabalho pela Secretaria Municipal da Educação de Goiânia (SME).

A solicitação da SME era de que eu fizesse parte desse levantamento juntamente com outros órgãos públicos, por causa de minha pesquisa anterior com os meninos de rua moradores daquela comunidade. A pesquisa sobre os hoje denominados Meninos em Situação de Rua, naquele ano de 1989, possibilitou minha introdução numa comunidade considerada de risco, em função dos crimes e do tráfico de drogas.

Na época, visitamos as famílias onde havia crianças em idade escolar e verificamos um número significativo de crianças que jamais tinham ido à escola por vários motivos. Entre eles, constatou-se: a pobreza, a falta de trabalho digno para os pais e a ausência dos mesmos na escola quando tinham a idade dos filhos.

Em uma das várias visitas feitas à comunidade considerada de risco, um senhor, Catador de Materiais Recicláveis e pai de três crianças que estavam sem escola, interessou-se pelo trabalho da SME e começou a mostrar-me textos escritos que “catava” no lixo, selecionava para trazer para casa e pediu que eu lesse.

Inicialmente, não dei importância para o fato. Eu lia e devolvia o papel, até que um dia esse senhor guardou, todo sujo e gasto, um papel onde havia um poema de Manuel Bandeira, *O Bicho*. Após ler o poema dessa vez junto com a família, conversei informalmente com ele a respeito do que foi lido e o homem me disse que imaginava mesmo que “aquilo” era um poema “*pelo jeito que as letrinhas estavam arrumadas e esparramadas no papel*” e que gostava de poesias.

Surgiu-me então, a pergunta intrigante que me leva a propor este estudo: Qual o significado do texto escrito para essa gente que, na grande maioria nunca tinha ido à escola? E se nunca foram à escola, como se realizava o letramento no grupo? Pela relação com a sociedade letrada?

Convivendo diariamente com esses sujeitos, observo que a supremacia do texto escrito muitas vezes é bem nítida, mas também pude verificar, no dia a dia dos sujeitos, como se dão as práticas sociais de leitura e da escrita. Um grande número de Catadores, por exemplo, não sabe ler e escrever, mas é inegável a importância que dão ao texto escrito, mesmo porque vivem cercados de papéis escritos, isto é, sobrevivem negociando papéis, revistas, embalagens.

O contato com textos escritos é, por alguns, ignorado, pois o que importa é “vender” o papel, tendo ele escrito ou não. Para outros sujeitos, porém, o texto escrito é importante e chega a ser levado para casa, para que possa ser lido posteriormente. Diante disso, podemos afirmar que oralidade e letramento estão presentes no contexto das práticas sociais e culturais, porque a língua tem como sustentáculo os usos e esse é o objeto principal do meu estudo.

Não são raros os casos de manifestação de letramento escolar, mas, talvez o mais significativo para a pesquisa seja a forma constante como acontecem os eventos de letramento, e, nesses momentos, não importa a condição de saber ler ou escrever. Um Catador, por exemplo, que sabe ler e escrever, é o responsável pela elaboração da ata das reuniões, e pelos relatórios de presenças em reuniões com autoridades, considerando que o aprendizado se dá na convivência, nas trocas de experiência, na separação dos objetos catados de forma organizada em uma sintonia quase pedagógica.

O que se pretende, então, neste estudo é observar e compreender as práticas de letramento em grupos sociais de Catadores, considerados socioprofissionais de cultura oral em uma sociedade letrada, de que fazem parte e Cooperativas, Associações, Depósitos e de um lixão na adjacência da cidade, bem como suas relações interativas entre os sujeitos do grupo e desses com a sociedade e vice-versa.

Serão observados também os atos verbais e não-verbais como o olhar, os gestos, a postura física e o que representa o texto escrito encontrado nos vários locais de catação tais como: um poema, um pedaço de jornal, um livro, uma caixa de embalagens entre outros. Ver ainda se esses sujeitos lidam com receitas, com cheques, com formulários, ofícios e como desempenham tarefas como cozinhar, lavar vasilhas, varrer, contar, o que me permitirá fazer uma reflexão sobre gêneros textuais na visão de Marcuschi (2001) e de Bazerman (2009).

Nesse contexto, observo ainda, como os Catadores negociam os objetos catados, considerando que as empresas com as quais mantêm contato exigem cada vez mais preparo desses sujeitos. As exigências incluem o cuidado com a aparência física, com os hábitos de higiene, com a capacidade de se comunicarem, com a forma de se construir diariamente o letramento na rotina desses Catadores. Isso ocorre ao catar materiais recicláveis nas empresas, nas igrejas, nas unidades escolares, nos próprios locais considerados pela sociedade como lixo, e também nas ruas da grande Goiânia. E, sobretudo, quero verificar de que forma se constrói diariamente o letramento social, ponto alto do estudo no grupo observado.

A pesquisa segue os princípios teóricos e metodológicos da etnografia, para que se possam verificar de forma aprofundada as questões propostas nos objetivos e asserções deste trabalho.

O ambiente a ser observado é o de Catadores organizados em um lixão, nas ruas, em um Depósito, em uma Associação e em uma Cooperativa, formadas por jovens, senhores e senhoras e até crianças que se dedicam à coleta de materiais provindos dos mais diversos locais da cidade.

O estudo se justifica pela importância de se observarem questões a respeito do letramento e, nesse caso, do letramento social em comunidades marginalizadas social e economicamente já que os sujeitos investigados participam da vida política do país. Ou seja, os sujeitos são usuários da língua, dos programas sociais do governo tais como saúde pública, lazer, bolsa família, entre outros, na Associação, Cooperativa, no Depósito e Lixão.

Os Catadores, como já foi dito, fazem parte de uma profissão desvalorizada não só pelo ganho diário da moeda do país, mas por tratar-se de pessoas que trabalham com materiais descartados pela sociedade. Isto nos leva a supor que a discriminação reclamada por eles decorre da segregação que envolve a todos os que vivem desse tipo de atividade.

Para grande parte da sociedade, esses sujeitos são invisíveis dentro da cidade. E se não, são vistos como o próprio lixo que carregam para o sustento da família; outra parte os considera grandes empecilhos ao trânsito; outros ainda os consideram como marginais e pequena parte da sociedade os “vê” ou os considera como cidadãos produtivos. A comunidade

dos Catadores dedica-se a essa atividade por várias razões: falta de oportunidade de trabalho, ausência de instrução formal, para ter liberdade. Alguns se passam por Catadores para se manter nas ruas, no mundo das bebidas e das drogas.

O grupo faz negociações para a venda e compra dos produtos catados nas ruas, usando um código próprio, o que será também investigado. De acordo com Bortoni-Ricardo, (2005, p. 27), “do ponto de vista social, há que se considerar o estigma associado a traços da linguagem popular que funcionam em detrimento da ascensão social do indivíduo”.

Embora haja sujeitos vivendo em condições desfavoráveis, e sejam estigmatizados, eles são usuários da língua e participam de eventos de letramento, ou seja, a conversa gira em torno de um pedaço de papel (cf. Barton, 1991). Dessa forma, já não é possível centrar o estudo somente no código da língua, o que representa uma nova concepção de língua hoje “vistos como um conjunto de práticas sociais” na visão de Marcuschi (2001, p. 15).

O termo letramento é estudado e usado neste trabalho, no sentido de observar o acervo cultural preservado por meio da leitura e da escrita e até mesmo verificar se essa escrita existe para a comunidade em estudo, e de que modo está presente em suas vidas. Se existe valor, de que forma? A escrita faz diferença para os sujeitos envolvidos dando a eles papel de destaque na comunidade e até permitindo ao “sujeito letrado” (aspas minhas) um novo trabalho e ou um melhor salário? Ou o letramento proposto neste estudo é, sobretudo, social? Seriam mais significativas as trocas orais de aprendizados sociais do que a escrita como tecnologia? Essas interrogações levam-me a pensar nos sujeitos excluídos de uma relação sistemática com a escola, com a escrita como tecnologia e até mesmo com a ciência, mas envolvidos com os saberes do dia a dia.

O uso da etnografia se justifica porque ela pretende observar o visível e o invisível, segundo Malinowski (1978) e o material letrado em utilização pelos Catadores. De que modo um texto ou uma imagem tornam-se objetos sógnicos e como esse conjunto de significantes permeia os eventos, os fatos, as ações e os contextos em que são percebidos e interpretados.

Considerando, então, os níveis de significados e significantes que são produzidos pelos sujeitos da pesquisa pode-se dizer que se nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis. As ações, os discursos e o contato com o texto escrito deverão refletir ou não, sobre as ações sociais dos sujeitos estudados, bem como sua participação no mundo social para transformá-lo.

OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA

O objetivo do trabalho é investigar as práticas sociais de leitura e de escrita em eventos de letramento em um *continuum* de letramento no cotidiano dos Catadores nas ruas, em um lixão, em um Depósito, em uma Associação e em uma Cooperativa. Analisar e descrever as rotinas do trabalho de catar, observando o desenvolvimento e habilidades linguísticas por meio da fala e do contato com o texto escrito, bem como a organização das redes sociais no grupo em questão. Essas discussões de rotinas são colocadas nos protocolos de pesquisa para que nenhum dado se perca.

Pretende-se ainda, analisar como a interação social e a interação com a escrita interferem na rotina e na vida de cada Catador pesquisado. O objetivo proposto será alcançado por meio da busca de respostas às perguntas básicas, norteadoras da investigação.

OBJETIVO GERAL

Investigar as práticas sociais de letramento em comunidades de Catadores de Materiais Recicláveis e observar como essas práticas interferem ou não na rotina dos Catadores e na vida deles.

Asserção relacionada ao objetivo geral

As práticas sociais de letramento na comunidade de Catadores de materiais recicláveis interferem na vida dos sujeitos pesquisados e lhes dão mais instrumentos para se inserirem na sociedade letrada.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar como se dá o contato dos Catadores com o material letrado e como os agentes de letramento podem influenciá-los.

2. Verificar se o letramento existente no grupo de Catadores é construído a partir da relação com a cultura letrada.
3. Analisar se o letramento faz diferença para os sujeitos envolvidos na pesquisa e se dá aos Catadores lugar de destaque no grupo e na sociedade.
4. Levantar que estratégias comunicativas são mais usadas entre os Catadores, entre si e com os outros sujeitos não pertencentes ao grupo.
5. Investigar como se constrói a rede social entre os Catadores.

Subasserções relacionadas aos objetivos específicos

1. O contato diário dos Catadores com o material letrado interfere na vida e nas práticas ligadas ao trabalho.
2. O letramento existente em algumas comunidades de Catadores é construído no dia a dia por meio de interação e da seleção de material, separação e pelo contato com textos escritos.
3. O letramento muda o comportamento dos sujeitos na hora das negociações de compra e venda do material coletado.
4. As estratégias mais usadas entre os sujeitos Catadores são estratégias não-verbais e verbais (orais e escritas).
5. A rede social dos Catadores é construída de forma fechada e aberta, dependendo do contexto.

As perguntas de pesquisa e as asserções acima apresentadas serão suporte para as investigações. As respostas serão as responsáveis pelo cumprimento dos objetivos.

O presente estudo tem a pretensão, pois, de verificar, por meio de uma abordagem etnográfica, a importância que tem o texto escrito para os Catadores em suas organizações sociais, tais como no lixão, nas ruas, em um Depósito, em uma Associação e em uma Cooperativa, situados na grande Goiânia, estado de Goiás no centro oeste do Brasil.

A decisão de fazer este estudo se deve ao fato de, em observações diárias nos locais de trabalho dos sujeitos e pelas ruas, eu venho verificando que os Catadores lidam diariamente com papéis escritos ou não. As questões propostas querem investigar como o letramento faz parte de uma realidade repleta de diferenças socioeconômicas. A distribuição de renda e os problemas com a escolaridade colocam o Brasil como um país marcado por desigualdades.

As perguntas que norteiam a pesquisa foram motivadas por reflexões de ordem prática tais como: (1) Qual a importância do texto escrito para esses Catadores? (2) De que modo o

grupo de cultura oral se insere na sociedade letrada? (3) Como se dá o letramento por meio da interlocução com a sociedade letrada? (4) Como as práticas de letramento causam mudança na vida dos Catadores? (5) Como o letramento é construído nas redes sociais?

Neste trabalho o letramento é tomado enquanto conjunto de práticas sociais, construídas no cotidiano dos sujeitos Catadores envolvidos em práticas orais diárias que constroem as interações que têm com a sociedade letrada.

Tomei então como suporte teórico Cook-Gumperz (1986), Street (1984;1995), Brice-Heath (1983), Kleiman (1995), Soares (2002), Masagão (2004), Tfouni (2006), Marcuschi (2001), Bortoni-Ricardo (2004; 2005; 2008, 2011) entre outros.

O estudo de redes será pesquisado com as orientações teóricas de Milroy (2004) e Bortoni-Ricardo (2008), considerando as relações existentes entre os Catadores e entre os Catadores e a sociedade. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 84) rede social é o número de vínculos que existe entre os membros de um grupo para reconhecer seus vínculos precisamos perguntar ao sujeito quais são seus melhores amigos.

Nesse sentido, os locais sociais em que acontece o letramento ora estudados são de sociedades consideradas marginalizadas, e chega-se a pensar que, naquele contexto, onde o homem se confunde com o lixo, não há nada que, de início, nos leve a pensar em livros, bibliotecas, textos escritos e outras atividades culturais.

É preciso, pois, mergulhar no mundo desses Catadores para perceber que há uma forma de letramento que chega a ser passada de pai para filho. Dessa forma eles aprendem sobre valores e sobre letramento através da vida, no dia a dia, independentemente da idade e da escola. Aprendem sobre ética, sobre como cuidar de si e do meio ambiente, participando de eventos sociais e interagindo nas conversas diárias uns com os outros.

Há que se investigar a relação entre oralidade e letramento, pensando nas práticas sociais dos Catadores, porque já não é possível observar as diferenças e semelhanças entre uma e outra sem levar em conta seus usos no dia a dia, como um conjunto de práticas sociais. Segundo Barton (1991, p.4) esse deve ser um ponto importante para qualquer estudo, pois “o termo [prática] é usado em várias disciplinas e vários pesquisadores o aplicam diretamente ao letramento.”¹ (tradução nossa) isso pode demonstrar que o letramento ocorre no cotidiano das pessoas, fora do controle das escolas.

¹ The term is used in several disciplines, and several researchers have applied it directly to literacy. Todas as traduções de obras estrangeiras desta tese são de minha responsabilidade.

Dessa forma, já não é possível centrar o estudo somente no código da língua, o que representa uma nova concepção de língua hoje “vista como um conjunto de práticas sociais”, na visão de Marcuschi (2001, p.15).

Durante todo o texto, a palavra Catador aparece com letra maiúscula como deferência aos sujeitos colaboradores da pesquisa. Se for necessário usar um nome para especificar uma ou outra ação de um sujeito, esses nomes dados aos sujeitos são fictícios.

O texto está organizado em introdução, que faz uma apresentação da proposta de pesquisa, bem como trata das questões que me levam a estudar o tema proposto e apresentar uma primeira impressão a respeito dos sujeitos pesquisados. Trata também dos objetivos e perguntas de pesquisa, juntamente com as asserções e subasserções que nortearam o trabalho e a justificativa.

O primeiro capítulo aborda questões referentes ao aporte teórico usado para sustentar a investigação. O capítulo discute questões referentes à Etnografia na visão de Hammersley; Atkinson (2007), Malinowski (1978); ao Letramento Social na visão de Street, (1995), Soares, (2002), Kleiman, (1995), Bortoni-Ricardo, (2005) entre outros, bem como uma discussão sobre redes sociais entre os Catadores na perspectiva de Milroy (2004) e Bortoni-Ricardo (2005; 2011).

O segundo capítulo trata das questões metodológicas, de acordo com os princípios etnográficos, na visão de Hammersley; Atkinson (2007), e Malinowski (1978). Isso possibilita fazer algumas perguntas de pesquisa e algumas considerações em tópicos inspirados em Duranti (1997) que nortearam o olhar do pesquisador a apresentar de forma detalhada o contexto da pesquisa, bem como os sujeitos envolvidos, sua organização, quem são os Catadores, de onde eles vieram, e em que espaço os sujeitos estão localizados. Faço ainda uma descrição detalhada do Lixão, do Depósito, da Associação e da Cooperativa.

O terceiro capítulo descreve a dinâmica dos Catadores com o texto escrito, para investigar as práticas sociais de letramento no grupo estudado. O capítulo está organizado em contextualização e exploração dos aspectos etnográficos de letramento. Além disso, observamos a escrita que circula no grupo, alguns gêneros textuais, a história da construção do Depósito, da Associação e da Cooperativa, objetivando descrever algumas peças escritas que circulam no grupo de Catadores.

O quarto capítulo contextualiza os eventos de letramento na visão de Barton (1991) olhando o letramento no contexto dos Catadores, bem como a construção do letramento no grupo pesquisado e a sua história. O capítulo trata ainda, da descrição de alguns textos como

atas, bilhetes, cartas, entre outros, bem como as diferentes práticas de letramento no contexto dos Catadores.

O quinto capítulo trata das redes sociais entre os Catadores que fazem parte da pesquisa, enfatizando os aspectos de letramento. Sirvo-me para isso da visão de redes sociais de Milroy, (1980) e Bortoni-Ricardo, (2005; 2011). O capítulo mostra a proveniência dos sujeitos, os novos laços, os laços fechados e em processo de abertura, bem como se organizam os sujeitos nos locais de trabalho.

As considerações finais retomam as discussões anteriores e, dando voz aos sujeitos da pesquisa, pode-se observar a organização dos sujeitos e a forma como lidam com o texto escrito. Além disso, vemos como constroem ou não os laços entre si, que, mais do que se sentirem invisíveis, insistem em resistir a todo e qualquer preconceito da sociedade letrada.

Com as reflexões iniciais passo ao próximo capítulo que serve de sustentação teórica para o estudo.

CAPÍTULO 1 – TRADIÇÕES TEÓRICAS EM QUE O ESTUDO SE APOIA

... a gente fez a reunião lá, pá discuti a cartilha do movimento... hoje já num sei lê e as palavra me falta, sô catadô.... (S.17).

São notórias, hoje, as mudanças constantes que acontecem no mundo moderno após a chegada da industrialização e a vinda de pessoas da zona rural para as grandes cidades, assim como as exigências desse mundo desenvolvido no que se refere ao conhecimento científico e tecnológico. Entre essas mudanças está a exigência do domínio sistematizado da leitura e da escrita, considerada uma das principais responsáveis pela ascensão e pelo poder das pessoas no mundo contemporâneo.

Entre essas mudanças e transformações está a linguagem em sua modalidade escrita, considerada por muito tempo como objeto único do letramento, estudada sob vários pontos de vista ao longo do tempo. Após construções e reconstruções do estudo, pesquisadores compreendem o estudo do letramento não só como estudos formais da língua, mas como forma de interação social, observando seus usos no dia a dia concretizados em práticas sociais nos locais de trabalho e na rotina de cada sujeito.

Os sujeitos que se apropriam da língua escrita não são vistos como meros repetidores do que lhes foi ensinado, mas absorvem práticas de letramento em suas realizações orais nos grupos urbanos a que pertencem. Essa linha é a responsável pelos estudos do Letramento ou Letramentos Sociais na visão de Street, (1995), Soares, (2002), Kleiman, (1995), Bortoni-Ricardo, (2005) entre outros teóricos que passam a direcionar o meu estudo, no presente capítulo. O objetivo deste capítulo é discutir a proposta teórica em que se baseia a investigação

Segundo Street, (1995), é preciso colocar o letramento na agenda política, pois na visão do autor, a falta de letramento nos leva a refletir também sobre um sistema de pobreza e provações. Dessa forma, é comum às pessoas da sociedade de modo geral ver os sujeitos pertencentes às camadas mais pobres como analfabetos e anulados porque muitas vezes não têm o domínio formal da leitura e da escrita.

Segundo ainda esse mesmo autor, quando as pessoas adquirem o letramento elas se tornam melhores. Ele considera o letramento importante para o desenvolvimento das pessoas e do país, pois as pessoas sem letramento são incapazes de ler o mundo. Mais adiante Street (1995, p. 23) afirma que o “letramento em si varia com o contexto social. É difícil estabelecer

um único critério objetivo para uma habilidade que é amplamente representada como a chave do progresso mundial e individual.”²

Continua ainda o autor afirmando que o letramento em si não promove avanço cognitivo, mobilidade social ou progresso. Por isso antes de iniciar o estudo sobre o letramento, vale a pena refletir um pouco sobre a escrita e as crenças que os Catadores têm a respeito dessa modalidade.

É preciso lembrar que para argumentar e ilustrar a respeito da teoria, sempre que for importante, utilizo inserções de fala e de visão a respeito dos Catadores. O capítulo está organizado em: a escrita, as crenças sobre o poder da escrita, o letramento e as redes sociais.

1.1 A ESCRITA

O interesse pelo estudo da escrita tem por base o que se pensa saber sobre a linguagem falada, considerada um dos polos da linguagem se comparada com a escrita, colocada do outro lado do polo. Na visão de Graff (1994, p. 19) a escrita “permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou,” até nos grupos considerados analfabetos, e que convivem com a escrita, e estão sob a influência do que se convencionou chamar de práticas de letramento, segundo o autor.

Ainda na visão desse autor, enquanto o homem tem cerca de milhões de anos, a escrita surgiu há pouco mais de 5.000 anos, acerca de 3.000 anos antes de Cristo. No ocidente, a escrita se fez presente por volta de 600 a.C. e Gutenberg criou a imprensa em 1450. Em quase 2.000 anos, para muitos pesquisadores, o ensino da leitura e da escrita foi praticamente ignorado, pois era restrito a uma minoria privilegiada.

Foi somente no século II da era cristã que a escrita foi legitimada através de Irineus – que, segundo Fröhlich, (1987, p. 21) foi bispo de Lião e lutou contra as doutrinas que ele considerou errôneas em sua época. O bispo escreveu cinco livros “*Adversus haereses*” – em que propunha que a escrita fosse um suporte para a oralidade. Foi a religião, através de Lutero, que se posicionou contra a autoridade oral e colocou a Bíblia como fonte verdadeira do saber. Ler, a partir dessa época, passou a garantir ao homem mudanças quanto à distribuição do poder e ao saber sistematizados, nos informa Kato, (1986, p. 34), mas é

² Literacy itself, moreover, varies with social context. It is difficult to lay down a single objective criterion for a skill that is nevertheless widely represented as the key to individual and social progress.

preciso lembrar que a “escrita por si só, não promove o crescimento econômico, a racionalidade ou o triunfo social”, (Bowman ; Woolf, 1998, p.7)

O valor exagerado em favor do poder da escrita tem se estendido até nossos dias e, ainda hoje, o sujeito que não tem o domínio tecnológico da leitura e da escrita é excluído do mundo moderno letrado. Quem não sabe ler e escrever, então, fica à margem da sociedade, mas, por isso mesmo, constrói estratégias que lhe garantem o direito à palavra e a um lugar na sociedade, apesar de, na maioria das vezes, ser um lugar invisível.

Para ilustrar, adianto minha interpretação e observo que os sujeitos da minha pesquisa constroem relações interativas e eles sabem “quando podem falar e quando não podem”, marcando uma posição de destaque no grupo a que pertencem. Gnerre, (1985, p. 4) afirma que:

o poder da palavra é enorme especialmente o poder de *algumas* palavras, talvez poucas centenas que encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes.

Os casos mais comuns em relação ao poder de algumas palavras estão demarcados em grupos sociais organizados e discriminados. Os sujeitos usam a palavra independentemente de terem ou não o domínio da leitura e da escrita como tecnologia, pois formam uma sociedade complexa dentro de uma sociedade maior como ressalta Rousseau (1999, p. 251) “todos os homens por sua condição, precisam servir-se de palavras.”.

1.2 CRENÇAS SOBRE O PODER DA ESCRITA

Remeto-me aos dizeres de um Catador quando afirma: “*ah, se eu subesse lê’... ia sê motorista de ônibus, qualqué coisa, mas sô catadô!*” - S.10 -, demonstrando consciência do poder que a escrita pode oferecer na vida de uma pessoa.

A forma de pensar dos Catadores me remete também às crenças e mitos que se tem a respeito da supremacia da escrita, como a possibilidade de a escrita unir os povos. A escrita é, sem dúvida, um bem desejável, mas ela pode significar também exclusão e desigualdades, Ricouer (1976, p. 39) afirma que com a escrita “começou a separação, a tirania, e a desigualdade. A fragmentação de grupos de sujeitos falantes, a divisão da terra, a analiticidade do pensamento, foram todos originados com a escrita”.

Na modernidade, também ocorre essa divisão entre os que sabem e os que não sabem ler. Tanto que, hoje, mais do que antes, empresas buscam mão de obra qualificada, bem como sujeitos com noções de leitura e de escrita..

O sujeito constata que “*se soubesse ler e escrever*” seria aceito pela sociedade e poderia ocupar uma posição de mais prestígio no campo profissional. Essa sem dúvida é a realidade da maioria dos pesquisados. Nesse sentido, o sujeito desvaloriza todo o seu conhecimento e experiência adquirida ao longo da vida com o trabalho de catar, separar e manter limpo o ambiente. Se pudesse, cada um passaria a valorizar e a realizar atividades possíveis somente com o uso da tecnologia da escrita.

É inegável a importância e o poder que tem a escrita, mas é também inegável o poder de discriminação e exclusão que acarreta, quando é tirado do cidadão, no caso os Catadores, o direito que ele tem a esse conhecimento. Como afirma Lévi-Strauss, (1996, p. 282) que: “...a escrita favorece a exploração dos homens, antes de iluminá-los. [...] A função primária da comunicação escrita foi facilitar a servidão. [...] Se a escrita não bastou para consolidar os conhecimentos, era talvez indispensável para fortalecer as dominações.”

A escravidão e a dominação referidas pelo autor podem ser vistas em vários aspectos na sociedade de prestígio. No contexto dos Catadores, essa escravidão e dominação se fazem notórias como veremos mais adiante, sobretudo no cotidiano dos Depósitos onde trabalham alguns Catadores. Isso especialmente no que diz respeito à forma como são tratados pelos donos desses Depósitos e no contato com a sociedade de prestígio.

Saber ler e escrever pode ser importante, afirma Olson (1997, p. 10), mas não talvez pelos motivos impostos pela sociedade de prestígio, mas para que os Catadores sejam menos discriminados. Para que se apropriem de novos conceitos sobre como melhor catar, melhor selecionar os objetos catados e para que sejam menos lesados em seus direitos, eles devem ter o domínio da leitura. Esse domínio pode implicar tudo que está no uso diário dos Catadores, até mesmo sobre o que pensam de si mesmos.

Saber ler e escrever nos remete ainda às diferentes formas de uso da linguagem, pois segundo Lopes, (2006, p. 26)

o prestígio atribuído à escrita não decorre das suas características materiais ou formais, mas do valor social atribuído àqueles que dela se apropriam enquanto agentes ou instâncias revestidas e investidas de autoridade legitimada culturalmente para determinar os valores que devem ser conferidos a esse produto, no mercado em que é posto ao consumo.

No mundo dos Catadores, que às vezes se confunde com o lixo, a autoridade legitimada de separar, selecionar, reciclar, materiais possibilita-lhes fazer contratos, atas, solicitações, entre outros. Dessa forma, os Catadores convivem com um mundo escrito à sua volta. Chegam a traçar mapas e estratégias para direcionar o caminho que deverão seguir para melhor catar nas ruas o seu sustento, escrevendo com seu trajeto e de outras maneiras, a sua história.

Essa convivência com vários gêneros textuais - como os citados acima - no contexto social dos Catadores, pode levá-los a inferir que a aquisição da escrita e da leitura é um processo autoritário. Isso porque mesmo tendo o domínio mínimo da leitura e escrita a sociedade exige deles uma produção de acordo com normas pré-estabelecidas pela sociedade dominante.

Por isso, o poder do texto escrito pode alijá-los mais ainda da sociedade letrada e voltada para a economia e trabalho. Essa sociedade industrializada exige do Catador cada vez mais que se aprimorem, pois são também vítimas das próprias elites que escolhem determinados tipos de texto, exigindo que pessoas e grupos possam usá-los. O grupo estudado não consegue esse domínio, e, por isso, os Catadores são mais uma vez discriminados.

É bom lembrar, para exemplificar, que determinadas funções dentro da Cooperativa/Associação são exercidas por quem tem domínio mínimo de leitura e escrita, como tecnologia, e, de certa forma, quem exerce esse domínio tem o poder sobre os demais. Quem não ocupa certas funções por não ter o domínio da leitura muitas vezes se sente excluído do grupo. Por outro lado, todos os Catadores estão sob o poder da sociedade letrada que muitas vezes se sente no direito de decidir e definir os destinos desses sujeitos e, com isso, os oprime mais ainda.

Por essa razão, as questões ligadas à escrita como tecnologia não são discutidas neste trabalho, mas a escrita como conhecimento de mundo, de trocas de experiências uns com os outros, de convivência mais harmônica com a existência de inúmeros papéis escritos no cotidiano de cada Catador, é o que me leva ao estudo do letramento social.

1.3 O LETRAMENTO

Houve uma época em que a sociedade distinguia categoricamente os sujeitos que sabiam dos que não sabiam ler, fazendo distinções de saberes e denominando de incultos

aqueles que não dominavam a leitura e a escrita. A oralidade era colocada em oposição à escrita, dando a essa um valor superior à oralidade. Farei, portanto, uma rápida reflexão sobre a alfabetização.

1.3.1 Alfabetização

As considerações em torno da visão dos usos da oralidade e da escrita postularam a tese da *grande divisa* defendida, sobretudo por Goody e Watt (1963) e Goody (1977), Walter Ong (1977) e David Olson (1977). Dessa maneira, se acentuou, de forma cruel, a discriminação e o preconceito que, somados à exclusão social e econômica, transformavam/transformam o sujeito em alguém à margem do processo produtivo do país.

A questão é que, pela própria sobrevivência, esses sujeitos - que não têm o domínio da leitura e da escrita - participam da vida política do país e fazem parte de programas sociais tais como bolsa família, vale gás, cestas básicas, entre outros. Esses sujeitos também trabalham e contribuem com pagamentos de impostos e são também responsáveis pelo crescimento do país.

A partir dessas reflexões, surgiram grandes movimentos para alfabetizar esses indivíduos e alguns programas se tornaram conhecidos, mas sem resultados satisfatórios. Esse é o caso do MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos - nos anos da ditadura militar, cujo objetivo era propiciar ao sujeito apenas desenhar o nome para poder votar. Aprendiam a fazer o nome, mas continuavam analfabetos totais ou funcionais.

A partir dessa época, iniciou-se, então, a discussão a respeito dos usos sociais da escrita que esses sujeitos fazem no seu cotidiano, mesmo sem ter o domínio da leitura e da escrita como tecnologia, o que a sociedade chama de não - alfabetizado.

Remeto-me então à Conferência Internacional de EJA onde a UNESCO afirma que a alfabetização passa a ser concebida como

[...] conhecimento básico necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas, a maioria mulheres, que não têm a oportunidade de aprender [...] a alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida. (UNESCO, 1999, p. 23)

Com essa visão, para ilustrar, remeto-me ao cotidiano dos Catadores e os dados de pesquisa autorizam-me a afirmar que esses sujeitos vivem em um mundo em transformação.

Mesmo a maioria não tendo o domínio da leitura e da escrita possui habilidades especiais que os fazem sobreviver na sociedade e até mesmo levam-nos a ocupar espaços especiais dentro do grupo. Também Annan, secretário geral da ONU por ocasião do Dia Internacional da Alfabetização em 2006, afirma que: “A alfabetização é um fator determinante de mudança e um instrumento prático de poder no que respeita às três vertentes principais do desenvolvimento sustentável: o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento social e a proteção ao ambiente.”

Mais adiante o secretário afirma que:

a alfabetização não é simplesmente um objetivo em si. É um pré-requisito para um mundo saudável, justo e próspero [...] a alfabetização é um processo emancipador, que permite que milhões de seres humanos tenham acesso ao conhecimento e à informação, que alarga horizontes, aumenta oportunidades e alternativas para a construção de uma vida melhor (Portal Nosso São Paulo. www.nossosaopaulo.com.br) acessado em 12 de maio de 2010

Nesse sentido, podemos afirmar que a alfabetização pode desempenhar um papel importante na erradicação da pobreza, no aumento do emprego, na melhoria da saúde, na proteção do ambiente. Para Soares, (2002, p. 47) “alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Desde então, se inicia as discussões a respeito do letramento, porque o conhecimento deve ser considerado um produto social e muito bem ressaltado por Brito (2004, p. 53) que “aquilo que uma pessoa sabe e efetivamente faz se circunscreve nas condições históricas objetivas em que ela se encontra”. Isso nos leva à reflexão de que quando o sujeito realiza ações individualmente é diferente daquilo que ele faz no grupo, no contexto social, lembrando ainda que de acordo com Hymes, (1980) “existe uma grande diferença entre o que não é dito porque o falante não tem ocasião de dizê-lo e o que não é dito porque o falante não encontra uma forma de dizê-lo.”

Até então, letramento e escolarização faziam parte de uma única distinção e o domínio técnico da leitura e escrita era a condição básica para que o sujeito fosse considerado letrado. A partir daí Soares (2002) passa a discutir a diferença entre alfabetização e letramento.

Para essa autora, a alfabetização se dá quando o sujeito passa a fazer parte do mundo da escrita por meio da aquisição e do domínio de uma tecnologia. Já o letramento ocorre quando os sujeitos desenvolvem competências do uso dessa escrita formal em práticas sociais que envolvem a língua escrita, quando passam a interagir uns com os outros. E, mesmo não tendo o domínio da escrita como tecnologia, servem-se de quem a tem para fazer uso da leitura e escrita, pois manejam os textos escritos para obter o de que precisam.

Diante disso, não é intenção minha estudar a forma ou as regras da língua, mas os usos dessa língua em um contexto social à margem da sociedade, que detém o poder econômico e social. Por isso, não são discutidas alfabetização ou analfabetização que é, segundo Soares, (2002, p. 19): o “estado ou condição de analfabetos” que não dispõem do direito de serem cidadãos, e votar.

O foco deste estudo é, portanto, o sujeito que, embora não saiba decodificar o código escrito, participa do mercado de trabalho formal e informal, embora seja marginalizado socialmente. A discriminação chega a colocar o sujeito na condição de “bicho” que lida com os restos dispensados pela sociedade, ou seja, o lixo, e, mesmo assim, participa como agente em atividades interativas no contexto das práticas sociais e culturais. Lembra-nos Marcuschi (2001, p. 17) que o “homem é um ser que fala, não um ser que escreve”.

São as condições histórias anteriormente mencionadas, a que se refere Brito (2004) que me levam a refletir sobre o estudo do letramento, o que faço a seguir.

1.3.2 Letramento: as perspectivas

A palavra letramento é uma tradução literal da palavra inglesa *literacy* para o português, adotada, sobretudo pelo meio acadêmico. Somente nos anos 80, o termo começou a ser usado no Brasil, mas não era dicionarizado. Na visão de Kleiman (1995), o termo letramento foi usado inicialmente por Mary Kato em 1986. Já, na língua inglesa, o termo *literacy* se encontra registrado nos dicionários desde o século XIX e no século XX passou a fazer parte do vocabulário científico. (KLEIMAN, 1995)

A palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), ou seja, do ponto de vista social, o ingresso da escrita em um grupo que, até então, era ágrafo e isso exerce sobre esse grupo efeitos de natureza social, econômica, política, linguística. *Literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Letramento, então, “é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 2002, p. 18).

Já na visão de Kleiman (1995, p. 11) “letramento é considerado enquanto conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder”. Diante dessa colocação, é possível estudar práticas de letramento em um grupo de cultura oral, que convive diariamente com grupos letrados, como é o caso dos Catadores. Isso ocorre, pois ainda na visão dessa autora “o fenômeno do letramento extrapola o mundo

da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita.”. (p. 20)

E o mundo da escrita também para os Catadores é, às vezes, místico, às vezes impossível de ser atingido, como afirma o sujeito (S. 12): “*se eu lesse, ia sê ôta coisa.*” Vemos que dá um valor superior à escrita formal, sem ter consciência de que ele escreve a sua própria história de outra forma, no dia a dia de sua luta, pois a sua escrita se concretiza nas relações sociais e culturais. Ele estabelece com outros sujeitos numa somatória de competências, independente de dominar ou não a leitura e a escrita como tecnologia.

Tal reflexão nos leva ao pensamento de Soares (2002, p. 91) quando afirma que letramento implica oportunidade de desenvolver habilidades de ler ou escrever para alcançar vários objetivos, tais como: para se informar, para aumentar o conhecimento, trocar experiência, enfim, para interagir com outros sujeitos e com o mundo à sua volta. Letramento, ainda na visão da autora, acontece linearmente, infinitamente.

Penso então nos Catadores e na eficiência de sua oralidade, que, segundo Marcuschi, (2001, p. 25)

é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; e letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, o ônibus que deve tomar [...]

Mais à frente (p. 26) o autor afirma que “escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros”. Nesse sentido, observo que os Catadores têm um outro jeito de ler e escrever. Leem e escrevem o mundo com as mãos firmes e incansáveis na escrita de uma história de vida e de lutas.

Diante disso, e de acordo com meus dados, nenhum Catador é iletrado e está alijado do processo econômico não só porque não tem domínio da leitura e escrita, mas, sobretudo porque é Catador, considerando que o letramento no grupo acontece em um *continuum*.

É nesse *continuum* que se encontra a presente investigação. Para isso recorro à proposta de Bortoni-Ricardo (2005, p. 39-40). Segundo a autora, os estudos dialetológicos realizados no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, identifica diversas variedades, consideradas diferentes entre si. A essas variedades davam-se nomes de “português culto”, “português popular”, “português dialetal” (aspas da autora). Encontravam-se, portanto, problemas, “misturam-se critérios analíticos não se diferenciando entre variedades regionais,

socioletais ou funcionais. Não se consideravam também as modalidades orais e escritas e dos gêneros discursivos”.

A autora propõe então, uma diferenciação entre heterogeneidade relacionada a fatores estruturais (dicotomia rural/urbana; região geográfica; redes de relações sociais etc.) e fatores funcionais (grau de formalidade, registro etc.).

Bortoni-Ricardo (2005) concebe a ecologia do português brasileiro como um *continuum* de urbanização, considerando a variedade oral e a variedade urbana padrão, podendo situar o falante em qualquer lugar ao longo desse *continuum*. A autora postula, ainda, ao longo do continuum, rural-urbano, dois tipos de regras variáveis: as regras que definem uma estratificação ‘descontínua’, uma variedade mais isolada (p. 40) e as regras graduais, que definem uma estratificação contínua e está presente na fala de todo brasileiro dependendo do grau de formalidade da fala. A autora propõe ainda a ampliação de um modelo de três *contínuos*: rural-urbano; oralidade-letramento e monitoração estilística.

Neste trabalho, observo o *continuum* oralidade/letramento. Não coloco os sujeitos da pesquisa divididos em duas pontas previamente definidas como de um lado oralidade e o do outro letramento. Observo-os em uma linha imaginária que se mistura e se sobrepõe ora na oralidade, ora no letramento, mas, sobretudo no meio desse contínuo, sem deixar de observar que ora prevalece a oralidade e ora o letramento, numa gradação.

Isso me leva a inferir que o letramento muda a vidas das pessoas tanto no aspecto pessoal quanto no âmbito do trabalho, como é o caso de quando os Catadores participam rotineiramente de eventos com pessoas fora do grupo de Catadores. Podem não mudar o jeito de falar, podem não adquirir novos vocabulários, nem aprimorar os já adquiridos, mas modificam o jeito de fazer as coisas quando passam a acreditar em seus sonhos e na possibilidade de uma vida melhor. Tais mudanças e sonhos independem de a pessoa ser ou não alfabetizada, tomando o termo de Soares, (2002, p. 89) que considera alfabetização o domínio da leitura e escrita como tecnologia e letramento como o “desenvolvimento além dessa aprendizagem básica, das habilidades, conhecimento e atitudes necessários ao uso da leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem esta tecnologia”, como mencionado anteriormente.

Street e Street (1991, p. 143) afirmam que o significado e os usos do letramento estão envolvidos em práticas e valores da comunidade e não somente ligados à pedagogização. Letramento, ainda na visão desses autores, não é uma organização simples nem dados de habilidades técnicas, para resolver questões ligadas a competências educacionais.

Nas Cooperativas, por exemplo, não são raros os casos em que as mulheres assumem papéis de controlar os gastos e planejar despesas, como afirma o (S-15): *“é as mulhê que cuida dos filho e arruma a casa, então pode arrumá e organizá a associação/ mas tem que trabaiá igual nós,”*. Às mulheres cabe a habilidade de organizar e preencher formulários, mas são os homens que constroem os carrinhos, carregam o maior peso e manuseiam a prensa e a balança. Enfim, as atividades específicas são organizadas e planejadas semanalmente, e nesses momentos, ninguém está ou se coloca em posição privilegiada.

Essa reflexão nos leva a crer que o modelo autônomo de letramento, aquele que trata a linguagem como uma força externa para ser aprendida, o gerenciamento de textos com afirmações de autoridade e controle (STREET ; STREET, 1991, p. 162-163) não é suficiente para esta pesquisa, pois o letramento que foi observado está situado dentro de uma ideologia maior da linguagem, pois a escrita e a leitura passam a ser subcategorias, como afirmam ainda os autores, pois

quando participamos da linguagem de uma instituição seja como falantes, ouvintes, escritores ou leitores, somos posicionados por aquela língua; naquele momento de afirmação, uma miríade de relações de poder, de autoridade, e de status está implicada e reafirmada.³

Segundo ainda Street e Street (1991, p. 161) as pessoas podem ter vidas plenas sem o letramento adquirido em círculos educacionais, pois a reconceitualização de letramento sugerida envolve mudar a visão de letramento dominante como tendo características autônomas associadas intrinsecamente à escolaridade.

Mais adiante, os autores afirmam que o significado de letramento precisa ser decodificado não em termos de um discurso sobre educação, mas em termos de discurso de nacionalismo. É em torno do conceito de nação e identidade nacional que as questões sociais hoje se diferenciam em focos essencialmente de debate de letramento. Para compreender os usos e significados de letramento, continuam os autores, precisamos analisar seu relacionamento com o nacionalismo contemporâneo.

Podemos inferir que os autores não querem definir uma ideologia de linguagem no sentido de referir “sobre linguagem” (aspas do autor), embora estas sejam significativas, mas em um sentido que harmoniza o relacionamento entre a instituição individual e social e a mediação do relacionamento por meio de sinais.

³ When we participate in the language of an institution, whether as speakers, listeners, writers, or readers, we become positioned by that language; in that moment of assent, myriad relationships of power, authority, status are implied and reaffirmed.

Assim a linguagem institucionalizada pelos grupos mostra-nos que esse não é um grupo comum, mas uma congregação de sentido mais amplo. Isso ocorre, pois a interação de seus membros permite a construção de valores ideológicos que envolvem poder e resistência à discriminação. Por exemplo, os Catadores ganham a vida vendendo papel para a reciclagem, logo se submetem ao poder do mercado. Vendem tudo que encontram, pois, ideologicamente, tudo é produto. No entanto, guardam alguns textos impressos pelos quais se interessam, quem sabe como uma forma de resistência à discriminação social sofrida por se relacionarem com o lixo. Essa valorização do escrito indica uma forma de letramento específico, por estarem implicados e reafirmados numa sociedade letrada.

O ato de levar para casa os livros encontrados no lixo nos faz inferir que os Catadores dão importância ao conhecimento adquirido na escola, considerando-a pertencente ao imaginário coletivo como forma mais certa da inserção do sujeito na sociedade letrada. Para ilustrar essa ideia remeto-me a um depoimento de um sujeito da pesquisa, (S.10) quando afirma que a leitura e a escrita o ajudam não só como tecnologia, mas, sobretudo como Catador, no seu dia a dia. O sujeito afirma:

Olha, a leitura pode me ajudá ni tudo, mesmo nessas coisa de finança, pá podê entendê, cê quereno ô não, cê tem que tê estudo /.../ você tem que cunhecê o material, porque cada um material tem um nome diferente, e ele serve pá cada coisa, tem um monte de papel, ele serve pá fazê é ... papel higiênico, tão, se chama papel misto, /.../ então, se num sabe qual material que tá pegano, o que prejudica, o que dá mais/ então 'ssim, fica mais difícil dela trabalhá, /.../ o plástico, igual aqui, o omo, brinquedo, essas CAxa, de brinquedo, elas são papelão por dentro, mas por fora elas são duprex, intão é papelão cum plástico, então, tem um valor menor, (S.10)

Esse depoimento nos remete ao conceito de letramento de Kleiman (1995, p. 19) quando define letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” Tal definição é diferente da ideia de letramento como práticas específicas da escola. Essa ideia ultrapassa o conhecimento da leitura e da escrita para fora dos muros da escola na medida em que a leitura e a escrita passam a fazer parte da rotina dos sujeitos da pesquisa.

Conhecer a espécie e o tipo de papel, saber se o mesmo é misto ou não, se aprende na prática, no dia a dia, na rotina de separar, de juntar, pesar e vender o papel, entendendo, dessa forma, o letramento como práticas sociais, e, assim, responde satisfatoriamente às demandas sociais que a leitura e a escrita impõem aos Catadores.

1.3.3 Letramento: novos estudos

A partir dos anos 80 a discussão sobre o letramento acontecia numa perspectiva predominantemente psicológica e histórica, e, em seguida, somou-se a uma visão social e etnográfica encontradas nas obras básicas de Heath (1983) em *Ways With Words*, e em Street (1984) na obra *Literacy in Theory and Practice*.

Essas frentes de estudo proporcionam reflexões significativas sobre o comportamento humano, que, segundo Lopes, (2006) não havia sido levado em conta. Coloca-se a oralidade em oposição à cultura escrita nas discussões e propõem-se uma correlação entre escrita e a capacidade cognitiva além de reconhecer na escrita, como tecnologia, qualidades intrínsecas. Isso porque lhe confere valor de prestígio, que se estendia aos sujeitos e às sociedades que têm o domínio da escrita.

Segundo Street, (1995) o ano do letramento envolve a rejeição da teoria da grande divisa. Sem essa teoria, os iletrados são diferentes dos letrados. O modelo de pensamento, habilidades cognitivas, facilidade em lógica, abstrações e maiores operações de ordem mental precisam estar integralmente relacionadas ao letramento. Considera-se que os iletrados são todos como pessoas a quem faltam todas as qualidades, são incapazes de pensar abstratamente. Com isto, distingue-se entre os indivíduos e os grupos de indivíduos que dominam a escrita, isto é, os letrados e aqueles considerados iletrados.

Graff (1994, p. 27) afirma que:

“o mito da alfabetização” não serve mais como uma explicação satisfatória para o lugar da alfabetização na sociedade, na política, na cultura ou, na economia. Dadas as enormes contradições que complicam e confundem essa compreensão do mundo que habitamos, não chega a ser surpresa que uma suposta “crise” e um suposto “declínio da alfabetização” estejam ligados entre os outros medos de nossa época [...] a má compreensão da alfabetização é tão verdadeira para o passado quanto para o presente; esses dois elementos, na verdade, não passam apenas de um, devemos reconhecer.

O mito, portanto, em torno da alfabetização, é um obstáculo para que se compreenda e se levem em conta os reais valores e os significados deste bem simbólico. Ao dar valor de prestígio à escrita esse valor se estende ao sujeito a ponto de dar a ele o *status* de civilizado, sem levar em conta que só o domínio da leitura e escrita em si, não é suficiente para provocar tais mudanças.

Essa visão tomou força e se concretizou nos anos 90 sob o nome de Novos Estudos de Letramento, apresentando visão diferente e alguns instrumentos para analisar letramento,

entre os quais o modelo autônomo e o modelo ideológico de um lado; do outro lado, um componente do letramento que são os *eventos e práticas de letramento*.

O termo letramento para Street (1984, p.1) é designado como “práticas sociais e concepções de leitura e escrita” adquiridas por um sujeito ou grupo social. As práticas de letramento são definidas como práticas culturais discursivas que determinam a produção e interpretação de textos orais e escritos em contextos específicos. Isto é, para o autor, as práticas de letramento dependem do contexto, pois encontram-se imersas numa ideologia e não podem ser tratadas como neutras ou técnicas

Vale lembrar que o estudo do letramento como o de uma comunidade urbana em um tempo e local é importante e, para isso, descrevo ao longo do texto a vida dos Catadores e procuro situar a leitura e a escrita dentro de sua realidade.

Barton e Hamilton (1998, p. 03) afirmam que:

Letramento é primeiramente algo que as pessoas fazem; é uma atividade, localizada no espaço entre o pensamento e o texto. O letramento não está somente nas cabeças das pessoas como um conjunto de habilidades a serem aprendidas e não está somente num papel, capturado como textos a serem analisados.⁴

Neste sentido podemos verificar o letramento em cada prática diária no trabalho de catar e de manusear papéis com e sem escrita. O que também ocorre na interação entre os sujeitos pertencentes a um grupo particular de pessoas que usam a leitura e a escrita em todas as suas ações diárias dando sentido para sua vida por meio das práticas diárias.

Mais adiante, os autores nos chamam a atenção para a noção de práticas de letramento e eventos de letramento e afirmam que (1998, p. 6) “Práticas de letramento são formas culturais gerais de utilizar linguagem escrita às quais as pessoas recorrem em suas vidas. No sentido mais simples as práticas de letramento são o que as pessoas fazem com o letramento.”⁵

No entanto, as práticas não são unidades observáveis de comportamento, pois elas também envolvem valores, atitudes, sentimentos e relacionamentos sociais observáveis (veja Street, 1993). Barton e Hamilton (1998, p. 6) afirmam ainda que isso inclui a consciência de letramento das pessoas, construções de letramento e discursos de letramentos como as pessoas falam e dão sentido ao letramento.

⁴ Literacy is primarily something people do; it is an activity, located in the space between thought and text. Literacy does not just reside in people’s heads as a set of skills to be learned, and it does not just reside on paper, captured as texts to be analyzed.

⁵ Literacy practices are the general cultural ways of utilizing written language which people draw upon in their lives. In the simplest sense literacy practices are what people do with literacy.

As práticas são processos sociais que unem as pessoas umas às outras e incluem cognição compartilhada representada em ideologias e identidades sociais. As práticas são modeladas por regras sociais que regulam o uso e distribuição de textos, afirmando quem deve produzir e ter acesso a eles. No caso do grupo em estudo, as práticas são processos de interações sociais que unem as pessoas, como já foi dito e, além disso, essas práticas são as reações das pessoas e como elas se comportam no momento da leitura, ou seja, como pegam no livro para ler.

A ideia de prática de letramento me leva a observar que muitas vezes o Catador pega e folheia o livro, uma revista, um cartaz e aquele que tem domínio, nem que seja mínimo da leitura, lê rapidamente alguns parágrafos. O sujeito que não tem o domínio da leitura folheia o material escrito, olha as figuras, mas de qualquer forma o material é colocado para a reciclagem.

Barton e Hamilton (1998) nos alertam para o uso da palavra prática. Segundo os autores, essa palavra deve ser usada para significar também aprendizagem, não para fazer algo repetidamente, como tarefas comuns do dia a dia. A noção de prática como definem os autores, são formas culturais de usar o letramento conforme afirmam textualmente (pág. 12)

Práticas de letramento são culturalmente construídas e, como todos os fenômenos culturais, têm suas raízes no passado. Para compreender o letramento contemporâneo, é necessário documentar as formas nas quais o letramento é historicamente situado: práticas de letramento são tão fluidas, dinâmicas e cambiantes como as vidas e sociedades das quais são parte.⁶

Com isso é possível afirmar que as práticas de uma pessoa podem estar localizadas também em sua própria história de letramento. Os autores observam a história dentro da vida da pessoa e afirmam que “existem várias dimensões para isto: as pessoas usam o letramento para realizar mudanças em suas vidas; o letramento muda as pessoas e as pessoas se descobrem no mundo contemporâneo de mudança de prática de letramento.”⁷

Dessa forma as práticas de letramento mudam, e outras novas são adquiridas por meio do processo de aprendizagem informal as quais estão localizadas em contextos sociais específicos e parte dessa aprendizagem é a internalização de processos sociais, afirmam mais à frente os autores.

⁶ Literacy practices are culturally constructed, and like all cultural phenomena, they have their roots in the past. To understand contemporary to document the ways in which literacy is historically situated: literacy practices are as fluid, dynamic and changing as the lives and societies part.

⁷ There are several dimensions to this: people use literacy to make changes in their lives; literacy change people and people find themselves in the contemporary world of changing literacy practices

Em seguida, os autores se voltam para discussão sobre eventos de letramento. Para Barton e Hamilton (1998, p. 27). “eventos de letramento são atividades onde o letramento tem um papel” (p. 27) ⁸ Normalmente no evento existe um texto escrito, ou textos, central para a atividade e deve se falar sobre o texto. Entretanto em muitos eventos de letramento há uma mistura de língua escrita e falada.

O estudo de Barton e Hamilton (1998) inclui letramento e textos escritos como seu ponto inicial, mas é claro, afirmam os autores (p.9) “que em eventos de letramento as pessoas usam a linguagem escrita de uma maneira integrada como parte de uma quantidade de sistemas semióticos”⁹

Esses sistemas incluem sistemas matemáticos, conhecimento musical, mapas e outras imagens baseadas em textos. A noção, pois, de eventos distingue a natureza de letramento situada que sempre existe em um contexto social. Retomo então a ideia de que eventos são atividades onde o letramento tem um papel. Veremos mais adiante, neste trabalho, vários exemplos de eventos de letramento - que são descritos - no contexto dos Catadores.

Barton (1994, p. 36) afirma que existem ocasiões na vida diária das pessoas em que a palavra escrita tem um papel. Podemos nos referir a ela como eventos de letramento, continua o autor. Afirma, ainda, que é preciso descrever como o letramento é usado nas vidas cotidianas das pessoas e que o evento de letramento inclui qualquer atividade que envolva a palavra escrita.

Para Barton e Hamilton (1998, p. 14) os “eventos são empíricos e observáveis; as práticas são mais abstratas e são inferidas a partir de eventos e de outra informação cultural.” (1998, p. 14).¹⁰ O que me leva a acreditar que as práticas estão dentro de cada evento e que os Catadores fazem, de suas práticas diárias, leituras que os fortalece na árdua rotina de catar . A seguir faço uma reflexão sobre o modelo ideológico e o modelo autônomo de letramento.

1.3.4 Os modelos ideológico e autônomo de letramento

Para esclarecer as diferentes abordagens que existem sobre letramento, Street (1995), sugere que se identifiquem então, os dois modelos de letramento: o modelo ideológico e o modelo autônomo. Segundo esse mesmo autor o modelo autônomo de letramento

⁸ Literacy events are activities where literacy has a role.

⁹ That in literacy events people use written language in an integral way as part of range of semiotic systems

¹⁰ Events are empirical and observable; practices are more abstract and are inferred from events and from other cultural information.

(...) assume uma única direção na qual o desenvolvimento do letramento pode ser identificado e o associa ao “progresso”, “civilização”, liberdade individual e mobilidade social. [o modelo] isola o letramento como uma variável independente mas reivindica a capacidade de estudar suas consequências. Estas consequências são classicamente representadas em termos de vantagens econômicas ou em termos de habilidades cognitivas.¹¹ (p.29)

Para Street (1995) o letramento no seu modelo autônomo é aquele que leva o sujeito a um progresso. Esse progresso advém de vantagens econômicas ou ganho intelectual o que acarreta mais liberdade individual e mobilidade social. No caso dos Catadores, considero que o sujeito sobrevive precariamente, mas na ação do grupo como forma de organização há um ganho de conhecimento na ação com os materiais nas relações de negociação e nos processos interativos. Desse modo, o letramento torna o sujeito mais autônomo e inserido socialmente.

Esse mesmo autor ressalta o prestígio da escrita como tecnologia, vista como uma forma também de oprimir e dividir os sujeitos que não têm o domínio dessa modalidade, pois o letramento, nesse caso independe do contexto social, (STREET, 1984) como muitas vezes acontece com o letramento adquirido na escola.

O letramento escolar muitas vezes forma sujeitos escolarizados, possuidores de raciocínios lógicos, mas não garante a inserção social desses sujeitos, porque o objetivo da escola é levar o cidadão a preencher fichas, e dar uma resposta às pesquisas do governo. O modelo autônomo de letramento ainda segundo Soares, (2002, p. 74) é interpretado como o “conjunto de habilidades necessárias para funcionar adequadamente em práticas sociais nas quais a leitura e a escrita são exigidas”. Esse modelo, segundo Kleiman (1995), é o que prevalece na nossa sociedade e que é repetido a cada geração praticamente sem nenhuma mudança.

Esse modelo, ainda, é uma ferramenta neutra que pode ser aplicada de forma homogênea com o mesmo resultado em qualquer contexto social e cultural. É nesse modelo de letramento que está presente a “*grande divisa oral/escrita*” (p.74).

O modelo autônomo de letramento é falho na visão de Kleiman (1995) devido ao determinismo tecnológico, que levam ao descaso com as variações culturais. Como oposição ao modelo autônomo de letramento surge o modelo ideológico com o objetivo de oferecer uma visão menos preconceituosa e mais crítica e que valoriza mais os fatores culturais, pois

¹¹ (...) assumes a single direction in which literacy development can be traced, and associates it with ‘progress’, ‘civilization’, individual liberty, and social mobility. It isolates literacy as an independent variable and then claims to be able to study its consequences. These consequences are classically represented in terms of economic ‘take-off’ or in terms of cognitive skills.

tem como base a natureza social do letramento e considera a leitura e a escrita como práticas sociais.

Segundo Street, (1995, p. 29) o modelo ideológico de letramento de outro modo,

força-nos por ser mais cuidadosos com amplas generalizações e hipóteses acalentadas sobre o letramento ‘em si mesmo’. Aqueles que defendem esse segundo modelo concentram-se em práticas sociais específicas de leitura e escrita. Eles reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente intrínseca, dessas práticas. O modelo destaca a importância do processo de socialização na construção do significado de letramento para os participantes e, em consequência, relaciona-se com as instituições sociais gerais através das quais este processo ocorre, e não somente as educacionais específicas.¹²

O modelo ideológico então, concebe o letramento como um conjunto de práticas sociais, como é o caso dos Catadores. O letramento no dia a dia de cada sujeito e na rotina de seu trabalho de catar nos remete a Soares, (2002, p. 74) quando afirma que o modelo ideológico é interpretado como “conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e forma de distribuição de poder presente nos contextos sociais”.

O modelo ideológico não ignora nem nega habilidades técnicas, mas coloca essas habilidades ou aspectos cognitivos da escrita “encapsulados” em lacunas culturais e dentro de estruturas de poder, afirma Street, (1984, p. 161) e tem um significado político e ideológico.

O modelo ideológico de letramento em oposição ao modelo autônomo, não deve, portanto, na visão de Kleiman, (1995, p. 39) “ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento.”

Comungo com a visão de Kleiman, e para ilustrar observo que no grupo de Catadores, é possível verificar como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas dependendo da situação e do contexto social. Em um grupo minoritário, por exemplo, quem tem o domínio da leitura e da escrita como tecnologia, é responsável pela elaboração de documentos escritos como atas e relatórios. Esse sujeito chega a ocupar lugar de destaque na direção da Associação e/ou Cooperativa.

¹² (...) forces one to be more wary of grand generalizations and cherished assumption about literacy ‘in itself’. Those who subscribe to this second model concentrate on the specific social practices of reading and writing. They recognize the ideological and therefore culturally embedded nature of such practices. The model stresses the significance of the socialization process in the construction of the meaning of literacy for participants, and is therefore concerned with the general social institutions through which this process takes place and not just the specific ‘educational’ ones.

Diante disso remeto-me a Street (1984) quando afirma que as práticas de letramento, no plural são determinadas social e culturalmente, e, dessa forma, os significados que a escrita assume para um determinado grupo social dependem dos contextos em que ela foi aprendida.

A leitura como tecnologia tem seu papel importante, mas é a leitura social, aquela do dia a dia, que importa. Não são raras as vezes em que a leitura é mais significativa e mais presente, conforme veremos posteriormente. Lembrando ainda Paulo Freire (1980) ao afirmar que o ato de ler não se esgota na decodificação das palavras, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e “os homens para os quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome” segundo Freire, (1980, p. 7). Nesse caso os Catadores precisam ler a vida na rotina do trabalho de catar e na busca por um mundo melhor.

O modelo ideológico norteia minhas observações por meio da etnografia e me permite afirmar que o letramento no grupo de Catadores é construído diariamente, em ricos detalhes no ofício de catar lixo e catar sonhos, e reforça e/ou questiona valores e tradições impostas e formas de poder presentes no contexto dos Catadores e no contexto social.

Letramento social, ou seja, as práticas sociais, a leitura no cotidiano, surge à margem da escola e não pode ser criticado de forma pejorativa, pois ocorre no contato com a escrita na escola, na família e no cotidiano, de várias formas, até mesmo em textos encontrados no lixo. Por isso, é possível dizer que esse sujeito pesquisado participa significativamente de eventos de letramento, pois esses eventos também são responsáveis pela sobrevivência dos Catadores e de sua família.

O sujeito então, pode não saber ler e escrever, ser considerado analfabeto, aquela pessoa que não sabe ler, mas de alguma forma, é letrado, pois letramento, de acordo com Soares (2002, p. 44): “é um estado, uma condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita [...] letramento é o estado ou condição de quem envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.”

Sob essa perspectiva é importante lembrar que, para os sujeitos da pesquisa às vezes o texto escrito desperta interesse ou curiosidade, e o material catado é levado para casa para que os filhos, que estão na escola, possam lê-los.

Na visão de Cook-Gumperz, (1986, p. 1), letramento

não é apenas a simples habilidade de ler e escrever; mas ao possuir e desempenhar essas habilidades nós exercitamos talentos socialmente

aprovados e aprováveis; em outras palavras, o letramento é um fenômeno socialmente construído.¹³

A concepção do autor ressalta não só as habilidades individuais da leitura e da escrita como tecnologia, mas evidencia a natureza social da escrita, pois se refere ao conjunto de práticas sociais em cujo processo estão envolvidas atividades de leitura e escrita. O sujeito da pesquisa (S.10), ao mostrar conhecimento sobre o material reciclável, descreve a caixa como papel duplex que vale menos do que o papel branco, por exemplo.

Para isso, retomo o pensamento de Brito (2004, p. 53) quando afirma que

o conhecimento é um produto social e que aquilo que uma pessoa sabe efetivamente fazer se inscreve nas condições históricas objetivas em que ela se encontra. Pode-se dizer que o que uma pessoa sabe e faz isoladamente é diferente do que ela sabe e faz em grupo ou em tarefas contextualizadas no entorno social.

O sujeito da pesquisa dessa forma, nada faz sozinho na Cooperativa/Associação. Há um grupo organizado para o trabalho da separação e todos têm o domínio social do trabalho que está sendo feito. Discuto, portanto, o letramento referindo-me a um conjunto de atividades sociais que envolvem a leitura e a um conjunto de práticas sociais realizadas no cotidiano de um grupo.

Para isso retomo Barton e Hamilton (1998, p.16) e afino-me com a ideia de que é em grupo, em forma de redes que “as pessoas assumem papéis específicos e acertam identidades diferentes à medida que eles participam em diferentes eventos de letramento”¹⁴

Para descrever os relacionamentos sociais dos Catadores e para melhor compreender como se dão as inter-relações dentro da organização do grupo de Catadores usarei o pensamento de Bortoni-Ricardo (2005) e de Milroy (1980-2004). Esses conceitos sobre a organização das redes sociais em um grupo social, no caso os Catadores contribuem para melhor compreender como se dão as práticas sociais de letramento no grupo estudado.

¹³ Literacy is not just the simple ability to read and write; but by possessing and performing these skills we exercise socially approved and approvable talents; in other word; literacy is a socially constructed phenomenon.

¹⁴ People take on specific roles and assert different identities as they participate in different literacy events

1.4 REDES SOCIAIS

Uma rede social é uma estrutura social formada por pessoas ou organizações designadas como *nós* – que estão ligadas por um ou vários tipos de relações como amizade, famílias, entre outros ou que partilham crenças, conhecimentos. A análise de rede social estuda as relações sociais com base na teoria de redes segundo Bortoni-Ricardo (2005). Os *nós* são os sujeitos individuais que compõem a rede, e os *laços*, as relações ou vínculos que unem os sujeitos.

Pesquisas têm mostrado, em campos diferentes do conhecimento, que as redes sociais operam em níveis diferentes. Há a rede que possibilita analisar a forma como as organizações desenvolvem a sua atividade, como os sujeitos atingem seus objetivos, ou medir o capital social, ou seja, o valor que os sujeitos adquirem da rede social. Dessa forma, pode-se afirmar que uma rede social é um mapa de todos os vínculos importantes entre os sujeitos analisados. (https://pt.wikipedia.org/wiki/rede_social acessado em 6/5/10)

Para observar se há uma ligação entre esses sujeitos, sirvo-me da concepção de rede social na visão de Milroy (2004) e Bortoni-Ricardo (2005; 2008; 2011), compreendendo que rede social refere-se a um conjunto de relações estabelecidas entre determinados sujeitos pertencentes a um grupo específico.

Além disso, o enfoque desse estudo se dá em torno da linguagem como interação junto aos sujeitos da pesquisa que seguem normas sociais e discursivas próprias. Muitas vezes linguistas se dedicam ao estudo das influências proporcionadas pelas diferenças sociais e políticas entre os cidadãos. Assim, enfocam a diferença linguística, ou seja, o estudo das diferentes formas de falar do cidadão, como elemento separador entre classes sociais de prestígio, ou não, ou entre grupos sociais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 84), uma característica das sociedades modernas é a conservação das variedades linguísticas pouco prestigiadas nas comunidades urbanas, apesar da constante permanência da norma padrão. Ainda segundo a autora, isso ocorre até mesmo nos países onde a alfabetização é universal há várias décadas. As variedades linguísticas nessas sociedades conservam-se com força, coexistindo com a variedade de prestígio. Uma explicação para este fenômeno pode ser buscada na tradição de estudos de redes sociais da Antropologia Social.

O estudo de rede tomou força na Antropologia a partir da década de 50 com o objetivo de estudar as interações em redes, lócus em que se podem observar não os atributos das

pessoas envolvidas nas redes, mas principalmente as características dos vínculos que são contraídos nas relações umas com as outras. As redes sociais, ainda na visão de Bortoni-Ricardo (2005), se estabelecem quando ocorrem relações entre as pessoas de um determinado grupo. Essas relações se tornam vínculos tão importantes que os pesquisadores passam a valorizar mais o grupo que os indivíduos.

Redes sociais, então, na visão da autora é o estudo das relações interpessoais em qualquer sistema. Estudar redes sociais, no caso de um grupo de Catadores que formam um sistema social, é estudar como acontecem as relações de ajuda entre as pessoas no grupo – como se agrupam, como fazem compras ou como vendem objetos catados. Nesse sistema, as relações entre os sujeitos se tornam mais importantes como objeto de estudo do que as qualidades individuais, como foi dito anteriormente.

Segundo ainda Bortoni-Ricardo (2008), o conceito de rede social era usado no sentido metafórico, mas na primeira metade do século XX pesquisadores desenvolveram metodologias e destacaram dois modelos importantes: o modelo usado nos estudos da Psicologia e o modelo usado na Sociologia, o da Antropologia Social.

Os estudos da Psicologia deram destaque às relações diádicas, ou seja, de grupos de dois, objetivando analisar parcerias, fluxo de informações e liderança. O modelo usado na Sociologia é empregado nas pesquisas qualitativas aliado à observação-participante em comunidades reais e usa a técnica da nomeação ou sociometria, ou seja, questionários em que os sujeitos apontam seus interlocutores mais usuais, por exemplo, os entrevistados respondem a uma pergunta “quem são seus melhores amigos no grupo?” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.122)

Também Mitchell (1969, p. 4) coloca que o interesse pelos estudos de redes não são os atributos das pessoas envolvidas nas redes, mas sim as características dos vínculos que existem nas suas relações umas com as outras para explicar o seu comportamento, como disse anteriormente.

A rede pesquisada está marcada por determinados vínculos internos que funcionam segundo uma densidade própria. Barnes (1954) estuda uma comunidade norueguesa e postula o conceito de densidade de rede, referindo-se ao número de vínculos entre as pessoas. A rede uniplex compõe-se de vínculos mais frouxos em uma só capacidade (como empregado e patrão). Já a relação multiplex ou múltipla se dá quando esses sujeitos se relacionam de várias formas, como com parentes, vizinhos, colegas de trabalho, por exemplo.

Outro estudo importante para a análise de redes é o de Milroy (1987). Para a autora, a análise de rede social usada por sociolinguistas foi desenvolvida por antropólogos sociais por

volta dos anos 1960 – 1970 com o objetivo de verificar o comportamento variável do sujeito. A autora afirma na página 550 que: “um postulado fundamental de análise de redes é que indivíduos criam comunidades pessoais que fornecem uma estrutura significativa para resolver os problemas de vida diária”¹⁵.

As comunidades referidas acima, na visão de Milroy (1987), são construídas por meio de vínculos pessoais e forças, dependendo do objetivo da formação da comunidade, pois os sujeitos muitas vezes estão presos uns aos outros, quer seja por laços afetivos, quer seja por vínculos profissionais, e, de certa forma se apoiam. Desse modo, fazem-se âncoras uns dos outros, entrelaçados por objetivos afins ou por compromissos de trabalho.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 90) afirma que a grande contribuição de Milroy é o estudo de redes em países industrializados. Mas podemos encontrar redes pessoais densas e multiplex em bairros pobres e em grupos como o de Catadores. Essas redes podem exercer pressões contra institucionais isolando seus membros de valores hegemônicos.

Vale lembrar segundo ainda Bortoni-Ricardo (2008) que os componentes normativos de densidade, que se formam devido aos vínculos entre os sujeitos, estão associados às expectativas que as pessoas têm umas em relação às outras. Para que isso fique claro a autora retoma o conceito de rede. Em uma rede densa e multiplex, as pessoas se relacionam entre si em várias capacidades. Um grupo, por exemplo, em que todos se conhecem é uma rede de alta densidade e tende, também, a apresentar um alto grau de multiplexidade, isto é, as pessoas se relacionam por meio de várias capacidades.

Bortoni-Ricardo (2008, p. 123) observa que em grupos “de baixa densidade e predomínio de vínculos uniplex, as pessoas assumem uma maior gama de papéis sociais”, ou seja, o mesmo sujeito pode exercer papéis sociais de pai, associado, filho, tesoureiro de uma instituição. Segundo ainda a autora, já no grupo de alta densidade e multiplexidade, os sujeitos tendem a ter uma gama menor de papéis sociais.

A análise de redes é usada, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 124) para pesquisar vários tipos de grupos, e “é um instrumento poderoso para explicar características socioculturais e sociolinguísticas de um grupo social.” Esses grupos são fortalecidos ou não pelos laços. Milroy e Milroy (1997, p. 563) afirmam que o modelo de laços fracos de mudança pode relatar, geralmente, a tendência de algumas línguas serem mais resistentes a mudanças do que outras. Eles sugerem que um tipo de organização social baseado na

¹⁵ A fundamental postulate of network analysis is that individuals create personal communities which provide a meaningful framework for solving the problems of daily life.

sobreposição de redes fechadas impediria mudanças enquanto um tipo caracterizado pela mobilidade com um concomitante enfraquecimento de laços fechados facilitaria a mudança.

Esses autores afirmam ainda que grupos minoritários são fortalecidos ou não pelos laços e que dentro de um modelo de rede social, entretanto, a existência de várias amarras fracas é uma condição necessária para inovações serem adotadas. Devem, porém, existir condições de natureza psicossocial, ou seja, que falantes de uma comunidade receptora queiram se identificar por alguma razão com falantes da comunidade doadora.

Adianto uma reflexão que farei no capítulo destinado à descrição das redes dos Catadores. Os Catadores se apoiam em normas linguísticas localizadas e resistem a pressões para adotarem normas externas competitivas. Pode acontecer um rompimento desses laços provocado pela ausência de um companheiro que consegue mudar de local de trabalho. Por essa razão o companheiro passa a frequentar outra comunidade, vemos, então que seriam produzidas condições favoráveis para a mudança da variedade, o que não tem acontecido, pois o sujeito que sai do grupo, muda de local, mas raramente muda de trabalho. Esse desgarrado às vezes volta a se relacionar de alguma forma com os companheiros anteriores, entretanto, sem trazer ao grupo novos conhecimentos.

Cabe então retomar mais uma vez Bortoni-Ricardo (2008, p. 85) quando afirma que redes sociais de grupos minoritários, como aquelas a que se vinculam os Catadores, mantêm variedades linguísticas desprestigiadas. Por viverem agregados em redes, os integrantes tendem à preservação de suas práticas linguísticas, mesmo estando permanentemente sob a influência remota da norma padrão.

Em seu estudo da mudança no comportamento de linguagem de sujeitos com mobilidade social, o estudo do ajuste sociolinguístico de migrantes rurais para uma cidade satélite de Brasília, Bortoni-Ricardo inova e exemplifica uma aplicação do conceito de rede social diferente daqueles discutidos até então. A autora considerou as normas linguísticas de um grupo específico como um ponto de partida e examinou a extensão em que os sujeitos falantes - pobres - afastaram-se do dialeto caipira estigmatizado. A principal hipótese da autora é que a mudança na estrutura social, associada à migração rural urbana, envolve uma mudança de uma rede social “insulada,” (aspas da autora). Essa rede consiste amplamente de familiares e vizinhos, tornando-se uma rede social “integrada” onde os laços são menos multiplex e contraídos em uma quantidade mais ampla de contextos sociais.

Dessa forma, a autora percebe uma alteração do dialeto caipira, devido ao contato com o meio urbano. Para isso a autora usa dois índices: o de integração e o de urbanização. Os

índices foram usados com o objetivo de verificar a relação entre a integração social do indivíduo no contexto urbano e sua pré-disposição à mudança de seu dialeto.

Em minha pesquisa, os sujeitos Catadores, migrantes de vários locais rurais ou não, estão expostos às mais diversas mudanças de comportamento, como o jeito de trabalhar e possivelmente a assimilação de novas palavras, como veremos no capítulo destinado ao estudo de redes sociais. Pela natureza do meu trabalho, faço uma fotografia dos laços afetivos dos Catadores e discuto como se dão os vínculos entre os sujeitos.

Também Milroy (1980) citando Eckert (2000) lembra-nos que é importante pensar em comunidade de fala como um agrupamento de pessoas vindas de vários lugares. Tanto as Associações e Cooperativas quanto os Depósitos pesquisados se formam com pessoas vindas de vários lugares. O que acontece é que alguns sujeitos ficam e constroem laços, outras não.

Nesse sentido, remeto-me novamente a Milroy (2004, p. 556) quando afirma que o interesse pelo estudo de rede se deve ao fato de, primeiro, ela prover um cenário de procedimentos para estudo de pequenos grupos onde falantes não são distribuídos em termos de qualquer tipo de classe social. Outra vantagem para o estudo de rede social é que ela é intrinsecamente mais explanatória e tem o potencial de elucidar a dinâmica social relativa à mudança e à variação da língua.

A análise de rede oferece ainda um procedimento para lidar com a variação entre falantes individuais e não entre grupos construídos considerando-se categorias sociais. Neste estudo não observo variação linguística, mas descrevo vínculos com o objetivo de verificar o fortalecimento ou não do grupo. Para isso remeto-me mais uma vez ao que afirma Milroy, (2004, p. 45): “O postulado básico de estudos recentes é que as pessoas interagem significativamente como indivíduos, além de tomarem parte em instituições funcionais estruturadas, tais como classe, casta ou grupos ocupacionais.”¹⁶

A autora afirma ainda que pessoas com diferentes participações sociais e modo de vida parecido podem, apresentar diferenças linguísticas, dependendo das relações que constituem suas redes sociais. Mais adiante, conceitua essas relações como zonas das redes sociais, uma vez que cada pessoa mantém um contato direto com um conjunto de sujeitos, que constituem a primeira zona de rede social. Essas pessoas também fazem parte da segunda zona da rede social, sendo que esses indivíduos podem até não conhecer os sujeitos da segunda zona de sua rede, considerando que estabelecem vínculos diretos somente com as pessoas da primeira zona.

¹⁶ The basic postulate of recent studies is that people interact meaningfully as individuals in addition to forming parts of structured, functional institution such as classes, caste or occupational groups.

Vale lembrar que o grupo estudado é um grupo com características especiais e no capítulo destinado à descrição das redes sociais retomo essa discussão. A seguir falo sobre o método empregado para realizar a investigação, bem como algumas perguntas de pesquisa e, com isso, acredito que a proposta teórica se concretize.

CAPÍTULO 2 – SEPARANDO O MATERIAL: METODOLOGIA

Precisamo de organizá nóis, já perdemu pessoas importante pra droga, pra cadeia, pra justiça, pra morte,...precisamu de ajuda pra vencê a morte e sonhá, (S - 10)

Pesquisar os Catadores é um desafio constante e sempre sou interrogada por algumas pessoas pelos motivos que me levam a olhar para esses homens e mulheres quase invisíveis dentro de nosso contexto social. Essa invisibilidade se deve à sua própria proximidade com o lixo, um lado sujo de nossa sociedade. Os Catadores não são seres de fama, que se destacam socialmente, são aqueles que agem na penumbra contribuindo com a limpeza urbana e com o meio ambiente. São aqueles a quem Foucault (2003, p. 210) denomina “infames”, colocados no lixo da memória humana.

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos. [...] Sua infâmia não é senão uma modalidade da universal fama. Mas o recoleto apóstata, mas os pobres espíritos perdidos pelos caminhos desconhecidos, estes são infames com a máxima exatidão: eles não mais existem senão através das poucas palavras terríveis que eram destinadas a torná-los indignos para sempre da memória dos homens. E o acaso quis que fossem essas palavras, essas palavras somente, que subsistissem.

Os infames são os anônimos distantes da memória coletiva, por isso quero pesquisar seus dizeres, os valores extravasados em seus depoimentos e verificar se suas versões do mundo social carregam saberes como fruto de um letramento. Para desenvolver o estudo, opto pela pesquisa de cunho qualitativo quando não há uma preocupação específica em separar com nitidez o pesquisador daquilo que estuda e dos resultados a que chega. Como não há um foco na causalidade das ocorrências, a pesquisa qualitativa dedica-se a observar o ambiente natural como sua fonte de dados, o que em meu caso são os Catadores em seu contexto diário e de trabalho.

A forma como esses sujeitos se relacionam com o conhecimento letrado, é investigada pela perspectiva dos participantes e minha opção é pela abordagem etnográfica. Entendo a etnografia como uma técnica de pesquisa que se dedica à descrição dos aspectos linguísticos e culturais, captados no próprio campo de ação dos sujeitos, atuando num determinado contexto. Desse modo, após definir as asserções relacionadas ao objetivo geral, a

perspectiva teórica que guia este trabalho, bem como a origem do termo postado anteriormente nas tradições teóricas em que o estudo se apoiaria, passo à escolha do método adequado ao estudo proposto. Para estudar o grupo de Catadores na Grande Goiânia, entre os anos 2008 e 2010, à luz dos Novos Estudos do Letramento, valho-me do pressuposto, defendido por Geertz (1978, p. 24),

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um *contexto*, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade.

É exatamente o contexto social dos Catadores que visio a descrever para apresentar toda a sua riqueza e observar seus valores com relação aos textos escritos ou não, pois os sujeitos tecem sua história formando uma teia de significados. Com isso considero que é muito válida a escolha do método qualitativo etnográfico, pois meu intento é captar as trocas de experiências, a organização de seu trabalho e dos ambientes em que atuam, porque assim me aproximo, ao máximo, da cultura que permeia o contexto e da cultura que está associada às práticas sociais da leitura e da escrita.

Isso demonstra a coerência da escolha do método com a teoria proposta, quando então descrevo as trocas de experiência, de organização, de cuidado que os Catadores têm com o meio ambiente e com eles mesmos nas organizações em Depósito, Cooperativa e Associação.

2.1 PONDERAÇÕES ACERCA DO MÉTODO ETNOGRÁFICO

No século XIX, a pesquisa sobre determinados grupos era feita por meio da observação à distância. Essa pesquisa social de cunho antropológico denominava-se etnologia e os pesquisadores não tinham contato direto com o grupo estudado. A etnologia se dedicava a escrever os outros a distância e a estabelecer análises comparativas, entre a história e a cultura de grupos de etnias diferentes daquela do pesquisador. Assim, um conjunto de relatos individuais, produzidos inicialmente por viajantes e missionários era considerado material histórico e arqueológico. Nessa ocasião, os antropólogos já começavam a fazer suas anotações de campo e o termo etnologia deu lugar à etnografia, para referir-se a uma investigação empírica e teórica.

Boas (1942) contribui muito para os estudos arqueológicos ligados à linguística com seus estudos a partir da primeira e segunda década do século XX, ao apresentar a ideia de que as diferenças culturais dos seres humanos não podem ser motivo para considerá-los inferiores. Essa concepção recusa-se a aceitar conclusões etnocêntricas e até mesmo racistas, o que colabora muito para uma mudança nos estudos acerca das minorias sociais. É com Boas (1942) que a tradição do trabalho de campo se estabelece e inaugura um novo jeito de fazer pesquisa social – a etnografia. Para esse autor, a maneira mais eficiente acontece ao se manter o contato direto com o grupo a ser estudado. Isso significa que o pesquisador deve estar presente no campo no dia a dia do grupo observado a fim de interpretar cada ação, cada momento vivido pelos sujeitos da pesquisa.

Também Malinowski (1922) é um inovador na forma de coletar dados de campo, para quem a pesquisa etnográfica permite uma proximidade maior entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, que passa a participar diretamente do cotidiano social observado. Esse autor coloca em prática o método da observação participante, quando o cientista coleta dados que por ele são vivenciados, comparados e analisados. Assim, a etnografia influencia as ciências humanas e várias gerações de pesquisadores. Etnografia significa escrever sobre os outros. A palavra se compõe de dois radicais do grupo *ethnoi*, que em grego antigo significa “os outros”, “os não-gregos” e *graphos* que quer dizer “escrita” ou “registro”.

Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental* em 1922, mostra que a descrição etnográfica foi tomada como forma para descrever os meios de vida de um grupo social de forma interpretativa. Seu objetivo é mostrar como as ações dos povos considerados diferentes eram importantes e carregavam uma significação própria, mesmo sem se fazer julgamento.

A etnografia é então um processo em que o senso investigativo do etnógrafo se faz de forma completa. Por isso o uso da técnica e dos procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou determinados anteriormente, mas obedece ao rigor científico. Dessa forma, o etnógrafo baseia-se mais na capacidade de seu olhar, em seu trabalho de campo realizado no contexto social estudado. Para Hammersley; Atkinson (2007, p. 1), “a etnografia é uma das várias abordagens encontradas na área de pesquisa social hoje. [...] A etnografia desempenha um papel complexo e cambiante no emaranhado dinâmico que as ciências sociais se tornaram no século XXI.”¹⁷

¹⁷ Ethnography is one of many approaches that can be found within social research today.[...] ...ethnography plays a complex and shifting role in the dynamic tapestry that the social sciences have become in the twenty-first century.

A pesquisa etnográfica transcorre num processo e parte de algumas questões iniciais, mas, no decorrer das observações, apresenta novas perguntas. É então, com o olhar investigativo, que proponho estudar o letramento em um grupo social marginalizado e, neste capítulo, faço a descrição do processo de coleta de dados no campo, mas, antes, apresento algumas considerações em tópicos inspirados em Duranti (1997, p. 90) que norteiam o olhar do pesquisador para completar as questões feitas inicialmente neste trabalho tais como:

- Quem são os Catadores e como vivem?
- De onde vieram?
- Como teve início o trabalho de catar?
- O que produzem?
- O que os sujeitos sabem, pensam e sentem?
- Qual o contato que têm com o mundo letrado?
- Como se comunicam entre si?
- Como se comunicam com as pessoas fora do grupo?
- De que maneira os Catadores separam e classificam os objetos catados nas ruas?
- Como é dividido o trabalho na Cooperativa, na Associação, no Depósito e no lixão?
- Como se relacionam com a vizinhança e como a vida familiar está organizada?

Dessa forma, o trabalho constante do pesquisador em sua rotina no campo busca respostas para cada uma dessas perguntas ao longo de seu estudo, consciente de que encontrará ideias contraditórias para perguntas jamais respondidas. Por isso, a etnografia permite, na visão de Geertz (1978, p.15), não só que se estabeleçam relações, selecionem informantes, mas também que se transcrevam textos, levantem genealogias e mapeiem campos. Prevê ainda que se mantenham anotações diárias e que se defina qual o tipo de esforço intelectual se pretende desenvolver.

Mesmo assim corre-se o risco de se elaborar uma descrição que pareça pouco densa, ou seja, a dificuldade que de fato “o etnógrafo enfrenta,” na expressão do autor, é a de entrar em campo estranho, de sociedades complexas e diferentes, chegando a parecer contraditórias, irregulares e inexplicitas, como é o caso do grupo de Catadores.

Ao etnógrafo, na sua convivência diária com o grupo, cabe observar, interpretar, descrever e retratar a alma desse ser humano. É a etnografia que permitirá interpretar e descrever o olhar baixo desse sujeito, o cheiro de seu corpo e de suas vestes estragadas pelo trabalho, as quais se confundem com o odor do lixo e da miséria. Isso, sem perder de vista a

beleza desse homem, a grandeza de seu trabalho e a dignidade que o mantém de pé como cidadão e o diferencia dos objetos catados por ele.

Podemos com isso nos remeter a Wittgenstein, (apud Geertz, 1978, p. 23) quando afirma que

Falamos [...] de algumas pessoas que são transparentes para nós. Todavia, é importante no tocante a essa observação que um ser humano possa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não compreendemos o povo (e não por não compreender o que eles falam entre si). Não nos podemos situar entre eles.

É nesse situar entre eles que se encontra um dos grandes méritos da etnografia, quem sabe, o maior. Não é meu objetivo tornar-me catadora ou imitar o jeito deles de ser e/ou de viver a vida. O que desejo é compreender mais do que falar e, para isso é preciso estar entre eles sem ser um deles, mas também me despir do olhar da sociedade e do modelo de cultura e de valores impostos pela sociedade de prestígio.

2.2 MÉTODO E TÉCNICA

Para desenvolver a pesquisa, sirvo-me do método de observação-participante na visão de Schwartz e Schwartz (1955, p. 344) quando afirmam que é

um processo pelo qual mantém-se a presença do observador em uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles em seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, e ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto.¹⁸

Há então uma variável do grau de partilhamento num *continuum* da representação do papel que o observador ocupa na participação da pesquisa. Na visão de Gold (1958, apud CICOUREL, 1980 e DURANTI, 1997) essa gradação pode ser: participante total, participante como observador, observador como participante e observador total.

¹⁸ a process in which the observer's presence in a social situation is maintained for the purpose of scientific investigation. The observer is in a face-to-face relationship with observed, and, by participating with them in their natural life setting, he gathers data. Thus, the observer is part of the context being observed, and he both modifies and is influenced by this context.

O “participante total” insere-se no grupo e não revela sua identidade e seus objetivos; participa das atividades do grupo com naturalidade. O pesquisador que atua na posição de “participante – como observador”, revela seus objetivos e sua identidade e existe uma consciência mútua dos limites de suas relações. “O observador - como participante” tem pouca proximidade com o grupo e usa a estratégia de entrevista formal o que proporciona um contato superficial com o grupo pesquisado. Já no papel de “observador total”, os sujeitos da pesquisa não têm conhecimento de que estão sendo observados.

O meu papel junto ao grupo de Catadores é de participante como observador. Apresentei-me ao grupo, como aluna da Universidade de Brasília e imediatamente algumas Cooperativas e Associações pediram uma declaração da Universidade para anexar aos documentos rotineiros do grupo pesquisado. Expus meus objetivos oralmente e depois por escrito apresentei a declaração que eles solicitaram. Em seguida pedi autorização a eles para realizar a pesquisa. Nos Depósitos e no lixão receberem-me bem sem pedir papel nenhum.

2.2.1 Os Métodos empregados para a coleta de dados

Os métodos empregados para a coleta de dados foram: a observação-participante que é o método básico da pesquisa etnográfica. A partir daí, produzimos as entrevistas e o diário de campo. Mas é preciso ter consciência do limite do envolvimento do pesquisador, mesmo que esteja o mais próxima possível do grupo investigado.

As *entrevistas* não são estruturadas e levam em conta a rotina do Catador que muitas vezes fala comigo enquanto puxa o carrinho pesado nas ruas, trabalha na prensa, separa materiais ou junta papéis. Além disso, por várias vezes, para o que está fazendo para limpar o suor do rosto e fica em silêncio por um longo tempo até retomar os afazeres. Muitas vezes, nesses momentos eles se esquecem de mim e depois preciso reiniciar a conversa que nem sempre é gravada.

Os *instrumentos eletrônicos* são também recursos importantes para a etnografia e fiz gravações, além de documentar eventos como reuniões por meio de fotos. Tudo foi feito após permanência da pesquisadora no grupo e com a devida autorização. Isso para que a distância entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados pudesse ser a mínima possível e, sobretudo, para que houvesse sempre o respeito pelo sujeito que fala ao gravador somente quando quer.

No processo de seleção dos enunciados coletados, atuo com cautela e realizo uma triangulação. Considero, como Bortoni-Ricardo (2008), que a triangulação é um recurso de análise que exige cuidado e trabalho intuitivo, principalmente nos casos em que há uma

grande quantidade de dados. Tomo como parâmetro os dados de naturezas diversas (observação-participante, anotações, gravação, entrevistas, fotos, notas de campo, coleta de material escrito) a fim de buscar clareza no processo comparativo de exame para a confirmação das análises.

Durante todo o tempo de investigação, fiz observações *in loco*, e registrei no *diário de campo*, algumas descrições e narrativas, além de minhas inquietações, minhas perguntas e possíveis respostas relativas ao processo de observação. Nesse momento, é feita uma seleção prévia do que é importante para a pesquisa. Fazer etnografia, então, é descrever a cultura, é ler a alma e os anseios dos pesquisados com olhar respeitoso e com a mente aberta para novas concepções e diferentes crenças.

A seguir coloco minha trajetória no campo de forma detalhada.

2.3 O CAMPO DA PESQUISA: ORGANIZAÇÃO

Inicialmente eu precisava encontrar os Catadores, os Depósitos, as Cooperativas, as Associações e o lixão. Para isso procurei órgãos ligados ao poder público como a Prefeitura, que é responsável por organizar as Cooperativas e Associações, por orientar os Catadores na formação dessas instituições e também na formação do sujeito Catador. É ainda a Prefeitura que leva para cada Cooperativa e Associação o material recolhido pelo caminhão da coleta seletiva, para que esses resíduos sejam preparados para a reciclagem evitando, desta forma, o aumento de lixo que deverá ser levado para o aterro sanitário. A Prefeitura é também responsável por trabalhos sociais com o grupo em questão. Fui prontamente atendida.

Segundo um órgão da Prefeitura, são duas Associações e dez Cooperativas em toda a cidade, cada uma em um ponto estratégico. Os demais são Depósitos, e a Secretaria com a qual entrei em contato não tinha dados concretos de quantos depósitos existem, nem da quantidade de Catadores existentes na grande Goiânia.

O meu ingresso no campo da pesquisa aconteceu em janeiro de 2008 quando procurei os órgãos públicos ligados ao trabalho de reciclagem e em seguida comecei a visitar as Cooperativas e Associações com o objetivo de conhecer cada uma. Durante dois meses, estive em contato com as dez Cooperativas e as duas Associações e levei mais dois meses visitando trinta Depósitos. O contato com todo esse universo se alongou durante seis meses. Durante mais um mês passei a visitar o lixão na adjacência da cidade, pois Goiânia não tem

lixão. O local é distante e eu precisava ficar lá o dia todo. Apresentei-me ao grupo e gravei entrevistas com alguns Catadores, visitei algumas famílias, a escola, a biblioteca. Também no lixão há uma Cooperativa.

Após esse tempo, como já disse algumas vezes, eu compreendi que as ações nos locais pesquisados são parecidas e se por um lado esse universo maior favorece a realização do trabalho pela riqueza de informações, por outro lado foi essa mesma amplitude de opções que dificultou meu trabalho. Foi preciso então delimitar a área onde coletei os dados, Dessa forma, decidi pelos três ambientes finais, ou seja, uma Cooperativa, uma Associação e um Depósito.

Passei a partir daí a frequentar os três ambientes da pesquisa diariamente ao mesmo tempo em que andava pelas ruas acompanhando alguns Catadores até o ano 2011. Registrei entrevistas com os Catadores em suas andanças pelas ruas e também conversei com eles em seu local de trabalho. Durante o tempo, observei a forma como são tratados pelas pessoas a maneira de catar e organizar o material no carrinho. Às vezes julgava que eles não conseguiriam se manter de pé nem tampouco voltar ao Depósito, tamanho o peso do carrinho, mas ao contrário, chegavam sorrindo para os demais companheiros.

Também aos sábados, eu chegava bem cedo ao Depósito, pois é o dia do acerto de contas. Nesse dia pela manhã, todos os Catadores estão presentes no Depósito para receber seus pagamentos, após separar os materiais por espécie e pesá-los. Um por vez o Catador coloca o que catou na balança e o dono do Depósito pesa os objetos e anota à mão em um caderno sujo o peso dos materiais e o quanto deverá pagar ao Catador.

Às treze horas, alguns Catadores se retiram e recomeçam o trabalho de catar a partir daquela hora, numa rotina até o próximo dia de acerto. As entrevistas realizadas com os Catadores ligados aos Depósitos aconteceram a cada sábado enquanto os sujeitos esperavam a vez para pesar o material ou enquanto eu os acompanhava nas ruas. Vale ressaltar que, apesar da pressa, os sujeitos aceitaram participar das gravações com boa vontade.

Cooperativa/Associação

Ao mesmo tempo em que coletava dados junto aos Catadores ligados aos Depósitos e junto às Instituições comprometidas com a reciclagem, observei também a rotina da Cooperativa/Associação. Eu permaneci na Associação/Cooperativa durante todos os dias, da semana e alguns sábados. Coloquei-me como observador-participante e procurei estar presente em praticamente todas as atividades internas e externas do grupo.

A rotina

Na Cooperativa/Associação o dia a dia é árduo. Permaneci nos locais de pesquisa e observei a rotina e o padrão de trabalho de cada grupo. Os horários em que iniciam o trabalho, a forma de realizar as ações e como interagem uns com os outros, como e quando param para comer. Observei que ao meio dia param durante uma hora para o almoço e descansam deitados sobre os materiais. Almoçam todos juntos cada um com o prato na mão, sentando-se separadamente em cima dos materiais. Nesse intervalo, alguns dormem e outros conversam e aproveitei esses momentos, para realizar várias entrevistas e tirar fotos.

O horário do almoço é importante porque é o momento de repor as energias e atualizar as conversas. Às vezes, marcam reuniões e prestam contas de alguma atividade extra, realizada por membros da diretoria. Após essa hora de descanso, retornam ao trabalho e se tudo está dentro do previsto, ou seja, o trabalho está organizado e nada está em atraso, param às dezessete horas, trocam de roupa e vão para casa. Em momentos especiais, quando há muito material, os sujeitos continuam o trabalho noite adentro.

É importante lembrar que, nessa rotina, grande parte dos sujeitos interrompe o trabalho ao longo do dia para examinar um ou outro material que acha importante. Param também para ler manchetes de jornais, avisos; param para olhar figuras coloridas nas revistas e muitos param para ler notícias policiais.

Saídas

Alguns Catadores desempenham a função de fazer contatos com pessoas fora do grupo. Acompanhei esses Catadores aos estabelecimentos comerciais onde conversavam ora com funcionários ora com o proprietário e observava-os enquanto realizavam suas compras/vendas/negociações de materiais. Essa observação se restringia às ações dos líderes dos grupos, como por exemplo, membros da diretoria, mais especificamente, a presidente e o tesoureiro.

Nessas visitas aos estabelecimentos comerciais não foi possível gravar entrevistas, porque as pessoas fora do grupo estudado não autorizaram as gravações. As informações necessárias, porém, foram registradas por meio de observações que logo em seguida anotava no diário de campo. Essas negociações dos Catadores com comerciantes eram pautadas por conversas que também envolvem a leitura e a escrita porque sempre há um preço a ser negociado, um produto a ser oferecido, um contrato de compra e venda que deverá ser lido, um recibo a ser assinado e assim por diante.

Acompanhei também os Catadores em reuniões com autoridades ligadas ao trabalho de reciclagem. Várias vezes os sujeitos se reúnem para discutir projetos, convênios e metodologia de trabalho. Essas reuniões eram coordenadas por pessoas de fora do grupo, mas os Catadores opinam, criticam, questionam, sugerem atividades e solicitam direitos conquistados que não foram respeitados pela outra parte.

Nessas reuniões, os sujeitos da pesquisa sempre têm contato com textos escritos, quer seja um aviso, uma planilha de preços, projetos, orientações técnicas sobre o trabalho de reciclagem. Essas reuniões normalmente duram em torno de três a quatro horas e os Catadores saem nervosos porque nem sempre vêem atendidas as necessidades do grupo. Gostam de reuniões, mas gostariam que fossem diferentes, conforme depoimento: “ *é importante se reuni, né? mais num resorveu a prensa, nós num tem prensa,*” (S.40).

Observei também ações equivocadas por parte de alguns funcionários da Prefeitura ao agredir alguns Catadores prendendo carrinhos, confiscando materiais catados. Presenciei também o poder público, na pessoa de um funcionário, admitir o erro da ação, diante dos Catadores presentes e garantindo que essas ações não voltariam a acontecer. Os sujeitos Catadores presentes ouviram os argumentos atentamente e se posicionaram em favor dos colegas Catadores de rua, conforme depoimento a seguir:

é preciso dizê pá dexá claro pra eles, que a gente num tá do lado do poder público não, tamo do lado deles, queles pode trabalhá, tê o seu direito de ida e vida/ a vida deles são livre ... tão, dá ua vida milho pra eles, eu concordo, o material reciclado é deles tamém, num é só nosso, então eles qué montá um galpão e botá ez pá trabaiá como empregado, isso num pode, ez num tem direito não, ez num pode/ (S.15)

Após o depoimento sobre o ocorrido, os sujeitos pediram que fossem feitas ações educativas e continuaram reivindicando: “ *é prciso ua esco::la, ua vida melhô, se nois que é da associação num temos, eles que vai tê? nós tamo aí nessa luta tantos anos, já [...] um conto de fada mesmo, viu? ua realidade acredito que seja isso,*” (S.20)

Nessa reunião, discutiram ainda sobre uma proposta, mas nada de concreto se resolveu a não ser a promessa de que essas ações violentas não voltariam a ocorrer. Os Catadores continuavam insistindo:

A gente falô pro prefeito que ele ia arranjá briga com os Catadô/ [...] falô que ez ia trabaiá de forma diferente, só que não era dessa forma quele falô pra nós que tá aconteceno/ a pulícia tá atuano cum ignorância cum eles/ bate neles, toma o carrim cheio de material, manda ele embora, meaçã ele, num pode sê isso/ falô pro catadô, pega seu carrim e suma/ senão vô prendê você aGORA/ num é dessa forma, (S.21)

Os dirigentes da prefeitura ouviram os protestos, anotaram e a reunião continuou tensa, mas organizada, pois mais uma vez o poder público admitiu os abusos. Na realidade, as duas partes sabem que não há política pública eficiente voltada para as minorias. A reunião terminou e todos nós saímos com um papel escrito nas mãos, propondo ações emergenciais para melhorar o trabalho nas Cooperativas/Associações.

Particpei ainda de várias outras reuniões externas e sistematicamente presenciei reuniões internas com o grupo em seu local de trabalho. Essas reuniões acontecem a cada quinze dias aos sábados, das nove horas ao meio dia e eu me revezava entre o Depósito, Associação, Cooperativa e os encontros aos sábados na UnB.

A pesquisa na família

Para observar e descrever a rotina nas residências eu visitei cinco famílias. Novamente, para não me perder nos dados, elegi uma família composta por pai, mãe e três crianças sendo que dois filhos frequentam a escola pública. A coleta de dados junto à família foi realizada por meio de observação-participante, de entrevistas gravadas em áudio e de anotações no diário de campo.

O papel de participante-como-observador foi o mais conveniente, já que os sujeitos tinham consciência da minha identidade e dos objetivos a que me propunha. Dessa forma, pude me aproximar das pessoas e até participar das atividades comunicativas em que elas se envolviam.

A tarefa, portanto, de ser participante-como-observador no contexto da família não é fácil e por várias vezes me perguntava o que observar, como observar e como participar. Coloquei-me então de prontidão e passei a frequentar a casa todas as tardes no momento em que chegavam do trabalho. Inicialmente, observei a casa simples e pequena com fotos na parede suja. Procurei algum tipo de relação que as pessoas ali residentes pudessem ter com a escrita e logo percebi os cadernos e livros das crianças esparramados sobre a cama, sinal de que tinham sido manuseados.

O contato com os sujeitos foi estabelecido naturalmente em clima de informalidade e eu fazia perguntas sobre tópicos que considerava importantes para a pesquisa. Nesse momento precisava obter informações que pudessem resgatar o conhecimento sociocultural daqueles sujeitos com o objetivo de compreender a sua relação histórica com a escrita.

A dona da casa chegava às 17h30 mais ou menos e logo organizava a casa, colocando as coisas no lugar. Tomava banho, amamentava a criança menor, arrumava o jantar e no início da noite nos sentávamos na porta da casa para conversar e gravar algumas entrevistas. Nessas

ocasiões as entrevistas eram mais ou menos estruturadas, mas não podiam ser demoradas, porque a Catadora sempre estava muito cansada.

Falávamos de tudo e logo percebi que o envolvimento dos pais com as atividades escolares dos filhos era mínimo, mesmo porque têm pouco domínio de leitura e escrita. Os pais estavam sempre preocupados com a realização das atividades das crianças e um deles dizia sempre: *é a escola que precisa ensinar, nós não tem condição, mais nós que qui nossos filho aprende, que seja alguém/ um deles é danado, mas já disse pá diretora que pode castigá, já viu como é minino' né?* (S.24)

Isso demonstra confiança na escola. A responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dos filhos quanto ao aprendizado é da escola, segundo o sujeito da pesquisa. Após nossas conversas, eu me retirava tentando recuperar na memória o que vivenciara durante os encontros. As anotações dos dados objetivavam as metas do estudo detalhadas nas perguntas de pesquisa e configuradas nas discussões que faço nos próximos capítulos.

É importante dizer que acompanhei e participei de vários eventos como oração em grupo, celebrações dos festejos de Natal, votação de diretoria, posse da diretoria, catação nas ruas, reuniões com várias entidades parceiras e participei, sobretudo, da rotina no local de trabalho.

Diante disso o processo de coleta de dados me autoriza a afirmar que a estratégia mais produtiva nesse sentido foi a observação direta dos sujeitos nos seus afazeres diários. Observei também que eu não podia me alongar nas entrevistas porque os sujeitos estavam sempre muito cansados, embora sempre dispostos a colaborar.

A seguir falo na organização dos sujeitos para, no final do capítulo, sistematizar os dados.

2.3.1 As organizações

Os Catadores, hoje, trabalham em pelo menos quatro tipos de frentes: As Associações as Cooperativas, o Depósito e o Lixão.

As *Associações* são organizações estatutárias que unem interessados em trabalhar na reciclagem. O número de Catadores é flutuante entre dezoito a vinte integrantes. Sua atividade consiste em receber material reciclável recolhido pela Prefeitura e preparar para o comércio da reciclagem. Em Goiânia temos duas Associações de Catadores: a Associação de Materiais Recicláveis “AB” com vinte e um associados e a Associação de Catadores de

Materiais Recicláveis “AP” com quinze associados. Os nomes foram substituídos por Letras por motivos éticos.

As *Cooperativas* são organizações que agregam um determinado grupo de cooperados que recebem em seu local o material reciclado recolhido pela Prefeitura e procede à separação e comercialização dos produtos. Essas Cooperativas são regidas por uma Legislação específica, a Lei Federal 5.764 de 16 de dezembro de 1971, que as define como “*uma associação independente de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais em comum através de uma organização com força de pessoa jurídica, para buscar o preço justo para seus produtos*”. ([http://hotelimjuridico.com.br/doutrina \(texto-asp?id=1182\)](http://hotelimjuridico.com.br/doutrina (texto-asp?id=1182))). (acessado em 12 de maio de 2010).

Em Goiânia, temos dez Cooperativas com 22 integrantes cada uma.

O *Lixão* como o próprio nome anuncia é o local mais insalubre de todos os visitados. A forma de organização é do tipo cooperativista e aí são descarregadas diariamente muitas toneladas de dejetos. Devido a muitas dificuldades, a visita a esse local se deu por dois meses apenas.

Além dessas organizações que trabalham com material reciclado, temos os *Depósitos*. Esses Depósitos são geridos por comerciantes intermediários dos materiais recicláveis. Essas empresas estabelecem o preço de compra de acordo com o mercado, são denominadas “empresas aparistas” e recebem o material dos Catadores de rua autônomos. Os Catadores não ficam no local o dia todo, e para falar com eles, preciso chegar por volta das 6h da manhã ou andar com eles nas ruas enquanto catam. Tenho feito as duas coisas. Há uma grande quantidade de Depósitos em Goiânia, fiz visitas a trinta, mas optei por observar de perto apenas um Depósito, pois o funcionamento é muito parecido em todos eles.

Para fins de aceitação da pesquisa, as Associações e as Cooperativas exigiram documentação comprobatória da pesquisa, o que foi providenciado, mas os Depósitos apenas aceitaram a observação sem fazer essa exigência, bastou a aceitação por parte do dono do Depósito.

As estratégias mais comuns no trabalho de campo foram:

- Visitas às Cooperativas, Associações, Depósitos e lixão.
- Conversas informais com os sujeitos da pesquisa.
- Observação-participante em reuniões e eventos sociais com os Catadores.
- Conversas informais com os donos de depósitos.

- Entrevistas com os sujeitos da pesquisa.
- Observação-participante acompanhando alguns Catadores no dia a dia de catação nas ruas de Goiânia.
- Observação-participante nos momentos de negociação dos objetos catados e na hora da realização do pagamento.
- Observação-participante na escrita de atas, relatórios, cartas e ofícios.
- Observação-participante na arrumação da casa, na lavagem de roupas e banho das crianças.
- Observação-participante em idas aos postos de saúde, aos *shoppings* e feiras.
- Conversas informais com visitantes e estudantes que “passam” pelas Cooperativas.

2.3.2 Mais algumas questões

Para realizar o trabalho com os Catadores e responder às questões motivadoras colocadas no início, sigo uma perspectiva etnográfica com a proposta teórica dos estudos do Letramento Social. À medida que o trabalho progride, elaboro perguntas mais específicas voltadas para dinâmica do trabalho de campo, que possam balizar este trabalho.

- O que fazem os Catadores de Materiais Recicláveis quando encontram, no lixo, um texto escrito?
- Como se dá o letramento nos grupos organizados em Depósitos, Associação, Cooperativas e no lixão?
- Que importância tem a escrita para os Catadores?
- Quais práticas sociais determinam habilidades associadas ao letramento?
- Como se organizam os eventos tais como reuniões, festas, orações? Quais eventos são mais comuns?
- Qual o comportamento dos sujeitos pesquisados ao participarem de eventos com pessoas fora do grupo, isto é, com autoridades e/ou pessoas da sociedade de prestígio?
- Quem faz o quê na rotina diária dos Catadores?
- Que tipo de escrita existe no grupo de Catadores: bilhetes, atas, relatórios, planilhas, listas de preços?

Estas perguntas foram responsáveis pela complementação das interrogações anteriores e são norteadoras do caminho percorrido no fazer etnográfico, na tentativa de responder às perguntas de pesquisa.

De posse dos endereços das Cooperativas e Associações, imediatamente marquei uma visita pelo telefone com a presidente da Associação que faz parte da pesquisa. No dia e horário previamente determinados pela presidente, dirigi-me à Associação. Apresentei-me a ela e falei imediatamente sobre meus objetivos de pesquisa, quem sou eu, e a importância desse trabalho.

Após a apresentação do documento comprobatório da UnB, a presidente apresentou-me aos demais associados e, desde então, passei a frequentar e observar a rotina diária dos Catadores na Associação. Em seguida entrei em contato com as demais Cooperativas, Associações e Depósitos.

2.4 O CONTEXTO MAIOR: GOIÂNIA

Para maior compreensão do estudo proposto é importante apresentar alguns pontos a respeito do contexto em que vivem os Catadores. A pesquisa foi realizada na capital de Goiás, Goiânia, segunda cidade mais populosa do Centro Oeste do Brasil (América do Sul). A cidade está localizada em território do antigo município de Campinas.

De acordo com dados de IBGE (Instituto Brasileiro de Pesquisa) a divisão territorial da cidade, datada de 2003, divide o município em dois Distritos: Goiânia e Vila Rica, assim permanecendo em divisão territorial, datada de 2007. Goiânia foi fundada em 24 de outubro de 1933 e tem uma população de 1.301.892 habitantes pelo Censo IBGE 2010, ocupando uma área de 733,000 km² e conta com densidade demográfica de 1.757,9 habitantes por km², com altitude em metros de 749.

Ainda segundo o IBGE o Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 19.457,328,000 (2008), com Renda per capita de R\$ 15.376,50.00 (2008) tendo como Atividades Econômicas principais o comércio, serviços públicos, agropecuária e indústria, com Índice de desenvolvimento Humano (IDH) de 0,832 (PNVD – 2000), com uma taxa de alfabetização de 95,21% (ano 2000). Temperatura média anual de 22 graus C, com clima tropical semi-úmido.

O índice de Gini da distribuição do rendimento mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento por sexo, (total 2006) variável do índice é de 0,511 em 2006,

segundo ainda o IBGE - pesquisa nacional por amostra de domicílio. Nota: O Índice de Gini é uma medida do grau de concentração de uma distribuição, cujo valor varia de 0 a perfeita igualdade – de 1 –a desigualdades máxima. A tabela 403 indica que o Índice de Guine.da distribuição do rendimento mensal dos domicílios particulares permanentes, com rendimento (2005) tem variável =0,537.

www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipio/2004_2008/tabelas/PDF/tab01.pdf. consultado em 8-2-11-14h30.

Goiânia é arborizada, é acolhedora e os residentes que não nasceram na cidade chegam das diversas regiões do país. Desse total, muitos migrantes vêm para a cidade por várias razões, como para aprimorar a formação acadêmica, buscar melhores condições de trabalho ou fugir de situações de precariedade, fome e desemprego.

A cidade é limpa e tem ruas largas e movimentadas. Possui hospitais, Universidades, Igrejas, parques, feiras, Escolas Públicas e Particulares e muitas lojas e comércio que produzem infinidades de materiais descartáveis e muito lixo.

Segundo informações fornecidas pela Prefeitura, a cidade foi planejada em 1935 para ter forma de um leque. O plano central foi arquitetado tendo como centro uma praça - Praça Cívica -, de onde saem avenidas radiais em todas as direções. Em 2011, Goiânia é uma metrópole que engloba várias pequenas cidades limítrofes, pois, com o progresso e com o crescimento desordenado, foram ampliando as pontas desse leque em grandes periferias, que são as regiões mais carentes e abandonadas da cidade. Nessas regiões empobrecidas e esquecidas pelos governantes, encontram-se os sujeitos da minha pesquisa.

Como toda cidade grande, a produção de lixo é incontrolável. Só nos anos 1940, houve iniciativas de coleta de lixo organizada por parte da Prefeitura da cidade. Ocorreu uma precariedade dessa coleta nas décadas posteriores e isso levou à fundação da COMURG - Companhia de Urbanização de Goiânia que foi criada pela Lei Municipal número 4.915 de 21 de outubro de 1974, mas só começou a funcionar efetivamente em 1979. Hoje seu trabalho abrange a coleta de resíduos sólidos (domiciliares, públicos e de entulho), além de promover programa e ações de uma moderna coleta seletiva.

2.5 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA CATAÇÃO

Desde que existe lixo amontoado ou que ocorre a formação de lixões nas periferias, as populações mais carentes acorrem em busca de alimento, vestuário e outros objetos. Com o desenvolvimento industrial o aumento da densidade demográfica, no século XX, ocorreu um superdimensionamento da quantidade de lixo. O consumo em ascensão constante vem contribuindo para o esgotamento das reservas naturais. Isso provocou um incentivo do aproveitamento de certos resíduos coletados no lixo. Essa preocupação ambiental promoveu o aparecimento de indústrias de reciclagem de papel, vidro, ferro, alumínio, plástico e outros produtos. O sistema de reciclagem vem abrindo oportunidade para novos campos de comércio de produtos sólidos descartados.

Segundo a Cartilha de Formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (2005), a atividade de reciclagem no Brasil iniciou-se há cerca de cem anos quando as fábricas de papel passaram a reutilizar papéis descartados. Com isso a coleta passou a ser atividade exercida como subemprego.

Desse modo, os sujeitos se dedicavam inicialmente ao recolhimento de papel e depois ampliaram para outros materiais como plástico, papel e/ou papelão, metais, vidro e materiais rejeitados, cada um com códigos específicos etc. A catação de materiais descartados alia a imagem desses sujeitos à concepção de lixo, com toda a imundície e degradação associadas a esse campo semântico. Por isso são socialmente vistos como uma classe marginalizada sem valores morais e sem respeito a qualquer tipo de regras.

No entanto, a vida desses sujeitos os leva às condições precárias, não só de trabalho, mas também de moradia, higiene e alimentação. Vale retomar Geertz, (1978, p.15) quando afirma que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” assumindo a cultura como sendo essas teias. Ainda na visão desse autor quando afirma (pág. 11) que “aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo (...) as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros”.

São as formas de saber que levam o homem a se organizar como cidadão. E como tal, os Catadores procuram sair dos lixões e se organizam em Associações e Cooperativas. Deixam de catar nas ruas para recolher materiais reaproveitáveis nas empresas. Fazem isso cumprindo o ciclo da Cadeia Produtiva conforme a figura:

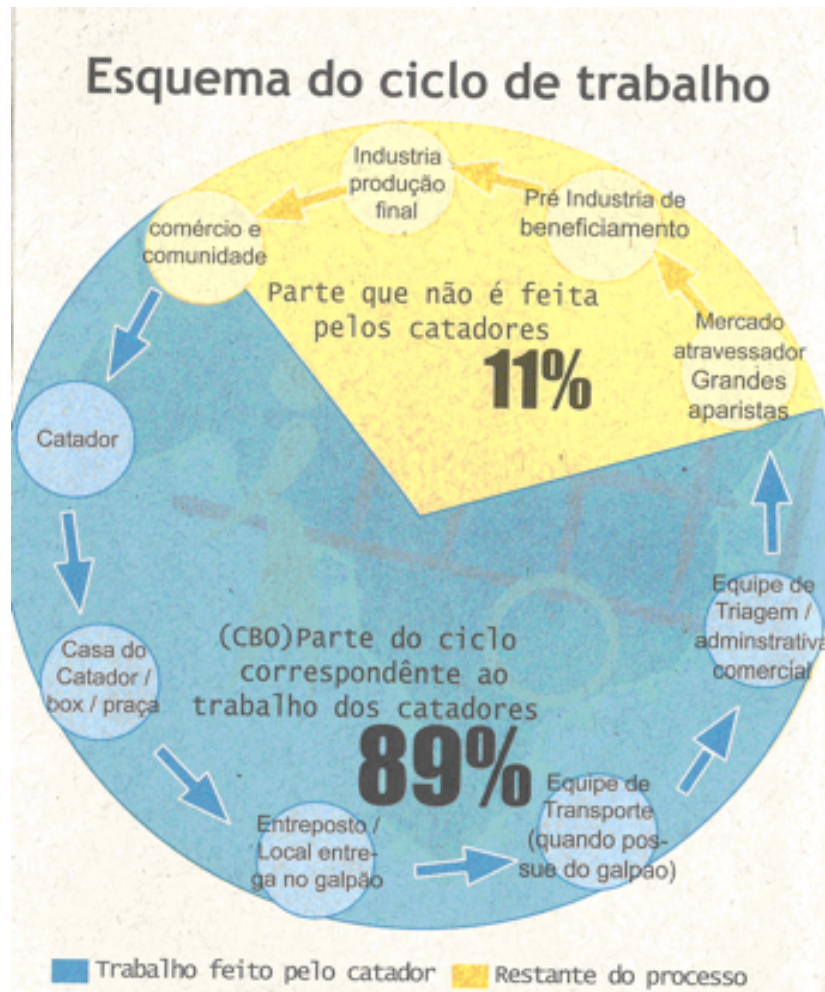


Figura 2.1 Cartilha do Movimento Nacional dos Catadores p.52

Como podemos observar na figura acima, as indústrias não destinam corretamente o material produzido, acumulam o lucro, enquanto o Catador cata, separa os materiais, ensaca, prensa, pesa, auxilia na carga, descarrega, confere, busca o material, vende para a reciclagem. Segundo ainda a figura, é o Catador quem faz a maior parte do processo de reciclagem, e é o que menos recebe pelo trabalho. Lembro ainda que as indústrias produzem uma grande quantidade de materiais e normalmente não se responsabilizam pelas embalagens e resíduos por ela produzidos e são descartados nas ruas.

O Catador recolhe e separa o material seco e orgânico, entrega nos Depósitos que comercializa e lucra com o material catado, ou participa de Cooperativas e Associação onde dividem o que foi comercializado. Ali se organizam, segundo a Cartilha do Movimento (p. 16) da seguinte forma: comissão nacional, equipes de articulação nacional, comissão regional, coordenações estaduais, comitês regionais e base orgânica, conforme figura a seguir:

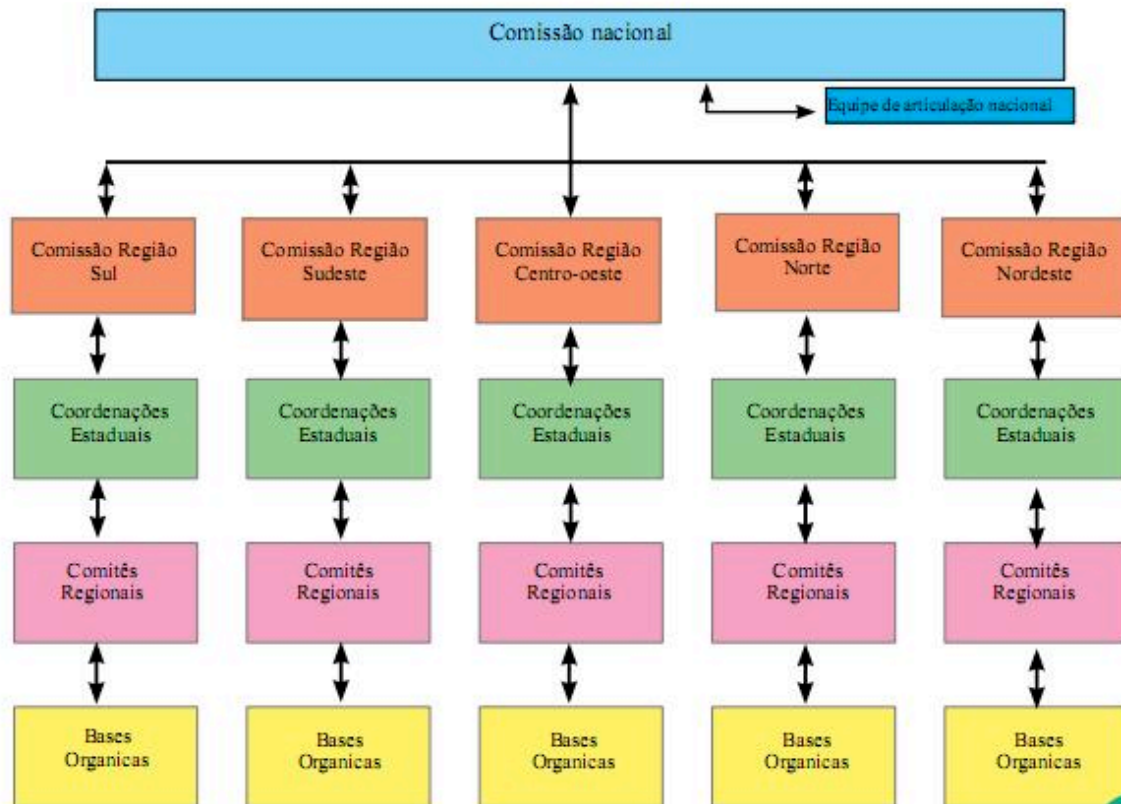


Figura 2.2 Cartilha do Movimento Nacional dos Catadores, p.17

A organização nos apresenta uma estrutura formada hierarquicamente para os Catadores que atuam nas Cooperativas e nas Associações, onde procuram se organizar como categoria para sair do jugo dos donos de depósitos. Na sequência, descrevo como se organizam em Cooperativas, Associações, Depósitos e lixão.

A Cartilha do Movimento (p. 21) apresenta as características que diferenciam uma Cooperativa de uma Associação. Segundo a Cartilha, a Associação é uma sociedade civil sem fins lucrativos e seu objetivo é prestar serviços de interesse econômico, técnico, legal, cultural e político de seus associados. Tem como amparo legal a Constituição Federal (artigo 5º.) Código Civil e pode ser formada com duas pessoas físicas ou mais.

A Cooperativa é também uma sociedade civil sem fins lucrativos (LTDA) com o objetivo de prestar serviço de interesse econômico e social aos cooperados, viabilizando e desenvolvendo sua atividade produtiva. É respaldada pela Constituição Federal (artigo 5º.) Código Civil – Lei 5.764/71 e para ser formada precisa de no mínimo vinte e duas pessoas físicas.

Segundo um Catador, o que diferencia a Cooperativa do Depósito é:

tem diferença/ tem, porque a associação e a cooperativa, ele tá trabaiano pra ele, num tem eu, fulano, a que as veiz diz ah, isso é assunto do fulano, ah, não, é nós aqui, todos nois, trabalhamo pra si/ então cada um é seu patrão, que num tem patrão, ninguém manda, aliais, é ua administração, tem

regras, e o depósito é completamente diferente/ ele tem que trabalhará po dono do depósito/

2.6 AS COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES: ASPECTO FÍSICO E FUNCIONAMENTO

A formação das Cooperativas é o resultado de discussões que acontecem entre os Catadores que ainda trabalham nas ruas e participam dos Depósitos. Parar de vender a um intermediário é uma forma de resistir aos desmandos dos donos dos Depósitos e também uma forma de se organizarem.

As Cooperativas devem seguir os princípios cooperativistas, que é o conjunto de reconhecimento e normas de valores que sugerem conceitos éticos e morais desse tipo de sociedade. Para que as Cooperativas sejam formadas, é preciso que se unam vinte e dois Catadores. Após várias discussões, fazem uma assembléia para elaborar o estatuto social e o registro da documentação na Junta Comercial do Estado e da Cooperativa.

As Cooperativas de Catadores em Goiânia são organizadas após as discussões entre os participantes e contam com o apoio de organizações não governamentais, apoio da Prefeitura Municipal e a orientação do Movimento Nacional dos Catadores. Fazem parcerias com a Prefeitura e assinam contratos. A Prefeitura dá apoio técnico, como orientação, pagamento de aluguel do local de trabalho, a prensa, a balança e cestas básicas para as Cooperativas e Associações. Recebem ainda os materiais dispensados pela sociedade, trazidos pelo caminhão da coleta seletiva. Em contrapartida, os Catadores separam, prensam, comercializam.

Algumas Cooperativas seguem os princípios e objetivos do Movimento Nacional dos Catadores que propõe a auto-gestão e organização, a democracia direta, a ação direta, independência de classe, apoio mútuo e solidariedade de classe. Segundo os sujeitos, ao seguirem esses princípios estão-se tornando livres e trabalham para se auto sustentar.

As Cooperativas são dez e todas se organizam, tendo como base o estatuto social e regras de funcionamento, tais como: os cooperados não podem ter passagem pela polícia, não podem beber em serviço, não podem pedir nas ruas, entre outros e precisam cultivar valores como ética, dignidade, responsabilidade, confiança, combate aos desvios. Quando chega um Catador que não faz parte do grupo e demonstra interesse para ingressar na Cooperativa e/ou Associação, ele passa por um período de observação e de experiência. Essas normas garantem respeitabilidade para o convívio no contexto social em que os Catadores estão inseridos.

Os preços pagos são também estabelecidos pelo cartel. O funcionamento ocorre em sistema de rodízio das diversas funções que precisam ser desenvolvidas. A comercialização do material deve custear as despesas de funcionamento, e a arrecadação é dividida conforme a produtividade de cada trabalhador.

O material reciclável vem para as Cooperativas e Associações através da Coleta Seletiva feita pela prefeitura de Goiânia por um caminhão especial e por meio de convênios e negociações com várias empresas. Além disso, alguns Associados e Cooperados acompanham os caminhões da prefeitura durante a coleta de lixo na cidade para fazer uma seleção prévia dos produtos descartáveis.

Algumas Cooperativas têm um escritório com mesa, cadeiras, pastas com documentos escritos, computador, internet e telefone. No pátio ou balcão ficam a prensa e a balança.



Figura 2.3 Prensa



Figura 2.4 Balança

O local é varrido diariamente, sempre com o cuidado de manter esse espaço limpo. Os materiais recicláveis são organizados por categoria, cada um em seu lugar, como por exemplo: um espaço para as garrafas, outro para os papéis brancos, outro para o papelão e assim por diante.

A armazenagem obedece a uma separação dos objetos conforme o material, embora à primeira vista, pareça um amontoado disforme. O funcionamento exige a prensagem dos objetos para economizar espaço e para viabilizar a comercialização.



Figura 2.5 Material separado



Figura 2.6 Material prensado

Normalmente não há uma coleta individual nas ruas, mas a retirada do produto em locais previamente agendados por meio de contratos e/ou convênios. Os associados e cooperados atuam uniformizados, usam botas, luvas, protetor de boca, entre outros. Além das parcerias com as empresas, os associados e cooperados realizam trabalho educativo por meio de palestras sobre educação ambiental e reciclagem.

As Cooperativas, Associações e Depósitos estão espalhados por toda a cidade. Uma com mais facilidade de acesso do que outras, mas todas em locais estratégicos, de modo que facilitam-se as entregas feitas pela coleta seletiva. Além disso, podem cobrir a cidade com trabalhos de orientação e educação ambiental aos moradores próximos às Cooperativas e Associações conforme figura a seguir:

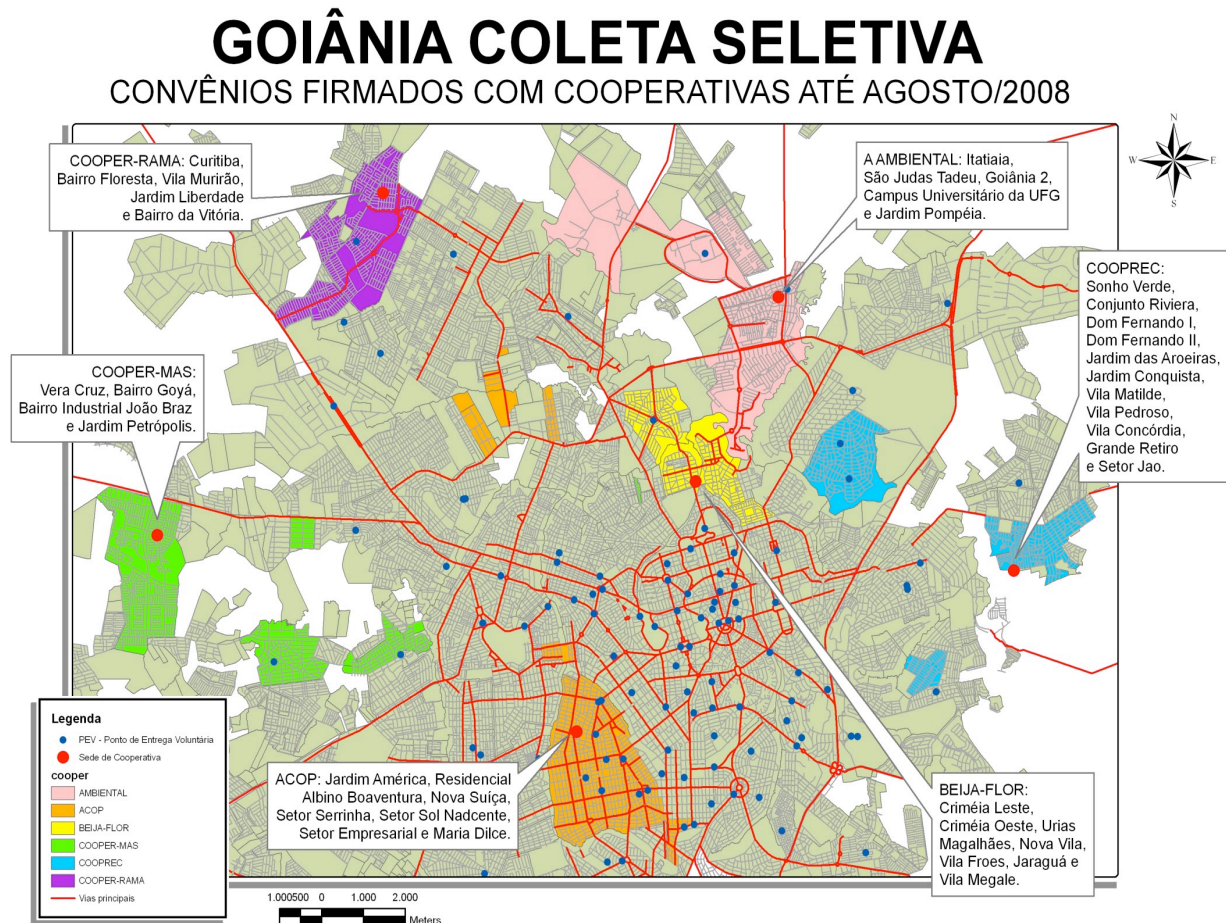


Figura 2.7 Projeto Cooperar Moradia e Cidadania

As Cooperativas e Associações ocupam uma área alugada, um espaço pequeno, e, com isso, os sujeitos muitas vezes se misturam com o material reciclável trazido pelo caminhão da prefeitura. A primeira sensação que se tem ao chegar nesses lugares é assustadora. Imagina-se um local em que reina a desordem, mas com o passar do tempo, é possível compreender a organização de cada Cooperativa e de cada Associação em seu dia a dia.

Para que tenham um bom funcionamento e tudo seja organizado, cumprem o estatuto e elege-se, a cada ano, com voto secreto ou por aclamação, uma diretoria composta por presidente, secretário, tesoureiro, entre outros e cada um tem um papel importante a desempenhar dentro da Cooperativa e da Associação. A direção da Cooperativa/Associação

cumpra os mesmos princípios e deveres que os demais associados. O papel da diretoria é de organizar a parte burocrática e política da Cooperativa, participar de reuniões dentro e fora do local de trabalho, bem como organizar a formação dos Catadores, entre outras funções.

Os documentos escritos que circulam nas Cooperativas e Associações serão descritos com detalhes mais adiante, mas, desde já, pode-se dizer que, além da Cartilha do Movimento, têm escritos o regulamento, as atas, os ofícios, os bilhetes, prestação de contas, entre outros. Esses documentos são colocados em pastas previamente organizadas e de fácil acesso a todos os cooperados e associados.

Os Catadores na Cooperativa/Associação realizam reuniões que acontecem ora semana ou quinzenalmente e, muitas vezes, em caráter extraordinário, dependendo da necessidade do grupo. Os sujeitos participam também de reuniões em empresas particulares e com autoridades ligadas ao poder público municipal que tratam de assuntos referentes ao trabalho de reciclagem.

Nessas reuniões, os associados têm contato com textos escritos e participam de forma ativa das discussões. Demonstrem boa fluência verbal. Falam com clareza sobre vários pontos, principalmente aqueles ligados ao meio ambiente. Questionam, concordam e discordam de algumas discussões, pedem explicações sobre o que não entendem. Colocam-se a serviço do poder público e da sociedade no que se refere à proposta de melhoria do meio ambiente.

2.7 DEPÓSITOS: ASPECTO FÍSICO E FUNCIONAMENTO

Os Depósitos na verdade são empresas particulares denominadas aparistas e estão localizados em pontos estratégicos por toda a cidade e não se sabe ao certo quantos são. Pertencem a um pequeno empresário que normalmente nunca foi Catador, mas se dedica à organização e ao funcionamento da empresa.

São locais pequenos e também têm prensa e balança, usadas pelo proprietário do Depósito. Têm um escritório com mesa, cadeiras, telefone, e os Catadores não têm acesso a esse local. Não há lugar para fazer comida e a maioria dos Depósitos não têm banheiro nem água pra beber.

As relações sociais são estritamente ligadas à comercialização dos produtos catados. Não há estatutos, nem normas de funcionamento. Nem tampouco fazem reuniões. Nos

Depósitos entra quem quer, na hora que quer e da mesma forma podem sair. As regras de funcionamento são estabelecidas unilateralmente, por parte do dono, que também aluga cômodos parecidos com cortiço, para os Catadores morarem e/ou passarem a noite.

Os Depósitos são abertos bem cedo pelo proprietário ou por um Catador da sua confiança. Os Catadores que não dormem nos Depósitos chegam aos poucos, bem cedo, e cada um pega o carrinho que também pertence ao Depósito e saem às ruas para catar individualmente.

Ao final do dia, chegam com o carrinho cheio e deixam o material catado em lugar previamente estabelecido e ninguém toca no material do companheiro. No sábado tudo é pesado e o Catador recebe o que lhe compete em dinheiro, mas o repasse e a venda do material às empresas recicladoras é que dá lucro ao dono do depósito.

Nos Depósitos, não existem documentos ou regras escritas como nas Cooperativas e Associações. Existe sim, muita droga, bebida e alguns cometem delitos. Os sujeitos sabem o que e como pesar e separam os materiais como pet, balde bacia, garrafas, etc, conforme a lista de preços afixada em uma parede do escritório, com o preço de cada espécie. Quem controla essa pesagem é o proprietário do depósito que anota tudo à mão em um caderno pessoal e paga ao Catador no final do dia e/ou no sábado pela manhã.

A interação entre o dono do depósito e os Catadores é superficial. Diria até que ninguém se preocupa com ninguém e há desconfiança mútua entre o proprietário e os Catadores. Os Catadores sabem que a pesagem de seu material não é fiel, conforme depoimento: (S.30) /.../ *ah, quando ez pesa certo, roba na conta, quando paga certo, roba no peso, intão fica esse jogo, né? um ... um ... empurra empurra/ /.../* e o dono do depósito sabe que os Catadores usam o seu carrinho, mas que ao longo do dia vendem o material catado a um outro depósito que paga melhor o objeto catado.

2.8 O LIXÃO: ASPECTO FÍSICO E O FUNCIONAMENTO

O lixão está localizado ao sul da Capital em um setor chamado Vale do Sol na adjacência de Goiânia e ocupa 100 hectares. As lagoas de tratamento de afluentes do aterro localizam-se em um nível de mais ou menos 50 metros acima do nível do córrego Santo Antônio e em uma distância de 100 metros.

É chamado de lixão devido à descarga do lixo sobre o solo sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública. É igual à descarga de resíduos a céu aberto sem considerar a área em que está sendo feita a descarga, o escoamento de líquidos formados que podem contaminar as águas superficiais e subterrâneas, a liberação de gases e líquidos orgânicos de cor preta, mal cheiroso e de elevado potencial poluidor contido no lixão - o chorume. Há também a possibilidade de criação de porcos e galinhas, entre outros nas proximidades do lixão ou no próprio lixão.

A chegada ao lixão é indicada pela presença de urubus e de moscas que se armam como um exército e também pelo cheiro forte indescritível dos restos jogados fora. À direita de quem chega há uma empresa de reciclagem particular. Em seguida, mais à frente, sempre à direita, um lote grande, com uma casa simples e muitas mangueiras bonitas com folhas de um verde escuro e firme.

Sob as mangueiras está a Cooperativa de Reciclagem de Lixo fundada pelos Catadores que vivem em volta do lixão, como são chamados pela sociedade. O local é grande. O chão é de terra batida que se mistura à água parada e ao esgoto a céu aberto. Mesmo assim há o cuidado de varrer o local.

Ao lado de uma casa, há um pequeno lugar coberto onde se guarda o papel branco. Junto a casa, ainda, há um pequeno escritório com mesa e cadeiras, sobre a mesa há papéis e calculadora. Bem ao centro do terreno, se avista um presídio e mais ao longe há o prado, com um verde que se confunde com o azul do firmamento, de modo que não se sabe onde termina a terra nem onde começa o céu.

No mesmo local, apenas virando o corpo para outro lado, há uma horta com alface, couve e tomates plantados com cuidado e cercado com tela especial, adubado e regado com frequência, como parte da organização dos sujeitos Catadores. Virando mais um pouco o corpo e o olhar, bem ao meio do local, estão os materiais catados no lixão.

Os objetos estão espalhados pelo chão e em sacos brancos muito sujos, separados por espécie. Plástico, garrafas, balde, vidro, entre outros, tudo muito organizado. Bem junto a todo o material, estão os sujeitos colaboradores da pesquisa que, ao todo, são vinte e dois cooperados entre homens e mulheres. Chamou-me a atenção a beleza natural dessas pessoas que não usam nenhum adorno. Os cabelos estão despenteados, soltos ao vento. As vestes são simples e ao longo do dia ficam muito sujas.

As conversas são animadas e enquanto separam os materiais, ignoram as moscas e o odor fétido que se espalha por todo o local. Separam tudo rapidamente, incansavelmente. Usam luvas e demonstram coleguismo uns com os outros. Os sujeitos da pesquisa não

pediram papel para que eu me identificasse. Apenas me receberam com um sorriso tranquilo e natural. Penso que essa recepção é o invisível a que se refere Malinowski (1978).

O local não tem prensa nem balança. O material separado é colocado em sacos e vendido sem ser prensado, o que lhes causa prejuízo. A Cooperativa se organiza pelos princípios do cooperativismo e tem estatuto e normas a cumprir. Há uma diretoria eleita composta por presidente, tesoureiro, secretário, entre outros. São, também, ligados ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Ali, alguns Catadores têm noções básicas de leitura e escrita.

Tudo na Cooperativa é dividido. O ganho em moeda, a comida que é feita no próprio local com a contribuição de todos, e digerida na Cooperativa. Após o almoço, os Catadores sentam-se um pouco e depois voltam ao trabalho de separar. Trabalham de sete às dezessete horas quando então se dirigem ao lixão para catar até muito tarde da noite, para, no dia seguinte, separar o que foi catado.

As reuniões semanais são feitas fora da Cooperativa, em um órgão da prefeitura da cidade, de forma que só a diretoria da Cooperativa participa e depois repassa as informações para os demais participantes.

Mais adiante, a uns 500 metros da Cooperativa, chega-se ao local onde vivem os cooperados e suas famílias. As ruas são de terra vermelha e logo à direita de quem chega estão os pequenos casebres, uns de madeira, outros de papelão e outros ainda de lona, todos com telhas eternite. São oitenta famílias que vivem ao lado do lixão, misturadas aos porcos, aos urubus e as moscas. As famílias são numerosas e, segundo um sujeito Catador, “tem menino ao lado do vento”.

Ao lado de um matagal verde, no final da rua principal do bairro, há uma casinha e a natureza. Dentro da casinha há uma sala destinada a uma biblioteca com muitos livros, uns catados no lixão pelos Catadores, outros são resultado de doações de entidades parceiras. Na sala de entrada, há uma sala usada pelos Catadores todas as quartas-feiras à noite quando então às vezes têm aulas com um professor que não faz parte da comunidade. Também discutem questões de interesse da Cooperativa.

No outro extremo da biblioteca encontra-se o lixão, cercado por muros altos e constantemente vigiado por uma empresa contratada pela Prefeitura local para impedir os sujeitos de entrarem no lixão, pois a Prefeitura passa pelo processo de transformar o lixão em aterro sanitário. Os muros, porém, não impedem que se vejam os urubus, as moscas e nem de sentir o odor forte dos dejetos.

2.9 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os Catadores são sujeitos invisíveis e, quando não, são mal vistos por grande parte da sociedade que os chama de intrusos, marginais, desocupados e de responsáveis pela desordem no trânsito, conforme depoimento a seguir: *nóis num pode sê disiducado com o povo, mais nóis precisa andá na rua/ tem gente que grita VAI TRABAIAÁ, VAGABUNDO, fala palavrão, e diz que nóis trapaia o trânsito, mais nóis precisa trabaiaá, num é? é difícil/ mais tem gente que nem vê nóis/ [...] nóis é invisívi, (S.70)*

A primeira aproximação ao mundo dos Catadores causa estranheza e espanto, em razão do tamanho abandono. A aparência física é frágil, quase suave. Aos poucos eles vão se revelando pessoas extremamente bonitas, mesmo trazendo os cabelos quase sempre desalinhados, as vestes sujas, os pés descalços, ou amparados por uma sandália de dedo suja e velha.

O rosto é magro, cansado e queimado pelo sol. A pele é seca. Uns têm olhos negros. Outros castanhos e outros olhos claros. O olhar é profundo e triste. A boca murcha pela falta de dentes, não impede que se nos apresente um sorriso bonito e iluminado ao nos receber. As mãos calejadas, grossas com unhas estragadas e sempre sujas e mal cortadas; os pés rachados e com unhas também estragadas e sujas.

À primeira vista, eles nos passam a impressão de que são pessoas que não participam da sociedade, são de pouca conversa e até de pessoas que não merecem nossa confiança. Com a convivência, descobrimos que são trabalhadores sérios, cumprem suas funções com eficiência e têm consciência de seu papel como Catador e como agente ambiental. É assim que se denominam e é assim que se sentem como cidadãos, como afirma o S. 20 “*quando fala ’ssim, ah, é catadô de lixo, não souo catadô de lixo, somos agentes ambientais, trabalhamos pra contribuí com o meio ambiente/ e a sociedade ainda num vê isso,*”

Os Catadores chegam à cidade grande vindos de todas as regiões à procura de melhores condições de vida para a família e para si; no entanto, são devorados pelo desemprego, pela falta de leitura e escrita. São homens e mulheres de várias idades. Os homens sentem-se no dever de sustentar a família e, normalmente, não querem que os filhos sejam Catadores, pela natureza pesada do trabalho de catar. Colocam, então, os filhos na escola e dessa escola esperam muito. Os homens usam roupas simples, uns usam relógio e nenhum ornamento a mais.

As mulheres chegam às Cooperativas bem vestidas, usam ornamentos como pulseiras, colares e brincos combinando com as roupas. Usam sandálias ou sapatos de salto alto combinando com a bolsa. Não importam se tudo é novo ou encontrado no lixo. O importante é se sentirem mulheres bonitas.

Os cabelos são arrumados, as unhas, mesmo estragadas, são pintadas com cores vivas. Trazem no rosto um sorriso bonito acentuado com batom de cor forte e viva, destacando muitas vezes a falta de dentes e/ou dentes bonitos, quase perfeitos. O perfume se mistura ao seu cheiro natural e lhes dá a cor da alma feminina, cheia de graça e de força, pois são também mães dedicadas e, após o duro labor, buscam os filhos na creche e/ou na escola e cuidam da casa e da refeição noturna com alegria.

São trabalhadoras organizadas e responsáveis por dar leveza ao local de trabalho quando forram uma mesa e colocam flores naquele lugar tão cheio de restos de uma sociedade que os despreza e discrimina. Ao iniciar o trabalho vestem uniforme. Muitas usam botas, luvas e máscaras. Trabalham em igualdade com os homens e muitas já lidaram com a prensa, uma máquina pesada que manipulam para prensar os materiais recicláveis conforme figura 2.3.

Existem marido e mulher trabalhando juntos. Sujeitos com casamentos sem papel passado que duram há vinte anos e há respeito e cuidado um com o outro. Existem também casais transitórios, pessoas com relacionamento instável. As mulheres são respeitadas e bem tratadas pelos colegas de trabalho. Evitam inclusive piadas consideradas inapropriadas para as mulheres. São, enfim, homens e mulheres, pais e mães de família de várias idades. São pessoas sofridas, trabalhadoras e sonhadoras.

Os atores sociais são, de modo geral, grandes líderes e governam seus destinos com sabedoria. Alguns foram crianças em situação de rua e chegaram a usar drogas, cometer delitos. Alguns Catadores viveram na antiga FEBEM. (Fundação do Bem-Estar do Menor). Possuem boa fluência verbal e têm consciência da importância de seu papel na sociedade.

Catam nas ruas em silêncio, puxando um carrinho mais pesado do que a própria sorte. Andam mais de 60 km por dia, puxando um carrinho que, quando vazio, pesa 80 quilos e quando está cheio, chega a pesar mais ou menos 200 quilos. Carrinhos cheios de toda espécie de lixo descartado pela sociedade, mas também cheios de sonhos.

Parte significativa dos Catadores chega a Goiânia vindo de várias regiões do país em busca de trabalho e/ou de novas oportunidades. Diante das dificuldades, acabam morando em lotes invadidos e, às vezes, cometendo pequenos furtos. Muitos se envolvem com drogas e bebidas alcoólicas.

A oportunidade de encontrar trabalho é escassa e aquelas que surgem, exigem formação e conhecimentos que eles não detêm. Resta-lhes então, o trabalho de catar materiais recicláveis nas ruas. São empobrecidos e a grande maioria sem escolarização. Poucos sabem ler e escrever, e, com isso, acredito que se torna mais difícil ingressarem no mercado de trabalho formal.

Mesmo trabalhando de sol a sol, são colocados à margem da sociedade. Muitos votam, pagam os impostos, têm acesso ao mundo da escrita e da leitura. Participam de programas sociais do governo, levam os filhos para a escola e defendem o meio ambiente. São os heróis invisíveis, responsáveis por grande parte da limpeza da cidade e sabem que sem eles a cidade seria um caos, pois o poder público não consegue sozinho, manter a cidade limpa.

O grupo de Catadores, enfim, desempenha uma profissão desvalorizada não só pelo ganho diário da moeda do país, mas por tratar-se de pessoas que trabalham com o resto produzido pela sociedade. Isso nos leva a supor que a discriminação reclamada por eles, o tempo todo e que os deixa de certa forma fragilizados, deve-se à segregação que envolve a todos os que vivem desse tipo de atividades, conforme depoimentos a seguir.

Perguntados sobre como se sentem diante do olhar da sociedade e como se veem, como Catadores, respondem com voz baixa e olhar perdido no nada:

S.21 /.../ *bem de diversos modos, né? porque isso é mesmo de pessoas que trabalham cum cumércio, né? tem uns, tratam bem, otos já cum tipo de grosseria, porque as veiz a gente atrapalha o trânsito com aquele carrinho, não é? ma/ aí a gente num vai pará pá discuti com as pessoas, sabe como é? num pode discuti, é fazê de conta que num viu, e continuá o trabalho, né? continuá a vida /.../*

S. 22 /.../ *ah, cê sente isso, mesma coisa de mandá um cachorro/ í dormi VAI DURMÍ, cachorro, vai/ entendeu'? cê é uma (tuada) muito grande, uai/ tem direito de vivê igual, cada qual tê seus direito, mas a banda num toca assim, né? /... /*

S.30 /.../ *uai, fazê o que? o quê queu tem pá perdê, só ua calça caino aqui ((risos)) né? mas tô até cum vergonha, mas vergonha de quê? Uai, eu trabaio, num robo, num assalto ninguém, eu num faço nada cum ninguém, eu num faço nada cum ninguém, num é verdade? num é? então o seguinte, eu sô, eu sô, eu sô um, né? como é que fala, um sobrevivente não, eu sô um cidadão, sou um civil, né? eu sirvo o paiz, eu sirvo a natureza, uai, eu tem documento/ /.../*

S.3 /.../ *olha, a gente vê mais é rejeição, né? as veiz a pessoa tá lá, bem vistida, aí já vê ocê de longe já põe a mão na bolsa, cum medo, já aper:::ta, né, então fala não, quele ali tá mal vistido, é é ladrão, algua coisa /.../*

S.10 /.../ *nois num é catadô, nóis é agente ambiental. /.../*

Fazem essas colocações com dignidade e consciência do papel que desempenham diante da sociedade no trabalho de catar, separar e selecionar objetos que a sociedade rejeitou. Os Catadores então, se veem como agentes ambientais e se orgulham com o que fazem. Catar para eles é uma profissão. Ao mesmo tempo em que se sentem importantes, deixam claro o sentimento de abandono e discriminação que sofrem por grande parte da sociedade.

2.10 SUJEITOS COLABORADORES EVENTUAIS

- Alguns funcionários do órgão municipal responsável pela limpeza da cidade
- Coordenador de um projeto ligado à UFG e Catadores
- Alguns parceiros das Cooperativas e Associações tais como alguns sujeitos que fazem trabalhos sociais assistenciais com as Cooperativas.

2.11 SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Diante dessa realidade, após entrar em contato com as Cooperativas, as Associações, os Depósitos e com o lixão, - perfazendo o total de trezentos Catadores - na convivência diária com os sujeitos da pesquisa, observo que as ações são rotineiras, tais como reuniões, materiais escritos e jeito de trabalhar.

Sistematizo o trabalho em três ambientes. Uma Cooperativa, uma Associação e um Depósito, pois acredito que esses três ambientes retratam bem a realidade dos Catadores. Os locais escolhidos não serão identificados pelo nome, - mesmo tendo recebido a autorização para fazê-lo - para que não haja nenhum constrangimento e serão identificados a seguir, apenas como Cooperativa, Associação e Depósito.

A escolha dos três ambientes se deve ao fato da localização estratégica de cada local, da organização dos sujeitos que retratam a realidade da pesquisa. Procuro também atender à solicitação desses sujeitos para participar ativamente da pesquisa por acreditar no trabalho

inclusive, lendo o que escrevo e verificando a veracidade das minhas interpretações a respeito de suas ações, seus vínculos, enfim, de sua rotina. A Cooperativa, a Associação e o Depósito que fazem parte desta pesquisa encontram-se no mesmo bairro, em ponto estratégico da cidade, e contempla os objetivos propostos no trabalho.

O estudo tem o objetivo de investigar as práticas sociais de letramento em comunidades de Catadores e observar como essas práticas interferem ou não na rotina dos colaboradores da pesquisa e na vida deles. Cumprindo esse propósito, uma grande quantidade de material foi coletado e submetido a uma análise qualitativa que permite que se façam descrições e explicações de interações entre os sujeitos pesquisados.

As gravações foram transcritas de acordo com as transcrições de Marcuschi (1986) e a elas acrescidas anotações e impressões inferidas por mim sobre a posição e o comportamento do sujeito pesquisado. Para fazer a análise, sirvo-me não apenas do material gravado e fotografado, mas também do conhecimento que guardo na memória sobre a vida social nos grupos bem como os hábitos dos sujeitos, especialmente a forma como lidam com a escrita, impossível de traduzir e de gravar. Para a realização da análise, esse conhecimento foi de suma importância para a interpretação dos dados.

O processo de análise aconteceu com o objetivo de ir mais a fundo, interpretando as mensagens de modo a perceber aspectos contraditórios e atingir os temas sistematicamente “silenciados”. Assim, a partir das seguintes estratégias, quero estabelecer uma triangulação entre os elementos do corpus a fim de obter uma categorização que sei, antecipadamente, não vou esgotar a análise:

1) Leitura atenta das notas de campo e das transcrições;

A leitura do material coletado durante a pesquisa era feita com cuidado para descobrir pontos que revelassem a postura dos sujeitos da pesquisa sobre a escrita, os eventos de letramento em que mostrassem como a escrita participa desta comunidade e da vida dos Catadores, bem como possíveis dificuldades para resolver questões encontradas pelos sujeitos provocadas pela escrita.

2) Seleção dos dados;

A seleção dos dados ocorreu de forma natural de modo que todo material que não estava ligado ao tema proposto para estudo fosse considerado excedente. Desta forma, selecionei o que era mais importante para o estudo proposto sempre com a preocupação de não me distanciar do contexto no qual esses eram produzidos.

3) Análise dos dados;

A análise dos dados seguiu um critério cuidadoso. Primeiro separei os eventos que pudessem mostrar como a escrita passa a fazer parte do grupo, e também como os Catadores lidam com esta escrita. Em cada análise procurei descrever o evento, e a importância do mesmo, para o estudo proposto.

A seguir faço a contextualização dos aspectos etnográficos e de letramento na dinâmica dos Catadores.

CAPÍTULO 3 – UM OUTRO JEITO DE ESCREVER AS COISAS

Todo dia tem papel pra nós lê, quereno ô não, precisa sabê o que fazê.
(S.21)

Este capítulo pretende explorar e contextualizar os aspectos etnográficos de letramento no contexto dos Catadores.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS ASPECTOS ETNOGRÁFICOS E DE LETRAMENTO: A DINÂMICA DOS CATADORES COM O PAPEL ESCRITO

Este capítulo tem o objetivo de descrever a dinâmica dos Catadores com o texto escrito, para investigar as práticas sociais de letramento no grupo e observar essas práticas na rotina dos sujeitos. O capítulo está organizado em contextualização e exploração dos aspectos etnográficos de letramento, a escrita que circula no grupo, alguns gêneros textuais. Em seguida, descrevo a história da construção de cada ambiente pesquisado para colocar e descrever algumas peças escritas que circulam no grupo de Catadores

É possível dizer que vivemos cercados por textos escritos que nos revelam a luz do mundo, não importa se sabemos/podemos lê-los ou não. A escrita está em todos os lugares e está à nossa volta no dia a dia e nos inquieta, nos informa, nos forma e até nos coloca à margem da sociedade letrada, entre outras coisas.

Foi assim com o Catador quando me mostrou o poema de Manuel Bandeira sem saber do que se tratava. Muitas vezes, é desta forma em todo ambiente da pesquisa, como podemos verificar em depoimentos como “*a escrita? É importante, porque nós ia tê mais escolha,*” (S.2) “*Se eu subesse lê, as pessoa num ia me inganá mais,*” (S.13) me levam a ver essa questão com olhar mais atento, por isso passo a refletir sobre a escrita que circula no contexto dos Catadores.

Passo então a investigar a escrita que circula no grupo de Catadores, com foco, no letramento social, compreendendo escrita como um processo de construção social do grupo pesquisado. O grupo em questão coloca grande esforço de concentração e interpretação sobre

o texto escrito de modo geral que permeia e passa a fazer parte da rotina de cada Catador conforme depoimento do (S.30)

nóis quereno ô não, tem sempre um papel pá nós lê, então, né, 'ssim, pá recebê' tem de sabê, pá vê a lista, se tá tudo certo tomem, mais como muitos num sabe, acaba ficano pra trais, num é? Então é difícil demais, pra mim é difícil, que minha leitura é poca, mais tudo tem que lê, porque todo dia tem um papel, então,

Essa escrita na grande maioria representa alguns obstáculos para o grupo que não tem domínio da leitura e da escrita, o que me remete a Kleiman (1995, p, 8) quando afirma: “O domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e através deles, a possibilidade de acesso ao poder.”

Os Catadores almejam justamente o poder do domínio do texto escrito na esperança de ser menos discriminados. Contudo, decifrando ou não a escrita como tecnologia, o Catador ocupa um lugar de destaque na Cooperativa/Associação, pois domina outras maneiras de ler. O Catador espera, porém, que o domínio da leitura como tecnologia possa melhorar a relação que ele tem com a sociedade letrada. Mesmo assim os sujeitos colocam nos cargos mais importantes, aquele que tem domínio da leitura e escrita conforme depoimento do (S.40)

Só num sô presidente porque num sei lê direito, mais sô bão nas conta, intão faço parte da diretoria, sô tisorêro, cordeno reunião, falo cum otoridade, mas a presidente sabe lê e escrevê/ ela precisa fazê ofício, relatório, essas coisa, mais nós é discriminado num é porque num sabe lê não, é porque nós é catadô,

Diante disso, atualmente há um grande esforço por parte do poder público em realizar cursos de alfabetização para adultos. O que acontece, porém, é que a grande maioria desses cursos não tem atendido aos anseios dos sujeitos da pesquisa por várias razões, entre elas, a troca frequente de local de trabalho e de moradia por parte do Catador. Outros fatores importantes impedem o Catador de frequentar estes cursos que são ministrados normalmente a noite é o cansaço do trabalho que na maioria das vezes se estende noite adentro, e, um dos mais graves motivos é o uso frequente de drogas e bebidas alcoólicas.

Anteriormente, disse que a escrita é um instrumento que oprime ou liberta, e foi a impossibilidade de responder a esta questão que levou Heath (1983) e Street (1984) a fazer distinção entre o uso da escrita, e nos levar a compreender diferentes maneiras de usar a escrita.

Na minha compreensão, pelas observações feitas na rotina dos Catadores a escrita tanto oprime quanto liberta. Oprime, porque sem o domínio formal do uso da escrita muitas vezes o Catador fica sem acesso a algumas informações que o texto escrito traz. Por outro lado, mesmo sem este domínio formal, o sujeito aprende na sua rotina, a ler o texto de outra forma, a ler o texto no seu dia a dia de trabalho e ler a vida com os olhos da ilusão e da esperança, em suas práticas sociais.

A escrita liberta no sentido de mostrar novos caminhos aos sujeitos quando é possível ao Catador ler um texto escrito que possibilita certa posição de destaque no grupo, mesmo essa posição me parecendo ilusória, pois quem não lê também ocupa lugar de destaque diante de várias situações como já disse várias vezes. A reflexão pode se alongar e não é esse o objetivo da discussão, mas é importante dizer que para os Catadores, o domínio da leitura é importante por várias razões, como já foi dito anteriormente.

Esta questão remete a Barton, (1991, p. 06) quando afirma que um dos motivos para identificar o dia a dia com diferentes domínios é acreditar que o ponto alto para entender algo está nas atividades cotidianas e como as pessoas decifram seu sentido. E isso é visível no trabalho de separar, de juntar, de colher e recolher cada material separado em valor e aplicabilidade, o que me leva mais uma vez ao letramento diário definido por Barton, (1994, p. 40) como: “letramento diário dá uma visão mais rica de letramento que demanda uma nova definição de letramento, um novo jeito de pensar sobre o que está envolvido em leitura e escrita.”¹⁹

Tal afirmação me leva a crer que a escrita diária que circula no contexto dos Catadores é muito mais significativa do que a escrita em um papel: mas também este papel reflete o cotidiano dos Catadores tanto quando é lido como quando é separado para a reciclagem sem saber o que tem de informação escrita nesse papel e nem por isso a interação é comprometida.

É com este pensamento e partindo do que pude observar por meio das observações durante o trabalho de campo, que passo a mostrar, de forma descritiva o contexto socioprofissional onde transitam os textos escritos no contexto dos Catadores.

¹⁹ Everyday literacy gives a richer view of literacy which demands a new definition of literacy, a new way of thinking about what is involved in reading and writing.

3.2 QUE ESCRITA CIRCULA NO GRUPO DE CATADORES

Ao iniciar a pesquisa, bem no princípio de minhas observações, fiquei surpresa e intrigada com o número significativo de escrita como tecnologia que circula no contexto dos Catadores. Partes importantes das práticas sociais às quais estamos expostos diariamente acontecem pela intermediação de algum texto escrito, mas não imaginei que na rotina dos Catadores, principalmente aqueles organizados em Cooperativa e Associação isso pudesse acontecer de forma tão importante.

Com o passar do tempo e com a proximidade com o grupo, observo que essa escrita acontece naturalmente, e ao mesmo tempo com dificuldade. Mesmo assim têm respeito pela escrita. É bom lembrar ainda que esse é um espaço social peculiar e os sujeitos enfrentam diferentes e inúmeras dificuldades, inclusive o acesso aos bens materiais e simbólicos.

Ao observar a escrita que circula no contexto dos Catadores, penso na insegurança que o texto escrito muitas vezes proporciona àqueles que não podem decifrá-lo, bem como no poder que essa escrita tem diante dos sujeitos da pesquisa, chegando muitas vezes a deixá-los constrangidos ao participar de atividades fora do local de trabalho onde se defrontam com textos escritos. Isto, porém não é uma regra, pois mesmo sem ter o domínio da leitura e escrita participam ativamente e com desenvoltura de reuniões no seu dia a dia.

Remeto-me, dessa forma, ao pensamento de Street, (1993) no que se refere aos eventos de letramento integrados pela escrita e observo que não só o texto escrito desperta atenção dos Catadores, mas também a forma e as cores vivas expressas em determinados textos, como logotipos, talão de energia, avisos, entre outros.

Os sujeitos que não dominam a leitura como tecnologia, passam a ler os textos dentro de um contexto cultural específico. A relação estabelecida com a leitura entre os Catadores e o texto é também construída diariamente, tomando texto na visão de Halliday (1985, p.10), como uma linguagem falada ou escrita organizada, em uma unidade semântica, pois o texto neste trabalho é considerado ainda como um produto em construção.

Para começar penso no nome da Cooperativa e da Associação. Esses nomes são dados pelos Catadores, muitas vezes com a preocupação de cumprir uma proposta de defender o meio ambiente. Esses nomes foram escritos e em seguida registrados no cartório juntamente com a logomarca e os documentos exigidos para o reconhecimento da entidade. Esses nomes também estão escritos no muro ou na entrada da Associação, Cooperativa e Depósito.

Junto ao nome da instituição estão escritos o endereço com o nome da rua e/ou avenida, número e setor/bairro. A partir de então, espera-se que haja mudança no modo de agir e trabalhar do Catador que deixa de ser Catador de rua e passa a fazer parte de um grupo organizado que tem normas para cumprir. Normas estas escritas em um estatuto social também registrado em cartório como já disse outras vezes.

O aspecto visual da Cooperativa e da Associação lembra as considerações feitas por Barton e Hamilton (1998) em relação ao texto escrito, pois oferece pistas importantes no que se refere aos usos e funções que tem a escrita nestes locais e as práticas de comunicação às quais estão expostos os Catadores. Junto ao nome da Cooperativa e da Associação está também registrada a logomarca que é muito importante para os sujeitos e, inclusive, está escrita no uniforme dos Catadores.

Um texto escrito importante para os Catadores é a Cartilha de Formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR. A cartilha é lida e serve de orientação aos Catadores, principalmente aqueles vinculados ao Movimento Nacional. O texto tem publicação e editoração do Setor de Comunicação do MNCR - São Paulo - SP, com apoio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Governo Federal.

A cartilha tem um sumário, introdução e está organizada em doze partes contando com o sumário, além de ser rica em ilustrações coloridas. A cartilha é um texto escrito importante porque apresenta a formação e orientações técnicas aos Catadores bem como a proposta de organização dos Catadores em categorias. Há também os princípios e objetivos do MNCR, as bases de acordo, com relação à categoria, ao trabalho nas Cooperativas, as Associações; orientação para realizar parcerias e políticas de organização junto aos parceiros além do organograma do movimento.

Parte importante da cartilha também é a História dos Catadores, unida à história do país, junto ao “primeiro invasor lusitano começa a tentar conquistar as terras de Pindorama para colônia do império português” (cf.p. 18 da cartilha) passando pelo coronelismo, ditadura militar, movimentos populares até a luta atual.

A cartilha mostra ainda a cadeia produtiva, um esquema do ciclo de trabalho, objetivos do MNCR e análise da conjuntura sobre os planos repressivos contra os Catadores de rua. O texto é rico em detalhes e a linguagem é repleta de “chavões”, próximos à linguagem usada pelos Catadores no seu dia a dia.

A Cartilha contém também listas com nomes de cada material bem como seus respectivos códigos, do que, aliás, todo Catador tem o domínio não importa se sabe ou não ler esta lista (aqui colocada somente uma pequena parte como exemplo) conforme ilustração :

PLASTICOS FILME (sacos mole)	
PEBD-1	FILME TRANSPARENTE S/LETRAS
PEBD-4	FILME SEMI LIMPO COLORIDO
PEBD-5	FILME STRECH LIMPO
PEBD-6	SACOLINHA
PP-5	FILME ESTRALADOR
PP-7	RÁFIA

Figura 3.1 Cartilha 2 Movimento Nacional p.47

Essa lista teve início com a organização dos grupos e não se sabe ao certo quem primeiro a escreveu. Sabe-se que todos os Catadores - não importa se dominam ou não a leitura e a escrita - conhecem e usam esses códigos no dia a dia. Vale lembrar que essa lista serve de parâmetro para calcular o pagamento dos Catadores, pois cada material tem seu valor. Tem o objetivo de orientar o Catador no trabalho de separar o material além de organizar o trabalho, serve para unificar a linguagem dos Catadores tanto dos Depósitos quanto da Associação/Cooperativa. É importante ressaltar que ninguém “ensina” a ninguém como ler esta lista nem seu significado. Cada Catador aprende a dominar a lista no dia a dia, na sua prática de catar e manusear os materiais.

Outro documento escrito importante é o estatuto social que orienta e estabelece normas e procedimentos aos Catadores ligados a Cooperativa e a Associação. Inicialmente esse estatuto é escrito pelos Catadores e em seguida os sujeitos contam com assessoria de entidades parceiras. Os associados seguem o estatuto e tudo é organizado de acordo como o que está escrito. Segundo o Catador, *o estatuto é nosso guia, nossa alma*, (S.50).

A seguir, faço uma rápida reflexão a respeito dos gêneros como o objetivo de contextualizar a escrita dentro da história de cada contexto da pesquisa.

3.3 E OS GÊNEROS NÃO BUROCRÁTICOS?

É preciso antes de apresentar alguns textos escritos, fazer uma breve reflexão sobre gêneros textuais, bem como as circunstâncias em que os sujeitos Catadores produzem e usam estes textos, mesmo não tendo o domínio formal da leitura e da escrita, e como estes textos circulam e organizam as atividades do grupo em estudo, como foi dito anteriormente.

Volto-me para o estudo de gêneros pensando que esses devem fazer parte da estrutura social a que pertencem os sujeitos Catadores. Para isso remeto-me ao pensamento de Marcuschi (2008, p. 151) quando afirma que “o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais.” O autor afirma ainda, mais adiante, à página 155 que:

os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Remeto-me ainda ao pensamento de Bazerman (2009, p. 31) quando afirma que “gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam (...) São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”, ou seja, as pessoas procuram se entender cotidianamente em sua rotina e muitas vezes fazem uso do gênero escrito para se entenderem e se comunicar. Os gêneros também contribuem para o “modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais,” afirma ainda o autor (p. 3).

Ainda segundo Bazerman (2009, p. 50)

identificar gêneros historicamente conduz ao conceito de gênero de um fato essencial que reside nos textos a um fato social real, na medida em que as pessoas o tomam como real e na medida em que essa realidade sócio-psicológica influi na sua compreensão e no seu comportamento, dentro da situação como elas a percebem

Pensando nos textos escritos que circulam no grupo de Catadores como fato social, acredito que esses textos têm como uma das principais funções organizar, rotinizar e orientar os sujeitos em seu dia a dia, como muito bem enfatiza Bronckart (1999, p. 103): “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que nos leva a inferir que os gêneros textuais

operam em alguns contextos, como forma de legitimar o discurso porque se situam em uma relação sócio-histórica que lhes dão sustentação individual.

Marcuschi (2008, p. 161) nos lembra ainda que gêneros “são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder.” Comungo com a ideia do autor, pois os gêneros textuais são uma das formas importantes de controle e de inserção do sujeito Catador no seu cotidiano na Associação e na Cooperativa.

Segundo ainda Antunes, (2009, p. 53), as línguas foram vistas, sobretudo em seus aspectos imanentes, e internos a seu sistema de regras. Segundo ainda a autora, é preciso ir mais além, ou seja,

é preciso chegar ao âmbito das práticas sociais e, daí, ao nível das práticas discursivas, domínios em que, na verdade, são definidas as convenções do uso adequado e relevante da língua. Desde esses domínios, é que se pode perceber os modos de construção dos textos concretos, aqueles historicamente reais e situados no tempo e espaço.

Mais adiante lembra ainda a autora que os textos se diferem, como por exemplo, um aviso, uma ata. Os textos obedecem a certos padrões, se organizam e se compõem de blocos e parte e contém elementos obrigatórios e elementos opcionais. Antunes, (2009, p. 54) conceitua gêneros textuais “como um pressuposto básico da textualidade; o de que a língua usada nos textos – dentro de determinado grupo – constitui uma forma de comportamento social”

A escrita que circula no contexto dos Catadores deverá ser vista como forma de comportamento social, porque segundo Olson e Torrance (1991, p.13) “os gêneros existem não apenas como modos de escrever ou falar, mas também como de ler e ouvir.” Com este pensamento inicio minha discussão com a história da criação de cada ambiente da pesquisa.

História do Depósito

Pela própria natureza política de lucros, o depósito estudado não teve sua criação baseada em estatutos e normas, nem tampouco em cartilhas de formação. É criação de um sujeito que procurava trabalho e encontrou nesse depósito sua única opção de renda segundo a narrativa do proprietário a seguir:

S.50: de quando começô? De quando começô? Bem, na verdade eu cumecei já tem, vai fazê oito ano, né? Quando eu cumecei, na verdade foi a única opção de trabalho que eu tinha, então, então, ’ssim, foi até, cumecei lá em casa, eu só tinha um quartim lá de treis por treis, eu mesmo cumecei puxano na rua, num puxava

'ssim, igual o pessoal com os carrinheiro, quela coisa, lá na rua, lá na rua, trazia, pegava mais na vizinhança o pessoal juntava eu buscava /.../ depois de alguns meses eu conheci o R, foi o primero catadô meu, vei trabaiá cumigo, então eu mais o R cumeçô foi surgino ua amizade tamem, o R foi me dano uns toque, já tinha muitos ano de estrada, quele puxava carrim na rua, ... quando chegô um oto pessoal /.../ cumeçô a trabaiá cumigo, era uns cinco irmãos, aí eu passei aqui pá esquina, pra esquina, na casa de dona ((omitiu o nome da pessoa)) ela me alugô um pedaço de terreno, eu montei ôto depósito lá, foi onde eu cumeçei a chamá mais catadô, cumeçô a história do depósito, daí pra cá, cê sabe,

É possível verificar, então, a história de criação do depósito como forma de geração de renda para o proprietário. O proprietário é jovem, empreendedor e tem domínio da leitura e escrita. Aprendeu a trabalhar com materiais recicláveis com um Catador experiente e hoje conta com vinte Catadores que trabalham para ele.

As relações trabalhistas não seguem as exigências estabelecidas pela lei, ou seja, não se assina carteira de trabalho, nem há nenhuma norma a cumprir no depósito como já foi dito anteriormente. Com isso, os Catadores são agenciados como prestadores de serviço. O depósito é uma pequena empresa e paga todos os tributos exigidos pela lei, segundo o sujeito 50: "hoje já tem tudo/ hoje eu tenho o registro, o contadô, consta como empresa aparista, trabalho com aparas de papel,".

Não encontrei peças escritas no depósito. O texto escrito mais frequente é a lista de valor de cada material juntamente com o valor que cada Catador deverá receber como resultado de seu trabalho de catar na sua rotina e os textos catados pelos Catadores.

MATERIAL	DATA	Kilo	Valor
PAPÉLAS	05/04/10	2.100	357.00
PAPÉLAS	06/04/10	2.160	367.20
PAPÉLAS	07/04/10	2.220	377.40
PAPÉLAS	09/04/10	2.150	365.50

05/04/10 - 50,00

Figura 3.2 Lista de preços do Depósito

O restante da lista está no anexo A. Os livros e demais textos escritos que chegam ao Depósito são imediatamente separados e prensados para a venda. Alguns Catadores, enquanto esperam a sua vez para pesar o material que foi catado, leem jornais. A leitura predileta é sobre artes marciais e notícias ligadas a assaltos.

Transita pelo depósito toda a espécie de escrita trazida pelos Catadores nos seus carrinhos, no silêncio de seu trabalho. Aparecem também os logotipos, avisos e propagandas afixadas nas ruas e nos pontos de ônibus que às vezes são ignorados, às vezes são lidos por um ou outro Catador.

História da Associação

A Associação foi criada a partir do sonho de um casal Catador. O casal era dono de um Depósito e tinha uma vida relativamente confortável, mas não concordava com o tratamento dado aos Catadores por parte de alguns Depósitos. A partir de então, começou-se a discussão da criação da Associação. O casal juntou-se a outros Catadores e estabeleceram metas para um novo jeito de trabalhar, para uma nova forma de tratamento profissional e pessoal. Segundo uma das fundadoras:

S.25 a gente montô a associação pá dá mais um pôco de ... de... de... dignidade pá os Catadores, né? Que eles possam tê ua vida mais social, integrá a sociedade, que eles possam fazê que... pá tê ua vida mais social, integrá a sociedade que eles possam fazê'que ... pá tê alfabetização tamém, né? Sabê que eles são capazes, eles... eles... tem se valorizá, que eles possa sabê tamém ques tem capacidade de crescê, não vivê na vida que vévi, intão, por isso a gente montô a associação, pra essa intenção de fazê essa integração social, com o Catadô,

Mais adiante, interrogada sobre a realização dos objetivos que a associação deveria cumprir ela continua:

aí a questão é essa/ a gente feiz, montô a associação não pra nós, porque eu e /.../ somo marido e mulhê então é isso, a gente era dono de depósito, teve pena deles tava explorano eze porque o dono do depósito, o povo fala que o dono do depósito é exploradô, ele não é exploradô, o Catadô é que faiz ele melhorá de vida porque se ele cumesse bem, ele ia trabalhá por ele mesmo, porque trabalha cada um por si.../ ho:::je, que ele ... cê pode perguntá que é associado, que a pessoa tem ca::sa, tem seu som, seu devedê, tem sua ropa boa, tem seu sapato bom, que pode í ao chope, /.../

A criação da Associação, como se pode ver, além da realização de um sonho, aconteceu na construção de um processo de socialização de um trabalho com o objetivo de tornar o sujeito envolvido mais preparado e capaz de resgatar sua dignidade como Catador e como cidadão sujeito de seu destino. Com isso o Catador pode mostrar quem sabe a ele mesmo, depois para a sociedade, que é parte de uma profissão desvalorizada, mas que ele também contribui com a melhoria do meio ambiente e para o crescimento do país.

Pode ainda mostrar à sociedade que um aspecto mais bem idealizado de nós mesmos faz parte de várias profissões, portanto, os Catadores que se mobilizam e se preparam para trilhar um outro caminho e um outro jeito de fazer as coisas, são sujeitos que se fazem leitores do mundo por meio da própria experiência.

Para exemplificar, apresento o primeiro estatuto chamado Estatuto dos Colaboradores da Associação com data de quinze de janeiro de dois mil e seis, que serviu de primeiro guia para os Catadores e constam dez itens conforme anexo B.

O que chama a atenção nesse texto, além da organização interna da Associação, é a linguagem escrita, rica em traços de oralidade, o que demonstra a autoria e a vontade de se organizarem como empresa e como cidadãos, pois o que importa é o aspecto funcional do gênero.

Ao deixar o trabalho no Depósito e assumir novo papel em um grupo organizado por estatuto que tem normas a cumprir, o Catador adquire uma posição diferenciada diante dos demais Catadores que continuam nos Depósitos. A partir daí convive com um mundo mais exigente, e, com isso, o sujeito precisa se formar/informar melhor e passa a conviver com textos tais como o estatuto, as atas, entre outros.

Logo após a escritura do primeiro estatuto da Associação, foi escrito o Estatuto Interno dos associados, mais completo, agora com doze itens e com linguagem mais cuidada. No documento não consta data, mas segundo os sujeitos, foi logo após a escritura do primeiro estatuto dos colaboradores. Para isso contaram com apoio de parceiros de uma Universidade de acordo com anexo C.

Mais adiante refizeram o estatuto agora mais organizado em capítulos e artigos com data de vinte e cinco de março de dois mil e seis. É esse estatuto que serve de base para o funcionamento e organização da Associação. Conforme foi dito anteriormente, é impossível não perceber a importância desses textos como parte da história e do contato que o grupo tem com a escrita, bem como verificar como essa escrita faz parte da rotina dos Catadores.

Como parte da rotina, a escrita colaborou com a realização da eleição para a nova diretoria da Associação. O processo eleitoral durou dois meses e vários nomes passaram a ser discutidos para compor a diretoria.

Prepararam uma cédula com o nome dos candidatos e os associados teriam que escolher um nome e marcar com um x na frente de sua escolha. Chegado o dia da eleição, antes de cada um votar, os candidatos fizeram uso da palavra para defender seu projeto na futura gestão. Feito isto, procedeu-se à votação. Todos em silêncio, pegavam uma cédula colocada em uma caixa aberta, votavam e dobravam o papel em quatro partes antes de colocar na urna, uma caixa previamente preparada e lacrada.

Esse é um evento importante que envolve o texto escrito e a liberdade de cada Catador escolher quem vai representá-lo na Associação, fazendo parte da diretoria. Logo após a votação, fez-se a abertura da urna, na frente de todos, e procedeu-se à apuração dos votos também na presença de todos os associados. Com a nova diretoria eleita, prepararam-se imediatamente todos os documentos necessários de cada Catador para fazer os trâmites legais junto aos órgãos oficiais. Para isso entraram em contato com um contador e com a coordenação da coleta seletiva.

Fato interessante é que praticamente toda a nova diretoria da Associação tem domínio da leitura e escrita. Com o passar dos dias e com as novas ideias e propostas colocadas em prática pela nova diretoria, alguns associados não concordaram com tais ideias e ocorreu um rompimento entre os cooperados. Muitos cooperados pediram por escrito o afastamento da Associação e, com isso, os dissidentes formaram uma nova Cooperativa, a qual faz parte desta pesquisa e será descrita a seguir.

História da Cooperativa

A Cooperativa foi fundada também a partir do sonho de alguns Catadores no dia trinta de novembro de 2010. Os cooperados reuniram-se e começaram a discussão a respeito de uma nova Cooperativa com o objetivo de realizar o sonho de cada cooperado que é o de dividir o trabalho, as lutas e cuidarem juntos de um ambiente mais humano.

Os Catadores dissidentes da Associação conversaram durante um mês mais ou menos e buscaram novos companheiros para formar a Cooperativa. Procuraram Catadores interessados em mudar de vida, ou seja, deixar os Depósitos para dividir trabalho e renda e, segundo os Catadores, ter uma vida mais digna, deixando de catar nas ruas. Assim foi feito. Durante esse tempo de busca de companheiros, as discussões eram em torno da construção de um novo jeito de trabalhar. Somaram vinte e dois Catadores e se reuniram para discutir o local

da Cooperativa e o que fariam para alugar este local. Encontraram um lugar grande, sem nada construído. Concretizaram a negociação do aluguel por meio de um contrato escrito. Fizeram empréstimo e em seguida iniciou-se a construção de um galpão coberto.

Junto a muita poeira, começaram a trabalhar. Imediatamente foi feita a primeira reunião para discutir sobre cooperativismo e a legalização dos papéis de cada cooperado junto aos órgãos competentes. Buscaram ajuda junto ao coordenador da Coleta Seletiva que prontamente os atendeu e apoiou.

Continuaram então com a construção do galpão, com a solicitação da água encanada junto ao órgão competente. Fizeram a segunda reunião ainda com o galpão por terminar e discutiram o funcionamento da Cooperativa tendo como sustentáculo as orientações da cartilha do Movimento Nacional dos Catadores. Nesta mesma reunião, escolheram o nome da Cooperativa e continuaram trabalhando na construção do galpão.

Uma outra reunião foi feita na semana seguinte, para eleger a diretoria provisória da Cooperativa. Essa eleição foi por aclamação. Em seguida, estudaram sobre cooperativismo e o tesoureiro falou longamente sobre a função de cada membro eleito e sobre a importância do respeito uns com os outros no trabalho e fora dele, conforme depoimento a seguir: *“é preciso trabalhá cum afinco e num dexá a fofoca atrapalhá nois, é preciso que cada um respeite o espaço do odo e num esperá pá fazê nada, é só vê o que precisa sê feito e fazê/ Cooperativa significa cooperá, trabalhá junto,”* (S.60). Nesta reunião, também foi encaminhada para o contador toda documentação necessária para o registro da Cooperativa.

Outra reunião foi realizada para escrever as primeiras normas do primeiro estatuto da Cooperativa, o que os Catadores chamam de normas ou regimento interno. A escrita do regimento aconteceu durante uma semana da seguinte forma: um dos membros da diretoria solicitou que cada Catador escrevesse dois artigos em casa, no intervalo de uma reunião para outra. Pediu que escrevessem o que gostariam que fosse feito para que a Cooperativa funcionasse da melhor forma possível.

No decorrer da reunião, quando foi solicitado que cada um lesse o que havia escrito em casa, ocorreu um grande silêncio até que uma Catadora mais experiente tomou a palavra e disse o que havia pensado de forma oral. Assim, sucessivamente, em círculos, cada um foi falando seus desejos até escreverem coletivamente, o primeiro regimento interno.

Observei que nenhum Catador apresentou nada por escrito embora muitos dominem a leitura e a escrita. Enquanto falavam a presidente da Cooperativa anotava em uma folha solta o resumo da fala de cada um que ficou da seguinte forma:

Reunião Dia 02/10/10 Sábado

1º Horário de trabalho = 7:30 X 8,00 Às 12,00h
13,00 X 17,30

1º Horário

2ª A gracinha física ou Verbal

3ª Direitos e deveres

4ª Organização

5ª manter o local limpo

6ª se estiver mais de 2 pessoas de família trabalhando só duas podera voltar

7ª não entra embriagado no local ou com coisas egui-muca como ex: drogas se estiver usando está fora

Figura 3.3 Regimento da Cooperativa

Observo ainda que não há uma prática comum de escrever por parte dos sujeitos da pesquisa. Embora respeitem a escrita e cumpram o que escrevem. Nada trouxeram por escrito ou porque não dominam a escrita ou porque esta não é uma prática diária na vida de cada Catador mesmo convivendo com textos escritos no seu dia a dia.

Textos escritos que circulam com mais frequência na rotina da Cooperativa e Associação são as atas, editais de convocação, relatórios, ofícios, pedidos de afastamento e de reingresso no grupo.

A meu ver esses textos colaboram com as mudanças de práticas dos sujeitos da pesquisa. Remeto-me a Fairclough (2008, p. 26) quando afirma que :

descrever tais mudanças como ‘culturais’ não é apenas retórica: o objetivo é estabelecer novos valores culturais, operários que são ‘empreendedores’, automotivados (...) Tais mudanças na organização e na cultura são de modo significativo, mudanças nas práticas discursivas.

A escrita neste caso não só contribui para mudanças culturais, mas se posiciona como forma de controle social no local de trabalho colocando os sujeitos da pesquisa que não têm o domínio da leitura e escrita em uma situação às vezes desconfortável diante da sociedade letrada. Posso inferir pelos dados da pesquisa que a escrita formal não tira a riqueza e a

importância da leitura como prática social, como troca de experiência diária, mesmo na construção de tantos textos escritos.

Desta forma, com a expectativa de que os documentos escritos acrescentam e transformam, passo a mostrar de forma descritiva e detalhada, diferentes peças escritas que circulam naturalmente no contexto dos Catadores organizados em Cooperativas e Associações.

Algumas peças escritas fazem parte da rotina da Associação e da Cooperativa e serão descritas de forma interpretativa levando em conta minha compreensão a respeito do envolvimento dos Catadores com o texto escrito. O motivo que me leva a não colocar cada peça dentro de sua devida Instituição é para evitar repetição, pois os textos escritos são praticamente os mesmos, mudando somente a redação e o jeito de fazer. Quando for algo específico eu direi a quem pertence o texto.

Quero começar a discussão focalizando a escrita cuja circulação tem como ponto de partida as Instituições e em seguida, de forma natural, as demais situações como reuniões bem como a rotina no contexto estudado. A escrita colocada aqui intermedia interações comunicativas entre os usuários de forma direta ou indireta.

Frequentemente os postos de saúde são visitados pelos Catadores, pois é o local que presta vários serviços para a população, dentre outros, consultas médicas, atendimentos de urgência, coleta de materiais para alguns exames de laboratório, orientações sobre a prevenção da dengue, realização de vacinas. Logo na entrada dos postos encontramos o nome da Instituição escrito em letras grandes e colocado no alto do prédio. Na entrada ainda, veem-se bancos de cimento com inúmeras propagandas escritas no encosto do banco.

Acompanhei vários Catadores aos atendimentos de urgência nos postos de saúde e esses serviços exigem um contato do Catador com o texto escrito, além do diálogo oral entre os sujeitos envolvidos. Quero lembrar que não tive autorização da Instituição para acompanhar o Catador no momento da consulta e/ou de algum procedimento mais específico. Nesses casos, eu aguardava na recepção do posto e a espera pelo atendimento é demorada. A necessidade dos doentes é grande e às vezes não há médicos suficientes nesses postos para atender a tanta gente.

O caso é que, quando atendidos, os Catadores saem do consultório trazendo uma receita e/ou orientações escritas. As receitas nem sempre são compreendidas pelos sujeitos, mesmo quando o médico explica oralmente o modo de usar os remédios. Trazem ainda pedidos de algum exame laboratorial que deverá ser feito no próprio posto.

Esse texto então é repassado para algum atendente da instituição, que deverá dar continuidade ao procedimento, o que nem sempre acontece e, muitas vezes, ficam sem fazer os exames. Acontece que se não for possível fazer os exames no local, os sujeitos não providenciam outra forma de realizar os exames muito mais por insegurança de procurar outro lugar do que devido à falta de domínio da leitura. São ainda orientados oralmente, a procurar outro guichê ou o balcão da farmácia para pegar os remédios. O interessante é que sempre estão com o papel escrito nas mãos independente de saber ler ou não.

Nem sempre é possível encontrar a medicação indicada pelo médico na farmácia do posto de saúde e, nesse caso, é preciso que o Catador se dirija a uma farmácia na grande Goiânia para comprar a medicação. Nesse caso, o balconista da farmácia é o interlocutor mais próximo para orientar o sujeito. Isso ocorre muitas vezes por escrito, quando então o balconista escreve na caixinha do remédio o modo de usar. Outras vezes isso é feito oralmente.

Chamou minha atenção também de forma importante nos postos de saúde a orientação que os usuários desse serviço recebem a respeito de prevenção de doenças e orientações sobre alimentação. Nesses momentos, recebem panfletos escritos com grande circulação no meio do grupo da pesquisa. Muitas vezes esse panfleto não é lido nem repassado a outras pessoas, mas em outras vezes são levados para casa para ser lido para os demais companheiros ou membros da família. (Veja anexo D).

Há também visitas contínuas de agentes da saúde que dão assistência e orientações para os associados e cooperados bem como discutir sobre a prevenção de doenças. Estes agentes também distribuem papéis escritos. É bom destacar que a escrita que o representante da unidade de saúde faz circular não fica somente no momento da visita aos Catadores. Ela está afixada em vários locais como igrejas, escolas, ponto de ônibus, entre outros.

A escrita que circula nos postos de saúde é um elo de comunicação entre a instituição e as pessoas que buscam atendimento naquele lugar. Esta escrita se estende entre os demais Catadores, pois o texto é levado para a Associação/Cooperativa.

Um outro local onde a escrita se faz presente são nas reuniões com instituições ligadas ao trabalho do Catador. Um material com grande circulação é o folheto distribuído pela coordenação da Coleta Seletiva implantada recentemente em Goiânia como podemos ver no anexo E.

Esse folheto, além de orientar o trabalho dos Catadores no seu local de trabalho, serve para orientar a população no dia a dia no trato com o material descartável dentro de cada residência, pois o folheto orienta o que e como separar, o que não separar, bem como

encaminhar os recicláveis, para onde vão os resíduos, além de esclarecimento para a população do que vem a ser a coleta seletiva e seus benefícios para a população.

A coleta seletiva foi implantada em Goiânia na atual gestão da prefeitura - 2008 - 2012 - e os Catadores tiveram importante participação nesse programa, inclusive na distribuição do panfleto, não importa se sabiam ler ou não este papel, pois pelas próprias ilustrações, era possível entender e repassar a proposta do programa.

Outro panfleto de grande circulação entre os Catadores foi o panfleto do projeto Cooperar. (Veja anexo F). O panfleto contém o resumo do projeto que tem como objetivo qualificar no estado de Goiás quatrocentos Catadores organizados em Associações e Cooperativas, ou autônomos. Visa também ao fortalecimento e organização da categoria de acordo com o contrato de prestação de serviço firmado entre a Moradia e Cidadania e a Fundação Banco do Brasil.

A qualificação é feita em módulos aos finais de semana previamente combinada com os Catadores com a participação do Movimento Nacional dos Catadores e o término do programa estava previsto para novembro de 2010.

O texto escrito nesse panfleto é um veículo importante e um grande número de Catadores tomou conhecimento desse texto sendo que muitos deles leram o conteúdo do panfleto e responderam ao convite para as reuniões e para participar do curso.

Texto importante também que circula no contexto dos Catadores são convites expressos para participar de reuniões, de eventos políticos, de seminários, audiência pública, conforme exemplo no anexo G.

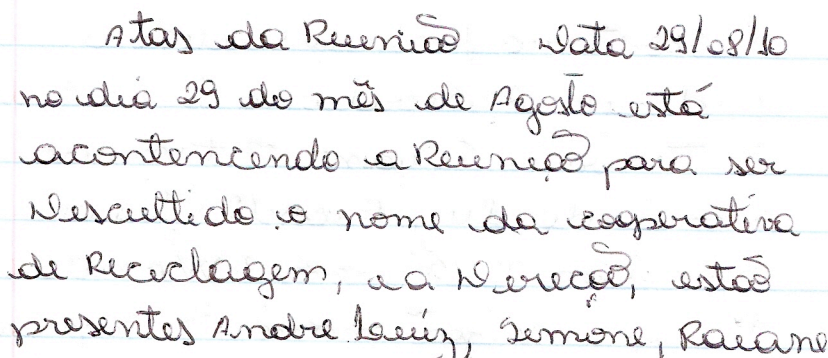
Os Catadores dirigem-se a esses eventos segundo o horário e o local impressos no convite. No caso dessa audiência, os Catadores estiveram presentes e participaram ativamente. Quem não tem o domínio da leitura, é convidado oralmente por um companheiro Catador que lê o convite para o colega.

Vale lembrar que o texto escrito por si só não garante a interação em sua totalidade e em todos os aspectos do cotidiano a que estão expostos os sujeitos da pesquisa. É preciso ressaltar que existem outras escritas, aquelas que fazem parte da rotina e do trato do sujeito com as Instituições.

Por isso ressalto como importantes aqueles textos que extrapolam o contato com as instituições públicas como é o caso da ata, um documento de registro no qual se resumem reuniões e assembleias de entidades públicas ou particulares dele constando fatos, ocorrências, debates, decisões. A ata é a vida da empresa e são transcritas em livros próprios. Na ata segundo Medeiros, (2002, p. 210) devem constar dia, mês, ano e hora da reunião, bem

como local da reunião, pessoas presentes, declaração do presidente, ordem do dia, fecho e assinaturas. Os dados e a função do gênero se cumpre.

Parte da peça escrita a seguir - o restante do texto está no anexo H - é considerada pelos Catadores como sendo uma ata, e como podemos observar, não segue fielmente o padrão proposto pelo autor, mas contempla as necessidades dos sujeitos envolvidos e tem a data, o assunto tratado e a assinatura dos participantes conforme o padrão do gênero..



Atas da Reunião Data 29/08/10
no dia 29 do mês de Agosto está
acontecendo a Reunião para ser
discutido o nome da cooperativa
de Reciclagem, a a reunião, estão
presentes Andre Luiz, Simone, Raiano

Figura 3.4 Recorte de uma ata

A ata é um documento importante para o grupo segundo um Catador: *é importante, porque tá tudo na ata/ se eu num vim pá reunião, pergunto pá lê a ata, ô peço pá lê pra mim, que é demora:::do, lê, num é? Mais gosto da ata, porque tem que cumpri o que promete,* (S.45)

O enunciado mostra o caráter de compromisso assumido no texto escrito. Observei na rotina da pesquisa que poucos Catadores tiveram em mãos uma ata de outro órgão ou um modelo de ata, mas por ouvir dizer sabem que as decisões importantes devem ser escritas em um documento que eles denominam ata e assim procedem.

Outro texto frequente no contexto da pesquisa é o ofício, também um gênero proveniente de uma autoridade e se diferencia da carta por apresentar caráter público e só pode ser expedido por órgão público, segundo Medeiros, (2002, p. 315). O gênero ofício segue também uma ordem e faz parte da redação formal do ofício o timbre ou cabeçalho, índice e número, local e data, assunto, vocativo, texto, fecho e assinatura. Podemos verificar então, no texto denominado ofício pelos Catadores há uma certa organização formal exigida pela proposta teórica no que se refere à elaboração de tal peça escrita conforme texto abaixo.

Goiania, 10 de dezembro 2007

Ofício 050.

ASSOCIAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEL BEIJA FLOR
VENHO POR MEIO DESTA SOLICITAÇÃO DO DOUTOR VETERINÁRIO
TÊNETE ANDERSON, A DOAÇÃO E AUTORIZAÇÃO PARA COLOCAR
UNS CONTENES PARA FARMOS ACOLETA DO MATERIAL
RECICLÁVEIS DESTE ÓRGÃO. A INCLUSÃO SOCIAL DESTE
TRABALHADORES - CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS
LEVANDO-OS A INSERÇÃO MAIS DIGNA E AUTÔNOMA NA
PRODUÇÃO DOS RECICLÁVEIS.

Figura 3.5 Recorte de um ofício²⁰

Podemos observar no ofício escrito pelos Catadores a data, o número do ofício, o texto, a saudação, a assinatura e o endereço. Perguntados sobre como entraram em contato com este gênero, o sujeito afirma *nóis recebe ofício da prefeitura' aí nóis faz igual*, (S.53). Isso demonstra interação, letramento.

O texto é claro quanto ao seu objetivo de solicitar autorização para coletar materiais recicláveis em um órgão público, seguido de uma argumentação convincente e agradecimentos. Até onde pude verificar a solicitação não foi atendida.

Textos correntes no grupo de Catadores também são formulários, editais de convocação, propostas de trabalho, plano de trabalho, propostas de compra e venda de materiais, entre outros.

Na rotina dos Catadores, são comuns as críticas entre os cooperados. Se por exemplo um Catador deixa de cumprir um dos regulamentos escritos no estatuto ele recebe uma punição que vai desde a advertência até a expulsão. O texto a seguir é uma solicitação de reingresso na Associação como parte do cumprimento do estatuto que prevê esse tipo de retratação caso um Catador deixe de cumprir uma das normas propostas pelo grupo

²⁰ Goiania, 10 de dezembro 2007

Ofício 050

Associação de materiais reciclável beija flor venho por meio desta solicitação ao doutor veterinário tênete anderson, a doação e autorização para colocar uns contenes para fazemos acoleta do material recicláveis deste órgão a inclusão social deste trabalhadores – catadores de materiais recicláveis levando-os a inserção mais digna e autônoma na produção dos recicláveis

19.10.10
 Eu Daniel mecomprometo não fauta nem um
 dia de semana e não jejar com sintomas de embriaguez
 na Associação e ajuda a greser,
 E o mel obgetivo e greser mais e mais
 Com ASSOCIAÇÃO

Figura 3.6 Bilhete do Catador²¹

O Catador não tem domínio da leitura e escrita. Pediu então que um parceiro escrevesse a solicitação. É bom observar que, não satisfeito com o primeiro texto, procedeu-se a reescrita de outro texto que segundo o sujeito ficou “bem milhó” (S.24)

Queridos associados eu Daniel me manifesto
 para que eu possa me reconstituir na associação
 e mecomprometo não fautar nem um dia
 da semana e não chegar com sintomas
 de embriaguez na associação e ajuda a greser
 e o mel obgetivo e greser mais e mais
 com a associação

Figura 3.7 Bilhete reescrito do Catador²²

É interessante a forma carinhosa com que se dirige aos companheiros e se compromete a não se ausentar nem chegar embriagado ao trabalho. Nesse caso, a escrita serviu apenas como formalidade e cumprimento de uma exigência das normas, pois assim que foi feito seu reingresso na Associação, voltou a cometer os mesmos equívocos até ser desligado completamente do grupo em uma reunião onde os companheiros votaram pela expulsão do Catador como forma também de cumprir as normas.

²¹ Eu Daniel mecomprometo não fauta nem um dia da semana e não jejar com sintomas de embriaguez na associação e ajuda e ela a greser (crescer). E o mel obgetivo e greser mais e mais com associação.

²² Queridos associados eu Daniel me manifesto para que eu possa me reconstitui na associação, e mecomprometo (comprometo) não fautar nem um dia da semana e não chegar com sintomas de embriaguez na associação e ajuda a greser (crescer). E o mel obgetivo e greser mais e mais com associação.

Em um outro momento da pesquisa, por meio de uma conversa informal com o grupo, percebi que algumas Catadoras discutiam o que precisavam para fazer a comida e alguém sugeriu uma lista de compras.

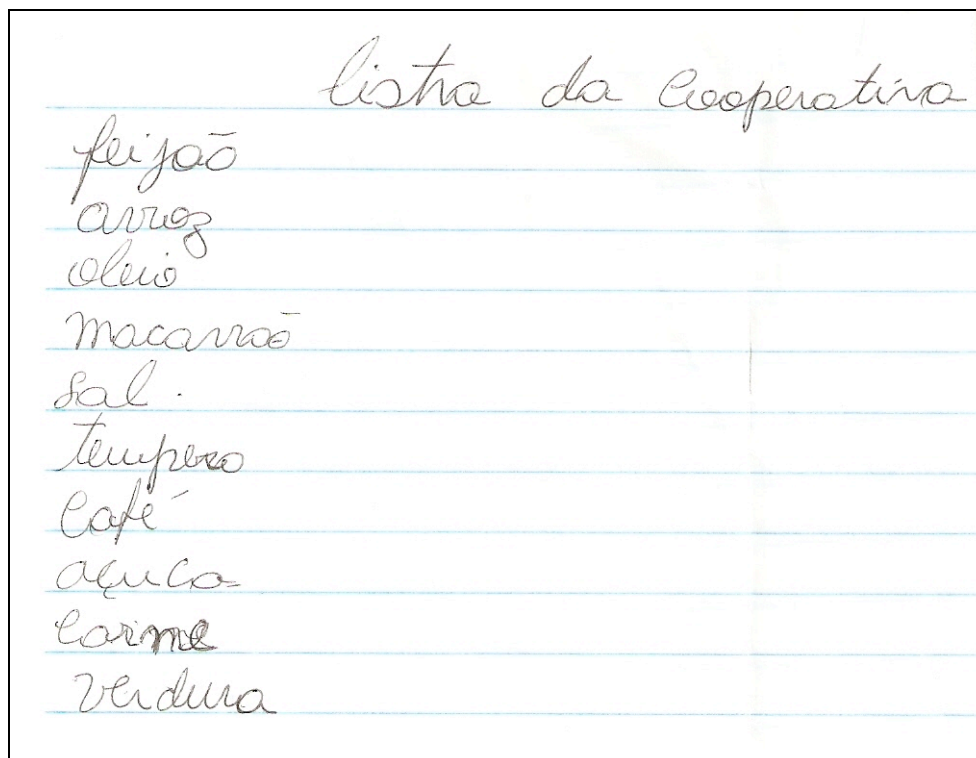


Figura 3.8 Lista de Compra

A escrita de uma lista de compras não é uma rotina, mas é feita quando necessário. A discussão oral sobre a lista de compras estava animada, porque não se chegava a nenhum acordo, até que uma Catadora sugeriu: “*põe no papel, tudo é no papel, né?*” (S.53) Nesse momento uma outra Catadora pegou um papel pequeno, encontrado junto aos demais e escreveu a lista.

A lista pode ser considerada um gênero lembrete, pois é uma escrita feita para ninguém ler a não ser a pessoa que escreveu. Após a escritura da lista, a Catadora leu em voz alta o que escrevera e tudo ficou resolvido na questão referente às compras.

Outros textos escritos importantes que vale a pena ressaltar são os textos que circulam nas famílias. Pude observar nas várias famílias que visitei que a escrita formal mais comum nas casas dos Catadores são alguns cartazes, talões de energia e água, receitas médicas, convites, extrato bancário, materiais escolares dos filhos e livros literários que levam para casa juntamente com as tarefas pedidas pelas professoras. Há também livros catados nas ruas para os filhos lerem, a Bíblia Sagrada, cartão de vacinação das crianças, receitas médicas,

bulas de remédio, textos em embalagens de leite e outros produtos alimentícios, cartazes nas paredes.

Temos então vários exemplos de como a escrita circula junto aos Catadores e como esses sujeitos lidam com o texto escrito. Desta forma, creio ter chegado a uma resposta positiva quanto a uma das perguntas feitas no início da investigação. Diante dos dados, posso afirmar que o texto escrito tem importância para os Catadores e que os sujeitos lidam com esse texto de forma respeitosa, mas não posso afirmar que seja de forma natural, embora esteja /seja tentada, várias vezes a fazer tal afirmativa.

Posso, porém afirmar que tanto no contexto institucional quanto nos demais ambientes que envolvem os Catadores, a escrita que circula entre os sujeitos é diversa e variada e está de acordo com a função das situações. Pude observar, por exemplo, que as reuniões realizadas entre os Catadores e os órgãos ligados ao trabalho que envolve o meio ambiente e consequentemente os Catadores, os sujeitos envolvidos tanto lançam mão da escrita formal conforme figura 3.5 (ofício número 50) bem como de cartazes, panfletos, contratos de locação, e/ou proposta de trabalho elaborada pelos sujeitos que fazem parte de Instituições, como podem fazer uso do texto oral que considero também eficiente.

Durante o tempo que durou a observação-participante, pude constatar que a escrita é um recurso comunicativo muito usado pelos Catadores nas diversas situações de interação uns com os outros. Mesmo assim não encontrei nas famílias nenhuma revista nem jornal de circulação diária na cidade. Mas encontrei nas casas e no local de trabalho textos escritos que estão relacionados à área da vida social nas quais as pessoas interagem, como as áreas religiosas, institucional, social e na vida doméstica.

Quanto à escrita relacionada à questão religiosa temos a Bíblia Sagrada e alguns panfletos que a igreja Católica e Evangélica distribuem para o acompanhamento das missas e cultos. Na área institucional temos os relatórios, projeto, ofícios, ata, entre outros. Na vida social temos bilhetes, mensagens no celular. Na área do lar, temos receitas médicas e de culinária guardadas em caixas antigas e na memória, lista de compras, talões de energia e água.

Os textos escritos em circulação no contexto dos Catadores não se limitam aos apresentados aqui, mas esses eram os mais frequentes. Para mim isto é uma amostra importante e leva a crer que alguns eventos de letramento são comuns a todos os Catadores que fazem parte da pesquisa e esses textos representam o encontro que os Catadores têm com a escrita em sua rotina.

Durante a escrita deste capítulo procurei descrever o contexto em que realizei a pesquisa, com o objetivo de ressaltar a escrita em circulação em um ambiente árduo, fechado, mas onde os sujeitos da pesquisa se envolvem com a escrita de forma produtiva e respeitosa, e esta escrita se faz presente na rotina desses Catadores de forma natural e ao mesmo tempo provoca insegurança, medo e incertezas, mas, sobretudo é responsável por garantir mais cidadania ao sujeito Catador.

O que foi mostrado aqui referente ao material escrito que circula no contexto dos Catadores, oferece uma visão precisa do quanto é importante e intenso o envolvimento dos sujeitos com o texto escrito, o que demonstra que as atividades de leitura e escrita estão ligadas às atividades sociais, nas quais os sujeitos estão envolvidos.

Vale ressaltar que todos os escritos encontrados no contexto da pesquisa estabelecem vínculos entre os Catadores, e as instituições, pois os Catadores estão envolvidos com a leitura e a escrita. Vale lembrar que o diálogo entre os textos produzem e levam ao letramento.

A seguir faço a análise de alguns eventos de letramento no dia a dia dos Catadores chamando atenção para a construção do letramento na rotina dos sujeitos.

CAPÍTULO 4 – OS EVENTOS DE LETRAMENTO NO CONTEXTO DOS CATADORES

Será que é, será que num é, ... num deu em nada quela falação, pra prensa, mas aprendi que é preciso falá com os homi certo, (S.15)

O objetivo deste capítulo é descrever o papel da escrita – de diferentes formas – entre os Catadores trazendo à tona eventos de letramento no contexto dos sujeitos da pesquisa, pensando que, segundo Barton (1991), letramento está embutido em atividades da vida diária. O capítulo pretende ainda descrever as práticas sociais de letramento e verificar como essas práticas sociais de letramento interferem ou não na rotina dos sujeitos. Para isso o capítulo está organizado em visão geral sobre letramento, a construção do letramento e a sua história; diferentes práticas de letramento no contexto dos Catadores.

O termo letramento, no Brasil, conforme vimos anteriormente, é o resultado da versão do termo em inglês *literacy*, o qual era traduzido por alfabetização. Da forma como tem sido usado, o termo tem suscitado uma gama variada de conceitos. Por isso, faz-se necessário, sobre o termo, um olhar que possa abarcar o letramento mais social, mais amplo, bem como os instrumentos a partir dos quais o fenômeno pode ser estudado como “*eventos*” e “*práticas*” de letramento. (BARTON, 1991)

Ainda segundo esse autor, o conceito de “*evento de letramento*” é inspirado na ideia de “*eventos de fala*” (Hymes 1972) Para Heath (1983, p. 386 apud Barton 1991) é “Quando a conversa acontece em torno de um pedaço de papel” (...) Heath (1983, p. 71) define eventos de letramento como situações comunicativas ‘onde letramento tem um papel integral’.”²³

Antes de prosseguir com a discussão, vale a pena fazer uma reflexão sobre a construção do letramento no grupo estudado e retratar a situação de pobreza deste grupo.

²³ “when talk revolves around a piece of writing. (...) Heath (1983, p.71) defines literacy events as communicative situations “where literacy has an integral role”.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO NO GRUPO DE CATADORES E SUA HISTÓRIA

Ao estudar as comunidades de fala consideradas minoritárias e marginalizadas pela sociedade de prestígio, é preciso fazer uma reflexão sobre a situação política do país, observando como vivem as populações mais empobrecidas imersas em suas lutas por melhores dias, bem como pensar no acesso que essas populações têm ao mundo do letramento.

No pensamento de Ferreira, (2009, p. 129) a pobreza e a riqueza sempre existiram nas sociedades as quais pressupõem que os bens gerados e produzidos pelo trabalho são insuficientes para satisfazer às necessidades vitais e sociais dos homens. A pobreza é algo complexo: cruel para quem vive de perto essa condição e relativa para os que a têm visto simplesmente como parâmetros políticos.

O Indicador importante da desigualdade social vem da má distribuição dos frutos do trabalho e fundamenta-se que esse seja um fato normal. O pobre é pobre, o rico é rico. O pobre é pobre porque não trabalha, e o rico é rico porque trabalha muito. Isso é um discurso do capitalismo que se perpetua ao longo dos anos e ignorando-se a dimensão histórica de longa data: desde as sociedades da Antiguidade e da Idade Média que não via a pobreza como um problema social, mas apenas como o resultado de uma condição naturalmente imposta pelos que faziam nascer a pirâmide social.

A discussão sobre as desigualdades surgiu desde o nascimento do mundo moderno quando as pessoas deixaram de lado as trocas de objetos, o interesse uns pelos outros, o interesse pelo bem comum, o interesse pela criação de uma sociedade que viva em união, desde que se deixou de lado a solidariedade, a preocupação com o homem e com a natureza.

O Brasil é um país grande com marcantes desigualdades sociais, fincadas nos parâmetros que definem a sociedade de classe dependente. As desigualdades sociais estão presentes desde o tempo da formação moderna do país. Desde a época em que a classe trabalhadora compunha o substrato da maioria da população negra, que vive sob a exclusão da abolição aos dias de hoje.

Somos ainda um povo formado por trabalho escravo e com baixa remuneração. Somos ainda um povo que trabalha muito para enriquecer a camada considerada privilegiada. Somos ainda um povo privado de direitos, tais como moradia, educação, comida, entre outros, e é

nesse contexto que faço a reflexão sobre o letramento no grupo de Catadores, como sujeitos pertencentes a essa camada explorada por grande parte da sociedade.

Esse dia a dia de lutas e de trabalhos infundáveis e desvalorizados me remete às práticas sociais dos Catadores, que fazem uso de símbolos e de estratégias de seleção ao organizar o material catado e trazido para os locais de trabalho do grupo. Separam os papéis brancos porque valem mais, separam as garrafinhas pela cor e tamanhos, separam os papelões, conforme já foi dito, e assim por diante. Separam ainda livros e textos escritos, para, posteriormente, retirar as capas e preservar o valor do papel. Muitos leem alguns papéis escritos antes de levá-los para a prensa.

Dessa forma, segundo a orientação de Barton, (1991, p. 5) é possível usar os dois termos, ou seja, eventos e práticas de letramento que, para o autor são colocados da seguinte forma:

Eventos de letramento são as atividades particulares nas quais o letramento tem um papel; elas podem ser atividades regulares repetidas. Práticas de letramento são maneiras culturais gerais de usar o letramento a que as pessoas recorrem em um evento de letramento.²⁴

Pensando nas inúmeras atividades particulares usadas pelos Catadores, como elaborar relatórios, mandar recados, separar o material catado por espécie, uso com certa frequência, ao longo deste texto, a expressão eventos de letramento.

Portanto, para discutir letramento no cotidiano de pessoas pertencentes a grupos sociais orais, como é o caso dos Catadores, é preciso fazer isso pensando nas *práticas de letramento e eventos de letramento*. Para isso, precisamos ver a leitura como prática social, a rede social da qual o sujeito faz parte, bem como suas crenças, seus valores, sua rotina, lembrando que os Catadores que fazem parte das Cooperativas e Associações têm rotinas e ações diferentes dos Catadores que fazem parte dos Depósitos, observando a organização de cada grupo particular.

Os Catadores na Cooperativa e Associação mantêm o letramento no cotidiano e participam de vários eventos. Pela manhã, por exemplo, ao chegar ao local de trabalho na Associação, eles se reúnem em torno de um tablado que faz o papel de mesa. Uns ficam em pé, e outros se sentam no chão e tomam o café com pão. Nesse momento, conversam, riem e naturalmente deixam sobre a ‘mesa’ o copo que é quase sempre uma lata catada na rua e começam a trabalhar, cada um desempenhando organizadamente a sua função.

²⁴ Literacy events are the particular activities in which literacy has a role; they may be regular repeated activities. Literacy practices are the general cultural ways of utilizing literacy that people draw upon in a literacy event.

Na Associação e na Cooperativa, enquanto um sujeito se encarrega da prensa, outro cuida da apara do papel, outro da separação de objetos e assim por diante e param às dez horas para um lanche e depois param ao meio dia para o almoço. Param devagar, falando e rindo muito, de quase nada; lavam as mãos e o rosto em uma água estagnada em uma caixa d'água velha e aberta colocada no chão, e quem não vai para casa almoçar com os filhos se reúne naturalmente em torno da mesma 'mesa' sem forro, mas com as panelas e as vasilhas sobre ela. A comida é simples: arroz, feijão, verdura, carne e às vezes refrigerante.

Cada um se serve e se acomoda ao redor da mesa. Conversam com alegria, alguns fazem o sinal da cruz. Ao término da refeição, uns agradecem a Deus pela comida em silêncio e de cabeça baixa, e se deitam por alguns instantes no chão, junto aos materiais catados. Após o rápido descanso retomam o trabalho e só param no final do dia.

Já quem faz parte do Depósito e cata nas ruas não toma café em grupo e muito menos tem uma 'mesa' com café e pão. Quem não dormiu no Depósito, chega muito cedo, pega o carrinho que, na maioria das vezes, pertence ao dono do Depósito e sai para catar o material e o sonho de uma vida melhor. Alguns traçam seu caminho antes de sair. Outros saem e andam por onde sabem que tem material a ser recolhido. Se se alimentam ou não no decorrer do dia é relativo. Na maioria das vezes, não fazem nenhuma refeição ou às vezes passam a comer o que encontram nos restos catados nas ruas; outras vezes param em restaurantes populares. Outras vezes ganham comida de restaurantes. Alguns só vão se alimentar à noite quando chegam do trabalho.

São eventos aparentemente diferentes, mas todos levam o Catador ao encontro de papéis, garrafas, caixas, papelão e textos escritos. Na Cooperativa e na Associação normalmente acontecem várias reuniões aos sábados. Nesses encontros sentam-se em círculo em torno de uma mesa previamente preparada e forrada, com papéis e canetas sobre a mesa e nessas reuniões discutem o que ocorreu durante a semana e planejam a semana seguinte.

O evento de letramento a seguir é importante, porque observamos que os Catadores leem o estatuto e fazem avaliação uns dos outros e elogiam os parceiros quando é merecido, conforme figura abaixo.



Figura 4.1 Reunião na Associação

Nas reuniões que acontecem na Cooperativa e na Associação, os sujeitos da pesquisa ficam sempre atentos e fala um de cada vez. Os Catadores fazem atas, leem propostas de trabalho, fazem e discutem relatórios recebidos de Instituições, fazem prestações de contas também com Instituições parceiras.

A reunião mostrada na figura 4.1 em destaque aconteceu na Associação, em um sábado, e faz parte da rotina dos Catadores. Durou de oito horas da manhã até o meio dia. O objetivo da reunião é primeiro discutir assuntos referentes ao trabalho durante a semana e, em seguida, planejar a semana seguinte.

Todos estão sentados em torno de uma mesa forrada, porque o evento é formal. Sobre a mesa está uma caixa com papel, que é usado por quem sabe escrever e para fazer anotações importantes. Todos ficam atentos. Prestar atenção nas ações dos outros é também uma maneira de introduzir as vontades, os valores e instruções.

A reunião foi presidida pela presidente e pelo tesoureiro. Essa reunião em especial, contou com a presença de agentes de letramento de uma Universidade pública que normalmente presta assessoria em projetos sobre meio ambiente fazendo parceria com a Associação.

A presidente abriu a reunião agradecendo a todos pela presença e pela eficiência no trabalho demonstrada durante a semana. Deu alguns avisos e pediu ao secretário para ler a ata da reunião anterior. Feito isso o tesoureiro tomou a palavra e prestou contas do que entrou e do que saiu na Associação bem como sobre os gastos extras com reformas da prensa. Pediu aos associados para economizar água e mostrou o talão com a conta alta.

Em seguida, alguns associados tomaram a palavra, fizeram críticas à diretoria, sugeriram melhora no relacionamento entre os cooperados. As sugestões são feitas oralmente e contribuem para o bom andamento dos trabalhos.

O assunto principal da reunião era a coleta seletiva, que está sendo implantada pela Prefeitura de Goiânia. Discutiam de forma positiva sobre o programa e questionavam a participação dos Catadores no programa proposto pela Prefeitura. Demonstravam interesse e afirmavam acreditar na iniciativa, pois, dessa forma, a parceria entre Prefeitura e Catadores se concretizaria de forma profissional. Discutiam ao mesmo tempo alguns equívocos e falhas cometidas pelos Catadores durante a semana na Associação e procuravam resolvê-las de forma bastante racional.

A escrita faz parte desse evento, desde os primeiros momentos da reunião quando citam o estatuto como instrumento da formação dos Catadores colocando o papel escrito como algo importante e responsável pelo caminho que deve ser trilhado, mas que, sobretudo, orienta práticas orais e trocas de experiências no dia a dia, o que me leva a comprovar que o letramento tem um significado social e vai além da existência de dimensões sociais e está em um contexto social. Diante desse contexto social, o ato de ler e escrever se torna simbólico, e adquire um significado social afirma Barton (1994, p. 83), porque a aprendizagem é algo que acontece todo o tempo, pois todas as atividades envolvem aprendizado, quer seja separando os materiais recicláveis, selecionando, prensando, quer seja em torno de uma mesa para discutir e resolver questões referentes ao aprendizado diário.

No depósito, não há reuniões nem qualquer discussão em grupo a respeito de regras ou regulamentos nem tampouco discussões a respeito de projetos. Aos sábados, é dia de pesagem de todo o material catado durante a semana. É também dia de pagamento. O texto escrito que existe é aquele catado na rua e nem sempre é lido; outro tipo de texto frequente são as anotações do peso do material trazido pelo Catador, no caderno pessoal do dono do Depósito.

Só existe, neste ambiente, muito riso, muita piada, muita reclamação, discriminação e muito cansaço. Alguns Catadores acertam seu provento com o dono do Depósito e em seguida vão para casa cuidar dos afazeres domésticos como lavar roupas, limpar a casa que, na verdade, é um quarto e/ou descansar. Outros voltam para as ruas para catar, incessantemente, pois não têm para onde ir e dormem pelas ruas.

Essas atividades nas Cooperativas e Depósitos envolvem letramento de várias formas, pois esse está embutido em atividades da vida diária. Isso parece muito diferente do que se costuma ver no sistema formal de ensino, como é o caso de um Catador fazer uma ata, traçar seu caminho fazendo um desenho no chão. Barton, (1991, p. 2) afirma que

esses usos são muito diferentes, e pode não ser aconselhável pensar na escrita como uma atividade que é a mesma em todas as situações. (...) Também achamos que precisamos falar em termos de letramentos não somente um letramento. Mesmo se focarmos somente na escrita, há muitas maneiras de escrever, não somente uma.²⁵

O grupo social formado pelos Catadores, pois, é uma sociedade particular, e as formas de letramento são passadas de geração a geração historicamente. Os sujeitos aprendem ao longo da vida, ao longo da idade, no dia a dia do trabalho e das discriminações sofridas, pois a escrita desses Catadores quase sempre é feita de muito sofrimento segundo depoimento a seguir: *é difícil lê e escrevê, nós num foi pá escola, a pobreza era grande/ tinha que trabaia e escrevê inda hoje é difícil, num sei quase nada, tem vergonha de batê o dedão, num é?*

A leitura da vida que ocorre fora da educação formal muitas vezes não é percebida pelos Catadores, sem dizer que a escrita nesse contexto adquire um contorno e um significado diferente do que é feito na escola. Os sujeitos aprendem uns com os outros, na dura rotina de ganhar o seu sustento. Podemos observar, então, que a escrita como atividade não é igual em todas as situações, por isso temos eventos e práticas variadas de letramento.

Mais uma vez lembrando Barton (1991) o termo “*prática*” é usado em muitas disciplinas e vários pesquisadores a aplicam ao letramento, pois essas práticas particulares de leitura e escrita são ensinadas em qualquer contexto.

Scribner e Cole (1981 apud Barton, 1991, p. 4) abordam o letramento afirmando que

em vez de focar na tecnologia de um sistema de escrita e suas consequências conhecidas... abordamos o letramento como um conjunto de práticas socialmente organizadas que fazem uso de um sistema de símbolos e uma tecnologia para produzi-lo e disseminá-lo. Letramento não é simplesmente saber como ler e escrever um roteiro específico, mas aplicar este conhecimento para objetivos específicos em contextos específicos de uso. A natureza dessas práticas, incluindo, é claro, seus aspectos tecnológicos, determinará os tipos de habilidades (“consequências”) associadas com o letramento. (Scribner ; Cole, 1981, p. 236)²⁶

²⁵ These uses are very different, and it may not be very useful to think of writing as one activity that is the same across all situations. (...) We also find we need to talk in terms of literacies nor just one literacy. Even if we focus just on writing, there are many ways of writing, not just one way.

²⁶ Instead of focusing on the technology of writing system and its reputed consequences... we approach literacy as a set of socially organized practices which make use of a symbol system and a technology for producing and disseminating it. Literacy is not simply knowing how to read and write a particular script but applying this knowledge for specific purposes in specific contexts of use. The nature of these practices, including, of course, their technological aspects, will determine the kinds of skills (“consequences”) associated with literacy. (Scribner & Cole, 1981.p.236)

Concordo com os autores, e considero que o letramento não significa somente saber ler e escrever um texto especial, mas colocar este conhecimento em favor de “objetivos específicos em contextos específicos de uso” (Scribner ; Cole, 1981, p. 236)

Os dados da pesquisa autorizam-me a afirmar que as reuniões em torno de uma mesa, em que o Catador escreve a ata, por exemplo, é um evento de letramento importante e particular, repetida em todas as reuniões. E o uso desse tipo de letramento se dá na rotina de todos os Catadores, ligados à Cooperativa e Associação, em práticas de letramento inclusive no roteiro riscado no chão como forma de organizar seu percurso nas ruas da grande Goiânia.

Essa prática me remete ao pensamento de Mollica (2007, p. 16) ao referir-se às práticas de letramento e apropriação da escrita como meio de inclusão social, afirmando que “a escrita tem múltiplas funções, desde as mais rotineiras até as que permitem acesso às esferas de poder. Assim, o letramento tem que ser entendido como prática social em que se constroem identidades e poder extrapolando-se os limites da escrita.”.

Entre os Catadores essas práticas acontecem em diferentes lugares e em diferentes situações. Acontece em casa no trabalho de organizar as atividades domésticas, no ato de ler um texto escrito trazido para casa. No trabalho ocorre, nos momentos de reunião com os parceiros e com autoridades. Em momentos de eventos religiosos, no trabalho organizado e quase uníssono de separar, cortar, contar, selecionar, dividir e prensar o material catado.

O evento a seguir retrata uma forma de uso da escrita pelos sujeitos da pesquisa. Essa não é uma prática tão comum como a escrita de separar materiais, de juntar e organizar os materiais, mas é uma prática rotineira de assinar o ponto na Associação como forma de cumprir uma das normas do estatuto social.



Figura 4.2 Assinatura do Ponto

O local do evento é na Associação, mais especificamente no escritório. Pode-se verificar que o escritório contém uma mesa cheia de papéis, pastas que contêm documentos. O objetivo do evento é cumprir uma das normas do estatuto que é garantir a presença diária no local de trabalho. A Catadora tem noções básicas de leitura e escrita e é a responsável pela separação dos jornais antes de levá-los para a prensa. É uma das Catadoras que tem mais contato com o texto escrito e, segundo ela, sempre lê as manchetes dos jornais, porque não pode parar o trabalho para ler mais do que isso. Observamos que a Catadora ignora a mesa e assina o ponto no colo, demonstrando, quem sabe, a pouca convivência com a escrita como tecnologia.

A escrita se insere nesse evento com a assinatura do ponto. O assinar e bater o ponto fazem parte da rotina de grande parte de empresas na modernidade e não deixa de ser um ato de organização, mas também de controle, como se o ponto garantisse produtividade e eficiência no seu trabalho. Temos aqui o letramento de organização e compromisso. O gesto isolado de se fazer presente com a assinatura do ponto me remete a Olson (1997, p. 167) quando afirma que “a escrita implica a preservação de uma parte da língua - aquilo que foi realmente dito, o dado, que poderia ser contrastada com as devidas interpretações e as intenções que estão por trás”.

A Catadora é uma senhora de pouca conversa, séria, na maior parte do tempo está sempre atenta e calada, de forma que sua produção no trabalho é considerada pelos companheiros como eficiente. Vale lembrar que se por acaso um Catador esquecer de assinar o ponto, em um dia, no dia seguinte pode fazê-lo, o que demonstra que esse gesto vale também para cumprir normas previstas no estatuto da Associação.

Todos os sujeitos lidam com este fato com naturalidade e todos os dias se dirigem ao escritório para assinar o ponto. Nesse contexto, pode-se dizer que temos um evento de letramento no qual o texto escrito se faz presente e traz consigo uma carga de significados sociais relacionados ao contexto de que participa o sujeito. Esse é um uso imposto de letramento gerado por si mesmo segundo Barton (1991).

Esses letramentos são dominantes no momento em que se preenchem formulários oficiais, do lado de fora, no momento do cumprimento de uma regra. Letramentos dominantes segundo Barton (1994, p. 39) “originam-se de instituições dominantes da sociedade.

Letramento vernaculares têm suas raízes na vida diária”²⁷, pois os sujeitos repetem ações que são práticas comuns na sociedade letrada.

Pode-se afirmar que o evento da assinatura de ponto é considerado autoimposto e autogerado, porque se origina de imposições da sociedade de prestígio, mas é, sobretudo, um letramento vernacular, porque faz parte e também tem origem da prática diária do Catador trabalhador.

Esse é um evento importante porque responde a duas perguntas feitas no início deste trabalho no que se refere à importância do texto escrito para os Catadores e, sobretudo o modo como o grupo se insere na sociedade letrada. Mais do que isso, a escrita é que se insere com naturalidade em uma comunidade de cultura oral. Observamos que na maioria das vezes, um grande número de pessoas ao passar pelos Catadores, puxando seus carrinhos, não conseguem ler aquele evento de encontrar, de escolher, selecionar o organizar o material catado nas ruas como um evento de letramento. Nem tampouco observam a quantidade de escrita que o Catador leva consigo em seu carrinho. Observemos então, um Catador em um outro evento de letramento importante.



Figura 4.3 Catação de Veneno

O evento de letramento acima teve início às sete horas da manhã e terminou às vinte horas. Andamos durante todo o dia sob um sol escaldante e parávamos de vez em quando, muito mais por minha causa do que pelo Catador que está acostumado a essa rotina.

²⁷ Dominant literacies originate from the dominant institutions of society. Vernacular literacies have their roots in everyday life

Após andarmos mais ou menos uns quinze quilômetros paramos em uma praça bem movimentada para que o Catador organizasse o carrinho. A praça localiza-se em um bairro nobre da cidade, é bastante movimentada e cercada por prédios suntuosos. O Catador se veste com o uniforme da Associação da qual participa. Usa adornos como colar e uma pulseira, bem como um boné vermelho. O Catador é líder e faz parte da direção da Associação, tem domínio mínimo da leitura e da escrita. É o responsável pela elaboração de textos importantes na Associação, como a ata e ainda orienta os companheiros em diversas atividades escritas.

Como disse anteriormente, os Catadores ligados às Associações e Cooperativas normalmente não catam nas ruas, mas essa foi uma ocasião especial. A Associação passava por uma séria crise financeira e provisoriamente alguns Catadores trabalharam nas ruas também para pagar as contas urgentes da Associação.

O objetivo da pesquisadora é verificar como se dá o contato do Catador com o texto escrito nas ruas enquanto cata os materiais recicláveis. Primeiramente, o sujeito planejou sua trajetória de forma negociada com os companheiros da Associação e de forma que eu pudesse acompanhá-lo sem ser vencida pelo cansaço e desistir no meio do caminho. Traçou mentalmente as ruas sem muita subida e sem muitos obstáculos, mas não podíamos evitar o sol escaldante e a falta de água para beber. O Catador bebia água das torneiras na rua, mas não me animei a fazer isso. Água na minha cultura precisa ser filtrada. O Catador se reuniu com a direção da Cooperativa e planejou sair comigo em um sábado em que não havia reunião e saímos bem cedo.

Nesse dia, fizemos um percurso de quinze quilômetros parando de vez em quando. Quando chegamos à praça anteriormente mencionada, enquanto o Catador organizava o carrinho, encontrou em um canto da praça uma garrafinha branca com rótulo. Imediatamente, antes de colocá-la junto aos materiais catados, passou a ler o rótulo com atenção e devagar. Segurou a garrafa com a mão direita e acompanhou a leitura com o dedo esquerdo para não se perder e logo disse assustado: *viche! é veneno, isso não pode ficá aqui e se uma criança pegá?* Além do letramento sobre os perigos do produto há a preocupação com os outros habitantes da cidade.

Ao observar detalhadamente a ação do Catador, a atenção com que ele lia o que estava escrito naquele rótulo bem como observar a expressão de espanto por encontrar na rua algo tão nocivo às pessoas, pensei na sensibilidade do sujeito e na importância de fazer uma breve reflexão no estudo de gêneros, mesmo este não sendo o foco do meu estudo.

Remeto-me, então, a Marcuschi (2008, p.161) quando define que

gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder (...) gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia

É dessa forma que o rótulo entra no contexto da pesquisa como um texto escrito. Lembro ainda que o rótulo de modo geral tem um alto grau de circulação social e econômico. O gênero rótulo de embalagem permite a compreensão dos mecanismos e dos elementos que compõem os vários gêneros textuais assim como a sua intencionalidade ideológica.

Os rótulos de embalagens são registros históricos que representam cultura, representam valores e os ideais de uma sociedade, numa determinada época e revelam os costumes, os gostos e as tendências de consumo de um povo. É ainda um recurso útil para o consumidor escolher os produtos que deseja consumir e exige determinado letramento para compreender.

Para a Linguística o rótulo é caracterizado como gênero discursivo publicitário, tem circulação social e oferece situação de comunicação real. Além disso, o rótulo tem a função de persuadir e de informar, (MARCUSCHI, 2008), motivo pelo qual o Catador leu, cheirou, examinou demoradamente todas as informações contidas no rótulo para depois identificá-lo como veneno.

Ao identificar o vidro como veneno, o Catador ficou perplexo e chegou a se espantar de como as pessoas são capazes de jogar na rua uma substância tão perigosa, demonstrando consciência socioecológica. Esse tipo de escrita e o papel que ela desempenha fazem parte da vida diária dos Catadores e pode ser considerada parte de muitas partes de atividades de compreensão que está implícito no grupo em estudo.

Durante toda nossa trajetória o Catador parou várias vezes pra ler placas, avisos nos pontos de ônibus, papel amassado, manchetes de jornais entre outros. Lia apressadamente para saber o que catar e o que separar no carrinho. Este é um evento de letramento importante porque relata a leitura social que faz parte da vida diária do Catador.

Vale lembrar que o ato de ler do Catador teve a função de ajudá-lo a selecionar, pois catava para Associação. Ao acompanhar alguns Catadores pela rua esse Catador, de modo especial se preocupou em ler mais do que outros, talvez porque uma de suas tarefas na Associação seja lidar com a escrita como tecnologia.

Ao final da leitura do rótulo, o Catador não colocou o vidro de veneno junto aos demais objetos catados. Amarrou-o junto ao seu corpo, em um cinto velho e esperou o

momento e o lugar oportuno para descartá-lo. A sua maior preocupação sempre foi referente ao perigo de uma criança encontrar o vidro e se prejudicar involuntariamente.

Essa preocupação em preservar a vida nos remete ao cuidado de si e dos outros que tanto apregoa Foucault em suas obras. A leitura, pois, nesse contexto, nos apresenta várias faces e esta é uma demonstração de uma leitura social que perpassa pela decodificação, mas não se fixa nem se perde no simples decodificar de palavras. A leitura, nesse caso, significa informação, interação e cuidado com o mundo e com as pessoas, portanto uma reação letrada.

Esse é um evento de letramento com um segmento de práticas socialmente organizadas, pois letramento não é somente saber ler e escrever roteiros, mas aplicar este conhecimento para objetivos específicos em contextos específicos de uso. (Barton, 1991). A seguir veremos mais um evento de letramento onde o texto escrito tem um papel fundamental.



Figura 4.4 Escrita da Ata

A reunião demonstrada na figura 4.4 é uma prestação de contas e faz parte da rotina da Associação e conta com a presença de todos os associados. A reunião aconteceu em uma manhã do último sábado do mês, no galpão da Associação. Teve início às nove horas da manhã e terminou ao meio dia. O evento teve início com a solicitação da presidente para que todos se sentassem em círculo em volta da mesa, e em seguida agradeceu a presença de todos e passou a palavra para o tesoureiro para que ele fizesse a prestação de contas do mês.

A reunião se transformou em evento de letramento burocrático porque toda a conversa estava centrada no estatuto social e um Catador escrevia a ata, o que possibilitou a entrada da escrita no evento como algo muito importante.

O tesoureiro tomou a palavra e fez a prestação de contas dos gastos do mês. Enquanto um falava, os demais sujeitos associados ficavam atentos e faziam comentários e críticas.

Após a prestação de contas, houve várias sugestões de alguns associados no sentido de contribuir para o bom andamento dos trabalhos na Associação. A presidente tomou a palavra, fez autocrítica e propôs um planejamento das ações para o próximo mês, pois argumentou que alguns Catadores estavam trabalhando de forma isolada, o que não é permitido na Associação. Propôs também que houvesse mais harmonia entre os associados.

Após calorosa discussão a presidente pediu ao secretário para ler a ata em voz alta para que todos pudessem assiná-la. Quem não sabia escrever pediu para o colega colocar o nome ao final da ata.

A ata é um documento de registro formal, no qual se resumem os pontos mais relevantes da reunião. A ata é um gênero textual importante para o evento. O Catador registra os pontos relevantes e, às vezes, interrompe a escrita e pede para que se repita o que estava sendo discutido para não ficar nada sem registrar, e, desta forma, aprendem uns com os outros. Há passagem da escrita à oralidade com muita presteza.

Isso me leva ao pensamento de Barton (1991) quando afirma que as pessoas aprendem sobre letramento através da vida, independente da idade e todas as idades são momentos de aprender. Remeto-me ao autor pensando na idade e nos saberes dos Catadores que tão bem discutem os problemas que ocorrem na associação em seu dia a dia. Aprendem falando com a dureza da voz que a vida lhes impôs e com a ternura de reconhecer um equívoco, retratando-se diante dos companheiros e muitas vezes se desculpando por algo feito anteriormente conforme depoimento a seguir: *aqui nós aprende unscosotos, ingual quando eu cheguei, num sabia o nome de na:::da, fui aprendeno cus colega, e hoje sei tudo aqui, vamo dizê que ninguém passa nós pratrais não*, (S.11)

A vida exige que as pessoas sejam bem sucedidas. A leitura e a feitura da ata pelo Catador servem para suprir uma das necessidades básicas do ser humano. A ata é feita em cada reunião e depois é lida, aprovada e assinada. Vale lembrar que os Catadores não aprenderam a fazer ata na escola, por onde alguns tiveram uma passagem bem rápida. Aprenderam com outras pessoas ou até mesmo de ouvir falar no dia a dia.

O Catador que faz a ata é líder e desempenha diferentes papéis ao participar do evento de letramento. O sujeito faz parte da direção da Associação, cata na rua quando é necessário, conforme vimos no evento anterior. Além disso, faz cálculos mais complexos, atende a empresas e a clientes caso a presidente não possa fazê-lo; é cordial com os demais companheiros e, por isso, é respeitado e bem visto pelos demais Catadores porque tem experiência com o trabalho de catar e tem também domínio da leitura e da escrita.

A importância de iniciar e terminar uma reunião em torno de um pedaço de papel, no caso, o estatuto, demonstra que as pessoas são influenciadas por funções socialmente construídas. As pessoas aprendem que há papéis apropriados e não apropriados e por isso, o Catador que escreve a ata não se vê com superioridade nem com vaidade, pois cada sujeito tem seu papel a desempenhar na rotina da Associação e da sua vida.

Outro evento importante é o que vem a seguir, em que há também um pedaço de papel. A Catadora está encarregada de ministrar aulas para os colegas e está sempre temerosa de não cumprir bem esta tarefa e conta com a ajuda da pesquisadora. Veja na figura seguinte mais um evento de letramento importante:



Figura 4.5 Aula na Associação

Na figura 4.5, apresentamos um evento de letramento. Trata-se de uma aula ministrada pela Catadora presidente da Associação que tem o domínio da leitura e da escrita, no recinto da própria Associação. Para desempenhar esta função a Catadora recebeu um rápido treinamento de equipes da Secretaria Municipal da Educação que participam do programa, juntamente com outras entidades parceiras.

O programa AJA - expansão Brasil Alfabetizado - objetiva resgatar identidade, cidadania, bem como criar alternativas para satisfazer as necessidades básicas do sujeito e possibilitar a formação continuada do sujeito. O programa teve início na Associação recentemente e conta com o apoio dos demais associados que, mesmo reclamando de cansaço, frequentam às aulas noturnas porque acreditam na importância de saber ler e escrever e também acreditam na escola, o que condiz com os dizeres de Mollica (2007, p. 14) ao afirmar que “estudar é a garantia primordial de melhorar de vida, embora o contato com a cultura letrada já ofereça benefícios.”

Diante disso, é bom lembrar que todos os Catadores da Associação de uma forma ou de outra têm contato com o mundo letrado. Por isso a escrita participa da rotina da Associação e integra todos os momentos do dia a dia dos Catadores que atestam a importância do estudo como um valor, um bem que lhes proporciona *status*, mas que não lhes garante lugar de prestígio na sociedade. Veja depoimento a seguir: *quem é presidente aqui tem de sabê lê , pois tudo quanto é coisa tem que lê/ agora tem aula aqui pra nós, vai ficá fácil pá lê, mais num dianta nada, nós tá cansado, mais pensano bem, todo dia, todo dia, tem coisa pá lê, mais só uns poco sabe/ num dianta estudá não, só dianta, né, pra ninguém passá nós pratrais, mais na nossa vida num vai mudá não,(S.50)*

A escrita intermedia esse evento com a Catadora discutindo a forma de se escrever o próprio nome e inserindo o Catador no mundo da escrita formal. A escrita se apresenta também por meio de vários livros espalhados pela mesa da Catadora-professora e com alguns cadernos sob a mesinha dos Catadores-alunos. É importante também ressaltar que a discussão oral é calorosa a respeito da importância daquele programa para que se garanta a cidadania e dignidade conforme depoimento a seguir: *olha, nós precisa istudá/ o curso vai fazê nós pensá milhó, vai fazê os oto respeitá mais nós, porque vamo dexá de batê dedão ô ficá calado nas reunião, quem sabe lê é diferente, (S.27)*

O evento de letramento teve início às 19h e terminou às 21h. As aulas acontecem de segunda a quinta-feira e há muita rotatividade entre os Catadores-alunos. Nesse evento específico a Catadora-professora falava sobre amizade e para isso todos precisariam falar um pouco sobre esse sentimento. Houve boa participação dos Catadores, mas também dificuldade para se discutir assunto tão abstrato.

O objetivo da pesquisadora é verificar como se dá o contato do Catador com o texto escrito em sala de aula e qual a perspectiva do Catador a respeito do ensino formal. A maioria não pode avaliar a importância que tem a sala de aula porque jamais viveu essa experiência, mas no imaginário de cada um essa sala representa o futuro, conforme afirma o Catador - (S.21) - *é bõ, né? Estudá e arrumá oto serviçu, né não?*

Esse evento é importante para, através do texto escrito, também discutir sobre laços afetivos como propõe a Catadora-professora, discutir conflitos e redescobrir novas maneiras de fazer as coisas. A Catadora professora afirma: *aqui nós vai aprendê as letra, nós vai tomem falá de amizade, de fofoca, de respeito, essas coisa, eu é pá trabaiá milhó (S.27).* Outro evento de letramento importante é a realização da assembleia de fundação da Cooperativa que virá a seguir:



Figura 4.6 Assembleia na Cooperativa

O evento de letramento demonstrado na figura 4.6 aconteceu em uma terça-feira dia 30 de novembro de 2010 e teve início às 15horas e se estendeu até às 17 horas. Estavam presentes vinte e dois cooperados juntamente com um membro diretor do Movimento Nacional dos Catadores, responsável pela orientação dos Catadores no que se refere à organização das Cooperativas. Estava presente também um parceiro da Universidade responsável por um projeto que orienta os Catadores.

Primeiramente, forraram a mesa e colocaram sobre ela os documentos escritos preparados para a realização da assembleia. Em seguida, fizeram a composição da mesa, analisaram e aprovaram o estatuto. Após discutir cada ponto, procedeu-se à votação dos diretores e conselho fiscal. A votação foi por aclamação. É interessante ressaltar que vários Catadores fizeram uso da palavra ora para cumprimentar o companheiro ora para agradecer, e todos assinaram a ata de fundação da Cooperativa.

Após a votação, a presidente eleita tomou a palavra, agradeceu a todos pela confiança e convidou para uma confraternização. O evento de letramento é permeado por textos escritos formais, tais como edital de convocação, estatuto, ata, gêneros já discutidos neste trabalho. Esse é um evento de letramento importante porque a escrita intermedia o evento e ajuda na organização dos sujeitos Catadores na Cooperativa e proporciona-lhes mais acesso à cidadania.

A seguir, discuto as diferentes práticas de letramento no grupo em estudo.

4.2. DIFERENTES PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO CONTEXTO DOS CATADORES.

Um grande número de Catadores participa de diferentes práticas de letramento em situações diversificadas. Em casa, no local de trabalho, nas ruas. Em casa participam das atividades escolares dos filhos e muitas vezes levam textos e livros para que os filhos leiam para eles, caso não tenham o domínio da leitura, como é comum entre eles. Conversam ao final do dia sobre as atividades no trabalho, organizam as refeições, cuidam da higiene da casa e dos filhos. A seguir sistematizo os dados referentes às ações dos Catadores observando as diferentes práticas em cada contexto ou seja, em casa, no trabalho dos Catadores ligados a Associação, Cooperativa e Depósito.

4.2.1 Catadores ligados a Associações

Em casa:

- Participam das atividades escolares dos filhos;
- Organizam as refeições;
- Assistem aos noticiários da televisão;
- Cuidam da casa;
- Contam estórias para os filhos;
- Lidam com tecnologia como uso do celular, vídeo, DVD, TV entre outros.

A rotina de casa dos Catadores nos leva a refletir sobre alguns detalhes que nos chamam a atenção como, por exemplo, a participação dos pais nas atividades escolares dos filhos. Ao mesmo tempo em que eles se preocupam com a educação formal dos filhos e acreditam na escola, qualquer coisa é motivo para que os filhos falem às aulas, como por exemplo, ficar em casa vigiando os irmãos menores, ajudar no trabalho da Instituição, assim por diante.

As Catadoras donas de casa não têm horário para preparar as refeições. Quando estão em casa aos finais de semana, a hora da refeição é a hora da fome. Comem desordenadamente alimentos enlatados e compram muitas comidas prontas, feitas em qualquer lugar o que dá a impressão de que não têm consciência do que seja uma alimentação saudável. Os hábitos de

higiene no preparo das refeições também deixam a desejar. Nem sempre lavam as mãos para preparar refeições e não têm filtros de água em casa.

Uma tarefa rotineira que cumpre horário é o preparo da mamadeira para a criança da casa. Mede-se o leite, o açúcar, coloca em uma vasilha previamente preparada e espera o leite fervido esfriar até ficar no ponto de a criança mamar. Perguntada sobre onde e como aprendeu a preparar a mamadeira a Catadora diz que via a mãe preparar para os irmãos e aprendeu. Ela tem três filhos e esta é uma atividade que sabe de memória. Não precisa de receita, mas para preparar um bolo mede os ingredientes, usando uma chávina, conta os ovos, calcula para quantas pessoas será feito o bolo e diz que sabe a receita de cor, mas um dia a receita foi lida.

Não se lembra se foi uma vizinha que lhe deu a receita ou aprendeu vendo a mãe fazer quando era criança. Não vi nenhum caderno de receita na casa. Esses eventos, porém, podem ser considerados uma mistura numérica com letramento escrito, porque as receitas vêm dos livros, de revistas ou de televisão, conforme Barton e Hamilton (1998, p. 09).

Alguns Catadores assistem a programas na televisão com frequência. Veem jogos, filmes, mas a grande preferência é por programas humorísticos e por desenho animado, talvez para aliviar um pouco a dureza da rotina.

Cuidam da casa com frequência e procuram manter tudo sempre limpo. Varrem, passam panos, limpam poeira, guardam coisas no lugar, embora as roupas estejam sempre sem passar e amontoadas em uma caixa grande e limpa. Ao usar a máquina de lavar manuseiam o manual de instrução e lidam com peso.

As histórias mais frequentes que contam aos filhos são as histórias relacionadas às experiências de catar e a experiências pessoais, contando sobre o sofrimento que tiveram na infância. Contam as experiências que tiveram com drogas e bebidas para que, segundo eles, os filhos não repitam a mesma experiência sofrida. Não vi nenhum livro literário nas casas dos Catadores, que preferem vender esses livros em uma feira que acontece a cada domingo, para complementar o orçamento doméstico. Encontrei, porém muitos livros didáticos que encontram na catação para que os filhos possam estudar além dos livros escolares fornecidos pela escola.

No trabalho:

- Participam de reuniões;
- Organizam-se sobre preços e horários;
- Escrevem documentos;
- Separam materiais por espécie;

- Constroem carrinhos;
- Reúnem-se em torno da mesa para fazer as refeições;
- Fazem convites;
- Fazem reuniões de confraternização;
- Durante eventos religiosos acompanham as orações e os cantos no papel e/ou repetem as preces aprendidas na infância;
- Prensam, amarram, negociam materiais;
- Lidam com contas diárias e com contas bancárias;
- Fazem palestras;
- Assinam convênios;
- Memorizam números telefônicos.
- Manipulam o celular.

Chegam ao local de trabalho pontualmente e procuram se posicionar no local em que deverão desempenhar suas atividades. A rotina no trabalho é árdua. Participam de reuniões sistematicamente para fazer planejamento das atividades diárias. Fazem isso semanalmente e nesses momentos, preparam atas, fazem convites por escrito, entre outros documentos.

As reuniões acontecem em torno de uma mesa previamente preparada e forrada. Reúnem-se também para se confraternizarem, para fazer preces de agradecimentos, pelo trabalho. Preparam palestras e preparam documentos para assinar com empresas.

Nas ruas:

- Fazem educação ambiental;
- Participam de reuniões;
- Negociam com empresas;
- Fazem convênios;
- Fazem compras em lojas, supermercados, padarias, entre outros;
- Pagam contas;
- Vão aos postos de saúde;
- Organizam festas;
- Vão à igreja;
- Fazem compras;
- Usam o celular.

A rotina nas ruas serve para vários objetivos. São convidados por escolas e/ou empresas para dar palestras sobre educação ambiental, participam de reuniões com autoridades ligadas ao trabalho de catar na Prefeitura de Goiânia.

Ao negociarem com empresas não é necessário saber ler, mas é importante ter o domínio do trabalho de catar e separar, bem como o domínio do que será discutido oralmente. Mesmo assim, um Catador que tem domínio da leitura e da escrita sempre acompanha quem não sabe ler e se faz presente nas negociações para assinar o contrato.

As compras nas lojas acontecem de forma natural e os Catadores procuram comprar onde já conhecem o proprietário da loja porque nem sempre podem comprar e pagar na hora. Há aqui um fato importante que é o vínculo que estabelecem com o proprietário que também tem com os Catadores uma relação de confiança.

As visitas aos postos de saúde são como todas as visitas de qualquer cidadão brasileiro. Após esperar infinitamente, são atendidos. Têm desenvoltura para lidar com a atendente e com os médicos. Saem da consulta com a receita e logo providenciam a compra dos remédios. Se não sabem ler, o trabalhador do balcão da farmácia se encarrega de explicar a forma de tomar o remédio, que já foi feita anteriormente também pelo médico. Muitas vezes o funcionário escreve o modo de usar na caixa do remédio, o que nem sempre é lido, porque normalmente sabem de cor as orientações do médico como já foi dito anteriormente.

Frequentam igrejas católicas e evangélicas, mas não fazem isso com frequência. Na igreja alguns usam o texto escrito para acompanhar as orações, outros se portam cabisbaixos e em silêncio, rezando o que aprenderam na infância, mesmo porque sabem de cor a oração. Um grande número de Catadores não frequenta nenhuma Igreja, mas todos afirmam que acreditam em Deus.

4.2.2 Catadores ligados aos Depósitos

Em casa:

- Arrumam o local de moradia;
- Lavam roupas;
- Alguns se divertem ouvindo música;
- Alguns fazem uso de bebidas e drogas;
- Manuseiam o celular.

Os Catadores ligados aos Depósitos têm a vida muito mais difícil como já foi dito anteriormente. A arrumação da casa que não é bem uma casa acontece sempre. Praticamente a maioria vive em um pequeno cômodo alugado no próprio depósito. Mesmo assim, os sujeitos se preocupam em manter as roupas, os lençóis e os objetos pessoais em ordem. Lavam as roupas à noite ou aos finais de semana. Guardam em casa alguns livros que imaginam ser importantes, mesmo que não os leiam. O texto escrito que encontrei nos locais de moradia de alguns Catadores foram livros ligados a histórias infantis, revistas, a Bíblia da igreja Católica e Evangélica.

Não presenciei a feitura de comida, mesmo porque comem nas ruas enquanto catam, e fazem isso de domingo a domingo. Quase nunca se divertem, mas quando fazem isso frequentam bares e fazem uso de bebidas alcoólicas. Muitos se sentam em frente a uma televisão em bares e ou na rodoviária. Gostam de música e muitas vezes frequentam festas dançantes.

No trabalho

- Traçam caminhos riscando o chão;
- Separam materiais catados;
- Conhecem a tabela de preços;
- Pesam seu material catado;
- Vendem o material catado ao dono do depósito;
- Alguns leem notícias de jornais;
- Manuseiam o celular.

Poucos passam o dia no Depósito, mas quando estão presentes, separam materiais, juntam, têm contato com a tabela de preços. O texto escrito mais frequente é essa tabela e o caderno do dono do Depósito com a quantidade de material catado. Muitos leem notícias nos jornais velhos.

Nas ruas:

- Catam materiais;
- Separam previamente os materiais;
- Param de catar para ler rótulos, propaganda, entre outros;
- Vão aos postos de saúde;
- Conversam esporadicamente com as pessoas.

O trabalho nas ruas é árduo, catam de sol a sol, sem descanso, mas mesmo assim param muitas vezes para tomar água de torneiras nas ruas, param para ler um ou outro rótulo em garrafa, bem como avisos pregados nos pontos de ônibus e muros.

Também vão aos postos de saúde e são atendidos da mesma forma que os Catadores ligados às Cooperativas. Muitos não compram os remédios porque não têm dinheiro e muitas vezes não há o remédio prescrito pelo médico na farmácia do posto de saúde. Nessa hora, ficam sem tomar o remédio e a doença se perpetua ou o tempo se encarrega de restabelecer o sujeito.

Pensando nessas diferentes práticas, remeto-me à visão de Barton (1991), para quem, o letramento é parte de uma rede de uma vida em casa. É o uso da leitura de diferentes formas. Os sujeitos da pesquisa convivem com embalagens, receitas médicas, orientações oriundas dos postos de saúde, fazem compras em supermercado, trocam receitas de bolo com os vizinhos. Além disso, fazem celebrações de confraternização, fazem orações, pagam contas, conforme sistematizado anteriormente, enfim, fazem uso do letramento constantemente, conforme vimos antes.

Mais adiante o autor afirma ainda que “letramento não é o propósito dessas atividades, seu propósito é outro, - sobreviver, consumir, atuar no mundo - o letramento é uma parte integral para alcançar esses outros objetivos”.²⁸ (p.6)

Dessa forma os sujeitos se deparam com várias formas de uso da escrita e percebe-se uma posição de respeito por parte deles diante do texto escrito. Quando, por exemplo, se deparam com uma receita médica, imediatamente procuram se informar sobre a forma correta do uso do medicamento, não importa se dominam ou não a leitura.

Durante as celebrações religiosas, por exemplo, além de fazer as orações que aprenderam na família, na escola ou na igreja ao longo da vida, acompanham essas orações e os cantos religiosos em um papel escrito, previamente distribuídos pelos coordenadores da celebração - que não são Catadores -, não importa se têm ou não o domínio da leitura.

²⁸ Literacy is not the aim of these activities, their aim is something else – to survive, to consume, to act in the world - and literacy is an integral part of achieving these other aims.



Figura 4.7 Catadores em oração na Associação

O evento de letramento acima mostra a reunião das pessoas em oração e os Catadores demonstram agradecimento a Deus pelo sucesso do trabalho durante o ano que se encerra. A reunião é também uma confraternização entre os sujeitos. O evento ocorreu durante os festejos do Natal e contou com a organização de pessoas ligadas à Igreja Católica juntamente com a direção da Associação.

Os sujeitos da pesquisa estão de pé em círculo, em posição de oração. Estão todos concentrados e rezam acompanhando a oração com as mãos para cima em posição de agradecimento. A escrita que se insere no evento está em um folheto da Igreja, nas mãos da coordenadora do evento e todos acompanham oralmente porque conhecem a oração que aprenderam na infância em casa ou no catecismo. Esse pode ser considerado um evento de letramento porque as ações acontecem em torno de um pedaço de papel, segundo Barton, (1991) e serve para inserir o sujeito em um ambiente formal de oração.

Há também as contas a pagar que nem sempre são pagas em dia, mas quando as recebem pelo correio, a primeira coisa que os Catadores fazem é olhar o valor e em seguida a data de vencimento: *nóis oia o dia e o quanto temu que pagá, pra quando tivê dinhêru’/ olhá os número é mais fácil que as letra, porque as letra num é todo mundo que sabe lê, já os número,...* (S.17)

Isso não impede que se tenha consciência sobre o valor da dívida, pois trocam informações entre si e quem sabe ler, faz isso para o outro que não sabe. Fator importante também é que sabem se a conta é de água, luz ou telefone, pelo modelo, pelo formato, pela

cor e pela logomarca do talão, lembrando os dizeres de Lopes (2006, p.144) quando em seu estudo na Vila Irmã Dulce em Teresina, Piauí afirma que:

são numerosas e diversificadas as práticas sociais que esse material intermedia, pois é inegável a existência de cada uma dessas peças apenas para compor o ambiente, sem qualquer função ou uso já que a escrita é uma forma de manifestação linguística e, como tal, uma forma de interação.

Diante disso, observo que o contato com material letrado no trabalho é importante. Convivem com a escrita de atas, relatórios, ofícios, projetos, proposta de trabalho, agradecimentos, convites, negociações em dinheiro, entre outros. Esses documentos são importantes e quem os escreve são os próprios Catadores que têm domínio nem que seja mínimo da leitura e da escrita. Os documentos são organizados e guardados em pastas diferentes, no escritório de cada Cooperativa e Associação.

Todos os Catadores têm acesso a esses documentos, e dão a eles muito valor, porque esses documentos constroem um pouco a história de cada grupo. Os documentos escritos mais importantes para o grupo ligado à Cooperativa e Associação talvez seja o estatuto e a Cartilha do Movimento Nacional dos Catadores, pois dão a eles todas as orientações e formação necessária para se constituírem como grupos organizados.

Vale a pena retomar que o estatuto e a cartilha fornecem as normas e estabelecem orientações para a formação da diretoria que é eleita em votação secreta ou por aclamação pelos cooperados, com mandato previsto de um ano com possibilidade de reeleição. O estatuto traz as normas mais importantes que são: o Catador não pode fazer uso de drogas nem de bebidas alcoólicas no local de trabalho, não pode pedir nas ruas, não pode cometer crimes de nenhuma espécie, incluídos pequenos furtos e roubos, nem desrespeitar as pessoas, entre outros.

A cartilha, além da formação, traz a Declaração de Princípios e Objetivos do MNCR (2005, p. 6 a 9) que são auto-gestão, democracia direta, ação direta popular, independência de classe, solidariedade de classe com as explicações de cada princípio.

O letramento no grupo de Catadores é usado na vida de cada um de forma coerente. É um uso diferente do que se vê usualmente no mundo escolar, pois é feito de práticas diferentes, no dia a dia das ruas e na rotina das Cooperativas e Associações que formam redes sociais importantes quer seja no convívio entre eles no grupo, quer seja nos vários contatos entre os próprios grupos em reuniões e/ou em organizações da categoria.

As reuniões na Cooperativa e na Associação são presididas pela presidente e registradas em ata pelo secretário. Essas reuniões são previstas no regulamento e são

realizadas periodicamente, para discutirem assuntos referentes ao grupo como avaliar o trabalho, planejar atividades, fazer planejamento e até para estabelecer estratégias para ajudar um parceiro caso esteja passando por dificuldades. São realizadas, sobretudo, para fortalecer laços e cumprir o estatuto.

A leitura e a escrita fazem parte dessas atividades diárias de forma natural e todos emitem suas opiniões oralmente e são também ouvidos por todos, de forma igual. Por esta razão, as práticas de leitura e escrita devem ser vistas como parte de práticas sociais, pois acontecem na rotina do trabalho de catar, selecionar e organizar a vida diária de cada Catador e do local de trabalho.

Na visão de Barton, (1991, p.8), “a importância de ver a leitura e a escrita em termos de práticas sociais é que vemos o objetivo por trás das atividades; também vemos como a palavra escrita é entrelaçada com outras formas de comunicação, especialmente a língua falada”.²⁹ A importância dessa leitura social diária é uma questão de sobrevivência, por isso nem todo mundo faz tudo. Existem papéis a serem desempenhados por determinados sujeitos.

Não é, por exemplo, qualquer um que pode ficar responsável pela prensa, pois é uma máquina pesada, perigosa e exige força para que o material prensado saia pronto para ser amarrado e empilhado por outros dois sujeitos. Não é também qualquer um que pode redigir a ata e efetuar os pagamentos aos cooperados e associados. Quem faz a ata é o secretário que deve ter o domínio da leitura e escrita, assim como quem faz os acertos precisa ter facilidade com os números, mesmo que não saiba ler e escrever demonstrando, dessa forma, divisão de trabalho.

Todos, porém, em redes frágeis, fazem das Cooperativas e Associações uma realidade que funciona com certa eficiência. Às mulheres cabe, além do trabalho de organizar a casa, buscar os filhos na creche, separar e organizar os materiais catados, organizar e coordenar vários eventos. São isentas do trabalho pesado caso estejam doentes, grávidas ou amamentando, do contrário, não têm nenhuma regalia. Enfim, os sujeitos desempenham com desenvoltura os papéis que lhes são atribuídos em dupla jornada.

Cada Catador tem, então, um papel importante na rotina do grupo e não é preciso que ninguém lhes diga o que fazer. Tudo é previamente determinado nas reuniões e encontros de formação, sem contar que os sujeitos aprendem socialmente que há funções apropriadas ou não, à condição de cada um.

²⁹ The importance of viewing reading and writing in terms of social practices is that we see the purpose behind the activities; we also see how intertwined the written word is with other forms of communication, especially spoken language.

Os sujeitos aprendem também sobre o valor que cada um tem no grupo, e as atitudes que tem o presidente das Cooperativas afetam o comportamento dos demais membros. Dizer então, na visão de Barton (1991 p.10) “que o letramento tem um significado social é ir além de dizer que há dimensões sociais nele ou que ele existe dentro de um contexto social”³⁰

Os dizeres do autor nos permitem compreender o aprendizado ocorrendo na interação, o letramento modelando os significados práticos e sociais ligados à leitura e à escrita que, nestes contextos sociais, se tornam simbólicos, ainda na visão desse autor, pois é nas práticas sociais que os valores são demonstrados.

Essas práticas levam os Catadores a tomar consciência de seu papel. Têm, por exemplo, consciência do que venha a ser um sujeito Catador hoje, quer pelas práticas sociais, quer pelas informações escritas na Cartilha do Movimento Nacional dos Catadores. Sabem valorizar-se, denominando-se Agentes Ambientais, acreditando que, ao se organizarem em Cooperativas e Associações, catando e limpando as ruas, estão salvando o ambiente.

Nos Depósitos, a realidade é diferente da Cooperativa e da Associação. Os Depósitos pertencem a um pequeno empresário que não realiza catação e é um atravessador como já disse. Quase sempre é o Catador que prensa e pesa o material enquanto o dono controla e comercializa. Recebe tudo pronto e, com isso, se dedica à organização interna da empresa. Existem Depósitos em que o dono faz a pesagem do material e trata os Catadores de forma um pouco mais digna, mas paga aos Catadores os valores estabelecidos pelo cartel. O repasse e a venda do material catado às empresas recicladoras dá lucro ao dono do Depósito.

Como se trata de organização econômica, as relações sociais são estritamente ligadas à comercialização dos produtos coletados, como disse anteriormente. As regras de funcionamento são estabelecidas unilateralmente por parte do dono, que também cobra aluguel de cômodos, semelhante a um cortiço, para os Catadores morarem e/ou passar a noite.

Nos Depósitos os Catadores catam nas ruas e ficam ali somente no sábado, para a pesagem e o acerto do material catado durante a semana. Recebem um tratamento muito ruim, chegando a ser humilhante por parte dos empresários que os exploram, e os têm como empregados, mas não assinam carteira de trabalho nem lhes garantem nenhum direito trabalhista. Nem dos carrinhos que usam durante a semana os Catadores são donos, como disse anteriormente.

Não fazem reuniões nem são regidos por nenhum estatuto e trabalham como escravos. A maioria não domina a leitura nem a escrita. Não têm hábitos de higiene, e têm o odor da

³⁰ To say that literacy has a social meaning is going further than saying that there are social dimensions to it or that it exists within a social context.

cultura deles. Fazem uso de bebidas alcoólicas e usam drogas. Existem também casos de donos de Depósitos pagarem os trabalhos dos Catadores com drogas como pedras de *crak*.

Após chegarem das ruas, cansados, separam todo material catado e deixam guardados em um local previamente determinado no próprio Depósito, para, no final de semana, pesar e receber o valor de acordo com a quantidade que catou. Muitos passam a viver no próprio Depósito.

Mesmo assim, conversam sobre programas assistidos na televisão, alguns leem a Bíblia, outros reclamam da escola dizendo que

ah, minha experiência foi pô::ca, eu... a professora ...me passô pá terceira seri/e de repente ela me tirô da terceira seri, eu tive que cumeçá tudo de novo, ela me reprovô, () mas toda vida eu leio jornal/desde os quinze ...só jornal não, é revista, o que fô, ... (S. 10).

O depoimento demonstra o contato que alguns Catadores tiveram com o texto escrito na infância e mesmo assim, com a experiência frustrante, atualmente fazem leitura de jornal no próprio Depósito, enquanto esperam a sua vez de pesar o material catado. Leem notícias referentes ao trabalho de catar, leem anúncios de eventos, notícias referentes aos programas de televisão, futebol, assuntos sobre moradia, notícias policiais entre outros. Conforme figura a seguir:



Figura 4.8 Catadores lendo jornal no Depósito

Além de ler jornais, eles também trocam experiências ligadas ao trabalho, mas não demonstram preocupação uns com os outros. A figura 4.8 comprova que os Catadores estão lendo jornal enquanto esperam a vez de pesar o material catado durante a semana. Leem, sobretudo notícias referentes a artes e a crimes. O jornal foi encontrado no lixo e responde inicialmente à pergunta feita no começo da investigação no que se refere ao que faz o Catador quando encontra no lixo um texto escrito.

Este é um raro evento de letramento que se instaura no cotidiano do Depósito, pois normalmente a leitura de um texto escrito não é tão produtiva quanto na Associação e Cooperativa. Posso desta forma, afirmar que os Catadores que fazem parte de Depósitos têm prática esporádica de leitura na sua rotina. Ressalto, ainda, que não participei de nenhuma prática de escrita como tecnologia por parte desses Catadores e considero a leitura e escrita nesse contexto como algo que permeia as diversas atividades sociais das quais participam no dia a dia. Essa visão se confirma em declarações feitas pelo Catador:

P. *sua experiência com a escola foi boa?*

S 1. nalguma parte foi boa, que eu só tinha uma letra feia, mais sei...tirá co:::nta, sei lê:: sei lê alguma co:::isa, fazê carta () num tem ua caligrafia muito boa não,...mas ihali tudo mais eu agradeço a escola, porque tem me ajudado a fazê meu nome, hoje eu tenho ...de ...sê ... fazê ua carta pá ...pá fazê minha conta no banco/ ...sei ... fazê otas coisas/ ...mais tem nada quieu() só só essa forma da professora, que num dexô eu passa pa quarta seri/

P. *o que você gosta de ler?*

S1 toda vida eu leio jornal/ desde os quinze ... desde os meus cinco anos meu irmão me ensinô num paro de lê,... toda vida gostei de jornal/ num é só jornal não, é...revista, é jornal, o que fô:: ... eu separu ali pá mim lê ...bem de noite e ((fomos interrompidos))

P. *você acha que se você não tivesse tido essa experiência com a escola sua vida teria sido diferente?*

S1. tinha/ tinha/ tinha/ tinha/ tinha, sim, teria mudado praticamente se num tivesse feito isso comi:::go eu ... () eu num me sinto alguém não/ eu... tinha sido um ((se emociona, engole as lágrimas que ficam presas aos olhos, quase caindo em sua face suja)) tinha sido alguém na minha vida, ma ... eu num sô ninguém, não/ eu só sô alguma pessoa se eu fô formado em alguma coisa, mas eu me sinto um Zé ninguém

P. *é?*

S1 perfeitamente/ se eu por exemplo, um motorista dum ô:::nibus, aí já é alguma coisa/ mais assim, eu me sinto ua carne seca/

É possível afirmar que o sujeito se sente em condições inferiores em relação às pessoas que têm domínio de leitura e escrita como tecnologia. Em conversas posteriores, o

sujeito afirma, porém, que tem domínio da profissão de catar e separar materiais, e que é esse trabalho que lhe dá o sustento de cada dia.

Os Catadores usam uma linguagem oral sem prestígio e contam piadas frequentemente, demonstrando alegria. Nesses momentos eles se recordam da família que quase sempre está em outra cidade. Grande parte dos Catadores organizados em Depósitos não conhece as regras e/ou benefícios que podem lhes proporcionar as Cooperativas e Associações. Esses Catadores, porém, têm contato direto com a sociedade e são eles que recebem diretamente a discriminação e o preconceito de grande parte da sociedade letrada.

Antes de sair para o trabalho de catar alguns Catadores traçam caminhos ora no chão ora mentalmente, como já disse, por onde pretendem passar, respeitando o espaço dos parceiros. Não podem “invadir” as ruas dos colegas, dizem, pois existe material para todos. Com essa prática, pode-se dizer que os Catadores têm alguma noção de respeito uns com os outros. Os sujeitos fazem praticamente o mesmo caminho todos os dias e interagem com as pessoas. Além da discriminação que recebem estabelecem alguns contatos com senhoras da terceira idade que guardam para eles alguns materiais e lhes dão comida esporadicamente, e dizem: “*nóis num sabe o que é pior, se a esmola ou o olhar dessa gente*” (S.9) reclamando do tratamento recebido, o que impede qualquer vínculo mais estreito com a sociedade.

O letramento nos Depósitos acontece também no dia a dia, de forma menos sistematizada, talvez pela própria natureza e organização desses depósitos, pois os Catadores não têm voz nem vez. Isso nos permite organizar os eventos de letramento entre os Catadores em um *continuum*, dos espaços sociais profissionais de oralidade e letramento, baseado no *continuum* de Bortoni-Ricardo, (2004), situando os sujeitos na linha imaginária, considerando de um lado os depósitos e do outro o lixão, as Cooperativas e Associação da seguinte forma:

Oralidade ←	→ Letramento
Práticas sociais de oralidade	Práticas sociais de letramento
depósitos	cooperativas, associação
não têm estatuto	têm estatuto escrito
não seguem normas sociais	seguem normas
não fazem reuniões	fazem reuniões
não se reúnem com autoridades	reúnem-se com autoridades
não fazem convênios	fazem convênios
catam nas ruas	nem sempre catam nas ruas
não lidam com informática	lidam com informática
são submissos a um dono de depósito	são associados e cooperados
cada um faz por si	tudo é dividido entre o grupo
o contato com textos escritos é escasso	lidam com frequência com textos escritos

Podemos observar nesse *continuum*, algumas diferenças significativas no que se refere à aquisição da leitura e da escrita como tecnologia, mas o letramento social é construído no cotidiano de cada grupo dentro de cada contexto e de cada realidade dos sujeitos.

O que se chama de letramento individual pode dar aos Catadores um lugar de destaque na Cooperativa e na Associação, pois confere a eles o direito de ir às reuniões fora do seu contexto diário, de tomar a palavra, de ter, enfim, uma melhor participação política nas Cooperativas, nas igrejas e na sociedade, pois na visão de Rousseau (1999, p. 259) “não se sabe de onde é um homem antes de ele ter falado”.

Os Catadores, mesmo com número elevado de sujeitos que não sabem ler e escrever, são fluentes na linguagem oral e competentes nas negociações verbais a respeito da venda e compra de materiais. Além disso, são capazes de elaborar raciocínios matemáticos e organizar reuniões entre os parceiros. Inferimos que, mesmo não tendo o domínio da leitura e da escrita, não podem ser chamados de analfabetos absolutos conforme Índice de Alfabetismo Funcional (INAF) na concepção de Soares (2002), por isso não cabe aqui somente a discussão em torno do letramento escolar, mas algo maior, mais significativo, como a construção diária do letramento nas práticas sociais dos Catadores.

O estudo do letramento com os Catadores não deve ser visto somente como “condição de ser letrado” como afirma Soares (2002). Letramento neste caso é a condição de ler a vida em sua fragilidade e plenitude; de ler a vida com os olhos de quem espera um amanhã melhor.

Por esta razão, opto por verificar no grupo de Catadores, o letramento social, sem ignorar a tecnologia da escrita, considerando que os sujeitos se envolvem nas práticas sociais da leitura e da escrita ao lidar frequentemente com papéis escritos além de participarem com frequência, no dia a dia, de eventos de letramento como reuniões, assembleias, leitura de regulamentos propostas pelo estatuto, entre outros.

Isso ocorre de forma natural. Quem tem domínio “mínimo” (aspas minhas) de leitura e de escrita, lê e escreve documentos, atas, relatórios (anexos) e no momento oportuno lê para os demais que se prontificam a ouvir, perguntar, opinar, concordar ou não.

A visão de letramento então, neste trabalho, é dinâmica. Observo os Catadores desenvolvendo o letramento constantemente, em cada ação, em cada contato com textos escritos, em cada vez que precisam de ajuda para chegar a algum lugar, em cada vez que fazem negociações importantes sem ao menos saber o que está escrito em contratos que fazem com alguma empresa. O letramento é observado ainda durante as reuniões e até no momento em que os Catadores pegam o carrinho e saem às ruas para catar o seu sustento. Catam, como já disse, papéis escritos, papéis sem escritos nenhum, livros, manuais de instrução, garrafas com rótulos, e, sobretudo, catam sonhos que os levam ao letramento que exige de cada um uma condição de vida mais digna.

Letramento na visão de Soares (2002, p.38) é o resultado da ação de “letrar-se” no sentido de “tornar-se letrado.” No caso do grupo em estudo, o letramento surgiu junto com a formação e organização do grupo nos lixões, depois nas ruas, na participação nos Depósitos, nas Associações, Cooperativas e no Movimento Nacional dos Catadores.

Deixam com isso, a condição de Catador de rua solitário para pertencer a um grupo que discute questões políticas e para se organizar como cidadãos. Não basta ler e escrever, é

preciso viver a leitura e a escrita no dia a dia, no trabalho de catar materiais recicláveis que trazem ou não textos escritos. É preciso experimentar a discriminação para reagir e ler a rejeição de grande parte da sociedade e a partir de então se organizarem em Cooperativas.

A escrita então, com sua história de contradições, em uma sociedade de Catadores enquanto manifestação formal é muito mais do que uma tecnologia. Às vezes ela é um bem social desejado pelos Catadores, às vezes ela é uma arma para enfrentar o árduo cotidiano de cada um e às vezes ela é ignorada. No contexto estudado, fala-se mais do que se escreve, e cada uma, fala e escrita, tem suas características próprias e transitam entre si.

Os Catadores têm seus próprios objetivos. Eles têm suas próprias metas e vivem em uma sociedade que lhes cobra sucesso. Para isso os Catadores veem a leitura como caminho, não raras as vezes que dizem “*ah, se eu subesse lê...*” (S.10). Mesmo não sendo este o meu principal objeto de estudo, não posso me desvencilhar dele e da sua importância para o grupo, que a todo o momento acentua a importância que tem para eles a leitura e a escrita.

Para Cook-Gumperz (1986), o estudo das relações com o fenômeno linguístico busca compreender como o contato com a cultura letrada é capaz de interferir nas relações sociais de um grupo e como pode ser o elo entre o cognitivo e o social. Ao catar, no lixo da cidade de Goiânia, entre tantos papéis, jornais e revistas usadas, os sujeitos pesquisados baseiam-se no que já sabem, mas conferem ao material catado, valorizações específicas.

Isso nos leva a inferir e a refletir a respeito do poder da escrita quer seja para dar ascensão social ao sujeito, quer seja para discriminá-lo e alijá-lo mais ainda do processo social, marcando, segundo Bortoni-Ricardo (2004) uma questão de transculturalidade, se pensarmos nos Catadores como cultura oral.

Por isso, segundo Gnerre (1985: 04) “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ aqueles que fazem uso dessa variedade, valem como resultado do poder que eles exercem em suas relações sociais e econômicas”, o que nos leva a ver a escrita como variedade linguística de prestígio, por ser, ainda, segundo o autor, a representante da ideologia dominante.

Em sociedades como a nossa é preciso, pois, um conhecimento relativamente extenso para compreender as mensagens reinantes no que se refere à produção de mensagens sociopolíticas. E, também compreender o nível de distanciamento ou não do que se quer alcançar em termos de poder e de aceitação por parte da sociedade que detém esse poder e o poder da escrita.

Para melhor compreendermos a respeito do que foi dito anteriormente, Bourdieu (1983, p. 166) afirma que

uma língua vale o que valem aqueles que a falam, isto é, o poder e a autoridade, nas relações de força econômica e culturais, dos detentores da competência [...] Para que uma forma de linguagem se imponha entre outras como a única legítima, para que exerça, em suma, o efeito de dominação [...] é preciso que o mercado lingüístico esteja unificado [...]

Portanto, o prestígio que se dá à escrita não é devido às suas características formais, mas ao valor que se dá àqueles que fazem o uso e dela se apropriam. Por essa razão, podemos dizer que a escrita tem um papel extremamente importante no que se refere à capacidade intelectual do homem colocando em destaque o mito da superioridade dos usuários da escrita se comparados àqueles que têm como única alternativa, a linguagem oral. O termo escrita é usado neste trabalho como uma modalidade lingüística de interação, o que nos leva a refletir sobre o letramento social, compartilhando trocas e conhecimentos.

Para enriquecer a proposta do letramento social penso ser importante contextualizar a escrita que circula nos grupos pesquisados retomando a pergunta feita no início do trabalho, ou seja: qual a importância do texto escrito para os Catadores? Para isto remeto-me mais uma vez ao que afirmam alguns Catadores em seus depoimentos em conversas com a pesquisadora. Esses sujeitos serão colocados a seguir, individualmente. Para melhor organizar o texto, esses eventos receberão diferentes nomes de acordo com o tema da conversa.

A separação

S51. Viche/ a leitura é de grande importância na vida da gente, né? é ... tem hora que a gente tem que sabê lê, pra mim é tudo, né?

P. e você lê aqui no trabalho?

S51 aqui, sim/

P. de que forma?

S51. que cada coisa 'ssim, no caso que a gente tem que separá cada material, então é ua leitura, né, eu separo o papel, separo o papelão, separo o pet, é ua leitura, né? Igual se eu tivesse pegano um livro pá lê/

O objetivo da entrevista é verificar a importância que tem a leitura/escrita para o sujeito. A entrevista ocorreu em dezembro de 2010 na Cooperativa enquanto o Catador trabalhava na separação dos materiais. O sujeito entrevistado estava de uniforme, sujo, mãos calejadas e sem luvas. Cabelos desalinhados e não usava nenhum adorno. Os pés se protegiam com uma sandália velha e suja. O olhar perdido e a voz firme. O evento teve a finalidade de

mostrar a experiência do entrevistado com a leitura e com a escrita. Junto ao sujeito estavam mais sete Catadores ao nosso lado. Não participaram da entrevista, mas estiveram atentos e vigilantes durante todo o tempo da conversa.

Logo no início do depoimento o sujeito deixa claro que a leitura é importante para ele afirmando que a leitura “*é tudo.*” Diz ainda que lê no local de trabalho à medida que separa cada material e compara essa separação com a leitura de um livro. É possível então inferir que a leitura se faz presente nas atividades diárias dos Catadores e os torna mais conscientes e reflexivos não só sobre a importância da leitura como informação, mas também e quiçá, sobretudo, como forma de agir e de trabalhar.

Separar o material reciclável é para o sujeito uma leitura importante, porque o faz mais eficiente e consciente da importância de seu trabalho. Quando afirma que “*a gente tem que separar cada material, então é ua leitura*” me remete ao que afirma Barton (1998, p. 3) quando diz que o letramento é algo que as pessoas fazem e que o letramento é, sobretudo, social e está na interação entre as pessoas, pois a eficiência adquirida no dia a dia do trabalho de separar faz com que o sujeito seja mais eficiente também no trato com seus parceiros e com sujeitos fora de seu convívio diário, letramento do convívio.

Em outro dia, em uma manhã quente e bonita, enquanto o Catador se prepara para o intervalo do almoço, exatamente no momento em que lava as mãos e folheia um livro que estava pronto para ser prensado, eu me aproximo do Catador e observando ainda aquele gesto, pergunto qual a importância da leitura para ele.

O sustento

S.70 importante estudá, que todo mundo tá sabeno, né?

P. só tem esse jeito de ler pra você?

S.70 não/ tem vários tipos de lê/ no colégio, no trabalho, é importante a leitura de separá, porque é daqui que nós tira nosso sustento, né? Então é importante,

O objetivo da entrevista é mais uma vez verificar a importância da leitura para o sujeito Catador. O evento ocorreu na Associação em um pequeno intervalo para o almoço. O sujeito entrevistado é jovem e estava de uniforme, mas já a esta altura do dia sujo e suado. As mãos, mesmo limpas, traziam o encardido do trato com o material sujo. Os pés também sujos com sandálias de dedo mostravam as unhas estragadas e encardidas. Os cabelos curtos e

desalinhados. O rosto suado e o olhar cansado. Havia vinte sujeitos na Associação, cada um procurando se alimentar.

De início a impressão que se tem é que o Catador não havia entendido minha pergunta, mas em seguida especifica algumas maneiras para ler e afirma que a leitura está presente no ato de separar porque *é daqui que nós tira nosso sustento*, (S.3). Mais uma vez é possível a escrita em diferentes situações e em diferentes processos.

Nesse caso, a leitura serve de sustento, de sobrevivência, porque se o sujeito não domina a leitura “de separar” os materiais recicláveis, ele provavelmente não será um bom profissional levando-me a pensar no letramento profissional. Isso me leva a pensar no que afirma Soares (2005, p.33) quando discorre sobre o alfabetismo:

O alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é, sobretudo, uma prática social: o analfabetismo é o que as pessoas *fazem* com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinados contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimento e as necessidades, os valores e as práticas sociais.

E o que as pessoas, no caso o Catador, fazem com as habilidades me faz entender que o alfabetismo não é a posse individual do conhecimento, é, sim, e principalmente um conjunto de práticas sociais aliadas à leitura e à escrita realizadas pelas pessoas em um contexto social. O Catador em questão não domina a leitura e a escrita como tecnologia, mas sabe que a leitura social pode torná-lo mais eficiente no seu trabalho e possibilita o seu sustento. A seguir, mais uma conversa:

Ler para fazer conta

S.40 que texto mais? ((pausa longa)) nós escreve mais é na biblioteca, eu mesmo já num escrevo quais nada, que eu mesmo faço mais número/ entendeu? Quantidade de guia,

P. então acha que a leitura e a escrita ajudam vocês muito mais nas contas? Seria pra ninguém enganar vocês?

S.40 pensando bem, as duas parte é (melhó) ... se fô, se o cara feiz o trem por número/ fica fácil, mas vamo supô em escrita que tem muitos negócio, vamo supô ((um galo canta ao longe)) quatrocentos real, cê pode pô em letras, e com/ como se não subesse lê, passaria a perna na gente, a gente lê, tudo certo, fica de boa,

O objetivo da conversa é o mesmo dos anteriores, ou seja, ver a importância da leitura para o Catador. O local é na Associação e havia vinte sujeitos ao redor de nós. O Catador estava muito sujo e suado e não usava nenhum adorno. Estava de uniforme e trazia as mãos e os pés sujos. Usava um boné vermelho.

A conversa ocorreu em uma tarde quente e clara no momento em que o sujeito fazia prestação de contas aos companheiros sobre a venda do material reciclável. O diálogo foi natural e demonstra que saber escrever pode ser importante, mas nesse caso, as razões que levam o Catador ao mundo da escrita não é o mesmo em que tradicionalmente acreditamos.

O domínio da escrita nesse caso serve para que o sujeito não seja enganado nas contas em sua rotina. Isso fica claro quando o Catador afirma que é preciso ler para não ser lesado e diz textualmente *passam a perna na gente*. Podemos confirmar essa assertiva quando exemplifica que *vamo supô quatrocentos real, cê pode pô em letra, e com/ como se não subesse lê, passaria a perna na gente, a gente lê tudo certo, fica de boa,*

A impressão que tenho é de que o Catador afirma que se essa quantidade ou qualquer outra for escrita em números os Catadores ficam mais seguros para ler do que quando escrito em letras e me remete ao letramento social, considerando neste caso, a leitura com o objetivo de não ser lesado nas contas. Nesse caso, é possível afirmar que não existe um só jeito de ler e escrever. No evento em questão o que conta é compreender a escrita em um universo social específico para não ser lesado. O evento a seguir coloca a escrita como autoridade. Vejamos:

Será que é, será que num é...

P. o que você pensa sobre a escrita?

S.3 aí, é muito bom/ porque hoje em dia a ...a... nossa dificuldade, vamo supô que aqui na cooperativa, de às veiz num sabê fazê con:::ta, então igual muitos aí fala que a gente tá robano, mas se ele tivesse um poco de entendimento, subesse lê, escrevê, ele entenderia as coisa melhor, né? Então ua coisa é ocê fala e a ota coisa é você lê::, quando você lê você sabe não, tá REALmente escrito aqui, então fica, será que é verdade, será que num é, então, poquim mais difícil/

A entrevista ocorreu na Cooperativa enquanto o sujeito trabalhava na separação de materiais. O objetivo é verificar a importância da escrita para o sujeito. Nesse momento havia vinte Catadores trabalhando. Todos participam da conversa concordando com o sujeito entrevistado por meio de gestos afirmativos de cabeça.

O sujeito está sujo, sem uniforme, sem luvas e sem proteção de boca. Os pés sujos se confundiam com o chão sujo e com o sapato muito velho e desgastado. O olhar e a voz do Catador são firmes e o sujeito demonstra conhecimento sobre o que fala. O sujeito tem noções mínimas de leitura e escrita e afirma que a falta desse conhecimento como tecnologia é uma das causas que levam o homem a se envolver com o crime e afirma que, se o sujeito *tivesse um pouco de entendimento, subesse lê, escrevê, ele entenderia melhor as coisas*, e em seguida afirma que se alguém só se dirige a ele pela oralidade, não é possível saber se o emissor fala a verdade ou não, enquanto que, se a mensagem está escrita, está realmente dita ali uma verdade, e não há como duvidar, segundo o Catador.

Diante disso, remeto-me a Olson e Torrance (1997, p.27) quando afirmam que “o ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte.” O sujeito da pesquisa ignora a leitura social que ele faz da vida, do trabalho e do homem, pois ainda, segundo Olson e Torrance (1997, p. 27), “ A cultura escrita, em qualquer estágio de seu desenvolvimento e termos do tempo evolutivo, é mera ‘presunção’, um exercício artificial, um produto da cultura, não da natureza, imposta ao homem natural”.

O valor que o sujeito entrevistado dá para o texto escrito talvez seja reflexo do que ele ouviu ou ouviu durante sua vida e durante o tempo em que passou na escola, e, com isso, não percebe que há outras maneiras de ler e coloca a escrita como capaz de dizer uma verdade, ou seja, uma crença de que a escrita é a expressão da verdade absoluta, ignorando a outra verdade de sua escrita no dia a dia de seu trabalho de cuidar do ambiente. Vale ressaltar que o Catador é um falante eficiente, capaz de articular ideias e defender seu ponto de vista com segurança entre os companheiros. É um líder e tem bom domínio naquilo que faz e dá à escrita um poder de verdade.

Remeto-me então a Foucault (2003, p. 211) quando afirma que “há alguma coisa de irrisório ao se convocar todo poder das palavras, e através delas a soberania do céu e da terra, em torno de desordens insignificantes ou de desgraça tão comuns.”

São, pois, muitas considerações sobre a importância da escrita na visão dos Catadores. De modo geral, todos dão valor à escrita e um grande número de Catadores sabe que há diferentes modos de ler e de escrever, mesmo lembrando que na visão ainda de Foucault (2003), quando afirma que vidas que são como não tivessem existido, vidas que sobrevivem do choque de um poder que sempre quis acabar com os Catadores, ou se não quis apagá-los e torná-los invisíveis e fazer com que, na leitura diária, possam juntar os cacos de si e continuar lendo a vida e os textos de outra forma.

Diante dos depoimentos, podemos entender que a leitura e a escrita têm valor substancial para os Catadores. Podemos compreender que é significativo o valor que dão à leitura decodificadora, a leitura para não serem enganados, mas, sobretudo, o que importa aqui é a leitura social, a leitura dos sinais do dia a dia, no trabalho e na vida. Valorizam a escrita tecnológica mas também valorizam o letramento social.

Passaremos então a seguir a discussão a respeito da contextualização dos aspectos etnográficos e de letramento no contexto dos Catadores, conforme próximo capítulo sobre os vínculos entre os catadores na discussão das redes sociais.

CAPÍTULO 5 - REDES SOCIAIS

Nóis, nóis num tem amigo, nóis tem colega, porque amigo num vai embora, (S. 27)

Após refletir sobre o contexto em que estão situados os Catadores bem como o letramento social e o texto escrito que circula no grupo em estudo, inicio minha reflexão sobre redes sociais dos Catadores remetendo-me ao que propus na última subseção no início do texto, afirmando que a rede social dos Catadores é construída de forma fechada e aberta. Coloco ainda os locais pesquisados como pano de fundo em que os sujeitos criam vínculos ou não.

Aproveito ainda a pergunta que norteia minhas investigações referentes às redes, ou seja, como o letramento é construído por meio das redes sociais ou como esses vínculos acontecem por meio do letramento.

No primeiro capítulo, referente às tradições teóricas em que o presente estudo se apoia, fiz uma reflexão sobre redes sociais e me pergunto se as redes no contexto dos Catadores são fechadas ou abertas. Passo, então, à descrição dessa rede tomando como ponto de apoio a visão de Bortoni-Ricardo (2005) quando afirma que as redes sociais se estabelecem quando acontecem relações afetivas e funcionais entre as pessoas de um determinado grupo. Essas relações se tornam vínculos importantes e o sujeito passa a valorizar mais o grupo como modelo de comportamento do que a si.

O objetivo deste capítulo é identificar as redes sociais entre os Catadores que fazem parte da pesquisa, enfatizando os aspectos de letramento. Para estudar como os vínculos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, é preciso verificar não os atributos individuais (sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os sujeitos estabelecem por meio das suas interações uns com os outros. Por isso, a análise de rede não é um fim em si mesma, mas é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar de que a forma da rede pode explicar os fenômenos analisados Para isso sirvo-me mais uma vez das afirmações de Bortoni-Ricardo (2008, p 121) de que uma rede social “é estudo das relações existentes em qualquer sistema”. Ainda segundo a autora, (2011, p. 67),

a análise de redes em sentido amplo, é o estudo das relações que existem em um sistema em andamento. Quando aplicada a sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia social primariamente voltada para as relações entre indivíduos em grupo

Consideramos, assim, que alguns sujeitos falam mais com uns do que com outros, e isso influencia o ritmo das inovações, ainda segundo Bortoni-Ricardo.

5.1 A PROVENIÊNCIA

Antes de iniciar a reflexão sobre redes sociais no contexto dos Catadores, remeto-me aos sujeitos da pesquisa como seres humanos, servindo-me da visão de Geertz (1978, p. 65) ao afirmar que

ser humano não é apenas respirar; (...) não é apenas falar, é emitir as palavras e frases apropriadas, nas situações sociais apropriadas no tom de voz apropriado e com a indireção evasiva apropriada. Não é apenas comer: é preferir certos alimentos, (...) não é apenas sentir, mas sentir certas emoções...

Esse ser humano faz parte de um conjunto de buscas e de conquistas de uma sociedade letrada que, a cada dia, conquista novos espaços na modernidade. Com isso, o sujeito Catador goza de posição desprestigiada, ou seja, infame conforme Foucault, (2003). Nem por isso esse sujeito abandona seus sonhos, o desejo de sanar suas necessidades e de realizar seus ideais. O Catador não apenas resiste, mas também luta por direitos e se organiza em grupos.

Dessa forma, novos sujeitos sociopolíticos são criados, demarcados por laços étnicos, territoriais, entre outros. Sozinho, esse sujeito não tem força de grupo nem de mudança, mesmo considerando que as periferias das grandes cidades, no caso da cidade de Goiânia, revelam um pulsar de vida que vai além do caos e da pobreza.

Ressalto ainda que um número significativo de Catadores chegou até Goiânia vindo de outros estados, de outras cidades e da zona rural em busca de trabalho mais digno do que aqueles que realizavam no seu lugar de origem. São, pois, considerados sujeitos migrantes, aqueles que mudam de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida. (cap.2) Junto à descrição da cidade apontei com detalhes os sujeitos da pesquisa bem como os seus sonhos, o modo de vida e o seu trabalho.

Neste capítulo, a migração dos Catadores será observada nas suas inter-relações com ênfase na assimilação dos costumes e dos modo de vida da grande cidade. A discussão se baseia em informações colhidas junto aos Catadores migrantes, que ajudam na compreensão da decisão que os sujeitos tomam ao deixar sua terra.

Para isso vejamos o depoimento a seguir:

(1)

S.55 como vim parar aqui?... foi o seguinte, peguei ua terra que ganhei dos sem terra, aí peguei e vendi uns alquere aí discuti cua mulher da Baía, vendi o lote, aí a gente se desentendeu, aí fiquei sozim, fui pra Rondonópolis, mas eu tinha um sonho de cunhecê Goiânia, por sê a capital dos artista, porque lá fora, no Mato Grosso, quem cunhecê Goiânia tá no auge ((risos)) aí eu vejo os artista, de graça na Praça Cívica,

O S.55 saiu de Mato Grosso, foi para outro lugar, movido quem sabe pela solidão e chegou a Goiânia em busca do sonho pela arte, pelo desejo de conhecer os artistas sertanejos. Deixou para trás uma história, companheiros, família, para construir novos vínculos, conquistar novos amigos, mas foi cativado pelo álcool, e pela dificuldade que é viver em uma capital com pessoas e costumes diferentes dos seus.

Tornou-se alcoólatra e vivia pelas ruas perambulando até que foi convidado por um companheiro para participar de uma Cooperativa de Catadores. Sem escolha, aceitou o convite e se tornou cooperado. Como tal, passou a ter contato com novas pessoas, com normas diferentes das que conhecia, com textos escritos como a Cartilha de Formação do Movimento Nacional dos Catadores, com o regulamento da Cooperativa, entre outros textos. Ao participar de um grupo organizado, adquiriu então, novos hábitos, assimilou novos valores, conheceu novos companheiros.

Nem todos os Catadores, porém, vieram da zona rural. Chegam de outros estados, de outras cidades e aqui permaneceram. O fragmento a seguir é de um Catador líder.

(2)

S.90 Ah, eu vim de Pernambuco, e vim aqui em busca de trabalho, né? que lá é dificultoso, pra consegui trabalho e aqui tem mais oportunidade de trabalho pra gente/ por isso queu vim, (...) eu morava na cidade de Pernambuco, no interior de Pernambuco/

Temos mais um depoimento de sujeito que saiu de sua terra em busca de trabalho, mas não contava encontrar como alternativa somente o trabalho de Catador. Assumiu a direção de uma Associação e faz o trabalho com seriedade. O Catador não tem domínio da leitura e da escrita, mas tem contato com o texto escrito que é lido para ele pelos colegas. É interessado no trabalho e assimila com facilidade ensinamentos do seu cotidiano, como o trato com os materiais recicláveis.

O próximo depoimento é de uma Catadora que exerce a profissão há pouco tempo e não é líder.

(3)

S.70 vim de Barreras em busca de serviço/

P. você esperava encontrar que tipo de serviço aqui?

S.70 ah, um serviço melhor que reciclagem,

P. é? e você procurou mais o quê?

S.70 eu trabaiei de serviços gerais, trabaiei de babá,

P. e como veio parar aqui?

S.70 aqui é melhó pá trabalhá do que de Barreras, é melhor pá trabalhá do que trabalhá fichado, como serviços gerais ô babá porque dá muito bem pá tirá mais/

A Catadora sai de sua terra com a esperança de encontrar melhor oportunidade de trabalho. Depara-se com a realidade que exige formação e lhe resta o trabalho na reciclagem e comprova que o registro em carteira não é a melhor opção para eles. Nestes locais de trabalho há a sensação de autonomia ou de liberdade, além de não exigir o domínio da leitura e da escrita. Como cooperada, tem acesso a diversos textos escritos e exerce bem a função que lhe é atribuída na Cooperativa.

Outro fragmento que comprova a busca por melhores oportunidades:

(4)

S.65 vim de Brasília/ vim atrais de um serviço melhó, né? porque a gente precisa de trabalhá, né?

P. você acha que aqui é melhor do que em Brasília?

S.65 não, lá em Brasília os pobrema só é as passage, cara demais, fica caro, passage de ônibus, é longe, e aqui não, já fica mais barato, pá tirá um dinhêro melhor, ganha menos, gasta menos, aí fica melhor, o que fica caro aqui é só o aluguel, aluguel aqui é caro, né? lá já fica mais em conta, lá num é igual aqui não,

A Catadora não é líder. Faz uma observação importante a respeito de sua expectativa ao vir para Goiânia. Tenta compensar o preço alto das passagens dos ônibus coletivos de Brasília, mas ao chegar aqui se assusta com o preço do aluguel. Na Cooperativa tem contato

com textos escritos e se relaciona bem com os companheiros A Catadora é alegre, e acredita que o trabalho com a catação lhe dará novas oportunidades.

O fragmento a seguir é também de um Catador que não é líder e trabalha na Associação. Mesmo em grupo, trabalha isolado.

(5)

S.30 eu vim pra cá em busca de trabalho, né? eu vim trabaiaá, o estado da gente é fraco, aí a gente vei pra cá em busca de u'a meiora, trabaiaá, né?

P. encontrou?

S.30 achei, graças a Deus, achei sim/

O Catador veio do Maranhão e esperava encontrar qualquer trabalho. A impressão que tenho é de que ainda não compreendeu o que significa trabalhar em uma Associação, pois se limita a fazer parte do grupo de forma isolada. Na verdade exerce a função que lhe é atribuída de forma eficiente, mas é uma pessoa de poucos amigos e fala pouco nas reuniões.

O fragmento a seguir é de uma Catadora líder e faz parte da diretoria da Associação:

(6)

S.30 de onde eu vim? Da Bahia, /.../ eu vim à procura de u'a vida melhó, né? lá era difícil, custo de vida,

P. era fazenda?

S.30 não, meu marido trabalhava na fazenda, eu nem serviço eu tinha/

P. e encontrou o que esperava aqui?

S.30 graças a Deus em vista do que tava lá, tá bem melhor,

A Catadora veio em busca de qualquer trabalho. É comprometida com o que faz, tem domínio da leitura e da escrita e chegou a iniciar um curso de informática. Lida com dinheiro na Associação e o contato com textos escritos é frequente, inclusive com planilhas de custos. Tem um bom relacionamento com os demais companheiros e está sempre pronta a ajudar a quem precisa.

Minhas observações autorizam-me a afirmar que a Catadora não faz visitas, não tem vínculos com pessoas fora do ambiente familiar e fora da Associação. Diz com frequência que não tem tempo para amizades. O próximo depoimento retrata bem a condição de migrante de um sujeito Catador que não cria vínculos:

(7)

S.15 eu saí de Natal/ na verdade sem destino, sem rumo, pá vim tentá u'a vida melhó, referente que lá pra mim ... é... o disimprego, era grande, quando arrumava um serviço era negócio de bico, né? Nunca tive a oportunidade de trabalhá de carterá fichada, nem nada, até um bico constante, né? no caso, ... que demorasse muito tempo, eu vim pra cá na finalidade de arrumá qualqué serviço/ o serviço qu'eu encontrei foi na verdade foi na reciclagem ... é.. é posso dizê que um serviço é ... qu'eu mesmo sô, o meu patrão, num tem ninguém pá me perturbá, trabaio o dia qu'eu quero, não que eu falte dia de serviço, mas num tem ninguém pá inchê meu saco, é um serviço, que me dá liberdade/ eu me achei nisso, aí, só queu num vim, não pá trabaiaá nisso aí, eu vim pá trabaiaá do Nordeste pra cá em qualqué serviço,

P. como você veio pra cá?

S.15 ah, eu vim a pé, de carona, de bicicleta, de ... de tudo que a pessoa imaginá, menos de avião, mas assim, caso contrário, na vida pode, no caso de navio e avião, de... de condições nem vim, vim de pé, de carona, de .. de romeu e julieta, que é carro em cima do oto, mas na verdade , mais andano a pé//

P. quanto tempo demorou pra chegar aqui?

S.15 eu acredito que até chegar na cidade de Goiás que verdade, até chegá na cidade de Goiânia, é ... eu gastei a média de uns sessenta dias, é/ só que aqui eu num parei na primera vez que saí de casa, saí daqui caminhei até São Paulo, São Paulo Rio, Belo Horizonte, só que eu me destaquei mais é aqui dentro de Goiânia e retornei pra cá, tô aqui tem doze anos,

O que podemos inferir desse fragmento é que a luta por melhores condições de vida chega a levar o sujeito a peregrinar sem destino pelas estradas do país, passando por uma série de dificuldades. É interessante observar também que o sujeito está à procura de trabalho, mas também de liberdade, e de dignidade. Segundo o entrevistado, o trabalho esporádico, o que chama de bico, não o satisfazia. Encontrou então na reciclagem o jeito de trabalhar sem vínculos, sem patrão.

Ao chegar até aqui passa a viver em uma favela, cata papel nas ruas e só mais tarde passa a fazer parte de um grupo organizado em Cooperativa e assume a direção do grupo. O Catador não tem domínio da leitura e escrita, mas domina com eficiência a leitura da vida e passa a entrar em contato com novos sujeitos, novo jeito de fazer as coisas, inclusive com autoridades ligada ao trabalho da reciclagem, sua única opção de trabalho.

O próximo fragmento mostra outro depoimento interessante. A Catadora é presidente da Cooperativa:

(8)

S.38 primeiramente eu vim pá Goiânia, por causa que meu esposo veio pra cá pra Goiais, trabalhá, aí o emprego quele arranjô foi de reciclage, aí durante já quais seis meis quele tava aqui, aí ele mando me buscá, e aqui cumecei a trabalhá na reciclage, e tamo trabaiano até hoje... direto pra cá, eu vim tamém, em busca de trabalho, porque ele já trabalhava, eu tinha vontade de trabalhá, porque lá em Natal as coisa era difícil então aqui, achei um canto pra trabaiaá, que foi o único emprego queu consegui, quer dizê, que eu quis foi esse, e tô até hoje trabaiano na reciclage,

Diante dos fragmentos, posso entender que os Catadores saíram de vários lugares em busca de um trabalho melhor do que o que tinham em sua terra e encontraram como alternativa o trabalho de Catador ou a reciclagem como afirmam os sujeitos em seus depoimentos. Deixam para trás famílias e amigos. Encontram novos sujeitos e criam novos vínculos.

Na nova trajetória, os Catadores adquiriram mais experiência, mas ao chegar a uma cidade grande encontraram dificuldades de natureza variada. Por onde andaram encontraram também costumes e pessoas diferentes. Encontraram e praticaram várias atividades que exigiam o uso da escrita. Executaram tarefas que demandam práticas sociais e culturais e adquiriram no trabalho de catar/selecionar materiais recicláveis experiência com o trabalho em grupo.

Dessa forma, ao organizarem-se em Cooperativa, Associação ou Depósito, os Catadores que chegam à cidade grande aprendem com os Catadores mais experientes a reconhecer o material, depois a separar por espécie e também a negociar o material. Esse aprendizado é transmitido por meio de uma rede social através de novos companheiros. E é dentro dessas redes que, segundo Barton e Hamilton (1998, p.16), “as pessoas assumem papéis específicos e acertam identidades diferentes à medida que eles participam em diferentes eventos de letramento ³¹.” Dessa forma, os Catadores aprendem novas técnicas, entram em contato com mundos diferentes e criam novos laços como veremos a seguir.

24 people take on specific roles and asset different identities as they participate in different literacy events

5.2 NOVOS LAÇOS

O objetivo neste momento é, então, descrever os relacionamentos sociais entre os Catadores e verificar como o letramento une as pessoas. Quero prestar atenção na organização dos sujeitos e nos diferentes papéis que os Catadores desempenham nesse habitat. A integração ao novo grupo está, dessa forma, relacionada a melhores oportunidades de trabalho e de mudança social em seu processo de sociabilização conforme depoimento a seguir: *quando entrei pá cooperativa entendi que era alguém, encontrei otros companhero, e na cooperativa nós é alguém, num é explorado pelo dono, nós é dono tamém, cooperativa num tem dono, num é? tô té hoje animado com o trabalho,(S.12)*

A mudança de local pode ser um dos fatores de assimilação de novos laços, novos hábitos e de novo jeito de fazer as coisas e de usar a língua. Ao chegar a uma cidade grande, é preciso ainda conviver com a estrutura urbana e sobreviver junto a essa estrutura. É preciso também aprender a lidar com questões referentes ao uso do transporte coletivo urbano, às questões ligadas à saúde nos postos. Nesse momento, a solidariedade é forte e são ajudados pelos novos companheiros e até por parentes.

É preciso ainda procurar escola e creche para os filhos, e, para isso, devem procurar uma vaga pelo telefone gratuito, o conhecido zero oitocentos. Na grande cidade, passam a ter contato com a mídia falada e escrita, com o grande comércio, com igrejas, com empresas, bancos, entre outras coisas. Participam também de reuniões no local de trabalho, bem como de eventos festivos nas praças da cidade. Veja depoimento:

S.21: foi difícil arrumá creche prus minino, porque era pelo telefone/ não consegui e pagava ua pessoa pá ficá, mas o dinheiro num deu, até consegui, cum muito custo/ tamém é diferente o jeito das pessoa falá e de trabaiá no cumércio, passa a gente pá trais, até que aprendi cum ez,

P. a passar as pessoas pra trais?

S.21: nã:::o, a trabaiá,

É interessante ressaltar que os sujeitos vieram para mudar de vida e deixar para trás a pobreza, as dificuldades com o trabalho e ao chegar à cidade grande continuam marginalizados e quem sabe em piores condições de vida. Nesse ínterim, têm contato com a

violência urbana, com as drogas e com o álcool. Mesmo enfrentando tantas dificuldades, nenhum Catador demonstrou desejo de voltar pra sua terra.

5.3 REDES FECHADAS E EM PROCESSO DE ABERTURA

Segundo Fontes (2008, p.49) “existe um certo consenso na literatura sobre redes sociais de que as posições sociais dos indivíduos se estruturam a partir das possibilidades que lhes são oferecidas para ter acesso a recurso.” O Catador tem acesso a recursos mesmo esses sendo escassos na organização dos sujeitos em grupos e no contato profissional estabelecido com as instituições públicas e privadas e, a partir daí, é possível analisar e/ou verificar os padrões de ligações entre os sujeitos.

Pelos dados, é possível constatar que as redes sociais, no grupo em estudo, mantêm as características de pessoas vindas de longe e que, de certa forma esses sujeitos temem contato mais profundo com outras pessoas. Essas, por sua vez, têm costumes diferentes, ou seja, os sujeitos são ligados a outras pessoas por laços de parentesco, laço de gratidão, de trocas de favores com vizinhos e ao receber novos companheiros, vindos de outro lugar, tudo é reiniciado em um novo contexto.

A análise de redes sociais nos possibilita verificar esses laços e as mudanças sofridas com a formação de grupos. Nos galpões de reciclagem, tanto no Depósito como na Cooperativa e Associação em discussão, o saber e a aprendizagem vão-se construindo no dia a dia dos Catadores. Assim, formam-se redes que envolvem atores de diferentes origens e formação, incluindo, nesse contexto, os sujeitos que lidam com os Catadores. (Sujeitos letrados, Universitários, empresários, secretários do governo municipal, compradores de materiais recicláveis, entre outros).

É possível pensar, dessa maneira, em uma rede que forma o *continuum* oralidade-letramento ou uma rede que situa o Catador no seu letramento diário em um contexto particular nas configurações específicas de nós dessa rede que são acionadas em situações determinadas, para objetivos específicos.

Nesse caso, posso afirmar que os Catadores fazem parte de um contexto com sujeitos pertencentes a cruzamentos de diferentes espécies. O hibridismo, então, nos convida a desconstruir o letramento como algo homogêneo que tem na escrita uma essência. Essa desconstrução pode ser avaliada ainda hoje, pela dificuldade que muitos autores têm para usar

a palavra leitura e letramento quando se refere à significação que envolve outros códigos que não a língua escrita.

Kato (1986), devido a seu trabalho com a escrita verbal, usa a palavra letramento para designar quaisquer conjuntos de práticas sociais envolvendo o uso de sistemas de representação e significação compartilhados socialmente (BARTON, 1994; LENKE, 1998). É a partir do uso social da leitura e da escrita nos fazeres diários dos Catadores, e é como esses sujeitos se comportam na hora de ler que proponho uma visão de letramentos que se apoiam, se entrelaçam e se soltam nas relações de vínculos no dia a dia dos Catadores.

O modelo de rede que adoto é o modelo usado na Sociologia, empregado nas pesquisas qualitativas aliadas à observação-participante e pergunto aos sujeitos quais são seus companheiros mais frequentes, tal como Bortoni-Ricardo (2008, 2011). Ainda segundo a autora, (p.123) os componentes normativos que se constituem devido aos vínculos entre os sujeitos estão associados às expectativas que as pessoas têm umas em relação às outras. Além disso, o que se imagina é que, à medida que esses sujeitos se integram a novos grupos, suas redes são ampliadas, e passam a ter características de redes de uma grande cidade, tendendo a rede uniplex, ou seja, as pessoas se ligam em apenas uma capacidade.

Para que isso fique claro, Bortoni-Ricardo vale-se simultaneamente de dois conceitos de análise de redes: modelo de densidade e multiplexidade, ou seja, as pessoas se relacionam entre si em várias capacidades, como pai e filho, marido e mulher e também como companheiros de trabalho. Um grupo em que todos se conhecem é uma rede de alta densidade e tende a apresentar um alto grau de multiplexidade. As comunidades rurais ou de periferia tendem a sistemas densos e multiplex, continua a autora.

Acredito que os Catadores que fazem parte da Cooperativa e Associação assumem maior gama de papéis sociais como mulher, mãe, esposa, líder. Já no Depósito, o sujeito Catador tem uma gama menor de papéis onde seu contato mais frequente acontece com o dono do Depósito e com alguns companheiros.

Segundo dados coletados e de acordo com minhas observações diárias, os vínculos ou relacionamentos entre os Catadores nos três ambientes são frágeis. Os relacionamentos entre cônjuges, mesmo aqueles duráveis, se apresentam instáveis e podem ser desfeitos de uma hora para outra. Veja depoimento a seguir:

S. 35 aqui ninguém considera o ota não, tem fofoca, essas coisa/ viu meu casamento de vinte dois ano? Meu marido enrabichô cá ota, e tô sofrendo, eu e os minino, mais ... é desse jeito, tudo vai de uma hora pá ota, também tem gente que num considera e roba

o oto, o oto, o oto, só qué drogra, e assim vai, mesma hora que um tá aqui num tá mais, vai embora, larga tudo pá trais,

Observo ainda que os Catadores fazem parte de uma estrutura social à margem de uma sociedade maior que detém não só o poder, mas o conhecimento considerado acadêmico, bem como o controle das ações desses trabalhadores. Esses Catadores constroem comunidades pessoais e comunidades de trabalho e, com isso, fornecem uma estrutura significativa para resolver os problemas da vida cotidiana. Essas comunidades, por sua vez, são formadas por vínculos interpessoais diferentes e relacionamentos estáveis ou não, devido à sobrevivência do próprio grupo.

Diante disso, afirmo, como Bortoni-Ricardo (2011, p.120) que a análise de redes oferece critérios que requerem distinção básica entre redes isoladas e integradas. As redes isoladas acontecem assim que os sujeitos chegam ao novo local de trabalho e moradia; criam vínculos devido à proximidade física e contiguidade das residências. No sentido social, esses vínculos se restringem à família maior, aos vizinhos e conhecidos e estão associados a um nível baixo de densidade de relações e papéis. Favorece-se, dessa forma, a cultura local e há resistência à mudança.

Segundo ainda a autora, as redes integradas são territorialmente mais dispersas e mais heterogêneas no que se refere à construção dos vínculos. Desta forma, os Catadores constroem vínculos em sua nova moradia e encontram a necessidade de desempenhar novos papéis sociais por causa do trabalho, o que amplia suas redes e seu comportamento vai aos poucos sofrendo mudanças.

Os Catadores passam, portanto, a assumir novos papéis e novos vínculos, a conviver com textos escritos, com normas, com pessoas letradas. O que, por sua vez, cobra dos sujeitos maior participação em eventos sociais como frequentar reuniões, debates de interesse da categoria, construção de políticas para a melhoria do meio ambiente. Além disso, os filhos dos Catadores começam a frequentar escolas e creches, entre outras atividades, o que também amplia rede de relações.

Dessa forma, os Catadores passam a ter acesso a um novo jeito de fazer as coisas, a conviver com a educação formal através dos filhos, com eventos na igreja, com reuniões no ambiente profissional. Passam a ter contato com a mídia não só como espectadores, mas como sujeitos que dão entrevistas. Passam, ainda, a frequentar reuniões dentro e fora do local de trabalho e, com isso, os vínculos restritos ao limite territorial são rompidos e passam a ter relações afetivas com pessoas em vários contextos sociais.

A tarefa então é verificar como é construída a rede social no contexto dos Catadores de Goiânia. Por isso, a distinção entre redes isoladas e integradas ocorre de forma natural ao longo do texto ao descrever os vínculos entre os sujeitos.

Para descrever e explicar estes vínculos sirvo-me ainda do estudo de redes (networks), e compartilho com Bortoni-Ricardo (2008, p. 205) e reitero que não são os atributos pessoais envolvidos na rede que estão em jogo, mas sim as características dos vínculos que existem nas relações dos sujeitos uns com os outros. Isso como forma de explicar o seu comportamento, bem como as expectativas que as pessoas têm umas em relação às outras. A seguir mostro o local em que vivem e como se organizam dentro de cada grupo e também externamente por meio de figuras:

O local

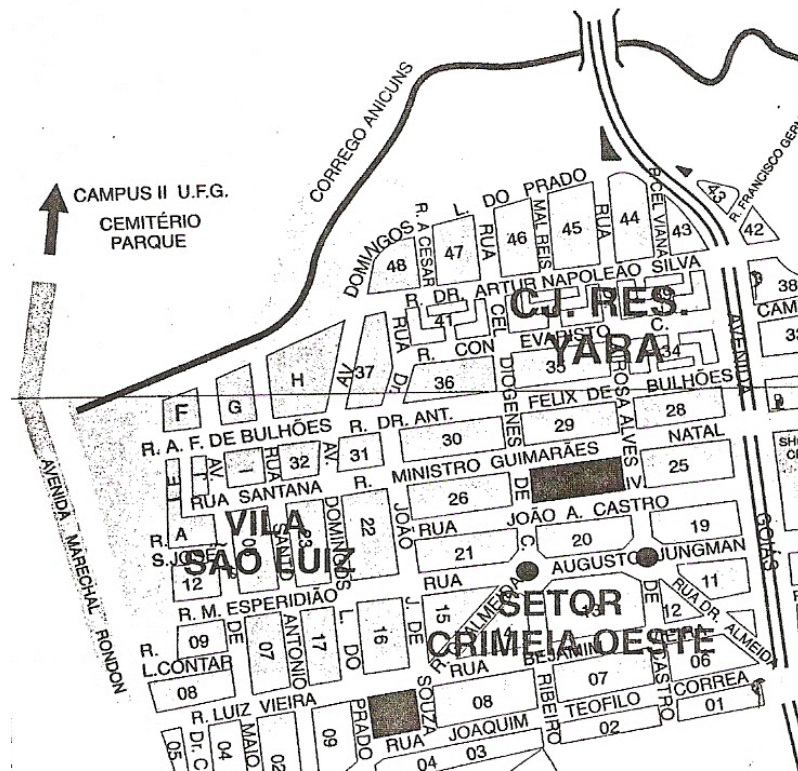


Figura 5.1 (mapoteca SEPLAM) – Região da Prefeitura Municipal de Goiânia

A Cooperativa, a Associação e o Depósito estão localizados no setor Crimeia Oeste. O bairro localiza-se entre a Vila São Luiz e CJ Res. Yara, Bairro Fama e é de fácil acesso para quem transita pelo centro da cidade. Atualmente, está ao lado de uma favela e há casas boas, praças, comércio importante, oficinas, igrejas, escolas, posto de saúde, entre outros. As pessoas se conhecem e se visitam. Grande parte dos sujeitos da pesquisa vive em pequenos barracões alugados ou em quartos no fundo de residências. Todos pagam aluguel.

Para o estudo de redes também fiz observação-participante no local de trabalho dos Catadores, nas ruas e quando passei a visitá-los em seu local de moradia, observei que muitos não se visitam, mas conversam com vizinhos nas portas de suas casas e trocam favores, como pedir emprestado uma vasilha, uma caixa de fósforos, um pedaço de sabão, entre outras coisas. É também interessante como muitas vezes interferem na vida pessoal dos vizinhos.

Para realizar o estudo de redes com os Catadores, sirvo-me de um recurso prático, ou seja, os entrevistados são os membros do grupo de ancoragem, identificando sua rede social de interação de primeira ordem, pessoas com as quais os indivíduos interagem diretamente e em seguida as amarras de segunda ordem com as quais as ligações acontecem de forma indireta.

Para o estudo de redes, o grupo foi formado da seguinte maneira: a Associação conta com vinte membros, sendo sete mulheres e os demais homens. Os sujeitos líderes que fazem parte da diretoria da Associação são cinco e fazem parte dos falantes das relações de primeira ordem e se organizam no grupo da seguinte forma:

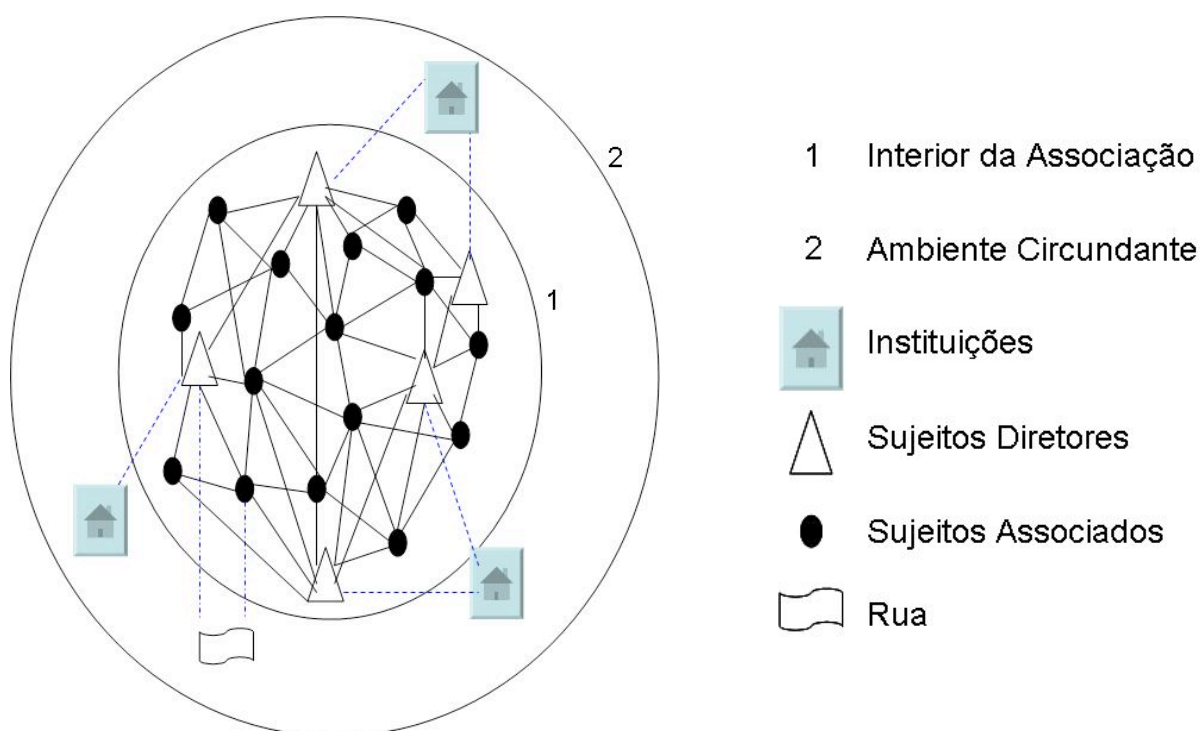


Figura 5.2 Rede da Associação

Na figura acima podemos perceber dois ambientes. O círculo interno representa o ambiente de trabalho onde todos os Catadores se conhecem e se relacionam entre si. O círculo externo, a que chamarei de ambiente circundante, possibilita-nos observar quais Catadores mantêm vínculos fora do ambiente de trabalho, quando saem do meio para participar de

encontros e reuniões com Instituições, com prefeitura, com empresários, entre outros. o que será retomado mais adiante nesse capítulo.

Todos participam da pesquisa de forma direta ou indireta, pois alguns não quiseram participar das entrevistas, mas opinaram com sugestões e críticas oportunas. Os vínculos entre os sujeitos são frágeis, conforme veremos mais adiante, e os membros da diretoria da Associação se comunicam de forma direta e diária com os demais companheiros e também participam de reuniões e eventos fora da Associação da seguinte forma: a presidente e a tesoureira mais que os demais membros da diretoria têm vínculos com todos os associados e com sujeitos fora da Associação tais como funcionários de Universidade pública, de bancos, empresas, de igrejas, escolas, Secretaria Municipal da Educação entre outros.

Na Cooperativa são vinte e dois cooperados. São nove mulheres e os demais homens. Sujeitos participantes da diretoria são seis. Os cooperados que fazem parte da diretoria são líderes eleitos e mantêm vínculos com os demais cooperados e com sujeitos fora da Cooperativa, tais como pessoas que ocupam cargos de confiança do prefeito como secretários, universidades, empresas, escolas.

Há também muitos conflitos entre os Catadores; os vínculos são frágeis, mas se esforçam para manter a Cooperativa cumprindo as metas e os objetivos propostos pela Cooperativa. Também no trabalho se organizam de forma que todos cumpram o papel estabelecido nas reuniões preparatórias, ou seja, cada sujeito ocupa um lugar importante no desempenho de tarefas no cotidiano da Cooperativa. Como exemplo, um sujeito se responsabiliza em separar papel, outro em separar as latinhas, outros pela prensa, e assim por diante conforme já foi dito.

No Depósito temos número flutuante de doze a quatorze Catadores que mantêm vínculos com o dono do depósito e com os companheiros. As diferenças mais importantes entre os três ambientes já foram descritas anteriormente, mas vale ressaltar que no ambiente do Depósito os vínculos além de frágeis são mais passageiros do que nos demais ambientes da pesquisa. Os Catadores mudam de Depósito com frequência e também usam drogas e bebidas alcoólicas em maior quantidade do que os demais Catadores.

Alguns Catadores de Depósito mantêm vínculos esporádicos com algumas senhoras idosas ao catar nas ruas. Essas senhoras guardam roupas e caixas para doar ao Catador de rua. No mais, tudo no Depósito me parece mais passageiro e frágil, além dos infinitos conflitos entre os sujeitos, e entre os Catadores e dono de Depósito. Dessa forma, o Depósito se organiza do seguinte modo:

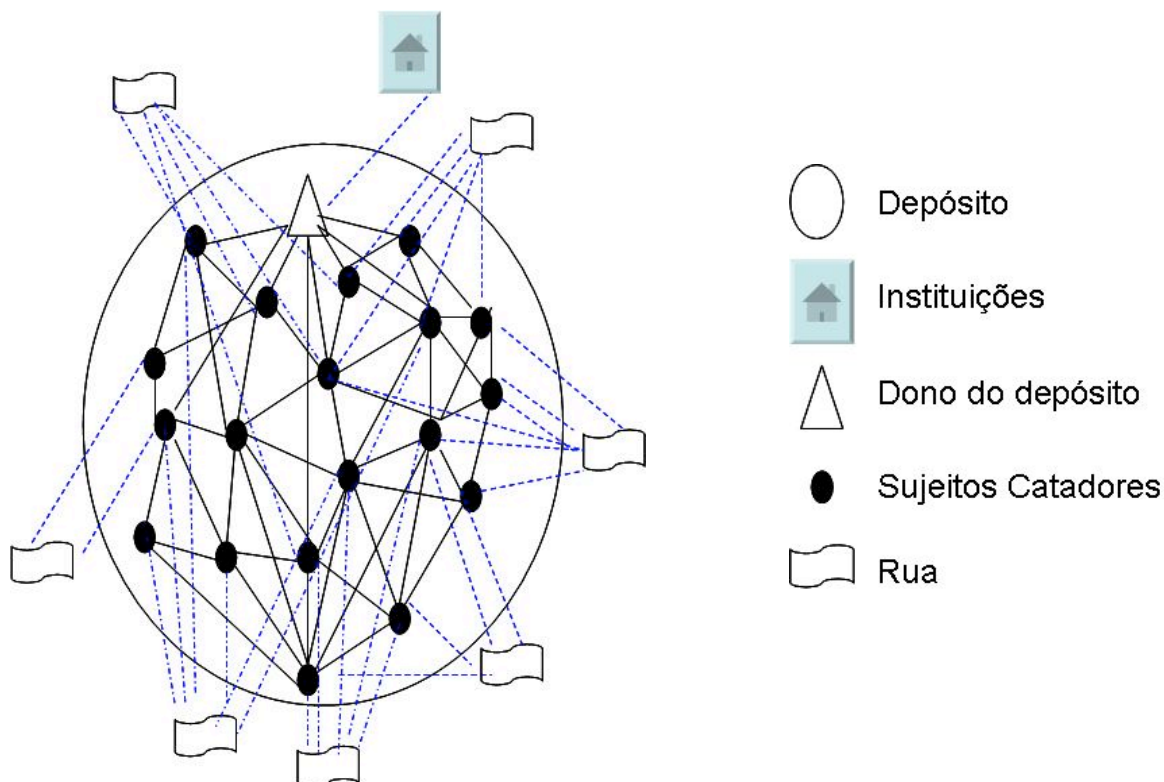


Figura 5.3 Rede do Depósito

A figura acima retrata o Depósito e podemos perceber que os sujeitos se conhecem, se cumprimentam e trabalham naquele ambiente, mas todos saem para as ruas sozinhos para catar, individualmente, o seu sustento. Como podemos observar, não encontramos ambiente circundante, pois os sujeitos não ficam rotineiramente no Depósito, nem criam vínculos, nem participam de reunião nem de qualquer evento de letramento, e sim passam a maior parte do tempo nas ruas, em seu trabalho individual.

A amostra para o estudo de redes ficou constituída de cinquenta e seis sujeitos entre homens e mulheres, casados e solteiros, que variam entre dezoito a oitenta anos, aparentando os mais jovens sempre o dobro da idade. Para esse grupo nuclear será identificada sua rede social de interação de primeira ordem com as quais os indivíduos interagem diretamente e em seguida as amarras de segunda ordem com as quais as ligações acontecem de forma indireta. Os sujeitos que fazem parte da diretoria tanto da Associação quanto da Cooperativa são os sujeitos da primeira ordem, os demais Catadores de segunda ordem e os sujeitos fora do contexto de terceira ordem de interação.

Encontro então nesse contexto, os vínculos fechados e os vínculos em processo de abertura da vida cotidiana dos Catadores. Para ilustrar vejamos depoimentos dos Catadores quando interrogados sobre quem são seus melhores amigos (BORTONI-RICARDO, 2005; 2008);

(1)

S.41 meus três milhores amigos? Aqui no serviço?

P. aqui, fora daqui, como quiser,

S.41 meus três milhores amigos? é.... acho que pra mim é Deus, meu pai e minha mãe,

P. e aqui dentro?

S.41 aqui dentro? Aqui dentro fica difícil falá, pra mim todos são meus amigo/

P. os melhores?

S.41 de quem eu desconfio?

P. Não, em quem você mais confia/

S.41 ((pausa longa)) é difícil, viu, pra mim eu confio em todo mundo

P. e fora daqui, sem ser sua família?

S.41 fora daqui? ... eu aqui, que aí fo::ra, só meus parente mesmo, que eu num tem amizade/

P. não? Porque você não confia, ou....

S. 41 ah, acho que é falta de tempo, num tem tempo de fazê amizade não/

P. assim, nem de infância, nada?

S. 41 de infância? Só na minha terra, num tem mais nada pá falá,

P. obrigada.

O sujeito mostra-se indeciso e não aponta com segurança os três melhores amigos, levando-me a crer na existência de uma rede de alta densidade. O sujeito, porém não consegue manter a afirmativa feita no início do depoimento e acaba dizendo que todos são seus amigos mesmo estando distante do grupo na hora da entrevista.

É possível ver que seus laços de primeira ordem são com Deus, seu pai e sua mãe, ficando os demais companheiros do grupo como de segunda ordem. Isso significa que os laços estão em processo de abertura, mesmo porque o sujeito nem chega a mencionar nomes dos colegas de trabalho nem de outros sujeitos fora do núcleo familiar. A pausa longa no meio do depoimento que precede a afirmativa de que “*eu confio em todo mundo*” coloca o sujeito

em posição confortável diante do grupo, mas me leva a crer - devido a longas observações - que seus laços com os companheiros são frágeis e que o vínculo com as pessoas se apresenta de forma bastante superficial.

Não é possível, portanto, verificar por ora se os reais significados sociais são revelados porque o espaço de interação não é claro. Talvez o sujeito não tenha consciência de grupo quem sabe pela própria natureza do trabalho que o faz invisível diante de uma sociedade dominante maior, que o ignora e o faz calar diante de seus anseios.

O convívio com os colegas e o aprendizado diário no trabalho de separar materiais coloca o Catador em contato com a leitura social e também com o mundo letrado no momento em que tem contato com textos escritos que circulam na Cooperativa e na Associação, tais como atas e o regimento, entre outros, não importa se os Catadores sabem ou não ler estes documentos. Veja outro depoimento:

(2)

P. quem são seus três melhores amigos?

S.40 minha mãe, Deus e minha irmã,

P. quem mais?

S.40 só/

P. e aqui na cooperativa?

S.40 o Zé, Lorim, a Vanda e seu João/

P. e fora daqui?

S. minha mãe, minha irmã e Deus' é só/

Como vimos, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 121) “pode-se definir uma rede social como um conjunto de vínculos entre os membros de um grupo”. No depoimento acima temos exemplo de vínculos de primeira ordem e vínculos de segunda ordem. Nesse depoimento o sujeito respondeu prontamente quem são seus três melhores amigos. A pesquisadora insistiu e o Catador citou o nome de quatro companheiros de trabalho. Observa-se que o grupo ao qual pertence o entrevistado é de alta densidade, pois todos se conhecem, mas o sujeito se limita a destacar quatro pessoas como seus amigos mais próximos.

O Catador em questão não é líder, mas desempenha a função que lhe é atribuída no trabalho com eficiência. Vale dizer que os sujeitos citados pelo entrevistado também têm vínculos com o Catador. É interessante observar que os vínculos dentro de casa se limitam as pessoas mais próximas, e que o mundo fora de casa se limita ao local de trabalho.

Veja-se mais um depoimento:

(3)

P. quem são seus três melhores amigos?

S.43 de onde?

P. de modo geral,

S.43 ih,... não tenho/ meus melhores amigos é meu pai e minha mãe,/ ... somente,

P. nem seu marido?

S. 43 é.... ((risos)) e meu marido, né? só/

P. e na rua, na sua vizinhança, não tem ninguém?

S.43 ninguém/

P. nem aqui dentro?

S.43 nem aqui dentro.

A Catadora está na Associação há bastante tempo, conhece todos os associados, mas mesmo assim afirma não ter laços afetivos com ninguém. Isto me leva a compreender que a rede da Catadora é construída por laços frágeis, o que torna o estudo difícil. Meu olhar atento faz-me compreender que a Catadora de fato se mantém calada e isolada ao realizar o trabalho. Não tem vínculos fechados com os demais companheiros, não se envolve em conversas enquanto trabalha nem em conflitos internos. É bom lembrar que conhece a todos, mas não mantém laços afetivos com ninguém.

A ausência de vínculos fora do domínio da casa me leva a observar uma rede fechada e, com isso, a Catadora se faz mais isolada da sociedade letrada. Ao afirmar que não tem vínculos com ninguém demonstra a forma de isolamento das influências oriundas de fatos externos e internos no grupo, mas vive entre os demais e desenvolve uma ética de solidariedade como estratégia de sobrevivência, mesmo não tendo vínculos com os demais colegas segundo a Catadora entrevistada. No próximo depoimento também observo a fragilidade dos laços:

(4)

P. quem são seus três melhores amigos?

S.46 meu ... acho que meus três, tem dois amigo meu aqui, que é Catadô que é o Lorim, e o Paulista/

P. e fora daqui?

S.46 fora daqui tem o Jean, ah, que é Catadô tamém,

P. e em outros lugares como vizinho' igreja'

S.46 num tem, e por enquanto num tem, depois que tô aqui num fui nem na igreja ... só trabaiano mesmo, é o pessoal do trabalho aqui todos são meus amigo, né? Colega de trabalho, são meus amigo, né? eu acho/

Inicialmente o sujeito demonstra dúvida, mas em seguida enumera dois companheiros de trabalho como amigos e posteriormente mais um, que cata papel fora da Associação e afirma que não tem vínculo com mais ninguém porque o trabalho toma todo seu tempo. Após dizer, porém, que não tem amigos afirma que todos os colegas são seus amigos, na tentativa de estar bem com todos os companheiros.

É interessante observar que tanto na Associação como na Cooperativa não há a relação patrão e empregado, mas um grande número de Catadores tem afirmado que o vínculo mais forte se dá com os Catadores que fazem parte da diretoria da organização, o que torna possível um vínculo mais estreito em uma demonstração de reconhecimento do poder da diretoria por parte dos demais Catadores.

O entrevistado me leva a acreditar que o grupo é fechado e poucos são os Catadores que têm laços afetivos fortes com sujeitos que não fazem parte do grupo. Observo também que os sujeitos são móveis, uma das razões que me leva a acreditar na fragilidade dos laços entre os Catadores e entre os Catadores e pessoas fora de seu convívio diário. Outro exemplo importante é o que vem a seguir:

(5)

P. quem são seus três melhores amigos?

S.47 dexa vê... aqui? ... é ... meus milhó amigo é da minha família, é minha família, porque na verdade eu tenho só o Webe comigo referente a amigo e conhecido, meus amigo, independente de tudo, são minha família, Regis, Juana, Bebê, Vera, dona Dica, que é minha mãe, são eles que são meus amigo, agora cunhido, alguns cunhidos referente mais aproximado, eu tenho a minha própria cumadre, tenho o Fábio, da uefegê, tem o Webe que é ua pessoa que nigucio com ele, e ... e demais, que se fô falá dá um caminhão ((risos)) que no momento num tem como lembrá agora, pessoas que trabalha cumigo, é ... o Vando, Caca, o Lilá, é o seu Oto, é .. é... é.. a dona Marta, e demais, é como eu falei, referente a cunhido, tem ua ligação a ... a... o pessoal da cooperativa em geral, né? Todos, é ... demais que no momento, o o José é demais, tem,

P. o prefeito,

S.47 o PREFEITO, mesmo, os secretário dele, pessoal da sema tomem, e ... como eu já falei é um caminhão de ((risos)) pessoas,

O sujeito da entrevista é um grande líder e se relaciona com todos os cooperados no dia a dia da Cooperativa de forma profissional e também pessoal. É o sujeito responsável pelas negociações de trabalho e de material e frequenta reuniões dentro e fora da Cooperativa. Tem um ciclo de convivência significativo.

Percebo pelo depoimento que o sujeito afirma inicialmente que seus amigos se limitam e se restringem a sua família e em seguida apresenta o que chama de conhecidos mais próximos, e enumera alguns, inclusive autoridades ligadas ao trabalho e ao assunto referente ao meio ambiente. Isso me leva a inferir que os laços mais fortes que o sujeito tem de fato é com sua família. Os demais laços citados pelo sujeito pertencem a uma rede com laços mais frágeis ou frouxos, de segunda e de terceira ordens.

O sujeito da entrevista frequenta reuniões com pessoas ligadas à Universidade, com as Secretarias Municipais da Prefeitura de Goiânia, com alguns bancos que fazem projetos junto aos Catadores, com empresas aparistas, com algumas redes de supermercados e concessionária. O sujeito leva para essas reuniões as posições do grupo.

Leva ainda, para as reuniões as normas da Cooperativa, bem como as crenças e os dizeres de cada um. Ao voltar das reuniões que acontecem em outro lugar, relata aos demais cooperados o que ocorreu na reunião, mas não perde o jeito de ser nem de dizer as coisas. Assimila, porém, novas metodologias, novo jeito de dizer as coisas. Chega a repetir palavras ouvidas nas reuniões, mas em seguida e em pouco tempo isso é ignorado.

Nas reuniões em que estive com os Catadores e em que não fui autorizada a gravar, observei que os sujeitos participam de conversas com pessoas ligadas ao poder público municipal e chegam a repetir expressões como: “amigos do meio ambiente,” “reaproveitamento”, “bases de acordo”, “auto-gestão”, “democracia direta”, “solidariedade de classe”, “categoria de Catadores”, “protagonismo”, “base de acordo”entre outros, conforme veremos mais adiante.

Ao voltar para o local de trabalho, repetem as palavras e expressões ao transmitir o resultado da reunião aos demais companheiros, mas depois disso, nenhuma dessas palavras faz parte da rotina dos Catadores.

O Catador em questão, demonstra abertura para novos contatos, mas mantém vínculos mais fortes de fato somente com a família, como já foi dito, o que o impede de aceitar

inovações. Isto me leva a inferir que os laços fechados tendem a ser mais numerosos do que os laços em processo de abertura, pois é do interesse do grupo se manter coeso e reforçar as normas internas do grupo tal como guiar-se pelo estatuto e se fortalecer como grupo.

Vale lembrar que a mobilidade do sujeito faz com que ele adquira, no dia a dia, novas experiências e novo jeito de fazer as coisas, bem como adquirir novos métodos de lidar com o aprendizado diário uns com os outros. Nas reuniões dentro e fora da Cooperativa, tem contato com textos escritos - embora o sujeito não tenha domínio da leitura e da escrita - que orientam, e muitas vezes são lidos por pessoas fora do grupo e, às vezes são guardados.

Parece estranho eu afirmar que os laços entre os Catadores são frágeis, já que eles se relacionam com tantas pessoas dentro e fora do grupo. Minhas observações, porém, autorizam-me a afirmar que esses laços são frágeis, porque acompanhei o Catador a várias reuniões e observei que esse contato é profissional e que tudo de uma hora para outra pode-se esfacelar. Observei também que o Catador se serve dos direitos sociais adquiridos por meio de alguns projetos desenvolvidos pelo governo e por algumas Instituições de forma consciente. O grupo ou a Cooperativa oferece a contrapartida, mas, além disso, não há envolvimento mais afetivo nem tampouco forte. Findou o projeto, cada um segue seu rumo e o trabalho de catar continua. Eu chamaria a isso de densidade moral, ou seja, ninguém pode se comportar de forma diferente daquela pré-estabelecida pelo grupo ou pela sociedade.

Essas redes contribuem para o ingresso do Catador no mundo letrado de várias formas. O sujeito tem contato com o texto escrito nas reuniões, ao ouvir a leitura de textos referentes ao projeto de reciclar e ao projeto da Coleta Seletiva. O Catador mesmo mantendo vínculos frágeis aprende novas maneiras de dizer e de fazer as coisas.

Continuando então com minha investigação pergunto a outro sujeito como acontecem os laços de amizade entre os sujeitos da Cooperativa. Veja entrevista a seguir:

(6)

S.3 si:::::m, exi:::::ste/ nós aqui, nós aqui é pensano primeramente sê companhêro um do oto, né? ... porque aqui ninguém é mais do que ninguém aqui dentro é não?... e nós tomém não somos mais do que nenhuma pessoa lá fora, gente procura, é a gente procura em primero lugá, tê amizade com o companhêro, porque cê tem amizade, você seno amigo, você nunca tê nenhum pobrema com e::::lê, né?... agora, quando né, você tá no trabalho, junto com o cara, num gosta dele por algum mutivo ô oto, aí acaba criano ua certa intriga, e não atrapalha só o seu trabalho, mas o trabalho dos otos companhero tomém/

P. aqui tem intrigas?

S.3 não, não, a gente aqui a gente aqui travaia é unido mesmo aqui

P. nas cooperativas do modo geral tem menos intrigas, não é?

S.3 olha, é ... é... igual o qu'eu falei, né, as veiz tem pessoas que acha que trabalha mais, que ela trabalha um certo tipo de separação, eu no meu caso aqui se fô olhá eu trabalho, eu trabalho muito mais do que os odo, porque a minha separação é separá do lixo, então eu tiro o material reciclado do lixo, então tem um que só pega, um material que já tá praticamente reciclável, aí ele só vai selecioná, cor por cor, então, sim, o trabalho dele é um trabalho mais fácil/ mas num qué dizê porque eu tô lá no lixo queu trabalho mais do que ele, mas se fô olhá, o meu trabalho é um trabalho mais pesa::do, porque/ eu pego muito material e muito lixo/

Interrogado sobre amizade o sujeito inicia o depoimento afirmando que uns pensam nos outros e há igualdade entre os cooperados e entre os cooperados e as pessoas fora do grupo. Afirma ainda que o que se procura é manter no grupo os laços de amizade e argumenta que se existir amizade não haverá nenhum problema ente os cooperados.

É importante dizer que o Catador se dirige aos demais Catadores como companheiros e marca status de relação profissional. Por alguma razão, uns não simpatizam com os outros, e isso pode atrapalhar o trabalho do grupo. É interessante como não se refere a ninguém como amigo nem cita nenhum outro Catador como amigo.

O sujeito da entrevista é sozinho. Trabalha individualmente em um canto da Cooperativa. Sabe ler e escrever, frequenta esporadicamente a escola noturna, frequenta reuniões na igreja e se relaciona com tranquilidade com os demais Catadores, mas de fato não mantém laços de amizade mais estreita com nenhum companheiro.

Quanto à existência de intrigas mencionada anteriormente, não é certo que o sujeito tenha compreendido o significado da palavra, pois as intrigas são muitas e frequentes. São conflitos velados e perigosos, mas o sujeito da entrevista de fato não se envolve em nenhum conflito.

O sujeito reclama com razão que seu trabalho é mais pesado do que o dos demais companheiros, porque está de fato em contato direto com o lixo. Explica a organização do trabalho na Cooperativa e segue destacando o quanto o trabalho que faz é pesado e exige atenção, pois é o responsável por separar o material reciclável do lixo. Lixo que provavelmente o torna cada vez mais amargo e isolado do grupo.

Disse anteriormente que o sujeito da entrevista tem o domínio da leitura e da escrita. Quero ressaltar, porém, que o sujeito não frequenta reuniões fora do grupo nem chega a ser líder. Todavia entra no mundo letrado por meio das reuniões e dos eventos que acontecem nas reuniões dentro da Cooperativa bem como por meio da Cartilha do Movimento, com textos como a ata e projetos bem como com o estatuto da Cooperativa. Participa também de eventos na igreja e na escola noturna.

Outro depoimento importante sobre as relações uns com os outros vem a seguir:

(7)

S.50 /.../ saímos pá ua reunião e chegamo com a cabeça cheia, num deu certo a reunião e de repente veio pobrema que podia tê resolvido na hora, os dois teria resolvido, mas teve ((refere-se à desavença entre dois Catadores)) mas teve levá até mim, tudo bem, chegô, só queu acho que aqui num tem diferença, qu'eu acho que aqui num tem diferença, quem é branco, quem é preto, quem é amarelo, quem é azul, aqui todo mundo é igual se um cumê queijo, todo mundo come, se num cumê nada, ninguém come nada/ na realidade, aqui eu sinceramente eu digo que aqui é minha casa/ é tão provável que tá aqui minha comadre, queu dei meu endereço pra ua loja, a cumadre, dê seu endereço, tô dano meu endereço, eu moro aqui, eu na minha casa vô só de visita, eu passo o dia aqui, todo mundo como minha família, intão, todos são minha família, é... pará com esse negócio, fulano tá, 'ssim, cada um tem seu jeito de sê, tem dia que nós mulhé tá na depeemi, que se num pudesse vê ninguém na frente, seria ótimo, né? /.../ então na realidade, eu sempre falo, admiro muito a dona Ro::sa, ela pode tá com o pobrema que fô, ninguém vai percebê/ a Maria também é ua pessoa, até aqui num tenho nada que falá dela, pessoa ótima, então, tirei dona Rosa como exemplo, até pra mim ela já me deu conselho, viu? ... então na realidade é isso queu quiria vê pá acabá com esse negócio de picuinha,

A Catadora é presidente da Cooperativa e líder no grupo e tem bom relacionamento com todos os cooperados. Participa de eventos dentro e fora da Cooperativa e se relaciona com sujeitos de várias instituições como Universidades, Secretários do Governo Municipal, bem como com autoridades ligadas à coleta seletiva, com vereadores, empresários, funcionários de banco e gerentes de concessionárias, e com o prefeito da cidade.

Nesse evento, a Catadora questiona a convivência diária dos cooperados e apresenta a existência de uma boa convivência com uma senhora, que, segundo ela, é um exemplo para se

resolver conflitos entre os Catadores. Não afirma manter laços com ninguém de modo específico, mas compara o local de trabalho como sua casa, afirmando que passa mais tempo na Cooperativa do que em sua residência. Isso é um exemplo de rede em processo de estruturação.

As observações diárias permitem-me afirmar que, mesmo desempenhando papel de destaque na Cooperativa, mantendo contatos com pessoas fora do contexto dos Catadores, os vínculos mais fortes que a Catadora tem é com a família, com uma vizinha e com uma comadre, pois, segundo o depoimento da Catadora, os colegas de trabalho formam com ela somente vínculos de trabalho - embora diga que *“mora na cooperativa, só vai em casa para dormir”* - a impressão que se tem é que não há laços mais fortes com nenhum cooperado demonstrando dessa forma, a fragilidade dos laços. Leva em conta, inclusive, que vários sujeitos passam pela Cooperativa, ficam um determinado tempo e em seguida vão embora.

A Catadora tem domínio da leitura e da escrita. Entra no mundo letrado por meio dos filhos que frequentam a escola, por meio de eventos de letramento, fazendo compras na vendinha do bairro e anotando no caderno o que deve pagar posteriormente, anota e lê documentos exigidos pela Cooperativa, como atas, relatórios, projetos. Participa ainda de reuniões para discutir com o grupo as propostas do programa da coleta seletiva e de projetos que discutem a política voltada ao meio ambiente

A Catadora lida também com textos de jornal e procura se informar sobre o andamento do trabalho de outras Cooperativas para aprender, no dia a dia, cada vez mais sobre o manejo dos materiais recicláveis. Sua rede de comunicação é grande e dela se serve para fazer contatos pensando na melhoria da Cooperativa e dos cooperados.

Organiza ainda a Cooperativa mantendo-a limpa e distribui tarefas para que todos os cooperados trabalhem de forma produtiva. Para isso faz contatos orais, por telefone e por escrito com sujeitos responsáveis pela limpeza da cidade e pelos projetos ligados ao trabalho com a reciclagem.

Após este depoimento uma outra Catadora fala sobre amizade e solidariedade entre os cooperados:

(8)

S. 32 lá em casa, encheu minha casa de água, aí eu fui correno pra casa, que a minina ligô e avisô, aí quando eu cheguei passô um tempinho já, chegô a turma da associação, tudo atrais de mim pá me ajudá/ então acho 'ssim, que isso aí é ... apesar das coisa que acontece, nós é ua família, entendeu? ... provaro pra mim, achei muito bonito, tenho

que agradecê, ajudaro a tirá a água de lá tudim, depois nós viemo e voltamo a trabalhá, entendeu?.... achei muito legal isso aí/

“*Apesar das coisa que acontece*”, a Catadora, afirma que na hora da dificuldade todos se unem e formam uma família. A Catadora não se refere a ninguém de modo especial. Estava, porém emocionada e grata a todos pelo gesto de solidariedade por ocasião da inundação em sua casa.

Posso inferir disso que, apesar dos muitos conflitos e do isolamento diário por parte de vários Catadores, há laços de solidariedade e esses laços são demonstrados no momento das dificuldades. Observei ainda que embora os conflitos sejam muitos e nem sempre consigam resolvê-los, quando se trata de um caso como este de inundação de uma casa entre outros casos, como morte, acidente, todos se unem. Chegam a pagar as despesas de um companheiro acidentado e impossibilitado de trabalhar.

Durante as minhas observações diárias, muitas vezes me vi confusa quanto à criação desses vínculos, mas posso afirmar que a própria natureza dura de um trabalho tão árduo, pode impedir o sujeito de se envolver uns com os outros e acreditar em laços mais fortes. Por esta razão, ao longo do texto descrevo a fragilidade dos vínculos como a fragilidade do próprio Catador, invisível, imerso no mundo do lixo e no sonho por um mundo melhor. Um mundo que me parece abstrato e real.

A Catadora em questão não é líder. No dia a dia, porém, mantém com todos os colegas uma convivência tranquila, ou pelo menos não verbaliza insatisfações. Ela tem domínio da leitura e da escrita e entra em contato com o mundo letrado durante as reuniões na Cooperativa e o acesso que tem com os documentos escritos que circulam no grupo. Faz compras no bairro, participa da igreja e gosta de ler jornais.

Nesse depoimento há ainda uma marca importante de vínculos de solidariedade onde todos se unem para resolver um problema emergencial.

Os depoimentos a seguir são de Catadores ligados ao depósito.

(9)

P. seu Zé, quais são seus três melhores amigos?

S.60 ah, é só mesmo o patrão, né? ... esse senhor que é ti:::: uns Dalvino, tudo trabaia aqui, ez é uns quatro o cinco/

P. e fora daqui?

S.60 fora daqui? ... eu num ... quase num, eu num gosto de andá inturmado, né? ... eu ando mais é ... sempre mais é só/ só mesmo os de ca:::sa, os parente, primo, amizade assim mesmo nunca/ num/ num faço não,

P. e na igreja?

S.60 ninguém/ num vô ni igreja/

P. e na escola dos filhos?

S.60 eu num tem fio na escola/ num vô na escola/

P. e reuniões?

S.60 aqui num tem reunião, nem vô/

Posso observar que o sujeito imediatamente refere-se ao dono do depósito como seu vínculo mais imediato e único. Minha convivência diária com o grupo me leva a entender que na verdade há relação sem muitos conflitos com o dono do Depósito - que faz parte da pesquisa - que nem chega a ser patrão, mas posso afirmar que não há vínculo forte de amizade, pela própria relação de exploração estabelecida nesse contexto. O que acontece é a forma diferenciada como esse dono de Depósito específico trata os Catadores, isto é, trata-os de forma mais cordial do que grande parte dos demais Depósitos que visitei.

Em seguida o Catador afirma que há uns quatro ou cinco colegas mais íntimos no depósito, mas não chega a nomeá-los. No mais, afirma ter vínculos mais estreito com a família. O contato com o “patrão” (aspas minhas) me leva a compreender que há vínculos uniplex, mas com laços fracos.

Acredito que o Catador que trabalha nos depósitos seja mais solitário do que o Catador da Cooperativa e Associação. “*Não gosto de andá inturmado*”, afirma, mas tenta manter vínculos com o dono do Depósito, com alguns colegas e, segundo observações diárias, é esse Catador que de certa forma mantém contato direto com a sociedade, com as pessoas nas ruas e por todos os locais por onde cata, mesmo este vínculo sendo considerado fraco.

A sociedade então, passa a fazer parte da segunda zona de sua rede, pois é bom lembrar que algumas pessoas e empresas guardam papéis e alguns materiais recicláveis para o Catador que passa quase sempre no mesmo horário e pelos mesmos lugares sem se identificar pelo nome.

Posso afirmar que os laços com a sociedade são ainda mais frágeis, pois essa mesma sociedade que guarda materiais para os Catadores de rua é quem mais os oprime e os ignora no dia a dia. Essa sociedade não fala com os Catadores nem tampouco demonstra qualquer laço de amizade e respeito.

O Catador da entrevista anterior não tem domínio da leitura e da escrita. Não participa de nenhum evento e a rede social o faz entrar no mundo letrado de forma frágil, catando textos escritos que nem chega a ler. Por meio desses laços, porém, o Catador troca ideias, conta histórias e aprende um com o outro o trabalho de catar.

Ele vive no bairro onde é desenvolvida a pesquisa, faz compras, vê televisão, conversa com amigos nos bares, mas não chega a ter acesso a nenhum documento escrito do Depósito, a não ser a lista de pesos e preços referentes ao que catou e ao que deverá receber como resultado do seu trabalho. O próximo depoimento também é de Catador ligado ao Depósito.

(10)

P. Seu Wilson, quais são seus três melhores amigos?

S.65 aqui nesse depósito, é? ... aqui tem o, tem o Paraná::, tem o oto que o.... o Mané, né? só/

P. Só?

S.65 só pur enquanto, né?

P. e fora daqui?

S.65 fora daqui tem muitos, né, em otos depósitos, né? ... tem um que é mais cunhido, tem apilido, né? chama Joca, tem o Tião, tem o Neca, já é de idade, né? cunheço ele como Neca,

P. Cada um em um depósito diferente?

S.65 isso/ cada um num depósito diferente,

P. e na igreja?

S.65 num vô ni igreja/ rezo em casa/

P. e na escola?

S.65 ah, té quiria í pá escola, mas num vô não,

O sujeito é um Catador experiente e nesse dia da entrevista havia dormido na rua sob a chuva. Anda sempre só, mas é receptivo. Foi um dos Catadores que acompanhei na rotina de catar nas ruas.

O depoimento do sujeito em questão me leva a compreender que o Catador tem vínculos fracos com alguns companheiros no local de trabalho, mas tem também laços com companheiros de outros Depósitos. Vale lembrar que grande número de Catadores se conhece entre um depósito e outro. São sujeitos móveis que passam por vários Depósitos e permanecem por mais tempo no local que paga melhor e os explora menos.

Acredito que os vínculos dentro e fora do depósito são frágeis, visto que nem sabem o nome dos colegas e afirma que tem muitos conhecidos e esses não são amigos. O Catador da entrevista tem domínio da leitura e da escrita. Entra no mundo letrado lendo textos em jornais que cata na rua. Lê, enquanto cata, rótulos, avisos e propagandas afixados nos pontos de ônibus. Lê rapidamente e recolhe o material.

O Catador não participa de nenhum evento e no Depósito tem contato com a tabela de preços que circula diariamente junto aos Catadores, bem como com o controle da quantidade que cata diariamente para posterior acerto. O contato que têm com Catadores de outros Depósitos serve para que troquem experiências e aprimorem o trabalho de catar como, por exemplo, não sujar as ruas, não violar as lixeiras das pessoas e deixar o lixo espalhado pelo chão, não beber ou fazer uso de drogas enquanto catam e não desrespeitar as pessoas.

Após descrever os depoimentos e após longas observações diárias, é possível afirmar que essas vidas de sujeitos invisíveis, vidas móveis, frágeis, são permeadas por sonhos e esperança. Em cada depoimento podemos observar o desejo de ter uma família unida, o desejo de ter muitos amigos e poder contar com eles; a vontade de poder dividir com outrem os sonhos e as ilusões. Como afirma Foucault (2003, p. 204) “vidas singulares...” que se perdem junto ao lixo e se encontram nas esquinas solitárias das ruas da grande cidade. Encontram-se e se perdem sem vínculos fortes e sem lembranças doces.

Nesses encontros e na convivência longa com os Catadores, encontramos sujeitos entre tantos sujeitos que se perdem e se encontram para falar de sonhos e retratar uma vida em redes frágeis, que procuram vínculos para sobreviver e lutar por uma vida melhor. Remeto-me dessa forma, ao meu trabalho anterior, Carvalho (1991, p. 144) quando afirmo que

uma coisa é a gente ter um ombro onde chorar, mas também ter o chão onde lutar (...) são um pouco assim e já que não têm sonhos nem esperança, perdem também a vontade de lutar por um mundo melhor.

A diferença é que os Catadores não são vencidos pela solidão e pelo trabalho árduo de catar no lixo a sobrevivência. Acreditam ainda que, dessa forma, estão contribuindo para a melhoria do meio ambiente, embora já tenha dito anteriormente que se servem desse discurso para acirrar a luta pelo poder e pelo ganho diário.

No emaranhado da modernidade e da sobrevivência, busco novamente o pensamento de Foucault (2003, p. 208) quando afirma que “não é um dos traços fundamentais de nossa sociedade o fato de que nela o destino tome a força da relação com o poder, da luta com ou contra ele.” Esse pensamento me leva a inferir que os Catadores, ao construírem seus vínculos, se chocam com o poder e tentam escapar das artimanhas desse poder,

principalmente quando o Catador afirma que seu vínculo mais concreto é com o dono do depósito que o explora e o faz mais invisível, ou seja, sem voz e esquecido.

A descrição dessas redes sociais de Catadores, me leva a todo instante a perguntar como é possível a esses sujeitos apagados construir vínculos fortes com sujeitos que dividem a mesma invisibilidade e sofrem as mesmas discriminações? Mesmo assim, demonstram ser sujeitos persistentes, por isso constroem laços mesmo frágeis com alguns companheiros, com vizinhos, com pessoas fora do grupo, com algumas autoridades e empresários. Dessa forma, constroem suas redes e retratam a complexidade da vida social e valorizam a força da Cooperativa e da Associação entre os demais sujeitos.

Diante disso Martins (2008, p. 22-23) afirma que

a teoria da rede social revela a preocupação de explicar o fato social não a partir da liberdade individual (como insistem sempre os teóricos liberais) mas de uma injunção coletiva que se impõe às vontades individuais (mesmo que esta injunção não elimine a liberdade dos atores de participar de diversos círculos de trocas).

Isso demonstra que as relações sociais se constroem a partir de uma experiência, como afirma ainda o autor, e como afirma a Catadora em depoimento de número oito por ocasião da inundação em sua casa, quando então todos os seus companheiros, espontaneamente, deixaram o trabalho e foram ajudar a companheira em um gesto de solidariedade. Mesmo assim, agem sem construir vínculos mais fortes de uma rede complexa na realidade móvel de cada sujeito da pesquisa.

O fato é que, quanto mais observo estes vínculos, mais os compreendo como fracos, pois nessa convivência diária com os Catadores, os sujeitos têm mostrado, pelas suas práticas diárias, que fazem parte de uma rede social, têm amigos, têm conhecidos, têm vizinhos e famílias; têm também contatos frequentes com pessoas fora do mundo da catação, tais como diretores de empresas, secretários municipais, entre outros, conforme já foi dito anteriormente. Esses sujeitos são ligados ao trabalho e às discussões sobre o meio ambiente funcionando com ligações de forma fraca, mas sistemática.

Quanto mais observo as relações de solidariedade, de conflito, de disputa pelo poder e pelo dinheiro, mais a estrutura social de cada grupo se me apresenta frágil. Por isso, nessas observações contínuas e diárias, procuro aprender como esses vínculos podem influenciar o comportamento social do Catador e como produzem mudanças e assimilam novos conhecimentos. Os nódulos que conectam nódulos em um sistema social juntam pessoas,

Instituições, grupos e possibilitam ao Catador acesso a mais informações, e maior contato com textos escritos e por meio de informações orais e escritas.

5.4 COMO SE ORGANIZAM NOS LOCAIS DE TRABALHO

A seguir organizo a descrição da rede dos Catadores nos vários locais frequentados pelos sujeitos. O contato do Catador, por exemplo, com a vizinhança, se dá quando precisa de ajuda, como: dinheiro emprestado, um favor para deixar o filho bebê com a vizinha. Quando precisam pedir emprestado algum complemento para as refeições ou, até mesmo, uma caixa de fósforos recorrem aos próximos. As visitas de solidariedade são raras, a não ser que posteriormente peçam favor.

Também as idas às igrejas são esporádicas, salvo um ou outro Catador que procura a igreja para pedir ajuda para se livrar de vícios ou para preencher espaço vazio em sua vida. Por isso, talvez ocorram os depoimentos de que Deus é o melhor amigo. Nas idas às igrejas o Catador sempre tem contato com texto escrito e faz orações seguindo o texto, não importa se tem ou não o domínio da leitura e da escrita.

Por outro lado, as idas às escolas acontecem com frequência para as famílias que têm filhos na escola ou na creche. Falam com diretores e professores e sempre têm contato com o texto escrito através do boletim de notas dos filhos, das tarefas escolares e/ou por meio de algum livro literários que as crianças levam para casa como tarefa escolar a ser cumprida.

Há também as conversas informais com a escola para verificar o andamento das atividades e o comportamento dos filhos. Ao sair da escola, porém, o contato com textos escritos são abandonados e a rotina do trabalho segue seu curso normal em contato com outras leituras, e não há vínculos fortes com a escola.

Vale lembrar que alguns Catadores também frequentam a escola noturna e outros participam de cursos promovidos por Instituições parceiras com o objetivo de discutir a política de organização de cada grupo. Todos esses contatos e as reuniões que os Catadores frequentam possibilitam laços com líderes políticos envolvidos com o trabalho da Cooperativa e Associação. Nessas reuniões, o texto escrito é presença frequente, pois os sujeitos discutem questões ligadas à organização do grupo, à formação do Catador, bem como projetos, financiamentos, entre outros.

Os laços afetivos dos Catadores com essas Instituições também são vínculos frágeis, pois saem desses encontros cheios de entusiasmo, repassam aos demais companheiros as informações recebidas durante os eventos, assimilam novas ideias, mas logo em seguida são envolvidos pelos afazeres diários e continuam lendo a vida e suas práticas diárias como sempre fizeram. Mas é justo ressaltar que tenho observado mudanças significativas no comportamento dos Catadores referente ao uso do material reciclável após os encontros com os parceiros.

Esses parceiros líderes ligados às várias Instituições que desenvolvem projetos com os Catadores fazem visitas frequentes à Cooperativa e à Associação. E estes laços são profissionais, pois não presenciei nem observei nenhuma visita de solidariedade e/ou de contatos de amizade fora do ambiente de trabalho por parte desses sujeitos aos Catadores.

Outra observação importante é ligada à prática do Catador que cata nas ruas. Os sujeitos puxam o carrinho pesado sempre individualmente. Andam quilômetros a fio e muitas vezes param para ler alguns avisos ou qualquer texto escrito afixado nos pontos de ônibus, como já foi dito. Param nas ruas para falar com uma ou outra pessoa para dar informações e/ou manter contato com pessoas idosas que frequentemente guardam materiais para os Catadores. Esse contato mesmo frequente é frágil, pois não se conhecem pelo nome nem criam vínculos afetivos significativos. Tudo não passa de um jogo. O sujeito que doa acredita que fez um bem e o Catador por sua vez, recebe esse bem sem pensar no fato como bem. Pelo contrário. Muitas vezes se sente humilhado por receber mais restos.

O Catador segue então, o caminho com seu carrinho cheio de sonhos e mantém laços, mesmo frágeis, somente com os colegas Catadores que vivem a mesma experiência na rua. Desta forma posso inferir que os laços que o Catador de rua estabelece com a sociedade é fraco, e em nada acrescenta na vida do sujeito.

Esse Catador que cata nas ruas tem sua rotina no Depósito e o contato mais certo e diário que tem é com o dono do Depósito e com os demais colegas Catadores como já disse várias vezes. Acredito desta forma que o Catador, ao manter contato direto com o dono do Depósito e com os colegas, constitui a primeira zona da rede social desses sujeitos. Em seguida mantém contato com outras pessoas fora do Depósito que fazem parte da segunda zona da rede social.

Mesmo assim afirmo que esses laços chamados de primeira zona são frágeis pela própria natureza do grupo, mostrando inclusive que, embora compartilhando o mesmo grupo, não há vínculos sólidos nem grandes gestos de solidariedade entre os sujeitos do mesmo Depósito como às vezes acontece na Cooperativa. Há sim, muita competição, muita intriga.

Contraditoriamente, porém, como disse anteriormente, mesmo sem vínculos fortes e com tanta competição vejo respeito entre os Catadores, principalmente no que se refere ao trabalho. Ninguém interfere no trabalho de ninguém e posso afirmar que embora trabalhem em grupos os sujeitos fazem tudo individualmente e o objetivo final deste trabalho é o lucro escondido atrás do discurso de preservação do meio ambiente.

Outro contato importante que observei são as idas aos postos de saúde como já disse várias vezes. Mães Catadoras levam os filhos ao pronto socorro. Chegam sempre assustadas com os filhos doentes e logo na recepção do posto são recebidas com frieza. As pessoas que trabalham na recepção desses lugares nem olham para as pessoas no momento de fazer a ficha para o atendimento.

Após o primeiro contato com a recepção a espera pelo atendimento é infinita e silenciosa. Durante esta espera estabelecem diálogos com outros pacientes, mas não posso dizer que criam vínculos. Ao serem atendidas nem chegam a saber o nome do médico e tudo é muito rápido, informal e frágil.

Observo, porém, que mesmo frágeis, os vínculos que os Catadores estabelecem entre eles na Cooperativa aparentemente são mais sólidos do que os vínculos estabelecidos pelos Catadores ligados ao Depósito. Minhas observações diárias e meus dados autorizam-me a afirmar que esses laços acontecem, sobretudo, no ambiente de trabalho e são pautados pela desconfiança e pelos conflitos.

Todos os integrantes da Cooperativa e da Associação se conhecem e se relacionam, e há comunicação entre as diferentes zonas da rede social. Mesmo com tantas competições afirmo que esta é uma rede densa e há solidariedade entre os sujeitos. Além disso, promovem inserção social que garante a dignidade de cada sujeito e influencia o comportamento social do Catador além de produzir mudanças de comportamento no grupo.

Tudo isso ocorre durante as reuniões internas e externas no grupo quando o sujeito lida com textos escritos e com depoimentos orais a respeito de como melhor agir e/ou fazer o trabalho. Mesmo assim continuo com o pensamento de que esses laços são frágeis e podem ser desfeitos a qualquer momento, como já ocorreu várias vezes durante a pesquisa com a saída de um Catador para outro lugar, com discussões que se alongam entre os sujeitos e param de falar uns com os outros, entre outras coisas.

Acredito também que o que dificulta o fortalecimento dos laços além do que já foi descrito é o uso de drogas e de bebidas alcoólicas, pois existem casos em que o Catador trabalha pesado o dia todo só para manter o vício, e nada mais lhe importa.

Há ainda Catadores que são marido e mulher, pai e filho, cunhados, e há Catadores que se relacionam com vizinhos demonstrando uma rede com multiplicidade de laços, assim como há uma mesma Catadora que desempenha o papel de Catadora, mãe, esposa, formando desta forma uma relação multiplex.

É importante ressaltar mais uma vez que esse grupo é urbano e assimila valores e falares da cultura letrada e apresenta estrutura de rede social próxima, fechada, com laços frágeis entre os sujeitos, mas que resistem a pressões para mudar.

Acredito ainda que dentro da Cooperativa e da Associação haja uma rede mais ampla e dentro dessa rede uma rede menor formada pelos demais membros da Cooperativa. Acredito que isto ocorre como forma de sobrevivência, como por exemplo: os Catadores que fazem parte da direção possuem vínculos com todos os companheiros, mas os vínculos mais “íntimos” ocorrem entre os membros da diretoria. Os demais sujeitos, por sua vez, se organizam e formam redes menores e, desta forma, mais uma vez, criam conflitos e competições o que dificulta o fortalecimento dos vínculos entre os sujeitos cooperados. e os membros da diretoria.

É interessante que essa construção de redes nem sempre é percebida pelos sujeitos do grupo que se consideram muitas vezes “uma família”, mas essa rede frágil se faz clara diante de um olhar etnográfico que procura compreender os detalhes mais sutis do grupo. Represento a minha interpretação dos laços na Cooperativa com a figura 5.4 a seguir:

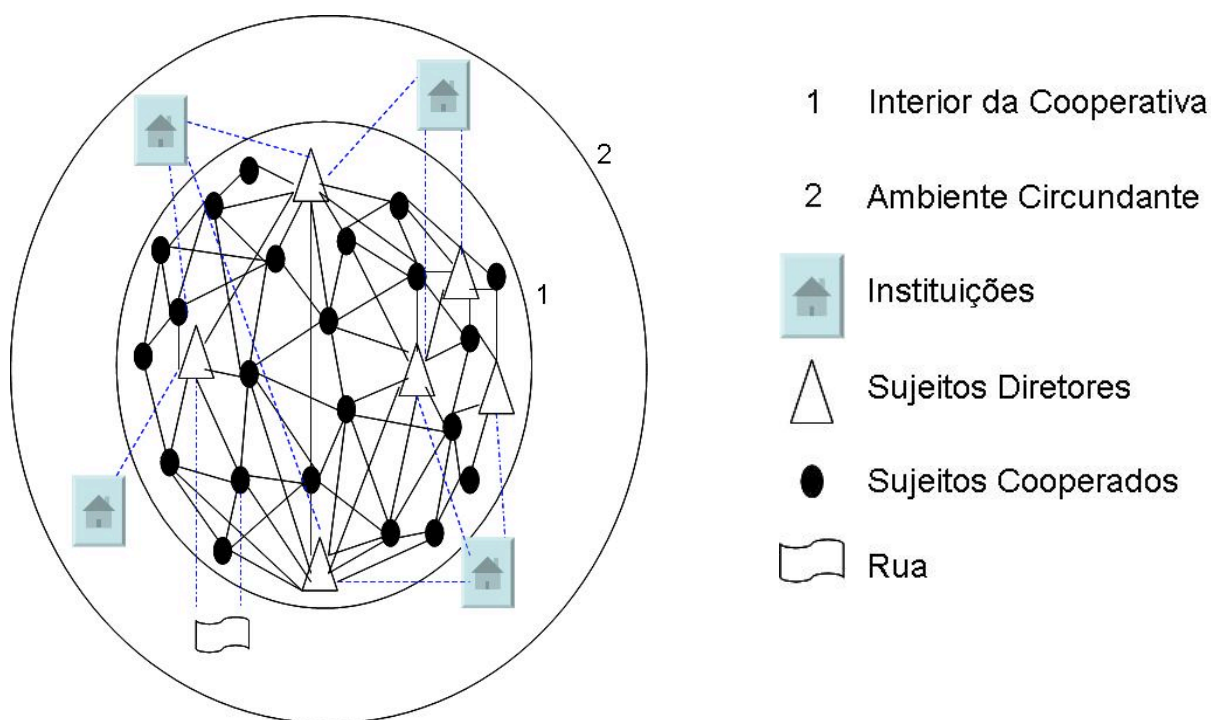


Figura 5.4. Rede da Cooperativa.

No ambiente interno da Cooperativa todos os cooperados mantêm laços e se conhecem. O vínculo mais forte, porém, é dos Catadores com membros da diretoria. O ambiente circundante é formado pela prática dos Catadores líderes que frequentam reuniões e fazem visitas a empresas, rompendo assim, o ambiente interno da rede e fazendo vínculos além do ambiente interno.

É bom lembrar que essas relações estão também permeadas por textos escritos e são as práticas de letramento as responsáveis pelos vínculos dos sujeitos uns com os outros, que fazem trocas de experiência em suas práticas diárias.

Ao longo deste capítulo ressaltei a fragilidade do grupo e dos vínculos entre os sujeitos, mas acredito que as amarras, mesmo frágeis, sejam densas e resistem a pressões para realizar mudanças no jeito de fazer as coisas profissional e resistem, sobretudo, em assimilar novos dizeres próprios do mundo social letrado.

Ao mesmo tempo, porém que anseiam por modernidade na Cooperativa e Associação, como o uso da informática, por exemplo, nada tem substituído o trabalho manual com a prensa, com a balança e com as mãos ao separar cuidadosamente cada material.

Milroy e Milroy (1997) discutem a distinção entre redes de laços fortes e fracos e afirmam que em qualquer grupo individual real vai variar na intensidade relativa aos laços. Segundo os autores, (1997, p. 199)

Laços fracos são também mais difíceis de investigar empiricamente do que os fortes, e o instinto do etnógrafo baseado na rede social é normalmente para estudar pequenas comunidades relativamente isoladas que são internamente ligadas por fortes vínculos e relativamente isoladas de influências externas³².

Com isso é possível compreender que os laços fracos podem ou não funcionar como pontes, mas podem guiar-nos para compreender o grupo em sua existência. No caso do grupo em estudo temos sujeitos fortes com laços afetivos frágeis e sujeitos frágeis com laços mais frágeis ainda, o que os faz mudar de Cooperativa e/ou Associação com frequência.

Há momentos na rotina dos Catadores em que o grupo demonstra união. Em outros momentos se desfazem os laços e a impressão que se tem é de que tudo se romperá. Em seguida se refazem e os laços se restabelecem, e o grupo continua com o trabalho de catar materiais e de catar sonhos, no árduo labor diário.

³² Weak ties are much more difficult to investigate empirically than strong ones, and the instinct of the network-based ethnographer is usually to study relatively self-contained small communities that are internally bound by strong links and relatively insulated from outside inferences.

Observo que os Catadores se organizam em redes com vínculos frágeis entre eles e como participantes dessa rede se unem de todas as formas possíveis e em parte se entendem, porque pertencem a uma mesma organização em uma rede fechada. Esses vínculos apresentam-se também de forma visível nos espaços geográficos, social, profissional e linguístico. Em cada espaço podemos encontrar condições favoráveis e desfavoráveis. Por exemplo, a rede é fraca nos aspectos de ruptura de laços, principalmente no momento em que a sobrevivência é mais latente.

É importante também observar a forma como buscam soluções para os problemas e a forma como se organizam como categoria. Chegam ao ponto de celebrar os festejos natalinos com o ex-presidente da República que, por sua vez, concretiza direitos da categoria na concessão de verbas importantes para o Movimento Nacional dos Catadores.

Os dados obtidos na pesquisa permitem ainda observar que as relações entre os Catadores podem ser externas e internas. As relações externas acontecem pelos vínculos econômicos por meio do trabalho de trocar, vender o material para terceiros; vínculos externos quando adquirem *status* social e passam a ocupar funções que vão além dos trabalhos na Cooperativa como, por exemplo, participar de reuniões com autoridades e empresários. Nessas ocasiões têm contato com a variedade linguística padrão e o que é importante, compreendem essa variedade embora não a usem nem a dominem.

As relações internas se dão com os parceiros de profissão e com a família. Vale ressaltar que, nessa relação interna, os laços fracos se apresentam de forma mais significativa. Nesse caso o contato linguístico é sem prestígio e a relação é simétrica.

As relações internas se moldam no planejamento e nas propostas de trabalho que fazem entre os companheiros e com sujeitos fora do grupo. As ações internas ainda são respaldadas pelo conhecimento do trabalho e com as relações humanas não importa se são ou não conflituosas.

Desta forma, segundo Milroy (2004), as redes constituídas de amarras fortes (densa e multiplex) apoiam normas linguísticas localizadas e resistem a pressões para usar normas externas competitivas. Por outro lado essas amarras enfraquecem as condições favoráveis para mudança da língua que são produzidas.

Eu direi então, sem medo de errar, que apesar de tanta fragilidade natural do grupo, os Catadores são fortemente organizados e se reorganizam em volta de um sonho e em torno do trabalho. Compreendo que cada dia é um novo começo para os Catadores e os laços se rompem e se refazem no dia a dia em nome também da sobrevivência.

5.5 A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTO E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DOS CATADORES.

Entre as perguntas que norteiam minha pesquisa há aquela que interroga como o letramento é construído nas redes sociais dos Catadores. Para refletir sobre isso é preciso verificar ao longo deste capítulo, de que forma a rede social faz com que o Catador entre no mundo letrado.

Para isto retomo Cook-Gumperz (1986), quando afirma que letramento vai além de desenvolver a habilidade de ler e escrever, ou seja, o letramento é um fenômeno socialmente construído. No caso do grupo em estudo, o letramento é construído à medida que os vínculos entre os Catadores se expandem formando novos laços e laços de trabalho, colocando em evidência o estado ou condições que assume aquele que aprende novos fazeres e novas práticas sociais por meio do trabalho e dos vínculos estabelecidos com outros sujeitos.

Para compreender esses vínculos é importante prestar atenção nos papéis diferentes que as pessoas assumem dentro de tais redes. Como vimos anteriormente, o Catador de número 40 tem um número de vínculos na sua vida. Um outro Catador usa redes sociais com pessoas de fora do grupo que ocupa funções importantes junto ao governo municipal para obter recursos e conquistar direitos para a Cooperativa.

Dessa forma, é possível ver redes sociais nas famílias dos Catadores, no local de trabalho, e com alguns vizinhos e parentes. No início da investigação não imaginei que essas redes pudessem ser tão significativas nem que elas me levassem ao letramento social, mas após longa convivência posso afirmar que cada evento de letramento é relacionado a uma rede social.

Tomemos, por exemplo, o evento da oração no quarto capítulo na figura 4.7. Há nesse momento um único objetivo que é agradecer pelas vitórias e se confraternizarem como se na rotina, os laços não fossem tão frágeis. Durante o evento as mãos e o pensamento se unem enquanto o texto escrito tem a função de unir, de fazer soar naquele evento uma só voz.

A fragilidade dos laços esbarra na força do evento comemorativo onde todos se solidarizam e remeto-me ao dizer de um líder Catador: *“nossos laços é fraco, mais nós é solidário/ todos se ajudam uns os oto,* (S.70) Estão, pois unidos pela confraternização, pela força dos objetivos profissionais alcançados ao longo do ano.

Por isso, é possível inferir que redes sociais têm função de sobrevivência para as pessoas. Ela desenvolve informação, fornece apoio mútuo, cria novos saberes, mas também

envolve opressão e exclusão, segundo Barton e Hamilton (1998, p. 16): “rede, como comunidade, é uma palavra acolhedora e sedutora, mas as relações sociais locais fortemente estruturadas podem também ser opressivas, prejudiciais ou resistentes às necessidades individuais de mudanças”³³

Isso sugere resistência em um evento de reunião onde se propõem novas metodologias e novo jeito de agir, porque muitas maneiras de fazer as coisas estão relacionadas com o que foi aprendido por alguns Catadores com as Instituições parceiras. Nesse caso o letramento entre os sujeitos é só um jeito de letramento. É preciso, portanto, desenvolver formas de incorporar a natureza diferente de muitos laços sociais dentro da compreensão de letramento incluindo o vínculo entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa.

A relação entre redes sociais e o letramento, como já foi dito antes, será desenvolvido por meio das práticas de letramento. Barton e Hamilton (1998) sugerem três aspectos de prática de letramento: tecnologia, função e significado social. Sugerem ainda que as pessoas devam interagir com qualquer um ou com todos esses aspectos em um evento de letramento.

No caso dos Catadores, posso inferir que os três aspectos se fazem presentes, no momento em que com frequência o letramento está presente nos relacionamentos sociais de cada sujeito, bem como no uso de tecnologias e no controle e poder que alguns sujeitos exercem sobre o grupo. O que fica mais evidente, porém, é o aspecto referente aos significados sociais, o aprendizado uns com os outros no dia a dia.

Um aprendizado constante e contínuo, pois quando o sujeito chega de sua terra e passa a conviver com o novo grupo, os sujeitos procuram assimilar o novo jeito de fazer as coisas, mas continuam presos aos antigos laços nos quais os amigos e parentes continuam sendo seu grupo de referência. Em seguida, afirma Bortoni-Ricardo (2011, p. 251)

tendem a trocar as redes isoladas por redes maiores e mais heterogêneas, interligadas à vida urbana em cujo interior ficam mais expostos à língua e à cultura urbana dominante, além de serem mais susceptíveis à influência de um grupo de referência externa.

É nesse momento de integração, que os Catadores conhecem e participam de eventos importantes e trocam os saberes. Isso me leva a compreender que, ao longo desse trabalho, pude observar que as características dos laços são frágeis, mas estão entrelaçados em propósitos de aprender sempre mais um com o outro. Entendo também que essas redes entrelaçadas mesmo rompidas, permitem a construção de aprendizados e de experiências

³³ Network ,like community, is a cozy and beguiling word, but closely structured local social relations can also be oppressive, disruptive or resistant to individuals needs for change

importantes na vida de sujeitos frágeis, mas ao mesmo tempo fortes e insistentes nas conquistas de catar, no lixo, um pouco de dignidade.

5.6 UMA FOTOGRAFIA (AINDA PRELIMINAR) DAS ESTRUTURAS DAS REDES SOCIAIS DOS CATADORES

A fotografia das estruturas das redes sociais dos Catadores representa um recorte baseado na experiência, ou seja, situa-se em um espaço e tempo definidos. O espaço neste caso é a Cooperativa, a Associação e o Depósito de Catadores, e o período, entre 2008 e 2010. A rede, entretanto, continua a se movimentar, a fazer novos laços, a construir novas ações e experiências.

Na fotografia traçada encontra-se um total de cinquenta e seis sujeitos com laços entre si e com outros sujeitos. Considero nessa fotografia que as pessoas com maior quantidade de contatos diretos são certamente elos importantes em qualquer rede social. A rede, porém, é antes de tudo um ambiente de troca e de interação e nos permite compreender a sociedade ou um grupo social por sua estrutura, seus nós e suas ramificações.

A fotografia é ainda preliminar porque os fenômenos sociais em estudo são ainda muito incipientes, tratando-se inclusive das discussões a respeito do meio ambiente, reciclagem, reaproveitamento e de laços entre sujeitos. Vale, portanto, lembrar o que afirma Kloetzel, (1998, p. 7) “meio ambiente diz respeito à ecologia e aos ecologistas, que se ocupam dos recursos naturais, da poluição, da preservação da fauna e da flora”. Mais adiante, o autor afirma que o meio ambiente pertence à coletividade dos homens, das nações, e talvez por isso tanta gente faça tantas coisas em nome do meio ambiente.

No início da catação de materiais pelos Catadores, essa atividade era praticada por alguns sujeitos somente nas ruas sem nenhuma discussão a respeito do meio ambiente. Com o passar do tempo, com o início da formação das Cooperativas e Associações, começaram-se a discutir questões ligadas ao meio ambiente e foram acrescentadas ao vocabulário dos Catadores palavras como meio ambiente, reciclagem, reaproveitamento, entre outras.

Vale por exemplo lembrar que a palavra reciclagem ganhou *status* na mídia a partir do final da década de 1980, quando se tomou consciência de que alguns produtos e matérias-primas não renováveis estavam acabando rapidamente e que havia falta de espaço para a

disposição de resíduos e outros dejetos na natureza. A expressão reciclagem vem do inglês *recycle* (re=repetir, e *cycle*=ciclo) (<http://pt.wikipedia.org/wiki/reciclagem>) 31/05/11

É também recente a proposta de formação de Cooperativas e os Catadores não têm orientação nem preparo para formar e manter uma instituição desse porte. Recebem sim, um pequeno apoio da Prefeitura Municipal na realização de convênios, mas a prefeitura não faz uma orientação continuada nem forma tecnicamente os sujeitos. O que os Catadores aprendem é com os companheiros, na prática do dia a dia. Diante disso, no fazer diário, os sujeitos aprendem expressões como reciclagem e reaproveitamento, por exemplo. Alguns Catadores líderes participam de encontros e cursos esporadicamente organizados por organismos não governamentais.

Alguns Catadores saem do Depósito para fazer parte de Cooperativa, afirmando que será um agente ambiental e que doravante seu trabalho servirá para fazer da Terra um ambiente melhor para se viver. Acreditam nisso, mas observo que não têm essa consciência, e que na verdade, visam somente meios para sobreviver sem precisarem catar pelas ruas. Trabalham, portanto, mesmo nas Cooperativas, de forma isolada e talvez por isso não criem vínculos, e/ou se criam, são frágeis e passageiros.

Retomando a representação da Cooperativa e Associação no capítulo cinco, nas figuras 5.2 e 5.4 respectivamente, podemos observar dois tipos de rede. Uma restrita aos vínculos entre os pares e família e uma fora dos meios familiares, onde os Catadores líderes mantêm contato com empresas, prefeitura, instituições não governamentais, entre outros. Esses indivíduos com redes mais heterogêneas estão expostos às práticas letradas fora da Cooperativa e Associação.

Algumas dessas pessoas que saem do meio restrito incorporam alguns itens de vocabulário que refletem esse contato para além das fronteiras do grupo, o que me leva a compreender que aqueles que saem têm mais fluência verbal, como por exemplo, enquanto participam de reuniões organizadas pela prefeitura e /ou outras instituições, têm contato com termos tais como: tenho afobia (fobia); biblioteca (biblioteca); reciclagem; meio ambiente; em nível nacional; discriminação; consciência de classe; resíduos; aqui conosco; entidade; agente ambiental; transição; dignidade; compromisso; abolição; império; república; independência de classe; acordos; projetos; vossa excelência; parceria; bases de acordo; base em processo de organização; apoio mútuo; auto-gestão; alfabetização, ofício, carta, relatório, prestação de contas, entre outros. Não mudam o nível linguístico, mas assimilam léxico padrão.

Não observei, porém, a prática diária desses termos e palavras na rotina do trabalho, mas vez ou outra o Catador que ultrapassa o limite da Cooperativa e Associação faz uso

dessas expressões, o que significa que há assimilação de experiências letradas além dos limites de seu trabalho. Isso me autoriza a afirmar que o comportamento dos Catadores que mantêm vínculos fora do ambiente de trabalho promova experiências em práticas letradas.

O processo de exposição a práticas letradas - no ambiente dos Catadores da Cooperativa e Associação e fora desse ambiente - é importante porque na dinâmica da vida dos sujeitos da pesquisa, eles não se limitam aos pares e isso pode influenciar a vida dos sujeitos.

Já no interior do Depósito, os Catadores não são expostos a práticas letradas. Diria que formam um gueto e não incorporam novo vocabulário que possa refletir o contato além das fronteiras do Depósito. Diria sem medo de errar que agem individualmente nas suas tarefas diárias, e que os vínculos internos são quase inexistentes, salvo entre raros parceiros e mais frequentemente com o dono do Depósito, que é o responsável por fazer o pagamento aos Catadores pelos trabalhos realizados formando, dessa maneira, um falso “vínculo trabalhista”.

Volto a dizer que esta é uma fotografia ainda preliminar das estruturas das redes dos Catadores, pois estou só mapeando as redes e futuramente essa dupla estrutura que foi percebida aqui poderá ser revista e detalhada.

Os depoimentos colhidos ao longo da pesquisa bem como os dados autorizam-me a verificar a possibilidade de um ou outro Catador extrapolar o limite de seu círculo interno e sair em busca de novos sonhos, o que pode nos remeter ao que se chama *human agency* – agência humana, lembrando que agência (do latim *agentia*) no sentido filosófico é a capacidade de um sujeito intervir no mundo. A capacidade de agir não implica de início, uma dimensão moral específica para a capacidade de escolha pela ação.

Agência humana é a capacidade que o homem tem de fazer escolhas e impor essas escolhas ao mundo. Ela é normalmente contrastada por forças da natureza, as quais são causas que envolvem processos deterministas não conscientes, pois não posso afirmar com certeza o que leva um Catador a sair de sua rede – íntima e limitada aos seus pares – e sobressair, ir ao encontro de novas experiências.

A agência humana implica a afirmação incontroversa de que o sujeito toma decisões e as reapresenta ao mundo. Agência é um conceito usado em Filosofia e em Sociologia, para referir a capacidade de um ser atuar no mundo. Em Filosofia, a agência é considerada como pertencente àquele agente até mesmo se ele representa um papel fictício ou outras entidades não existentes.

Em Sociologia a estrutura de agência instaura um debate. Essencialmente tem a mesma concepção marxista, “agência” refere-se à capacidade de os indivíduos atuarem

independentemente e fazer suas próprias escolhas, onde “estrutura” refere-se àqueles fatores (tais como classe social, idades, gênero, religião, etc.) que parecem limitar ou influenciar as oportunidades que os indivíduos têm.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%A4ncia>. Filosofia) acessado em 31/05/2011.

Agência humana, portanto, é a capacidade de promover interações sociais munidas do poder dos indivíduos de modificar sua realidade, refazendo as características do modelo de sociedade em que vivem.

(<http://www.educacaojuridica.net/new/a/%20ag%C3%A4ncia%20humana%20c%20...> acessado em 31/05/2011.

Neste estudo observo que alguns Catadores ligados à Cooperativa e à Associação podem ultrapassar não somente o círculo interno do seu local de trabalho, mas o limite externo e se tornar um sujeito mais importante no meio público ou um líder no Movimento Nacional dos Catadores, por exemplo, onde pode ministrar palestras, fazer serviços de organização da categoria, rompendo a experiência de catar que lhe é imposta pela sociedade e saindo do meio, tornando-se de fato um agente ambiental, como tanto afirmam ao longo das nossas conversas.

Dessa forma, pergunto-me quais são as consequências sociológicas que essa dupla estrutura de rede tem. Por ora não tenho respostas, mas essa configuração pode provar-se importante em novos estudos. De qualquer forma, e não era objetivo deste estudo verificar se essas diferenças na estrutura de rede têm consequências sociolinguísticas.

Vale ressaltar também que o lixo é um conjunto de resíduos e matérias descartáveis e o trato com esse material que vem aos Catadores porque ninguém quer mostrar como vive junto a materiais de pouco valor. Embora tenha pouco valor presta um serviço ambiental e produz renda. Entretanto, a concepção de descartabilidade incute-se neles em relação a outros valores, principalmente valores humanos. As pessoas, as amizades, as conquistas.

Para ilustrar, remeto-me à morte violenta de um Catador. Ficaram chocados, choraram, mas no dia seguinte tudo continuava igual, e seguiam com o trabalho e diziam: “*é preciso continuá, ele num volta mais.*” Se a descartabilidade já é um comportamento marcante em toda a sociedade junto aos Catadores parece ter-se mostrado de modo permanente. A aparência das redes impressiona no primeiro momento, mas em uma análise mais profunda, verifica-se como é frágil essa relação a ponto de chegarmos a duvidar da existência dos vínculos.

A análise de redes, porém, descortinou as fotografias preliminares porque os fenômenos sociais em estudo são incipientes, pois tudo é um processo, e os Catadores líderes

que mantêm vínculos fora do ambiente de trabalho e promovem experiências em práticas letradas, podem romper com uma estrutura pré-estabelecida e sobressair, encontrar o objetivo de catar sonhos e fazer deste, um mundo melhor para si e para os outros.

Com isto acredito que este estudo pode contribuir para posteriores discussões e estudos de grupos minoritários esquecidos pelos governantes, pela sociedade e por muitos sujeitos letrados. Grupos que podem nos levar a refletir sobre nossos saberes e nosso fazer diário, no que se refere à vida, ao conhecimento acadêmico e ao conhecimento social. Poder letrar letrando, em redes sociais entrelaçadas a sujeitos que buscam um novo letrar. É com esse pensamento que passo a seguir, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo do texto e baseada na discussão em torno do letramento social bem como no cumprimento do objetivo do trabalho que é investigar as práticas sociais de letramento na comunidade de Catadores de Materiais Recicláveis e observar a interferência ou não dessas práticas na rotina dos sujeitos, passo a registrar algumas considerações que passam a ser conclusivas.

Considero, porém, que qualquer que seja a abordagem teórica em nenhum momento pode-se afastar da certeza de como foi difícil trilhar o caminho percorrido e de como foi árduo conviver com uma realidade tão dura e tão humana, tão transparente.

As observações diárias no grupo estudado revelam que os Catadores estão rotineiramente expostos a processos interativos por meio de práticas sociais que lhes possibilitam oportunidade de usar a tecnologia da leitura e escrita de forma que este uso permite suprir as necessidades e interesses do grupo.

O uso dessa escrita, porém, não pode ser vista como um recurso individual de cada pessoa, pois ao fazerem uso desses recursos comunicativos os Catadores assumem comportamento e atitude. Se, por um lado, suprem a necessidade do domínio da leitura e escrita exigidas pelo mercado de trabalho; por outro lado, esse domínio pouco interfere na rotina do trabalho de catar.

O material estudado centra-se nas anotações das observações feitas nas gravações de conversas em interações de trabalho e em interações sociais do dia a dia dos sujeitos investigados. Isso ocorreu a partir daqueles mais informais como na família, na comunidade, no momento de lazer, até os menos formais como os que ocorrem na igreja, nos momentos de negociação do valor dos materiais catados, na Associação e organizações de Catadores e nas ruas onde se realiza o ato de recolhimento do lixo.

Observa-se que desde o momento que se adentra no espaço físico por onde circulam os Catadores, bem como no local em que trabalham, percebe-se que a escrita está presente e é um recurso comunicativo usado amplamente para se produzir e fazer chegar aos companheiros as mais variadas informações e para manter dados escritos importantes como o estatuto, as atas, os ofícios, bilhetes entre outros.

Um atento exame nos eventos de letramento permitiu-me observar e descrever primeiro, a importância que tem o texto escrito para os Catadores; segundo, de que forma os

sujeitos da pesquisa se inserem na sociedade letrada e terceiro como se dá a interlocução dos Catadores com a sociedade e, finalmente, verificar como a leitura causa mudança ou não na vida dos sujeitos que constroem o letramento por meio de laços frágeis.

Diante disso posso afirmar que o texto escrito tem importância para os Catadores e isso foi demonstrado através dos depoimentos dos sujeitos Catadores e também por meio dos inúmeros eventos de letramento descritos ao longo do texto. Isso me faz compreender que o Catador se insere na sociedade letrada por meio de seu trabalho de catar, de suas ações diárias no trato com o material e com as pessoas de dentro e de fora do grupo e também em todos os eventos de letramento onde o papel escrito se faz presente, como por exemplo, nas reuniões com autoridades e com empresários, sujeitos pertencentes ao mundo letrado.

É oportuno dizer que o letramento também causa mudança na vida dos sujeitos, e essa leitura social é construída no dia a dia de seu trabalho e se respaldada no aprendizado uns com os outros no trabalho de catar, separar, prensar e vender o material. E é por meio desse conhecimento que os sujeitos constroem laços, mesmo frágeis, mas criam relações afetivas e profissionais que os tornam fortes como grupo.

Observação importante centra-se no evento de letramento demonstrado no capítulo quatro na figura 4.2. A Catadora assina o ponto e com isso configura uma das funções da escrita no contexto, ou seja, confirma sua presença no local de trabalho cumprindo uma norma escrita prevista no estatuto de cada Associação/Cooperativa.

Outro evento importante que demonstra a importância da leitura para o grupo e como os Catadores se inserem no mundo letrado é o evento retratado no capítulo quatro na figura 4.3 onde o Catador reconhece, pelo rótulo, um veneno nocivo à saúde da população e com isso é possível separar o objeto venenoso dos demais materiais e preservar vidas humanas e o meio ambiente. Com esse evento podemos concluir também que os Catadores têm responsabilidades sociais e cumprem uma das metas propostas pelos Catadores que é cuidar de si e do meio ambiente.

Podemos encontrar também ao longo do texto vários depoimentos dos sujeitos da pesquisa afirmando que a leitura é de grande importância na vida dos Catadores. Os sujeitos ressaltam, sobretudo, a leitura de separar, de juntar o material catado como podemos verificar no depoimento: A separação. Enfim, a leitura é colocada pelos sujeitos como responsável pelo sustento de cada um, como prática diária, como ler para não ser enganado. Dessa forma, a leitura acontece num *continuum* de letramento onde, de um lado, temos as práticas sociais de oralidade que acontecem no Depósito e nas ruas e de outro lado, as práticas sociais de letramento que acontecem na Cooperativa/Associação numa gradação.

É importante afirmar que a leitura e a escrita que ocorrem no contexto pesquisado são usadas em dimensões sociais com o objetivo de se comunicarem e de manter relações afetivas por meio de textos escritos tais como bilhetes, recados e convites, e obter e fornecer informações, manter dados escritos por meio de textos como contas a pagar, extratos de contas, além de cheques, dinheiro, cartão de crédito, medida, peso, quantidade, incluindo cozinhar, organizar, fazer as despesas, memorizar endereços, números de telefone, data de aniversário, hora, local e data de reuniões bem como notícias faladas e escritas.

A leitura acontece ainda como instrução por meio de panfletos, folhetos, folhetos instrutivos além de servir como diálogo com a comunidade, com o poder público por meio de projetos, panfletos entre outros, o que me leva a afirmar que “há estreita correlação entre letramento e condição social”, segundo Brito, (2004, p. 54).

Vale ressaltar que é significativo o número de Catadores que não têm domínio mínimo de leitura e escrita que participa sem dificuldades, de atividades que envolvem leitura, como comparar preços de materiais recicláveis entre os Depósitos, reconhecer preços de produtos de consumo, pagar contas, tomar ônibus, bem como se organizar em trajetos pelas ruas. Os Catadores assinam contratos de compra a prazo, com crediário, compreendem a leitura da ata feita por quem domina a leitura.

Essa constatação por meio de dados, reforça a ideia de que existem atividades da vida diária que são de suma importância para a sobrevivência do sujeito na sociedade urbana letrada e que não são adquiridas na escola nem são consideradas como de maior valor e, por esta razão, são realizados com certa familiaridade por pessoas sem domínio da leitura/escrita.

Outro fator importante associado a níveis mais amplos de letramento é aquele relacionado à participação política do Catador, como por exemplo, a participação em reuniões, em discussões de interesse da categoria, bem como a participação na diretoria da Cooperativa/Associação e nas articulações políticas do Movimento Nacional dos Catadores, o que leva à reflexão de que há formas coletivas de uso da escrita que não é possível perceber em avaliações/observações individuais.

É também relevante observar as formas pelas quais as pessoas se mantêm informadas, e os dados me levam a concluir que essa informação é uma necessidade para o grupo e a forma como os sujeitos adquirem essa informação é determinada pela condição social. Um bom exemplo é que todos os Catadores conhecem o material pelo nome, pela espécie e pelo valor, o que me leva a compreender que o letramento no grupo estudado tem uma dimensão política e social.

Considero, com isso, que as pessoas têm diferentes letramentos os quais elas fazem uso associados com domínio diferentes da vida, pois não há só um jeito de ler e escrever, não há só um conjunto de práticas.

Na tentativa então de sistematizar os usos da escrita pelos Catadores ressalto que ao longo do texto tive a intenção de detalhar sobre a vida dos Catadores e situar a leitura/escrita dentro de seus mundos e verificar como os sujeitos da pesquisa dão sentido para sua vida por meio de práticas diárias.

Diante disso, concluo que as pessoas fazem uso de textos para dar significado às suas práticas e confirmar o valor do trabalho realizado pelo sujeito. Ressalto ainda que as pessoas usam o letramento para concretizar mudanças em suas vidas, pois o letramento muda as pessoas e as pessoas descobrem no mundo contemporâneo de mudanças de práticas de letramento (BARTON e HAMILTON, 1998, p.12).

Aproveito os dizeres dos autores para destacar declarações importantes dos Catadores ressaltando a importância da leitura/escrita e concluindo que fazem diferença em suas vidas bem como a visão que têm de si e do trabalho de catar.

Interrogado sobre como se sente como Catador, o sujeito afirma que:

S.60 muitas das veiz eu me sinto humilhado, né? ... passano em algumas ca::sa, prédio, as veiz a gente é muito discriminado, pelas pessoa, né? ... porque elas vê, as veiz a gente tá mal vestido, ali, trabaiano, sujo, aquela coisa toda, mal despenteado, aí as pessoas já olha, com medo, né? ... como se a gente fosse um bandido, ô um ladrão qualqué, mais assim, acerca do trabalho mesmo. é ... é... humilhação mesmo que a gente passa na rua, trabalhano na rua, né?

S.7 eu vejo muito é rejeição, né? ... só porcasqui nós tá sujo, os oto passa e aperta as bolsa, põe as mão no bolso, ape:::::rta, né? Então, só de olhá a gente num sabe se o sujeito é bão, é ... é... nós é invisive/

Os depoimentos concluem a rejeição que parte significativa da sociedade tem em relação aos Catadores e, com isso, os faz invisíveis e excluídos do convívio social mais profundo com a sociedade letrada, o que me remete ao pensamento de Brito, (2004, p. 42) quando afirma que

O atual modelo de produção econômica e de organização político-social do capitalismo implica processos educativos e formas de conhecimento que, por

um lado, são, em sua origem, desigualmente distribuídos e, por outro, atuam como reprodutores da própria desigualdade.

Isso me leva a inferir que “a baixa qualificação intelectual e as dificuldades no trato com a leitura/escrita são um elemento de exclusão social (...)” continua o autor com o qual concordo, mas ressalto, de acordo com meus dados que mesmo sem o domínio formal da leitura/escrita, e mesmo os sujeitos se sentindo humilhados diante do trabalho de catar, eu os vejo como trabalhadores, como agentes ambientais que enfrentam obstáculos de todas as espécies para sobreviver, inclusive o não domínio da leitura/escrita como tecnologia, mas mesmo assim, são praticantes de uma leitura que os faz cidadãos, pois em sua rotina, vêm a vida através do lixo e dos afazeres diários referentes ao lixo.

Interrogados sobre a importância da leitura/escrita afirmam que:

S. 20 a escola? é ua riqueza' né? [...] lê é vê o mundo diferente, é algua coisa que ninguém tira da gente, a sabedoria de lê e escrevê... é isso, eu imagino, mais é importante,

S. 47 é importante, se eu subesse lê de carrerinha, assim dipressa, eu is sê doto, ua pessoa importante, mais eu demoro muito pá lê, levo muito tempo, sô ua pessoa leiga, mas é importante sabê lê e escrevê.

Como podemos ver pelos depoimentos os sujeitos afirmam que é importante saber ler e escrever e chegam a afirmar que esse ato “é ua riqueza”, porque hoje, segundo os sujeitos, não há riqueza maior do que o domínio da leitura/escrita. Desta forma, os Catadores que não dominam a tecnologia da leitura/escrita utilizam-se de quem a tem e passam a lidar com outras leituras no dia a dia. É possível perceber nos depoimentos também a dificuldade que sentem no trato com a leitura quando o sujeito afirma que “*se subesse lê ia sê doto*”.

Interrogados se, mesmo sem o domínio formal da leitura os sujeitos lidam com o texto escrito, o Catador afirma que:

S. 50 é, ... pois é, a gente faiz a ata da reunião, e é repassano o conteúdo que tá escrito na cartilha, né? ... que é a base da formação dos Catadores, é o conhecimento da cartilha, onde tem os princípios do movimento, né?... tem a relação com o copera:::do, como cooperativa, como associado, as responsabilidade, participação dos envolvido, coperados de cada cooperativa, de todas as ações do movimento, todos catadores tem que fazê parte junto, né? Pra podê um, e que não sabe lê, existe o oto

que sabe e aprende/ pá podê uni, massificá, e tê podê de pressão ao poder público, aí só que o podê público só anda atravez de pressão, né?

Como se pode ver no depoimento acima, aquele que tem domínio mínimo de leitura/escrita faz a ata e repassa o conteúdo de forma oral para os demais companheiros e quem sabe ler, lê para os demais que ouvem e aprendem. É interessante também como o sujeito ressalta a importância da participação política do Catador nas questões de interesse do grupo, independente de dominar ou não a leitura/escrita, o que me remete mais uma vez a Brito, (2004, p. 59) quando afirma que “supostamente, maiores níveis de alfabetismo levariam a maior e mais qualificada participação política”.

No caso dos Catadores, podemos concluir que os sujeitos ligados à Cooperativa/Associação têm sim, maior participação política e maior envolvimento social com as questões ligadas ao trabalho, do que os Catadores ligados ao Depósito que atuam muito mais de forma individual e mais invisível do que os demais.

Interrogados se o domínio da leitura e escrita faz diferença em suas vidas temos os depoimentos a seguir:

S. 30 faiz/ a educação da gente fica bem mais milhó de se tratá com o pessoa::l

P. e o que que melhora?

S30 meLHO:::ra, ’ssim, vamo supô ua informação que a gente vai pegá um ônibus, já sabe, vê o local, num precisa tá perguntano o pessoa:::l, a gente vai comprá um negócio já sabe o preço, já sabe a data de validade/

S.31 aqui no meio de nós vale ... pá ajudá vamo supô ... a gente sabe matemática de pe:::so, quantidade de begui, nome de pô nome quera dado nos begui, fazê contabilida:::de, lê os materiais, várias coisa/

P. praticamente em tudo que precisam?

S.31: em tudo, em tudo, apesar que a escola hoje em dia é fundamental em tudo, na vida, na vida do ser humano/ nós lê no trabalho e vê o que o oto faiz/

P. você acha que a leitura faz diferença na vida de vocês?

S.17 faiz sim, diferença, conhecimento/

P. que diferença?

S.17 a diferença é o seguinte, é o conhecimento/ eu num concluí a quinta séri' e ... e... o seguinte, no que não concluí a quinta séri, a quinta séri e tal, fiquei isolado, fiquei ua pessoa isolada, só que a partir da cooperativa, e tudo mais, eu fiquei aberto, fui andá, fui em seminário, em otas coisa, e tive que falá, tive que cunversá, aí sabe, né? [...] só que é o seguinte, o estudo é o seguinte, o estudo, ó, dignifica muito a pessoa/ o estudo, tem que tê estudo/

Mais uma vez os depoimentos, dos sujeitos demonstram a importância da leitura/escrita e afirmam que a vida e o trabalho seriam mais fáceis se tivessem o domínio formal da leitura/escrita, pois teriam mais informações, seria mais fácil para se locomoverem, mais fácil realizar negócios e concretizar compra e venda de materiais, pois os sujeitos teriam também o domínio da matemática para que não fossem lesados nas negociações dos materiais quanto ao peso e quantidade dos produtos coletados. Enfim, o domínio da leitura e escrita faz diferença no dia a dia dos Catadores e o dignifica tornando-o mais cidadão.

Interrogados ainda a respeito do que fazem quando encontram, no lixo, um livro, o sujeito afirma que:

S.15 depende da pessoa/ depende da pessoa, tem gente que para, pá lê/ e é o que o que foi ... foi... foi...foi...re::REdescubrimo as coisa, tem um que é o seguinte, tem um rapaiz que a gente já tá té, té cum raiva dele, já, porque tudo quele vê ele qué lê ((risos)) mas é importante, porque ele sabe de muitas história sabe de muitos cunhecimento, né?

S.18 aqui na associação é/ as veiz até prá almoçá a gente guarda o jornal, o livro, que interessô na hora do almoço e lê/

Os depoimentos nos levam a concluir que não são todos os Catadores que param o trabalho para ler, mas existem aqueles que fazem esta prática e desta forma adquirem mais conhecimento, segundo o Catador. É importante também observar que guardam livros e jornais para ler durante o intervalo, para que a leitura não interfira no trabalho, pois recebem os proventos de acordo com a produtividade.

Os dados levam-me ao pensamento de Barton e Hamilton (1998) quando afirmam que a leitura não é só dar sentido ao impresso, é dar significado em um contexto semântico mais

amplo, e que o letramento está integrado dentro de outros sistemas e segundo ainda os autores a linguagem escrita é um desses sistemas, pois as pessoas selecionam estas fontes de maneiras diferentes em ocasiões diferentes dependendo dos significados que as pessoas querem invocar.

Diante disso, ao longo do capítulo referente às redes sociais, os dados levam a concluir que os sujeitos produzem o letramento na sua convivência diária, nas idas e vindas de reuniões, nos laços afetivos construídos no convívio de catar. Embora frágeis, esses laços tornam os sujeitos mais fortes e os faz pessoas capazes de se organizar em cadeias e, com isso, se fortalecem como categoria de socioprofissionais, como disse anteriormente.

Acredito ter respondido as perguntas feitas ao longo do texto e ter alcançado o objetivo do trabalho. Ressalto que a escrita que acontece no dia a dia dos Catadores é mais significativa do que a escrita como tecnologia, aquela que muitas vezes exclui um líder, anula um sujeito da equipe porque o mesmo não tem o domínio formal da leitura/escrita.

Por esta razão, a leitura/escrita como forma de interação linguística por meio da palavra escrita é, sobretudo, vista como interação entre as pessoas e a intensidade e frequência dos usos da escrita estão ligados às atividades com as quais as pessoas se envolvem no cotidiano. Observei, por exemplo, que existem Catadores que não param o trabalho para observar figuras nem tampouco lê alguma coisa, pois o que lhes importa é catar para vender, mesmo sempre estando ao seu alcance uma infinidade de textos escritos, principalmente, os Catadores ligados ao Depósito.

Observei, por outro lado, que são muitos os Catadores que param de trabalhar por alguns instantes para olhar uma revista, ler manchetes de jornal, e encontram no lixo, poemas, e, desta forma, dão mais cor e vida ao ato de catar restos e catar sonhos, como no depoimento do Catador: (S.2) “*pensei mesmo que era poesia, por causa das letrinhas esparramadinhas*”, numa demonstração de que o letramento é adquirido também fora da escola, na vida cotidiana, na interação social, o que me leva a concluir que a escrita é de suma importância para o grupo pesquisado e a escrita tem um significado muito particular, pois ao mesmo tempo que as ações acontecem por meio da palavra escrita, configuram-se em desafios para que as mudanças ocorram tanto em nível individual quanto coletivo.

Em cada dia os sujeitos da pesquisa expõem-se a novas práticas e estão abertos a novos aprendizados e precisam usar a escrita em instâncias estranhas ao grupo, mas emitem, diante desses fatos, opiniões críticas e usam estratégias para sanar a dificuldade de dominar a escrita.

Dessa forma, quando se deparam com a dificuldade de reconhecer um valor de um material, por exemplo, solicitam ajuda dos companheiros e se o fato ocorrer, em um estabelecimento comercial, em uma farmácia ou armazém, os sujeitos pedem ajuda ao vendedor. As tarefas mais complexas como elaboração de atas e envio de ofícios aos órgãos públicos fica à cargo da presidente da Cooperativa/Associação e/ou de agentes de letramento que participam de projetos junto aos Catadores.

A escrita, pois, é sempre um desafio e uma forma de opressão, mas é, sobretudo, uma superação de sonhos e uma forma de romper obstáculos e uma forma de ser aceito na sociedade letrada.

Isso, porém, acontece após os Catadores reconhecerem que são discriminados não só porque não têm o domínio da leitura/escrita como disse várias vezes, mas, sobretudo, porque são Catadores, e, como tal, precisam trilhar cominhos que lhes façam visíveis diante da sociedade e, com isso, mudar, com a escrita, a sua história.

Para que essa mudança se realize é preciso um esforço ímpar da sociedade e do sujeitos Catadores, para, juntos, escrever uma nova trajetória de vida seja em verso ou em prosa, seja na luta diária e árdua do aprendizado contínuo de separar, juntar, organizar, pesar, vender no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANNAN, Kofi. Secretário Geral da ONU, 8-9-2006. www.nossosaopaulo.com.br/Reg.SP/Barra-Escola/ONUalfabetização.htm. Acessado em 8/01/2011

BARTON, David. The Social Nature of Writing. In: BARTON, D. e ROZ, I. (eds) **Writing in the Community**. Newbury Park: Sage Publications, 1991 p.1 -13

BARTON, D.. **Literacy an Introduction to the Ecology of Written Language**. Massachusetts: Blackwell, 1994.

BARTON, David e HAMILTON, Mary. **Local literacies: reading and writing in one community**. London and New York: Routledge, 1998.

BARNES, J. **A Class and Committees in a Norwegian Island Parish**. Human Relation, vol 7, n. 1, pp.39-58, 1954.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. / Ângela P. Dionísio, Judith C. Hoffnagel (org) 3ª. ed. São Paulo: CórteX, 2009.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BORTONI-RICARDO, S, M. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola , 2008.

_____. **Do Campo à cidade**. Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo; Parábola, no prelo.

BOWMAN, A. K ; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998.

BRITO, Luiz P.L. *Sociedade de Cultura escrita, alfabetismo e participação*. In.: **Letramentos no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. (org) Vera Masagão Ribeiro. 2ª. ed. São Paulo: Global, 2004. p.47 - 63

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: PUC-SP, EDUC, 1999.

CARVALHO, M. A, de. **Tô vivo**: histórias dos meninos de rua. 2ª. ed. Goiânia. CEGRAF/UFG, 1991.

COOK-GUMPERZ, J. **The social construction of literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Cartilha de Formação. Movimento Nacional dos Catadores – MNCR- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome do Governo Federal, Secretaria Nacional do MNCR, São Paulo, 2005.

CICOURELL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In.: **Desvendando Máscaras Sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

DIONÍSIO, Â. P. **A Interação em narrativas conversacionais**. Recife: Bagaço, 2009.

DURANTI, A. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2008 (reimpressão)

FERREIRA, D. **Manual de Sociologia**: dos clássicos à sociedade de informação. 2. ed.- 7. reimp. São Paulo: Ática, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de história da Igreja**. Trad. Alberto Antoniazzi. São Paulo: Paulinas, 1987.

FOUCAULT, M. **Estratégias de poder**. Org. e Sel. De textos: Manuel Barros Motta, trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. “A vida dos homens infames” in.: **Estratégias, Poder-Saber**, org. e Sel de textos Manuel Barros de Moreira Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FONTES, Breno A.S. m. Capital Social e Terceiro Setor: sobre a estruturação das redes sociais em associações voluntárias. In.: (org) Paulo Henrique Martins e Breno fontes, col. Jacques Godbout et. al. 2. ed. Recife : Universitária da UFPE, 2008.

GARCEZ, M.P. A Perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o Uso da Linguagem em Interação social. In.: LODER, L. L e JUNG, M.N. (Orgs) **Fala - em - interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**. Reflexão sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOODY, Jacy; Wtt, Jan. **The consequence of literacy**. Em P. Giglioli (ed) Language and social context. Nova York: Penguin, 1963.

GUMPERZ, J. “Introduction” in.: J. Gumperz J E Hymes, D. (Orgs.) 1972.

HALIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.

HAMMERSLEY, M. ; ATKINSOM, P. *Ethnography principles en practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. "What is ethnography?" In: *Ethnography: principles in practices*. 3rd. ed. London and New York: Routledge, 2007, p. 1-19

HEATH, S.B. **Ways With Words; language, life and work in communities and classrooms**. Cambridge, Cambridge university, 1983.

HYMES, Dell. Models of the Interaction of Language and Social Life. In.: J.J. GUMPERZ and D. HYMS (eds) *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communications*. New York: Holt Rinehart and Winston, 1972.

_____. **Functions of speech: an Evolutionary Approach**. Language and Ethnography **Series: Language for Education**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1980.

HEATH, Shirley B. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In.: TANNEN, D. (ed). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**: Norwood, N. J.: Ablex, 1982.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita*. Uma perspectiva psicolinguística 5. ed.- São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

KLEIMAN, A. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. ; SIGNORINE, Inês. (Org). *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre – RS: Artes Médicas, 2001.

KLOETZEL, Kurt. O que é meio ambiente. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção primeiros passos)

LÉVI - STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEMKE, J.L. **Textual politics**: Discourse and social dynamics. London: Taylor e Francis, 1995.

_____. Metamedic literacy: Transforming meaning and media. In: D Reinking et al (Eds) handbook of Literacy and Tecnology- Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998. P. 282-302

LOPES, I A. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: PPGL-UFPE, 2006.

LOPES, M. P.L. A vida sociocultural em construção: interação, situacionalidade, alteridade e ética. In: **Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação; navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. (Org) Maria das Graças Dias Pereira, Clarissa Rollin Pinheiro Bastos. Tânia Conceição Pereira. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. Trad. Anton P. Carr e Lígia aparecida C. Mendonça. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

MASAGÃO, Vera. R. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In.: **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**/(Org.) Vera Masagão Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

MARTINS, C.H. “As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico.” In.: Redes sociais e saúde novas possibilidades teóricas/Org. Paulo Martins e Breno Fontes; Col. Jaxques Godbout et al 2. ed. Recife: Universitária da UFPE, 2008.

MEDEIROS, J. B. **Correspondência**: técnica de comunicação criativa. 15. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

_____. **Language and Social Networks**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

_____. **Observing E Analysing Natural Language**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

_____. "Social Networks" . In.: **The Handbook of Language variation and Change**
CHAMBERS, Trudgill Schilling. Ester (org) Ed. BLACKWELL, Oxford, 2004.

MILROY, J. ; MILROY, L Network Structure and Linguistic Change. In: COUPLAND, Nicolas and Jaworsk Adam. **Sociolinguistic**. A Reader and conseboc PALGR AVE, New York, 1997. p. 199-211

MITCHELL, J.C. (Org) **Social Networks in Urban Situations**. Manchester: Manchester university Press, 1969.

MOLLICA, M. C. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLSON, David R. **O mundo no papel**. As implicações conceituais e cognitivas da leitura e escrita. Trad. Sérgio Bath.São Paulo: Ática, 1997.

_____. Fron utterace to text: the bias of language in speeche and writing. Em Harvard Education Review, 47(3), 1977.

_____. Cultura escrita e objetividade: o surgimento da ciência moderna. in.: OLSON & TORRANCE. Cultura escrita e oralidade, (Trad. Valter Lellis Siqueira) São Paulo, Ática, 1997

OLSON ; TORRANCE, **Cultura escrita e oralidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Ática, 1997.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

RICOUER, **Interpretation Theory: Discourse and the Surplus of Meaning**. Fort Worth: The Texas Christian University, 1976

ROUSSEAU, J. ***Do contrato social***. Ensaio sobre a Origem das Línguas. Vol. I Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo; ed. Nova Cultura, 1999.

SOARES, Magda. ***Letramento: um tema em três gêneros***. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Letramento e escolarização. In.: **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001/** (org) Vera Masagão Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Global, 2004. p.89 – 113.

SCRIBNER, S. ; COLE, M. *The psychology of literacy*. Cambridge, Mass: Harvard University press, 1981

STREET, C. J. ; STREET, B. *The Schooling of Literacy* In.; BARTON, D. e ROZ I. (eds) **Writing in the Community**. Newbury. Park. Sage Publication, 1991.

STREET, Brian, V. ***Social Literacies: Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education***. Londres: Logman, 1995.

_____. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University, 1993

_____. ***Literacy in theory and practice***. Cambridge: Cambridge University, 1984.

SCHWARTZ, M ; SCHWARTZ, C. ***Problems in participant observation***. The American Journal of sociology. Vol.LX, no. 4, Janeiro, 1955.

TROIKE-SAVILLE, M. **The ethnography of communication**. An introduction. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

TFOUNI, Leda V. ***Letramento e alfabetização***. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2006.

<http://www.ibge.gov-br/cidadesat/historia -conteudo-pt> acessado em 18-12-09 às 16h.

<http://www.ecolnews.com.br> acessado em 2-01-10. às 18h

[http://hotelimjuridico.com.br/doutrina \(texto-asp?id= 1182\) \](http://hotelimjuridico.com.br/doutrina (texto-asp?id= 1182) \)acessado em 12/05/10 às 20h.
(informações sobre Cooperativas e Associações) Lei Federal 5.764

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Social-acessado em 6/05/2010. (Rede social)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/reciclagem>. Acesso em 31-5-11 (Definição de reciclagem)

www.nossosaopaulo.com.br. Acessado em 12-5-11.(Definição de alfabetização)

www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipio/2004-2008/tabelasPDF/Tab01.pdf. Consultado em 8-2-11 (Dados sobre índice de Gine)

<http://wikipedia.org/wiki/AG%AAncia.Filosofia>. Acessado em 31-5-11 (Dados sobre Agência Humana)

<http://educacaojuridica.net/new/a%AAncia%20humana%20c%20> Acessado em 31-5-2011(Dados sobre Agência Humana)

ANEXOS

ANEXO A - Lista do Depósito
Primeira Folha -Verso

MATERIAL	DATA	QUANTIDADE	VALOR
RET	17/10	1'673.80	
LOJA	440	176.00	
P. BANCO	900	900.00	
P. M. 570	1230	923.50	
	TOTAL	3'673.50	
			RET 1220
M. STA	270	13.50	
BANCO	300	90.00	
PAPELÃO	12 920	3'337.60	
		3.441.10	
		7'114.60	
RET e 5870		3'380.00	3'224.00
RET	25/04	300 kg	372.40
PAPELÃO	23/04	11.080	3'102.00
PMDE	27/04	1000 kg	650.00
PAPELÃO	30/04	10.850	3'038.00
RET	30/04	850	833.00
BANCO	30/04	280	84.00
			4.605.00
4885.80	M. STA		
	BANCO		
	PAPELÃO 12.500 %		

ANEXO A - Lista do Depósito

Segunda Folha - Frente

	21/06	22/06	23/06	24/06	25/06	26/06
CRILBOY	284,00	42,15	107,20	40,14	33,5	60,00
ZORZATO	58,70	48,24	38,10			200,00
COATI	38,50	38,33	35,00	40,10	17,00	
PROTEUS		111,70	14,32	24,80	30,40	
INDIA	21,40	28,70	20,50			
PINO	38,38	37,20	49,60	28,17		157,50
VILSON						
JOAO						168,00
DANILO	28,00	35,80	27,30	34,90	34,36	160,40
CRISTO			165,00			70,00
MARCO	20,00					
MARC	47,00					
ZELAS	130,00					
REZINA	150,00					
MAXIMILIA	50,00					
KATHY	30,00					
BLIQUEL	50,00					
CENTRAL	200,00					
TRIT	300,00					
PENSA	260,00					
COLEGIO	400,00					

ANEXO A - Lista do Depósito

Segunda Folha - Verso

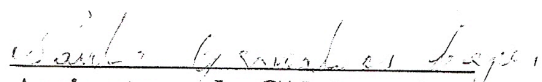
	28/06	29/06	30/06	01/07	02/07	03/07
Adriano	568,96	28,97				-16,00
BOYANILSON	200,00	42,00	47,07	55,60	14,40	208,00
COSSA		57,34	38,82	27,12	27,04	504,30
DAVILA						7,00
JOSÉ		28,29	21,80	26,59		
PIRELLI					39,00	39,00
U.S.P.		DEVO	81,00			37,00
JOSÉ					-70,00	100,00
DANIELA	33,40	48,36	71,00	38,83	35,20	101,50
CHICCO						-110,00
MARIA						
MARIA			57,95			
JOÃO	150,00					
JOÃO	150,00					
MARIA	50,00					
KELLY	20,00					
EDUARDO	200,00					
JOSÉ	100,00					
JOÃO	100,00					
ROSELIANE	2100,00					

ANEXO B - Primeiro Estatuto da Associação Beija Flor criado por eles

Estatuto dos colaboradores da Associação De Materiais Recicláveis Beija Flor

- 1º - Tem que apresentar documentos e preencher a ficha cadastral.
 - 2º - Manter a associação limpa, e o lixo que você trouxer leva de volta.
 - 3º - Não aceitamos pessoas que usam químicas (drogas pesadas).
 - 4º - Não aceitamos muvuca de pinga (roda de bebedeira).
 - 5º - É obrigatório colaborar com a água e luz.
 - 6º - Não fazemos vale sem ter trabalhado.
 - 7º - Se faltar um dia de serviço paga uma taxa de (cinco) R\$ 5,00, se chegar com carga baixa paga uma taxa de (cinco) R\$ 5,00 para solteiro e (dez) 10,00 para casado.
 - 8º - As ferramenta de trabalho são de sua inteira responsabilidade.
 - 9º - Não é permitido crianças com idade escolar fora da escola, as crianças não podem sair com os pais para o trabalho.
 - 10º - A hora do funcionamento da balança dos colaboradores é das 8:00 as 12:00 e 1:00 as 5:00, de segunda a sexta, sábado de 7:00 as 12:00 h.
- Este estatuto é para colaboradores e voluntários que prestam serviços por livre e espontânea vontade para a Associação de Materiais Recicláveis Beija Flor. sem vínculo empregatício.

Goiânia, 25/10/2006


Assinatura do Colaborador


Beija Flor

ANEXO C - Estatuto Oficial

Primeira Página

ASSOCIAÇÃO BELJA FLOR

ESTATUTO

CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art.1º - A Associação BELJA FLOR também designada pela sigla ASSOCIAÇÃO BELJA FLOR, fundada em 02 de outubro de 2005 é uma associação, sem fins econômicos, que terá duração por tempo indeterminado, sede na Rua 250, s/nº, Setor Nova Vila, no Município de Goiânia e foro em Goiânia.

Art.2º - A Associação é composta por catadores de materiais recicláveis e tem por finalidade(s) fortalecer a organização desta categoria na luta por seus direitos e por melhores condições de vida.

Art.3º - No desenvolvimento de suas atividades, a Associação não fará qualquer discriminação de raça, cor, sexo ou religião.

Art.4º - A Associação poderá ter um Regimento Interno, que aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

Art.5º - A fim de cumprir sua(s) finalidade(s), a Associação poderá organizar-se em tantas unidades de prestação de serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo Regimento Interno.

CAPÍTULO II - DOS ASSOCIADOS

Art.6º - A Associação é constituída por número ilimitado de associados, que serão admitidos, a juízo da diretoria, dentre pessoas idôneas.

Art. 7º - Haverá as seguintes categorias de associados:

- 1) - Fundadores, os que assinarem a ata de fundação da Associação;
- 2) - Associados Apoiadores, aqueles aos quais a Assembléia Geral conferir esta distinção, espontaneamente ou por proposta da diretoria, como apoio à Associação.
- 3) - Associados Participantes, catadores que aderirem à Associação após sua fundação;

Art. 8º - São direitos dos associados quites com suas obrigações sociais:

I - votar e ser votado para os cargos eletivos;

II - tomar parte nas assembleias gerais.

Parágrafo único. Os associados apoiadores não terão direito a voto e nem poderão ser votados.

Art. 9º - São deveres dos associados:

I - cumprir as disposições estatutárias e regimentais;

II - participar das Assembleias Gerais.

Parágrafo único. Havendo justa causa, o associado poderá ser demitido ou excluído da Associação por decisão da assembleia geral, após o exercício do direito de defesa.

Art. 10 - Os associados da entidade não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações e encargos sociais da instituição.

CAPÍTULO III - DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 11 - A Associação será administrada por:

I - Assembléia Geral;

II - Diretoria; e

III - Conselho Fiscal.

Art. 12 - A Assembléia Geral, órgão soberano da instituição, constituir-se-á dos associados em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 13 - Compete à Assembléia Geral:

I - eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;

II - destituir os administradores, por decisão de 2/3 (dois terços) dos presentes à assembleia geral;

III - apreciar recursos contra decisões da diretoria;

IV - decidir sobre reformas do Estatuto;

V - decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;

VI - decidir sobre a extinção da entidade, nos termos do artigo 30;

VII - aprovar as contas;

VIII - aprovar o regimento interno.

IX - aprovar o valor da mensalidade para os associados;

Art. 14 - A Assembléia Geral realizar-se-á, ordinariamente, uma vez por ano para:

I - apreciar o relatório anual da Diretoria;

II - discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 15 - A Assembléia Geral realizar-se-á, extraordinariamente, quando convocada:

I - pelo presidente da Diretoria;

II - pela Diretoria;

ANEXO C - Estatuto Oficial

Segunda Página

Civil:

- Os associados devem ter direitos iguais, embora o estatuto possa estabelecer categorias com direitos especiais (art. 55 do C.C.);
- Estabelecer a forma de exclusão de associados, com procedimentos que assegurem direito de defesa e recurso (art. 57 do C.C. alterado pela Lei 11127/2005);
- Somente a Assembléia Geral poderá deliberar sobre destituição de administradores e alteração de estatuto. No caso de destituição e alteração de estatuto, verificar os seguintes requisitos : assembléia geral especialmente convocada para esse fim; quorum estabelecido no estatuto (art. 59 do C.C. alterado pela Lei 11127/2005)
- Estabelecer a forma de convocação dos órgãos deliberativos (inclusive Assembléia Geral), lembrando que a lei garante a no mínimo 1/5 dos associados o direito de convocação (art. 60 do C.C.).

Dicas:

- 1) Lembre-se de conferir os arts. 44 a 61 do Código Civil (alterado pela Lei 11127 de 29/06/2005), que trazem importantes preceitos relativos às associações.
- 2) O novo Código Civil consagra as associações como união de pessoas que se organizam para fins não econômicos; associação não é sociedade e não visa lucro (art. 53). Tenha isso em mente ao dispor, por exemplo, sobre assuntos como alienação de patrimônio e casos omissos, pondo em relevo a autoridade e a soberania da Assembléia Geral.
- 3) Não é comum a remuneração de diretores de associações sem fim lucrativos. Porém, há casos em que isso é feito a título de "ajuda de custo". Nesses casos a entidade poderá deixar de receber benefícios dos órgãos públicos e governamentais.

(Retirado do Diário da Justiça nº 14.665 de 28 de dezembro de 2005. Página 03 Tabela XVI n.º 84

B – De título, contrato ou outro documento sem valor econômico, transladação na íntegra ou por extrato, conforme o requerido, incluindo o fornecimento de uma certidão:

I – de uma página R\$ 12,00
II – por página que acrescer R\$ 3,60

Acrescer no valor a Taxa Judiciária de R\$ 6,75

MODELO DE REQUERIMENTO PARA REGISTRO

Ilmo. Sr. Oficial do 2º Tabelionato de Protestos e Registro de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos de Goiânia
(Nome, endereço completo, nacionalidade, estado civil, profissão e CPF e RG do requerente legal da sociedade) vem à presença de V.Sa. requerer se digne mandar registrar no livro A de Registro de Pessoas Jurídicas, a entidade denominada (mencionar a denominação), cuja documentação instrui o presente pedido.

N.Termos,

P.Deferimento

Goiânia,(data atual)

assinar

ANEXO C - Estatuto Oficial

Terceira Página

Art. 30 – A Associação será dissolvida por decisão da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 31 – O presente estatuto poderá ser reformado, em qualquer tempo, por decisão de 2/3 (dois terços) dos presentes à assembléia geral especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos associados, ou com menos de 1/3 (um terço) nas convocações seguintes, e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Art. 32 – Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral.

Goiânia, 02 de outubro de 2005.

ATA DE FUNDAÇÃO, ELEIÇÃO DA PRIMEIRA DIRETORIA E APROVAÇÃO DE ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO BELJA FLOR - ASSOCIAÇÃO BELJA FLOR

Aos dois dias do mês de outubro do ano de dois mil e cinco, às 14:00 horas, na Cheche Santa Rita reuniram-se para a assembléia de fundação, eleição da primeira coordenação e aprovação do Estatuto da Associação BELJA FLOR as pessoas abaixo assinadas. A assembléia foi oficialmente aberta, sendo que logo no início dos trabalhos os presentes por unanimidade indicaram e elegeram Neusa Maria Borges para presidir os trabalhos e Rafael Saddi Teixeira para secretariar esta assembléia. Após assumirem a direção dos trabalhos encaminharam as atividades previstas em pauta: direção, digo, discussão e aprovação do Estatuto da entidade; fundação da Associação BELJA FLOR, também chamada de ASSOCIAÇÃO BELJA FLOR e eleição e posse da diretoria da mesma. Após serem apresentadas as propostas de estatutos sociais existentes e as devidas modificações, foram as mesmas submetidas à votação, sendo aprovado por unanimidade. O Estatuto Social aprovado entra em vigor imediatamente; Aprovado o Estatuto, passou-se aos trabalhos da eleição da primeira diretoria da Sociedade. Foi aberto o prazo para apresentação dos nomes que compõe a coordenação, conforme estatuto e em seguida procedeu-se a votação. Foram eleitas as seguintes pessoas: Presidente – José Iramar Araújo Souza, brasileiro, solteiro, catador, RG 1688332-SSP/PI, CPF 443611573-91; Tesoureira – Ozenir Teixeira, brasileira, solteira, catadora, RG 1688363-SSP/PI, CPF 247676113-34; Secretário – José Ribamar Miliano Marximino, brasileiro, solteiro, catador, RG 4431081 SSP/GO, CPF 016007001-52; Conselho Fiscal – Francisco Antônio de Amorim, brasileiro, solteiro, catador, RG 2670893-SSP/DF, CPF 027798151-40 e Arliol Pereira Jorge, brasileiro, solteiro, catador, RG 45772992-SSP/TO, CPF 32907044249; Os eleitos foram imediatamente empossados. Assumiu a direção dos trabalhos a partir deste momento o Presidente eleito da Associação, o qual dará prosseguimento às providências necessárias para a implementação da mesma. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou os trabalhos da Assembléia Geral e determinou que se lavrasse a presente ata que vai assinda pela mesa diretora dos trabalhos, pela Diretoria eleita e por todos os presentes na referida Assembléia. Goiânia, dois de outubro de 2005.

Declaramos que estas vias conferem com o original, lavrado em Ata.

ANEXO D - Panfletos aos quais os catadores têm acesso

Panfleto 1



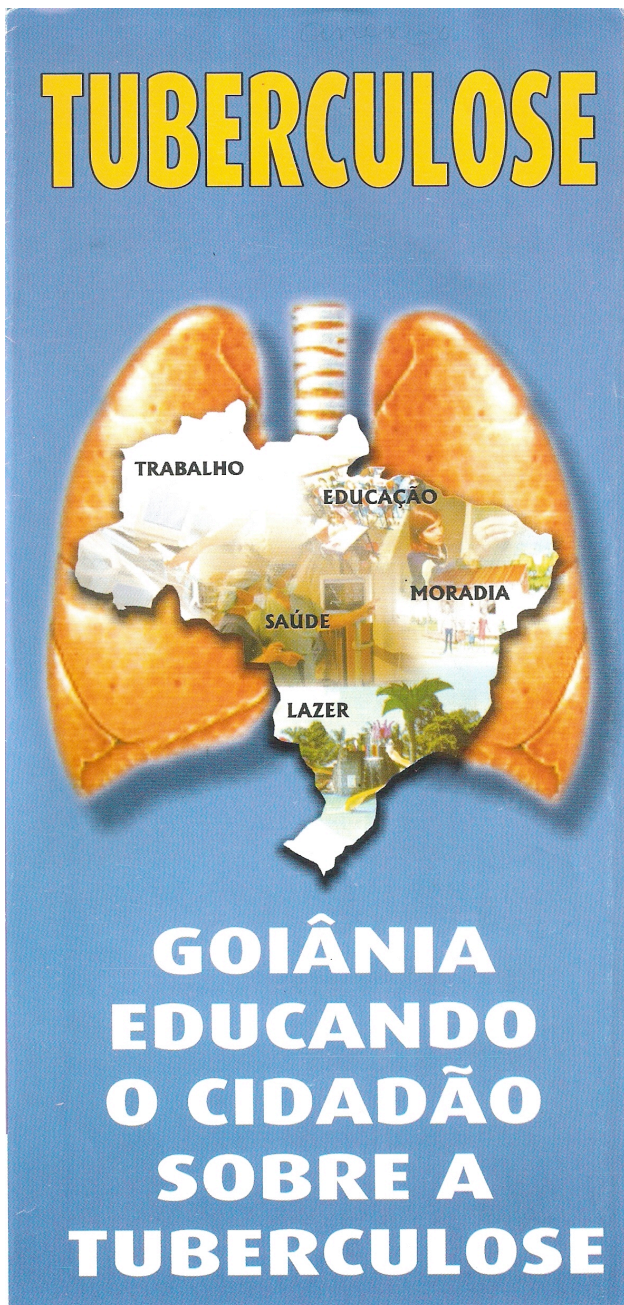
CasaBrasil

A vida está em nossas mãos.

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria da Saúde, está tomando todas as medidas necessárias para manter o controle da Gripe A (H1N1). Para que a situação não se agrave, é fundamental que você faça sua parte na prevenção à doença. Em caso de suspeita de contágio da Gripe A, é importante lembrar que todas as unidades do SUS estão preparadas para atender você. É o Governo de Goiás cuidando da sua saúde.

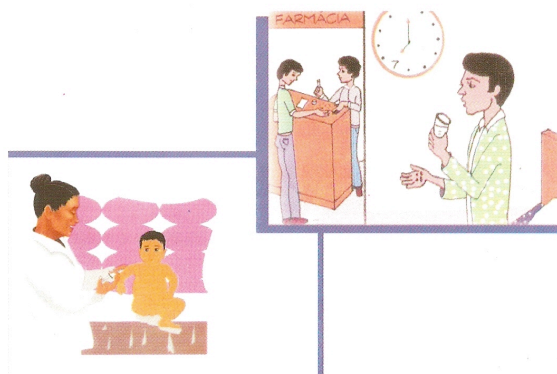
Como se pega a Gripe A (H1N1)

- Por via respiratória, por meio de espirro, tosse ou fala.
- Por meio de contatos com superfícies ou objetos contaminados com secreção respiratória.



COMO É FEITO O TRATAMENTO DA TUBERCULOSE?

- O tratamento é feito pela equipe da Unidade de Saúde mais próxima de sua casa;
- O medicamento fornecido pela Unidade de Saúde deve ser tomado todos os dias durante 6 meses;
- Durante o tratamento o paciente deve ser acompanhado e avaliado com exame de escarro;
- A cura depende, também do doente tomar os remédios regularmente e não interromper o tratamento



A vacina BCG (vacina contra tuberculose) previne as crianças dos tipos graves de tuberculose:
A MENINGITE TUBERCULOSA e a TUBERCULOSE MILIAR.

ANEXO E - Coleta Seletiva



Goiânia
COLETA SELETIVA

COMPROMISSO SOLIDÁRIO E AMBIENTAL

INFORMAÇÕES: **3524-8618** e **3524-1166**
www.coletaseletiva.goiania.go.gov.br

Prefeitura
Goiânia



O trabalho que você vê

Parceiros:

Ácieg, Fieg, Fecomércio, Sesi, Senai, Sesc, CDL, Sinduscon, Secovi, Creci, Ademi, Asconh, Banco do Brasil - DRS, Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, ONG Moradia e Cidadania, UFG, UCG, Tribunal Regional do Trabalho, OAB-GO, Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, Fórum da Coleta Seletiva dos Materiais Recicláveis e Inclusão Social, Movimento Nacional dos Catadores (MNCR), AGOS, Sindiposto, Maçonaria: Grande Loja e Grande Oriente, Sesi/Senat, Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação, Igreja Catedral da Família, Instituto Videira, Instituto Ethos, Sebrae, Organização das Cooperativas do Brasil, Ascido, Associação das Donas de Casa do Estado de Goiás.

Beneficiários:

COOPREC, COOPERSOL, Associação Beija-Flor e Associação de Catadores Ordem e Progresso - ACOF.

Realização:

AMMA, Comurg, Secretaria Municipal de Educação, Seplam e demais órgãos públicos municipais.

Apoio Cultural:

PREFEITURA DE GOIÂNIA

GOIÂNIA COLETA SELETIVA



RECYCLÁVEIS

PAPEL PLÁSTICO

VIDRO METAL

**ORGÂNICOS
E
OUTROS**

SUA ATITUDE GARANTE MAIS QUALIDADE DE VIDA

Vertical text: Não jogue este impresso em vias públicas



ANEXO F - Projeto Cooperar Frente



O PROJETO

O Projeto Cooperar visa qualificar 400 catadores de materiais recicláveis do Estado de Goiás, organizados em associações, cooperativas, ou autônomos trabalhando na informalidade, com vistas à estruturação de unidades de coleta, triagem, processamento e comercialização de materiais recicláveis, e o fortalecimento e organização da categoria, conforme o Contrato de Prestação de Serviço firmado entre a Moradia e Cidadania e a Fundação Banco do Brasil - FBB, com recursos do convênio MTE/SENAES nº03/2007-FBB - Projeto 9.321, e tem como parceiros a UFG - Universidade Federal de Goiás, Prefeitura Municipal de Goiânia e de outras cidades e várias instituições da sociedade civil.

INÍCIO

O primeiro módulo de capacitação dos catadores de material reciclável do Estado de Goiás será nos dias 26 e 27 de Junho, no Auditório da Faculdade de Direito da UFG, na Praça Universitária em Goiânia.

Os demais módulos e outras atividades serão realizados regionalmente até novembro/2010.

As inscrições são gratuitas e poderão ser realizadas nas Cooperativas e Associações de Catadores e na Sede da Moradia e Cidadania.

CONTEÚDO

MÓDULO 1

A história do movimento social dos catadores, os princípios e a organização do trabalho.

MÓDULO 2

Aspectos Jurídicos e contábeis do Cooperativismo e/ou Associativismo e o Espaço do catador.

MÓDULO 3

Reciclagem meio ambiente e o papel do catador.

MÓDULO 4

Associativismo/Cooperativismo conceitos e práticas da economia solidária e Políticas Públicas, Autogestão.

MÓDULO 5

A gestão econômica da micro economia e habilidades técnicas.

MÓDULO 6

Formação pela alternância.

Informações na Sede da Moradia e Cidadania

Rua 11 nº 250, 5º andar - Centro - Goiânia.

Fone: (62) 3612-1012 ou 3612-1038

Email: cooperar2010@gmail.com

CONVITE

Audiência Pública sobre:

*“O trabalho dos
catadores de material
reciclável em Goiânia”*

O vereador preocupado com a atual situação de trabalho dos catadores de material reciclável, vem através deste convidar todos os interessados desta importante atividade ambiental para participarem da Audiência Pública onde serão discutidas a realidade destes profissionais e soluções com o objetivo de assegurar trabalho, renda e cidadania para os mesmos.

Dia:	Horário:	Local:
08/12/2009	14 h.	Sala da Reunião das Comissões, Câmara Municipal de Goiânia.

ANEXO H - Ata

Frente

Atas da Reunião Data 29/08/10
no dia 29 do mês de Agosto está
acontecendo a Reunião para ser
desculpe o nome da cooperativa
de Reciclagem, a a Reunião, estão
presentes Andre Luiz, Simone, Raiane,
Luiz, Rony, Vanusa, Avelino, Juarez,
Aldemir, maria da Luz, anthia
maria das Neves, Rafael, Monalisen,
Roberto, João. está sendo discutido
nesse momento, sobre o Registro da
cooperativa que ficou claro que
com 20 e a faculdade e com 13, pessoas
o advogado, vamos da continuidade
de a Reunião que foi eleito todos os
cargos. 1º Presidente 2º Presidente, 1º
secretário 2º secretário, 1º tesoureiro
2º Tesoureiro e 3 conselheiros fiscal, 3
Suplentes, e um Vícto de vendas
nomes agora a votação, ficou então
como primeiro presidente, anthia
souse mateo, 2º Presidente Vanusa

ANEXO H - Ata

Verso

1ª Secretária ficou decidido a Aldenize, 2ª Secretária Luiz Andre
1ª Tesoureiro Rayane, 2ª tesoureiro maria da luz, 1º conselho fiscal Edmilson, 2º Simone, 3º Wanderson
1º Supernde. João maria 2º Supernde carles, e o Vereto de vendas maria Aparecida da Silva foi então enviada as voltas, depois deu a continuidade a Reunião para a decisão do nome da cooperativa que foi votada e ficou com coca mare, e o desenho ficou e os 2º e os meninos de Aparecida de Goiânia estão fora, a Mesgão de trabalho ficou todos, ~~o~~ e Luiz Andre ficou claro que ele tem que sair para ver a família e ganha 2 salários por causa dos dois cargos, e foi dito que a marreta ficou pl benefício da cooperativa etc.

ANEXO I - Ofício

Geórnica, 10 de dezembro 2007

Ofício 050.

ASSOCIAÇÃO DE MATERIAIS RECICLAVEL BESTA FLOR
VENHO POR MEIO DESTA SOLICITA AO DOUTOR VETERINÁRIO
TENETE ANDERSON, ADOÇÃO, E AUTORIZAÇÃO PARA COLOCAR
UNIS CONTEDES PARA FASEMOS ACOLETA DO MATERIAL
RECICLAVEIS DESTE ORGÃO. A INCLUSÃO SOCIAL DESTE
TRABALHADORES - CATADORES DE MATERIAIS RECICLAVEIS
LEVANDO OS A INSERÇÃO MAIS DIGNA E AUTÔNOMA NA
PRODUÇÃO DOS RECICLAVEIS.

ESSE MATERIAL TRARA GRANDES BENEFÍCIOS
EM FORMA DE RENDA PARA AS FAMILIAS DESTE
PROJETO ALÉM DA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

SENDO SÓ PARA O MOMENTO, AGRADECEMOS
A ATENÇÃO A NÓS ~~DISPENSA~~ CONFIADA

BRIGADA OPERAÇÕES ESPECIAL
TENETE

PRESIDENTE

AV: JOÃO LUIS DE ALMEIDA CR:05 LT:11.

SENIOR CRIMEIA CESTE. FONE: 3534-3014-92856424.

ANEXO J – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

NOTIFICAÇÃO DE RECEBIMENTO

Prezado Pesquisador,

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas confirma o recebimento de seu protocolo para submissão do projeto de pesquisa intitulado “ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS EM UM GRUPO DE CULTURA ORAL EM UMA SOCIEDADE URBANA LETRADA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA” por meio do presente documento. O mesmo será avaliado na próxima reunião do CEP/IH, que ocorrerá no dia 27 de maio, conforme informa página na internet (www.cepih.org.br).

Seu número de identificação é **07 - 05/2011**.

Brasília, 09 de maio de 2011.

Debora Diniz

Coordenadora Geral - CEP/IH